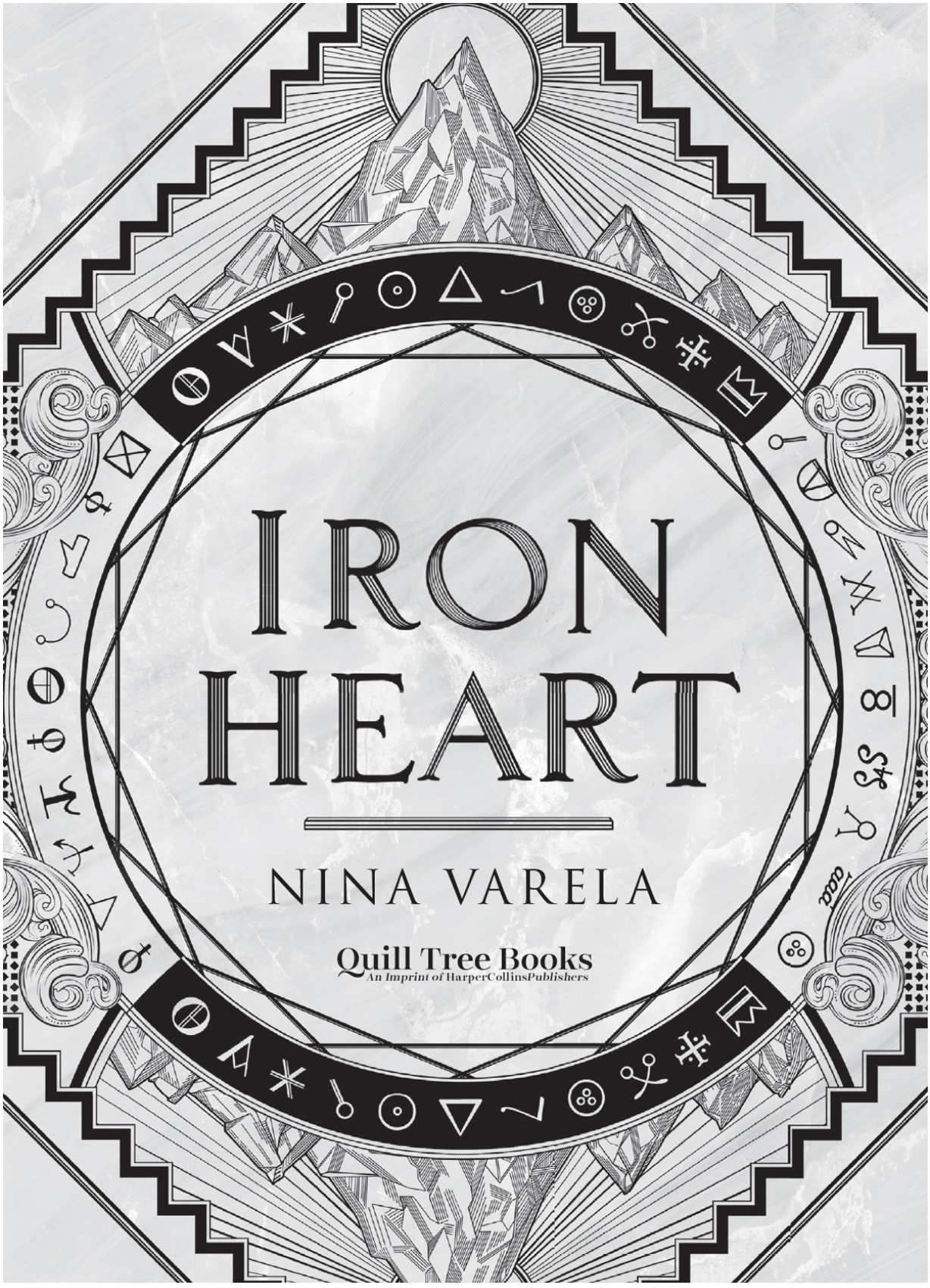

BETWEEN MORTAL AND MADE
LIE THE HEART—AND THE BLADE
IRON HEART
AUTHOR OF CRIER'S WAR
NINA VARELA


IRON
HEART
NINA VARELA
Quill Tree Books
An Imprint of HarperCollinsPublishers



Créditos

Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates no twitter. Todos os direitos à sua editora e autora, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original.



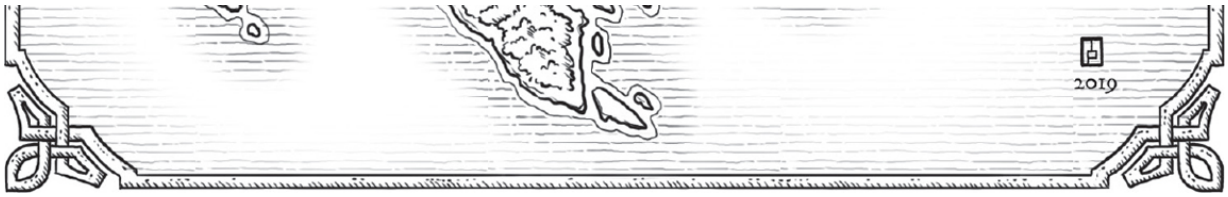
CHAOTIC
SLATES

Dedicatória

Para qualquer pessoa e para todos
que precisam de um pouco de esperança

Mapa


LANDS OF ZULLA
N
THE STEORRAN SEA
THE FAR NORTH
Delan
The Sovereign's Palace
YANNA
River Daedus
RABU
Elderell
River Merra
The Southern Estates
Lake Thea
Heartstone Keeps
ADEROS MOUNTAINS
THALEN
QUEENDOM OF VARN
THE GOLDEN ISLES
MINING COUNTRY
River Tarr
JUNGLES OF TARREEN


2019

Conteúdo

Capa
Página do Título
Créditos
Dedicatória
Mapa

Inverno, Ano 47 AE
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20

Verão, Ano 48 AE
Epílogo

Agradecimentos
Mais sobre a Autora



É impossível uma árvore crescer sem raízes. A mesma lei se aplica à civilização. Nenhuma sociedade é criada do nada; é a natureza das sociedades crescer, organicamente, daquilo que veio antes. Rejeitar todas as formas da sociedade humana é rejeitar séculos de conhecimento, de pensamento acumulado, de triunfos com os quais poderíamos aprender e de derrotas que poderíamos evitar. Sim, tocamos as estrelas – mas ainda estamos profundamente conectados com a terra. Não devemos esquecer. Não devemos negar nossas raízes na existência da Humanidade; em vez disso, devemos pegar essa existência e melhorá-la. Não é essa a razão da nossa criação? Não é para isso que fomos feitos?

— DE OS *TRADICIONALISTAS*,
POR RONAN DA FAMÍLIA TERRA, 2263120905, ANO 17 EA

Inverno,

Ano 47 AE



1

Mal era meio da manhã e Ayla já havia enganado a morte duas vezes.

Talvez isso tenha sido dramático. Mais precisamente, ela já esteve *muito perto* de ser pega por dois membros diferentes da guarda real – mas, novamente, o resultado final seria o mesmo, não é? Ayla era clandestina e humana. Qualquer um dos crimes costumava ser punido com a morte.

Thalen, a capital de Varn, era uma cidade branca e brilhante cercada por altas muralhas brancas. Como o palácio do Soberano Hesod em Rabu, o país natal de Ayla, era situada na costa, nas margens do Mar Steorran. Mas Thalen ficava umas boas cem léguas ao sul do palácio, e aqui o mar não era uma extensão negra e gelada; não havia penhascos de rocha negra e afiada,

escorregadia de gelo, apenas esperando que alguém desse um passo errado, escorregasse para fora da borda e fosse engolido pela água gelada abaixo. Aqui, o mar era verde e quase quente. Em vez de penhascos, havia uma praia de areia grossa amarela cheia de pilhas de algas marinhas lavadas e, mais acima, penhascos curtos e inclinados de rocha cinza manchados de musgo verde e grama de praia. Os penhascos formavam uma curva de lua crescente em torno do porto em que Ayla e seu melhor amigo, Benjy, haviam conseguido entrar clandestinamente. Depois que fugiram do palácio do soberano. Fugiram de Rabu, o único lar que conheceram, no porão de um navio de carga, escondidos entre tonéis de grãos. A viagem foi brutal: Benjy enjoou o tempo todo, Ayla bem no início e depois, depois que o grão foi trocado por barris de sardinhas podres, violentamente doente. Ela se lembrou daquela semana e meia no mar, em flashes suados e nauseantes, cabeça girando, estômago embrulhado.

Mas eles conseguiram.

Este porto era o maior da costa de Varn. Enormes docas se projetavam para o mar, fervilhando de marinheiros, pescadores, comerciantes e marujos de todos os tipos. Todos humanos, já que era trabalho sujo, trabalho duro e, portanto, abaixo do tipo Automa. Centenas de navios estavam atracados aqui, alguns deles pousadas e tavernas flutuantes, muitos com as cores reais, verde e branco. O emblema da Rainha Junn estava em toda parte: uma fênix verde brilhante segurando uma espada em um pé com garras e uma picareta no outro. Varn era um país mineiro. Uma nação de colinas e pedreiras profundas, de ferro, carvão, metais e pedras preciosas enterradas nas profundezas da terra.

O ar cheirava a sal, peixe e suor humano. O sol brilhava mais forte do que no norte congelado. Ayla não sentia tanto calor há muito tempo. Ela não esteve tão quente desde...

Desde…

Meia-noite. Luz da lua. Cama macia, cobertores mais macios. Cabelo escuro espalhado pelo travesseiro. Um corpo ao lado do dela, respirando muito devagar para ser humano.

Mas Ayla não estava pensando nisso, ou nela, agora.

Ela saiu do beco estreito em que estava se escondendo e voltou para o centro da cidade portuária, satisfeita por ter tirado o segundo guarda de seu caminho. Ela não o deu nenhum motivo para persegui-la – as tortas de carne em sua mochila foram pagas, muito obrigada. Mas em uma cidade de estivadores corpulentos, uma pequena garota de olhos astutos se destacou, atraindo a suspeita tanto de humanos quanto de Automae.

A cidade portuária era pouco mais do que uma coleção de pousadas e pubs pendurados como cracas pela costa, cada três edifícios marcados com o brasão de uma empresa de navegação ou grande comerciante. Balançando perto da costa havia um aglomerado de casas flutuantes – e casas sobre palafitas, flutuando como insetos de pernas compridas na superfície da água – onde os estivadores viviam. Era isso. Todos os negócios importantes aconteciam na capital. Onde quer que você estivesse na cidade ou no porto, você podia ver o monólito das paredes brancas de Thalen, erguendo-se da costa como penhascos estranhos e perfeitos demais. Ayla não gostava de ficar olhando para eles por muito tempo. Isso a deixava nervosa, uma capital tão deliberadamente escondida. Paredes tão altas, você deve se perguntar: estavam mantendo alguma coisa fora ou dentro?

Benjy estava esperando por ela do lado de fora da Black Gull, uma taverna que parecia ocupada em todas as horas do dia. Era um bom lugar para se encontrar, se você não queria ser notado. Ayla aproximou-se dele, mantendo-se nas sombras abaixo do telhado inclinado. Mantiveram uma distância cuidadosa entre eles, olhando para frente, falando apenas em sussurros. Benjy estava fumando cachimbo, provavelmente para parecer que tinha um bom motivo para ficar pendurado do lado de fora da taverna em vez de entrar, o que Ayla achava hilário: ele fazia uma careta a cada inspiração, obviamente odiando toda a experiência.

— Você está atrasada — ele murmurou, exalando fumaça azul.

— Fui perseguida duas vezes — disse, franzindo a testa. — Tive que liderar os guardas sanguessugas em uma perseguição alegre por um tempo. Eu me senti como uma maldita raposa. Quanto mais cedo entrarmos na cidade, melhor – será muito mais fácil nos misturarmos.

— Você tem certeza de que os distraiu?

— Positivo. De qualquer forma. Tenho algumas tortas de carne, se você estiver com fome.

Ele a olhou, e ela não pôde deixar de olhar para trás. Apenas por uma fração de segundo, apenas o tempo suficiente para ter um vislumbre de seu rosto, pele escura, e grandes olhos de corça, as sardas em seu nariz visíveis mesmo nas sombras. — Você sabe muito bem que estou sempre com fome.

— Como eu poderia esquecer o poço sem fundo — ela disse secamente. — Bem, vamos, então. Podemos comer no caminho para Thalen.

O plano era encontrar o irmão de Ayla, Storme. Era um plano horrível, pois envolvia entrar furtivamente no lugar mais perigoso e fortemente guardado de toda Varn: o palácio da Rainha Louca. Na melhor das hipóteses, Ayla e Benjy iriam de alguma forma, por algum milagre, chegar a Storme e contar a ele tudo o que sabiam sobre Scyre Kinok. Sobre por que arriscaram tudo para entrar furtivamente no palácio do Soberano Hesod naquela noite. A noite em que Ayla ficou em cima da cama de Lady Crier, faca na mão, não conseguindo fazer a única coisa que vinha fantasiando por anos e fugiu com Benjy, sobrevivendo à noite apenas porque conheciam os traiçoeiros penhascos marinhos melhor do que a guarda do soberano.

Kinok havia sido um Vigilante do Coração, um membro da guilda de elite dos Automae que dedicam suas vidas para proteger o Coração de Ferro. Os Automae não precisavam comer como os humanos – seus corpos dependiam da pedra-coração, uma pedra preciosa vermelha imbuída de poder alquímico. O Coração de Ferro era a mina que produzia a pedra-coração. Como era a única fonte de poder Automae e, portanto, sua maior fraqueza, sua localização exata – em algum lugar na vasta espinha de mil léguas das montanhas de Aderos – era conhecida apenas pelos Vigilantes. Apenas um Vigilante havia deixado seu posto. Kinok. Nas últimas semanas no palácio, o objetivo de Ayla era roubar uma bússola especial que Kinok tinha em sua posse. Ela tinha certeza de que sua flecha apontava para o próprio Coração de Ferro. Esse foi o principal motivo pelo qual ela, Benjy e os outros encenaram o

ataque ao palácio do soberano: para invadir o escritório de Kinok e roubar o cofre contendo seus objetos de valor. Mas a única coisa no cofre era um pedaço de papel com três palavras: *Leo. Siena. Turmalina*.

Ela precisava contar a Storme sobre tudo isso e muito mais. Sobre a busca desesperada de Kinok por Turmalina, uma potencial nova fonte de vida para os Automae. Sobre a Sombra Noturna, o misterioso pó negro que ele deu aos seus seguidores para consumirem no lugar de pedra-coração, embora parecesse apenas arruinar seus corpos, deixá-los meio loucos.

Na melhor das hipóteses, Storme retransmitiria a informação para a Rainha Junn e – Ayla não sabia. A rainha iria providenciar a morte de Kinok? E Storme finalmente daria a Ayla a resposta que ela procurava, a resposta a uma pergunta que se reafirmava a cada batida de seu coração desde que se reuniram pela primeira vez naqueles poucos dias preciosos: Por que você me deixou depois do ataque em nossa aldeia? Por que você me deixou pensar que você havia morrido junto com nossos pais? Eu pensei que você estava morto, eu fiquei de luto por você, eu nunca parei de chorar por você, como você pôde me deixar? E Storme lhe daria uma resposta completamente razoável, e tudo faria sentido perfeitamente, ela o perdoaria e eles se abraçariam como irmão e irmã, e então Ayla e Benjy viveriam o resto de suas vidas no luxo da corte da rainha. Melhor cenário possível.

Na pior das hipóteses, teriam uma morte sangrenta antes mesmo de entrarem nas muralhas da cidade, levando os segredos de Kinok com eles. Na pior das hipóteses, Ayla nunca mais veria Storme, e ele nunca saberia que ela havia morrido tão perto dele, *tão perto*, seu corpo no fundo de um porto do lado de fora de sua porta. Ele embarcaria em navios acima dela, navegaria através de seu túmulo, e nunca saberia. Na pior das hipóteses, a rainha não iria descobrir sobre a Sombra Noturna até que fosse tarde demais.

Claro, havia outra pessoa que poderia contar à rainha, contar a *qualquer um*, sobre os planos de Kinok. Uma outra pessoa, e a mente de Ayla não a deixaria esquecer. Um pensamento se repetia, exigindo reconhecimento: *Ela sabe. Ela ainda poderia fazer alguma coisa.*

Crier sabe. Então isso atingiu Ayla – como vinha acertando-a continuamente desde ontem de manhã, quando ela ouviu pela primeira vez os sussurros circulando nas docas, no pequeno mercado, fora de Black Gull, em todos os lugares que fosse – como vinha acertando-a uma e outra vez, uma série de socos no estômago, cada vez um golpe terrível e doentio, deixando-a sem fôlego…

A data do casamento entre Scyre Kinok e a filha do soberano de Rabu fora adiada. *Razões desconhecidas*, as pessoas sussurravam entre si. *Eu ouvi algo sobre uma tentativa de golpe*, alguém sussurrava, e então outra pessoa respondia: *Não, não, ouvi dizer que não era verdade. Ouvi dizer que um servo enlouqueceu e tentou incendiar o palácio. Não, não, isso também não é verdade, você simplesmente acredita em tudo que ouve?*

Crier ia se casar hoje.

Hoje.

A cerimônia provavelmente já havia começado. Não que Ayla estivesse pensando nisso; não que ela se importasse. Não que ela estivesse pensando na maneira como Crier costumava olhar para Kinok, cautelosa na melhor das hipóteses e temerosa na pior. Ou sobre a maneira como Crier se aproximava dela, Ayla, sempre que Kinok entrava em uma sala.

Ayla manteve a cabeça baixa, trilhando uns bons dez passos atrás de Benjy enquanto seguiam por uma das estradas estreitas em forma de veios que conduziam à estrada mais larga que conectava a cidade portuária aos portões da cidade. Ela estava pensando em Storme e na Rainha e nada mais. Trocou um objetivo por outro. Uma missão falhou. *(Realmente fazia menos de duas semanas que ela vira Crier pela última vez? Que seus olhos se encontraram por um instante aterrorizado antes de Ayla largar a faca e correr?)* Não importa. Ela tinha uma nova missão. Ela iria parar Kinok, impedi-lo de ficar ainda mais poderoso, apertando seu controle sobre Rabu. Custe o que custar.

Para fazer isso, ela tinha que encontrar Storme, e esta noite era sua melhor chance. Varn estava comemorando o Festival do Grande Criador, um feriado anual em homenagem a Thomas Wren e os outros primeiros Criadores, os criadores dos Automae. Toda Thalen

tinha sido lançada ao caos, no frenesi da preparação. Os portões da cidade estavam abertos para os fluxos de viajantes, mercadores, vendedores e frequentadores de festivais de todos os cantos de Varn. Ayla e Benjy nem mesmo precisaram entrar sorrateiramente. Quando o sol começou a se pôr, a multidão ficando cada vez mais densa, eles simplesmente atravessaram os portões com todos os outros.

Cordas de lanternas balançavam ao longo das ruas de Thalen, um caminho brilhante através da escuridão, conduzindo dos portões ao próprio festival no coração da cidade. Ayla e Benjy foram arrastados pela multidão de foliões, o mar de fitas verdes e brancas, rosas brancas e máscaras brancas, algumas em forma de bicos longos e brancos. Penas verdes esvoaçavam por toda parte: eram trançadas como cabelos longos, entrelaçadas em coroas de plumas brilhantes e capas brilhantes e iridescentes. Ayla se sentiu como se tivesse tropeçado no meio de um zoológico real, uma cidade de pássaros magníficos. Ela continuava vendo Automae no meio da multidão, estranhamente lindas, cabelos brilhantes caindo em suas costas ou torcidos em coroas, e toda vez seu coração parava antes que ela percebesse que era normal aqui. Humanos e sanguessugas compartilharem um festival, celebrarem entre si. Humanos participarem de um festival não como servos, mas como convidados. Não iguais, nunca iguais, nunca verdadeiramente seguros, mas mais perto disso aqui do que em Rabu. Apesar de toda a postura do soberano sobre o *tradicionalismo* e *respeito*. Ayla não conseguia entender isso, não conseguia encaixar sua mente ao redor disso. Ela não sabia se estava mais chocada sobre Automae quererem se misturar com humanos ou apenas humanos. . . deixá-los fazer isso.

Vocês não sabem o que eles fazem conosco? Ela queria gritar para eles. *Vocês não sabem do que são capazes? Vocês não sabem que estão apenas esperando por qualquer desculpa para machucá-los? Vocês não sabem que alguns não precisam de uma desculpa?*

Sua pele formigou. Ela estava suando, mesmo no frio do inverno. Este lugar não era um zoológico. Era um poço de cobras.

O palácio da Rainha Junn ficava no ponto mais ao norte da cidade. Ayla ouviu antes de ver: o rugido de milhares de festivaleiros, todos aqueles rios de gente convergindo para o mesmo lugar, rindo, cantando e aplaudindo; a batida rítmica selvagem do que parecia uma centena de alaúdes, tambores e cornetas. Os prédios que se alinhavam em ambos os lados da rua começaram a diminuir à medida que se aproximavam do palácio, celeiros, sapatarias e alvenarias e outras pequenas lojas e casas de compartilhamento substituídas por solares, os prédios se tornando maiores e mais ornamentados. Mais Automa. Mesmo assim, as ruas estavam iluminadas com lanternas sinalizando o caminho. Este não era um território proibido. Isso não era como Yanna, a capital Rabu, onde humanos morriam de fome nas ruas à vista de todos.

Conforme Ayla e Benjy continuaram, até mesmo as mansões diminuíram, a rua cuspindo todos em uma enorme praça – um pátio de pedra branca que poderia facilmente conter a totalidade de um dos pomares de macieiras do Soberano Hesod. O pátio estava cheio até a borda com pessoas, lanternas e fogueiras iluminando a multidão com um brilho laranja bruxuleante, estandartes com a fênix da rainha e a insígnia de Thomas Wren – os símbolos alquímicos de sal, mercúrio e enxofre: corpo, mente e espírito – voando por cima. A fumaça subia no céu noturno, obscurecendo as estrelas. Ayla respirou fundo, enchendo os pulmões com o cheiro de peixe frito e massa frita e algo quase enjoativamente doce, vinho e cidra e o cheiro de cobre de pedra-coração líquida, o carvão e a graxa de um porco assando, e elevando-se acima toda a fragrância delicada de rosas brancas, muitas delas. Ayla viu pessoas passando por entre a multidão, distribuindo coroas de rosas brancas. Depois da fumaça e dos estandartes, ela mal conseguia distinguir o palácio do outro lado do pátio. As paredes brancas, uma versão menor das paredes que circundam a cidade. Os portões.

Alguém esbarrou nela por trás e ela percebeu que estava parada ali, congelada, na beira do pátio. Ela não conseguiu evitar. Nunca tinha visto nada assim – luxo não era a palavra certa, opulência não era a palavra certa. Não era uma reunião da Automa, não era o esplendor controlado do baile de noivado de Crier. Isso era luxuoso, lindo, transbordando de comida, cor e luz, apesar da hora tardia, e

era profundamente humano. Caótico, desenfreado. Era como a celebração da Lua do Ceifador que os servos do soberano realizavam todos os anos nas cavernas à beira-mar, mas cem vezes maior.

Ayla piscou com força e encontrou Benjy alguns passos à sua frente, igualmente congelado. Ela se juntou a ele, estendeu a mão para colocar a mão em seu braço, hesitou. Desde a noite em que entraram sorrateiramente no palácio, quando ele a puxou de lado antes de se separarem – ele para o escritório de Kinok, ela para o quarto de Crier – e a beijou, rápido e forte, ela não podia tocá-lo sem se lembrar disso. Não tinham falado sobre isso. Não conversaram sobre nada, na verdade; naquela noite ou no rescaldo. Ayla ainda não sabia se o beijo significava algo para ele, ou se era apenas o ato de um menino assustado que sabia que poderia estar morto em uma hora, querendo experimentar algo pela primeira e última vez.

Ela não sabia qual resposta preferia.

Talvez fosse mentira.

— Benj, — disse, baixo o suficiente para ninguém ouvir, mas alto o suficiente para ser ouvido por cima da música, o rugido do oceano de uma cidade bêbada e alegre. — Os portões do palácio. Vamos.

Ele assentiu. Com as cabeças inclinadas, caminharam pelo centro do pátio, onde a música era mais alta e a fumaça mais densa. Ficar nas bordas teria sido mais fácil – mas era onde os guardas reais estavam posicionados, observando tudo por trás de suas máscaras brancas. Então, em vez disso, Ayla e Benjy abriram caminho por entre a multidão compacta, pressionando-se contra dezenas de corpos suados, bêbados e risonhos. A fumaça ardeu nos olhos de Ayla. Mesmo depois da torta de carne, sua barriga doeu ao ver tanta comida: mesas cheias de uma dúzia de tipos diferentes de peixes, travessas de queijo e frutas e enguias pretas cintilantes, tortas de frutas, cestas de laranjas, pães de doce escuro, mel, óleo e manteiga, vinho quente e bolos de mel, bolos de sementes, bolos de gengibre. Havia alguns humanos no que pareciam uniformes de serviçais verdes esvoaçando ao redor das mesas, enchendo pratos e servindo copos de vinho.

Estava com tanta fome e não comera nada por três dias, exceto pão furtado e as tortas de carne que comprou. Antes disso, na semana e meia no mar, enjoada e delirante no porão de carga, ela não conseguia segurar nada além de água. O estômago de Ayla se retorceu, amassando-se, rolando. Cerrou os dentes e forçou os olhos para longe da comida. Ela não tinha tempo de comer. Só tinha que passar pelos portões, dentro do palácio . . .

Enquanto o festival principal acontecia no pátio e nas ruas da cidade, parecia haver uma celebração menor e mais exclusiva dentro das paredes do palácio. Ayla podia ver mais lanternas e estandartes, mais fumaça, o deslocamento de uma segunda multidão. Os portões estavam abertos, embora ainda fortemente protegidos. Ela bateu no pulso de Benjy quando se aproximaram, acenando com a cabeça na direção de uma trupe do que parecia ser atores ou dançarinos. Mesmo com as máscaras, era fácil dizer quem era humano. Automae se portavam menos como pessoas e mais como estátuas que às vezes se moviam. Eram altos, angulosos, sua pele lisa e sem poros, seus movimentos medidos. Seus cabelos eram sempre lisos e brilhantes, escuros em Rabu e mais claros aqui em Varn, onde cabelos louros eram mais comuns. Os corpos humanos eram mais variados: mil formas e tamanhos diferentes, pele sardenta, com cicatrizes ou com marcas de varíola, cabelos de qualquer comprimento ou textura. Ayla sempre pensara que essa era a grande ironia dos Automae. Eles foram criados para serem perfeitos, desumanamente bonitos, e tudo o que fizeram foi torná-los menos interessantes de se olhar.

A menos que estivessem curvados sobre um livro, uma mecha de cabelo solto enrolando na nuca. A menos que estivessem deslizando em uma piscina de maré, prata sob a Lua do Ceifador. A menos que fossem *ela*.

Não.

Ao lado dela, Benjy bufou. — Eu não quero usar uma peruca. Ou tirar minha camisa.

Os atores eram todos humanos. Estavam mascarados, como todos os outros, mas suas máscaras não eram totalmente brancas – eram pintadas em cores brilhantes e vibrantes, penas verdes saindo das bordas. Estavam fantasiados, embora Ayla não reconhecesse

nenhum dos personagens. Uma mulher com uma peruca de lã azul, outra com uma coroa de prata brilhante, um trio de homens sem camisa, o peito nu pintado com chamas vermelhas e laranja. Deve ser um conto popular varniano. — Relaxe — disse Ayla. — Olha, há alguns atrás vestidos de forma mais simples. Não parecem tão diferentes de nós. Provavelmente podemos nos misturar com eles. — Ela começou a avançar, mas a mão de Benjy disparou para agarrar seu braço.

— Espere — ele sibilou. — Olhe para os pulsos deles.

Ayla se virou e viu os atores – e todos os outros esperando para entrar nos portões do palácio – com uma fita verde amarrada no pulso esquerdo. Havia algo pequeno e brilhante pendurado em cada fita. Ayla semicerrou os olhos, piscando para afastar as lágrimas de toda a fumaça e percebeu que a coisa brilhante parecia… um sino? Não, uma moeda de ouro. Os guardas estavam verificando os pulsos de todos, inspecionando as moedas com cuidado, segurando-as para pegar a luz do fogo. Não havia como Ayla e Benjy conseguirem entrar pelos portões sem aquelas fitas verdes, a menos que escalassem as paredes. Ayla chegou a pensar nisso por um momento, mas as paredes tinham seis metros de altura e a pedra branca parecia completamente lisa e, de qualquer maneira, havia guardas rondando por toda parte. Isso era impossível.

— Tudo bem, novo plano, — murmurou Ayla. — Todo mundo está de verde, não deve ser muito difícil encontrar algumas fitas.

— E algumas moedas da rainha? — Benjy perguntou. — Não podemos exatamente andar por aí saqueando bolsas. Além disso, essas não se parecem com nenhuma das moedas que eu vi até agora. Elas não são redondas. Observe o guarda segurá-la. . . Vê? São quadradas. Provavelmente é um símbolo especial.

Ayla soltou um suspiro. — Talvez pudéssemos – cortar a fita do pulso de alguém? Sem que percebam? Ou ou… — Ela olhou ao redor da multidão de pessoas esperando para serem deixadas passar pelos portões. Os atores fantasiados, mais alguns humanos também vestidos para entreter, um grande grupo de Automae. Nobres, provavelmente. Pareciam os sanguessugas que vieram de todos os cantos de Zulla para assistir ao baile de noivado de Lady Crier. Gargantas e pulsos pingando joias, fios de prata e ouro

entrelaçados em seus cabelos, suas roupas do mais fino veludo e brocado de seda. Ayla viu uma mulher com calças de seda verde-mar e um gibão bordado a ouro, os braços nus, os cabelos em uma trança grossa que chegava quase até a nuca. Ao contrário da maioria, ela não estava usando máscara. Quando ela olhou na direção da multidão, Ayla pôde ver que sua boca estava pintada de ouro.

— Ayla — disse Benjy. — Você está comigo?

Ela pigarreou. — Eu tenho uma ideia.

Sem esperar pela resposta de Benjy, ela correu de volta para o meio da multidão, indo direto para as mesas de comida. Ela agarrou a travessa mais próxima – uma grande travessa de prata com bolinhos de caranguejo – e despejou o conteúdo em uma cesta de laranjas, fugindo antes que alguém percebesse. Com o prato na mão, ela voltou para Benjy.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Então . . . qual é o plano?

— Siga minha liderança, — disse ela. — E pelo amor de Deus, aja com reverência.

— O quê?

Ayla baixou a cabeça e encolheu os ombros, tornando-se menor. Ocupando o mínimo de espaço possível. Então, ignorando a linha de humanos e Automae esperando para entrar nas paredes do palácio, ela se dirigiu aos guardas. Havia seis postados nos portões do palácio: três checando as pulseiras, três vigiando a multidão. O prato estendido à sua frente como uma oferenda, Ayla acelerou o passo, correndo até um dos observadores, fazendo uma profunda reverência. Ela ouviu os passos de Benjy atrás dela e só esperava que ele estivesse se curvando.

— Senhor — disse ela, falando com as botas pretas brilhantes do guarda. — Recebemos ordens de buscar mais bolos de caranguejo e pedra-coração.

— Mais pedra-coração já? — perguntou o guarda. — A noite está apenas começando.

— Todos estão se sentindo muito indulgentes, senhor.

— Nesse ritmo, vão esgotar os estoques da rainha à meia-noite. Por que você está sem uniforme?

Ayla bufou. — Algum bastardo bêbado derramou meio caixão de vinho em nós dois, senhor. Eu acredito que ele estava reencenando 'O Marinheiro e a Serpente do Mar'. — ela fez uma pausa. — É uma velha história humana sobre...

— Não preciso de uma explicação, — disse o guarda. Ayla arriscou um olhar. Seu rosto mascarado estava voltado para a multidão novamente. — Peguem tudo rapidamente — continuou, desdenhoso. — E voltem para o uniforme. Vocês são servos da rainha; vocês devem parecer como tal.

— Sim, senhor — disse Ayla, e ouviu Benjy murmurar “Sim, senhor” atrás dela. O guarda deu um passo para o lado, permitindo que passassem pelos portões, e eles entraram.

O pátio do palácio tinha metade do tamanho do exterior, e estava claro que essa parte do festival era organizada não por plebeus, mas pela rainha. Um fosso raso cercava o pátio, a superfície pontilhada com pétalas de rosas brancas e lanternas flutuantes; era preciso cruzar uma ponte de pedra em arco para chegar às festividades. Ayla podia ouvir o barulho suave de uma fonte em algum lugar e notou um grupo de músicos na beira do pátio – Automa, não humano, Ayla percebeu com uma pontada de surpresa. A música que tocavam era muito mais lenta e suave do que a música tumultuada do festival principal – uma música adequada para conversar, não dançar. Mais pétalas de rosas brancas cobriam o chão como neve, tão bonitas que Ayla quase se sentiu mal por esmagá-las sob os calcanhares. E . . . Ayla franziu a testa, tentando entender o que estava vendo. Parecia que havia insetos voando acima da multidão, iluminando a noite – insetos grandes ou talvez pequenos pássaros, mas não era só isso. A maneira como suas asas continuavam piscando à luz da lanterna . . .

Eles foram Criados. Borboletas douradas e delicadas do tamanho da mão inteira de Ayla. Mergulhando, flutuando como faíscas no ar noturno. Criaturas artificiais com mente própria. Ayla se lembrou dos objetos Criados que costumava ver passados em segredo no mercado de Antrokalla: relógios de bolso que rastreavam os movimentos das estrelas e dos planetas; punhais que se dobravam para serem menores do que uma unha; pedaços de

sal rosa que supostamente poderiam lhe conceder visões do futuro se você os jogasse no meio de uma chama e inalasse a fumaça. Metade eram falsos e outra metade funcionava apenas parte do tempo.

É claro que Ayla conhecia um objeto Criado que era muito, muito real.

Afinal, pertencia a ela.

Pela milésima vez desde que escapou do palácio do soberano, Ayla sentiu o desejo de tocar seu esterno, o peso fantasma onde seu pesado medalhão de ouro deveria estar. Já pertencera a seu avô Leo; então sua mãe, então ela. Até recentemente, Ayla pensava que a coisa mais notável a respeito do medalhão eram seus diminutos batimentos cardíacos inorgânicos. Crier foi quem descobriu que Leo guardava suas próprias memórias dentro dele. Uma gota de sangue foi o suficiente para testemunhar essas memórias, caminhar por elas como um observador silencioso e invisível.

Segurando o prato com as duas mãos, Ayla desviou o olhar das borboletas Criadas e conduziu Benjy pela ponte de pedra até a periferia da multidão do festival. — Devemos nos separar. — ela respirou. Sanguessugas por toda parte, *deuses*, sua pele estava formigando. Seu batimento cardíaco parecia impossivelmente, perigosamente alto, mesmo sabendo que havia outros humanos aqui, que ela não estava sozinha, que Varn não era como Rabu. Uma coisa era saber disso. Muito mais difícil de realmente acreditar.

— Separar? — disse Benjy. — Não, por que?

— Não há muitos humanos aqui. Um par pode parecer suspeito. — Ela fez uma pausa, fingindo verificar uma variedade de bolos e doces delicados. Ao lado, uma fonte de pedra-coração líquida, vermelho escuro, para os Automae. — Encontre-me do outro lado, nos degraus do palácio, em alguns minutos. Lembre-se de esconder seus pulsos. Não seja pego.

— Vou fazer o meu melhor. — disse ele secamente.

Ayla ficou imóvel até que ele desaparecesse no meio da multidão, depois partiu na direção oposta, movendo-se paralelamente à extremidade leste do pátio. Ela estava grata por seu tamanho. Na cidade portuária, ela se destacava, mas aqui,

ninguém pensaria duas vezes sobre uma pequena garota humana carregando uma bandeja vazia no meio de uma multidão de brilhantes festivaleiros. Os guardas presumiriam que ela era apenas mais uma serva voltando para a cozinha. Ayla tentou não se preocupar com Benjy, concentrando-se em deslizar pela multidão como uma sombra. Benjy ficaria bem; ele podia cuidar de si mesmo. Tudo o que precisavam fazer era atravessar o pátio e chegar aos degraus do palácio. Isso não era difícil.

Ayla deveria ter sabido melhor do que pensar uma coisa tola como essa.

Ela estava tão perto, os degraus do palácio estavam à vista, e o palácio além deles, erguendo-se como uma colossal coroa de osso, sua torre mais alta da altura das muralhas da cidade atrás dela, todas torres em espiral e torres que se estreitavam em pontas como espadas, um palácio como uma boca de presas à mostra, bem adequado para a rainha que ocupava o the trono. As janelas estreitas com fendas de flechas brilhavam com a luz amarela das velas, tremeluzindo. Ayla não conseguiu respirar por um momento. Seu irmão estava em algum lugar entre aquelas paredes. Ela estava tão perto dele, apenas algumas centenas de passos de distância das portas do palácio. Ao amanhecer, já poderiam estar reunidos.

Ela avançou e depois vacilou. Um peso estranho em sua cabeça, algo preso em seu cabelo. Não uma mão. Estendeu a mão e seus dedos encontraram algo delicado, metálico, vibrante, *vivo*. Uma das borboletas Criadas pousou sobre ela. Ayla reprimiu um estremecimento, sabendo que não era um inseto real, mas havia algo profundamente perturbador na sensação de suas pernas finas em seu couro cabeludo. Ela balançou a cabeça com força e a borboleta decolou novamente, flutuando para a noite esfumaçada. Ayla ficou olhando, franzindo a testa. Ao contrário das outras borboletas, uma ficou . . . brilhando. Amarelo pulsante, mais parecida com um vaga-lume do que uma borboleta.

Espera–

Uma mão enluvada enrolou em seu pulso. — Você não deveria estar aqui.

Ayla respirou fundo. Um guarda real estava sobre ela, os olhos brilhando por trás de sua máscara branca. Ele a puxou para mais

perto dele, assustando-a e fazendo-a deixar cair a bandeja. Ela atingiu as lajes com um estrondo alto.

— Quem deixou você entrar? — o guarda exigiu.

— Eu sou uma serva — tentou Ayla. — Devo ter perdido minha fita. Sinto muito pelo problema, vou embora imediatamente.

— Você não vai — disse o guarda. — Você vem comigo.

Os olhos de Ayla se arregalaram. — Não. — ela disse, lutando contra seu aperto. Mas mesmo que não estivesse meio faminta, nunca poderia se igualar à força de uma sanguessuga. — Não, deixe-me ir, eu vou embora, eu só queria ver a festa, não é minha intenção fazer mal–

— Cale a boca antes que eu corte sua língua.

Com a mente acelerada, Ayla se deixou ser arrastada pelo guarda. Onde estava Benjy? Ele estava vendo? Ele saberia que ela foi capturada? O guarda a puxou por uma segunda ponte de pedra, cruzando de volta o fosso e depois para o lado dos degraus do palácio, onde havia portas em arco reservadas para guardas e criados. Em instantes, Ayla soube que estava completamente fora de vista. Tudo o que ela podia fazer era torcer para que Benjy estivesse bem – que, se ele a tivesse visto com o guarda, não fosse estúpido o suficiente para tentar um resgate.

A pesada porta de madeira se fechou atrás deles, e os olhos de Ayla demoraram alguns longos momentos para se ajustar à escuridão lá dentro. Era uma passagem estreita e úmida, iluminada apenas por tochas a cada vinte passos ou mais. Ela piscou com força e tentou não tropeçar enquanto o guarda a arrastava para frente. Seu aperto era tão forte que ela se preocupou que ele fosse esmagar os ossos de seu pulso.

A passagem terminava em outra porta de madeira, que se abria para um corredor mais amplo com um teto alto e abobadado. Ao contrário do palácio do soberano, onde todos os tetos eram decorados com pinturas ornamentadas e douradas e esculturas de mármore, os tetos aqui eram mosaicos com vidro colorido em desenhos geométricos. Ayla achou estranho o quanto estava cintilando, até que percebeu que não era vidro. Eram milhares de pedras preciosas. O medo na boca do estômago se misturou com repulsa. Um metro quadrado desse teto poderia alimentar uma

família por dez anos. Quatro metros quadrados poderiam alimentar uma aldeia.

Os corredores eram labirínticos; Ayla tentou decorar todas as voltas e mais voltas, mas rapidamente se tornou impossível, especialmente porque o guarda parecia estar dando voltas de vez em quando de propósito. Eles passaram pelas entradas para pátios ao ar livre com jardins e fontes, pátios revestidos com estátuas metálicas, grandes salões de banquetes e salas de estar, corredores menores ramificando-se em alas de hóspedes e aposentos dos guardas. Ocasionalmente, Ayla avistava um criado ou cortesão, mas a maior parte dos corredores estavam vazios. Todo mundo estava lá fora curtindo o festival.

Ela havia presumido que o guarda a levaria para as masmorras. Ficou esperando que ele abrisse uma porta com uma escada que levava para o baixo-ventre escuro e profundo do palácio. Mas em vez disso, ele a conduziu em círculos por um tempo e então desceu o corredor mais amplo e grandioso até então, as lajes acarpetadas com veludo verde. Havia guardas parados na entrada do corredor, ambos usando máscaras brancas. À medida que se aproximavam, o guarda que capturara Ayla removeu sua própria máscara e só então os guardas se afastaram, permitindo que ele e Ayla passassem.

— Para onde você está me levando? — Ayla gritou, sem esperar uma resposta. O corredor terminava com uma única porta em arco revestida de ouro maciço. Havia quatro guardas do lado de fora, mas esses não eram como os outros.

Eram todas mulheres, sem máscara, vestidas não em uniformes brancos simples, mas em verde esmeralda. Ayla se lembrava de ter visto outras guardas como estas na corte da rainha quando ela visitou o palácio do soberano algumas semanas atrás em uma viagem diplomática. Elas sempre estiveram mais próximas da rainha, suas guarda-costas pessoais.

— Deixe-me passar — disse o guarda de Ayla, parando no final do corredor. Ele largou o pulso de Ayla apenas para agarrar um punhado de seu cabelo, forçando sua cabeça para trás. — Olha o que eu peguei no meio do Festival do Grande Criador. No pátio da rainha, nada menos. Ela estava se passando por uma serva do palácio.

Nenhuma das guardas se moveu. Uma disse: — O que o faz pensar que isso é digno da atenção da rainha?

— Sua majestade nos ordenou que vigiássemos os espiões rabunianos — insistiu o guarda de Ayla. — Sua majestade disse que seria uma menina, não mais velha que a própria rainha. Esta humana tem a idade certa.

Uma menina. Ayla mordeu a língua com tanta força que sentiu o gosto de sangue. A rainha Junn a esperava de alguma forma? Storme estava fazendo isso? Talvez ele tivesse contado a verdade a Junn – que Ayla não era apenas uma criada; ela era sua irmã gêmea há muito perdida. E se a rainha Junn soubesse que Ayla estava por trás da tentativa de assassinato de Lady Crier . . . Ela havia previsto o próximo movimento de Ayla?

As guardas da rainha olharam para Ayla, examinando seu rosto.

— Solte ela — disse uma delas. — Vamos entregá-la à rainha.

— Não — protestou o guarda de Ayla. — Fui eu quem a pegou. Se ela é uma espiã rabuniana–

— Deixe. Ela. — disse a guarda da rainha. Sua voz era monótona e fria, não permitindo espaço para protestos. — Se ela é uma espiã, eu irei me certificar de que a rainha saiba a quem creditar por sua captura. É com isso que você está preocupado, não é? Seu crédito? Vá.

Um momento de furioso silêncio, depois Ayla se lançou para a frente quando o guarda soltou seu cabelo. Seus joelhos bateram no chão, o carpete de veludo não proporcionou nenhum conforto nas lajes abaixo. Ela se endireitou, estremecendo, apenas para encontrar uma espada em sua garganta.

Duas das quatro guardas a flanquearam, conduzindo-a através da pesada porta dourada e a uma grande câmara de teto alto. As paredes estavam cobertas com mais veludo verde. Uma piscina longa e estreita descia pelo centro da sala, um corredor de água verde, pétalas de rosa brancas flutuando na superfície como no fosso do lado de fora. Duas dúzias de guardas estavam posicionados ao redor das bordas da câmara, mulheres, sem máscara.

Então os olhos de Ayla percorreram toda a extensão da piscina até o outro lado da sala, e seus temores foram confirmados. Aqui só

poderia ser a sala do trono da rainha: um estrado e uma cadeira elevada esculpida em um pedaço gigante de pedra branca. Ayla ficou aliviada ao encontrá-lo desocupado – até perceber a figura de pé ao lado dele, de costas para o resto da sala. Mesmo por trás, Ayla a reconheceu. Rainha Junn. A Rainha Louca, a Devoradora de Ossos.

— Vossa majestade — disse uma das guardas que flanqueava Ayla. As duas haviam abaixado a cabeça em deferência ao entrar e agora estavam se endireitando. — Minhas mais profundas desculpas pela interrupção, mas–

— Agora não — disse a rainha sem se virar. Ela não estava falando alto, mas ainda assim sua voz se propagou por toda a câmara. — Não me importa o que seja, não vou lidar com isso esta noite. Se for um assassino, prepare para eles um prato com os melhores cortes de carne, as frutas mais maduras, o vinho mais doce; deixe-os comer, e só depois disso você poderá acompanhá-los às masmorras. Se for uma guerra, chame um estrategista; a guerra pode esperar até de manhã. Se for qualquer outra coisa, saia.

As costas da rainha estavam nuas. Duas criadas estavam amarrando-a em um vestido – de penas, magnífico – e Ayla tentou não pensar nos movimentos familiares das mãos, o aperto dos laços, *os nós dos dedos roçando na pele quente e macia…*

— Sim, vossa majestade — disse a guarda ao lado de Ayla. — Entendido. — Para a segunda guarda, ela disse: — Leve-a para as masmorras.

Não.

Se ela fosse para as masmorras, talvez nunca mais voltasse.

As duas guardas agarraram seus braços, preparando-se para arrastá-la para fora da sala. Ayla ficou mole, fingindo estar inconsciente, um peso morto completo. Por uma fração de segundo, as guardas ficaram assustadas, seus punhos afrouxando, e ela se soltou. Ela cambaleou para longe delas, sem ter certeza do que estava tentando fazer; tudo o que sabia era que não podia ir para as masmorras e talvez Storme estivesse em algum lugar próximo. No palácio do soberano, nunca esteve longe do lado da Rainha Junn; ele tinha que estar perto. Ayla mal deu dez passos antes que as

guardas voltassem a atacá-la, uma espada apontada para sua coluna, uma mão puxando-a pela gola da camisa, sufocando-a.

— STORME — gritou, sua voz ecoando pela câmara. — STORME, ESTOU PROCURANDO STORME!

— Você está morta — sibilou uma das guardas, apertando com mais força o colarinho de Ayla. Ayla lutou contra ela, ofegando, e então, no final da sala do trono, viu a rainha se virar.

— Eya — disse a rainha. — Deidra. Tragam-na para mais perto.

— Sua Majestade...

— Isso foi uma ordem, Eya.

As guardas obedeceram. Presa entre eles, a cabeça jogada para baixo, Ayla foi trazida para mais perto.

Os guardas a largaram diante da rainha como um saco de batatas e, pela segunda vez em menos de dez minutos, as rótulas de Ayla bateram com força nas lajes. Isso iria deixar machucados.

— Mostre-me seu rosto, garota — veio a voz da rainha acima dela.

Ayla ergueu a cabeça.

O rosto da rainha Junn – tão bonito e frio quanto Ayla se lembrava, nariz afiado, maçãs do rosto salientes e lábios vermelhos – não mudou; não havia faísca de reconhecimento em seus olhos. Mas ela disse: — Olá de novo, criada.

— Não sou uma espiã — disse Ayla desesperadamente. — Não sei o que você ouviu, mas juro, não sou uma espiã, não estou agindo por ordem de ninguém, não desejo mal. Eu só quero ver Storme.

Quanto a Rainha Junn sabia? Ela e Storme pareciam estranhamente próximos para uma rainha e um conselheiro, mas talvez ele não tivesse mencionado a coisa toda de Ayla-ser-sua-irmã-gêmea-há-muito-perdida. Então . . . havia uma chance diferente de zero que a Rainha Junn soubesse sobre o ataque ao palácio e nada mais, e portanto pensou que Ayla era apenas uma serva traidora e assassina que tentou matar Lady Crier.

Ayla torturou sua mente em busca de uma maneira de provar que era confiável, e então – um fragmento de memória. As cozinhas do palácio. Malwin, uma serva, de pé diante dela *Estou sob as ordens do conselheiro da Rainha Junn. Ele me deu algo para dar a*

você. Mais tarde, a pousada em Elderell. Os olhos arregalados e chocados de Crier. *Você não viu nada, está me entendendo?*

Mas ela e Ayla estavam mantendo o mesmo segredo.

— Pena verde — disse Ayla agora. — Storme me deu uma pena verde. Eu sei que isso significa algo para você.

A rainha ficou em silêncio. Ela não precisava de uma máscara para ser ilegível.

— Isso vai decepcionar você — disse finalmente. — Meu conselheiro não está aqui em Thalen. Ele partiu há dois dias para a fronteira norte e não deve retornar antes de mais duas semanas.

Ayla cedeu. *Uma quinzena*.

Sem tirar os olhos do rosto de Ayla, a rainha disse: — Serva Rupa.

Uma das duas servas, uma garota humana alta e robusta, deu um passo à frente. — Sim, Sua Majestade?

— Leve essa garota para a ala de hóspedes — disse a rainha. — Dê a ela um quarto de dormir, qualquer alimento ou roupa que ela desejar. Se ela desejar um companheiro de cama, providencie isso também. — Ela deu um sorriso, pequeno e vermelho-sangue, com o choque no rosto de Ayla. — É assim que mostramos hospitalidade em meu país, criada Ayla. Bem-vinda a Varn.



2

Crier estava no centro de seu quarto, uma dúzia de empregados domésticos e servas correndo ao seu redor, e tentou não se sentir como um pedaço de madeira flutuando no meio de uma tempestade no mar.

Havia duas servas torcendo seu cabelo em uma coroa de tranças, outra escurecendo seus olhos e pintando seus lábios em um profundo violeta da cor do sangue Automae, e inúmeras outras entrando e saindo da sala com caixas de joias forradas de veludo, fitas de cabelo, grossas pastas de pedra-coração e tinta corporal dourada que durante a cerimônia seriam usadas para desenhar os símbolos dos Criadores em sua pele.

Daqui a quatro horas, Crier estaria casada.

Agora, ela estava olhando para seu reflexo, imóvel no grande espelho de corpo inteiro, enquanto os servos humanos a transformavam em uma noiva. A serva Malwin estava atrás dela, as mãos trabalhando rapidamente para amarrar o corpete do vestido de casamento de Crier, puxando-o firmemente em torno de suas costelas, tão apertado que se Crier precisasse respirar tão frequentemente quanto os humanos, ela estaria sufocando. Ela se lembrou, com uma pontada de dor, da última vez em que ficou assim enquanto alguém a amarrava em um vestido. A última vez que ela sentiu os dedos de alguém escovando suas omoplatas nuas, a nuca, o toque de alguém a aquecendo mesmo através de camadas de linho e seda.

O vestido que ela usara era prata claro, em forma de sino. Este vestido era de veludo vermelho escuro, cortado mais próximo ao formato do corpo de Crier, a parte inferior da saia acumulando-se no chão aos pés de Crier. Não havia mangas, e ela não usaria túnica ou sedas – nada que atrapalhasse as marcas cerimoniais em seus braços, testa, peito acima do decote do vestido. Em sua cabeça, uma delicada tiara dourada.

Ela encontrou seus próprios olhos escuros no espelho. Pensou que talvez seu rosto estivesse diferente do normal, não apenas por causa da maquiagem. A expressão de Crier era geralmente neutra, controlada, suas emoções e reações deliberadamente reprimidas. Hoje, ela não parecia apenas em branco. Ela parecia vazia. Morta.

Em outro lugar do palácio, Scyre Kinok também deveria estar se preparando para a cerimônia. Kinok, seu prometido. Daqui a quatro horas, seu marido. *Para sempre*. Crier não conseguia parar de pensar nisso: o conceito de para sempre. Automae viviam por muito tempo. Daqui a vinte, cinquenta, oitenta anos, ela ainda seria casada com Kinok. As estações mudariam, seu pai morreria, Kinok o substituiria como soberano. Durante a maior parte de sua vida, Crier acreditou que, como filha única de Hesod, sua única herdeira natural, ela seria a única a herdar seu trono. Ela achava que sabia o caminho que sua vida tomaria: assim que seu pai decidisse que ela estava pronta, ela se juntaria ao Conselho Vermelho. Ela trabalharia como Mão Vermelha, vereadora, por décadas, fazendo todo o possível para aprovar leis que fortalecessem o relacionamento

desgastado entre os Automae e os humanos em Rabu. Ela passou os últimos dez anos escrevendo ensaio político após ensaio político, estabelecendo suas crenças, seus valores, sua legitimidade como uma conselheira em potencial. Mas no dia em que seu pai finalmente a convidou para uma reunião do Conselho Vermelho, ela foi forçada a ficar em silêncio em um canto e assistir enquanto seu pai escolhia Kinok para preencher a cadeira vazia da Conselheira Reyka. Crier percebeu naquele dia que seu pai nunca havia planejado permitir que ela se juntasse ao conselho, muito menos que se tornasse soberana. Ela não estava destinada a fazer parte do futuro de sua nação. Estava destinada a ser uma esposa, uma bugiganga, dada como um gesto de boa vontade no momento em que seu pai quis unir forças com alguém cujo poder estava ameaçando o seu. Kinok: Scyre, Vigia do Coração de Ferro, líder do crescente Movimento Anti-Dependência. Kinok: um homem que enganou Crier fazendo-a pensar que ela era defeituosa, quebrada, feita errada; um homem que usou esse “Defeito” para chantageá-la e fazê-la obedecer a sua vontade. Que estava em uma busca da Turmalina, uma nova fonte de energia para sua espécie. Quem sabia que os avós de Ayla estavam de alguma forma ligados à criação da Turmalina e, portanto, queria encontrar Ayla.

Parecia que o corpete de Crier realmente a estava sufocando. Parecia que suas costelas estavam rachando, quebrando para dentro, perfurando seus pulmões. Seu coração.

A pior parte era o óbvio prazer de seu pai. Ele nunca tinha ficado orgulhoso dela assim. Não quando ela estudou dia e noite, memorizou livros de bibliotecas, ficou em silêncio, obedeceu, aderiu ao seu Tradicionalismo, seguiu todas as regras. Isso não lhe rendeu nada além de indiferença. Ou o elogio ocasional como uma fina folha de ouro sobre um monte de críticas: *Está bem escrito, filha. Se ao menos o conteúdo fosse tão bom quanto a técnica.* Mas na semana passada, ele começou a tratá-la como uma cadela bem comportada, recompensando seu bom comportamento com pequenos presentes. Sinais de seu afeto. Um livro cheio de mapas apenas de vários mares, registrados por marinheiros e viajantes. Uma pena de pavão com um pote de tinta prateada. O mais precioso de todos, uma chave de ouro. Abria a porta da sala de

troféus de Hesod, uma das únicas salas do palácio em que ninguém, nem mesmo Crier, tinha permissão para entrar. Alguns meses atrás, ela teria se sentido honrada. Mas atualmente não tinha interesse em ver os despojos de guerra de seu pai. Uma sala de artefatos humanos que ele coleciona há anos. Eles não eram troféus. Foram roubados. Ela havia deixado a chave dourada na gaveta de sua escrivaninha, não a havia tocado desde então. Nem planejava.

— Malwin — murmurou Crier, e sentiu os dedos de Malwin congelarem contra sua coluna. Nenhum dos outros servos notou; eles haviam acabado com o cabelo e a maquiagem de Crier e o quarto estava vazio. Crier sabia que os convidados do casamento começaram a chegar algumas horas antes. Mesmo em tão pouco tempo – a data do casamento fora adiantada para quase um mês, e a nova data anunciada apenas uma semana atrás, os cavaleiros mais rápidos de seu pai enviados a todos os cantos do país para dar a notícia – haviam duzentos convidados. Todos precisando de moradia, pedra-coração e alimento para seus servos. O palácio estava um caos há dias. Não ajudava que quase duas semanas se passaram desde . . .

Desde que Ayla ficou de pé sobre a cama de Crier no meio da noite com uma faca em uma das mãos, pronta para atacar.

— Sim, minha senhora? — disse Malwin.

— Sua espécie fala de ‘coração partido’ — disse Crier. Ela tinha visto a palavra em tantos livros humanos, histórias de fadas e histórias de amor e comédias e tragédias semelhantes. Estava em toda parte. — Eu sei que não é . . . literal. Mas o que é isso?

Malwin hesitou. — Por que você pergunta, minha senhora?

Desde a noite do ataque, todos os servos tinham ficado visivelmente mais cautelosos com Crier, seu pai, Kinok, até mesmo os guardas Automa. A expressão deles quando viam Crier variava de nervoso a totalmente apavorado. A maioria não sabia a história completa do que tinha acontecido naquela noite – parecia que Ayla e os outros servos envolvidos mantiveram seus planos em segredo, embora Crier soubesse que os rumores sobre Ayla trabalhando para a Rainha Junn eram falsos. Ainda assim, ela entendeu porque os detalhes não importavam. Sua espécie não era conhecida por ser

misericordiosa. No passado, seu pai puniu inocentes pelos crimes de outros humanos. Se ela fosse uma serva, também ficaria apavorada. Estava fazendo tudo que podia para não parecer ameaçadora – mantendo sua voz suave, sua expressão suave, suas ordens rápidas e simples – mas não estava ajudando. Ela era a filha do soberano. Ela poderia machucá-los ou matá-los com uma palavra.

Antes de Ayla, Crier não havia percebido a extensão de seu próprio poder, por mais tolo que parecesse. Ela sabia que *tinha* poder – sabia que os servos tinham que obedecê-la – mas ela não era a soberana. Ela não tinha nenhuma influência real. Não era perigosa, era apenas Crier. Por que alguém a temeria?

Ela tinha sido tão ingênua.

— Estou apenas curiosa — garantiu ela a Malwin. — Não há resposta errada. Eu só estou curiosa.

— Tudo bem, minha senhora — disse Malwin calmamente, voltando para os laços. — Coração partido . . . bem, é como estar triste, mas mais do que isso. A pior tristeza que você pode sentir. Quando você está tão triste, parece uma ferida real, como se seu próprio coração estivesse partido, sangrando.

— O que causa isso? O que deixa as pessoas tão tristes?

— Pode ser qualquer coisa, minha senhora. — Malwin fez um barulho considerando. — Quando você perde alguém que ama. Ou se alguém que você ama faz algo para machucar você, algo verdadeiramente terrível.

Crier pensou sobre isso. Pensou na carta da Rainha Junn, atualmente escondida dentro do colchão de Crier junto com um medalhão de ouro pesado. A confissão de Junn: *Eu matei Reyka.* Ela pensou em seu pai a humilhando na frente do Conselho Vermelho: *Minhas desculpas. Minha filha se considera sábia além de sua idade.*

Ela pensou em Ayla.

— O que faria você querer machucar alguém? — Ela perguntou a Malwin, muito quieta. — O que faria você querer fazer algo terrível?

— Minha senhora, — disse Malwin — eu nunca, eu nunca faria nada para...

— Eu sei — interrompeu Crier. — Eu sei, Malwin. Não se preocupe. Você não fez nada de errado. É apenas uma pergunta, eu prometo.

No espelho, ela viu o olhar de surpresa de Malwin. A criada era alguns anos mais velha do que Crier, com um rosto estreito, um grande nariz torto e pequenas cicatrizes com marcas de varíola em volta da mandíbula. Seu cabelo estava preso em uma trança bagunçada. Ela era bonita, Crier pensou consigo mesma. Era estranho – ela sempre foi ensinada que Automae eram o ideal. Como o resto de sua espécie, o rosto de Crier foi projetado para ser perfeitamente simétrico. Era alta e forte. Não tinha cicatrizes. Mas a pessoa mais cativante que ela já conheceu foi Ayla: a baixa, perpetuamente carrancuda Ayla, o rosto redondo, sardento, de cabelos rebeldes, a bela Ayla.

O que faria você querer machucar alguém?

O que faria você querer fazer algo terrível?

— Eu suponho . . . — Malwin disse lentamente. — Suponho que se me machucarem primeiro. Se machucarem alguém que eu amo.

Mas eu não a machuquei, pensou Crier, instantaneamente na defensiva. Então ela fez uma pausa. Era verdade que nunca machucou Ayla fisicamente. O mais perto que chegou foi na pousada, louca de pânico, empurrando Ayla contra a porta, calculando mal a sua própria força. Percebendo o que ela acabara de fazer, deixando-se levar, doente com um novo tipo de pânico, seu cérebro lançando imagens hiper-realistas de hematomas em forma de dedo nos ombros de Ayla, os ossos de Ayla quebrando sob as mãos de Crier. Pedindo desculpas, horrorizada consigo mesma. O ódio na voz de Ayla: voice: *Você é um Automa. É sua natureza dominar.* Como se ela estivesse esperando o pior e Crier ainda tivesse conseguido desapontá-la.

É sua natureza dominar.

Ayla não estava apenas falando sobre o empurrão.

Malwin amarrou o último par de cadarços e deu um passo para trás, dando uma olhada no reflexo de Crier no espelho. — Você está linda, minha senhora — disse ela. — Você é uma noiva adorável.

Crier tentou responder, mas sua garganta parecia apertada. Seu corpo estava tenso. Ela se sentia como um peixe preso em uma

rede, uma corça na ponta errada da flecha de um caçador. Como se estivesse pendurada em um penhasco, água gelada e rochas negras afiadas abaixo, e desta vez ela não seria salva.

Kinok não sabia que ela sabia a verdade sobre seu Defeito, mas Crier não podia nem considerar isso uma vitória. Cada momento com ele era um estrangulamento lento e prolongado. Ele era perigoso, um *monstro*, mas Crier – não podia partir. Ela não podia

Três dias atrás, como era tradição, ela se encontrou com o homem que iria oficiar seu casamento. Ele era um Projetista bem conhecido e altamente respeitado, um Automa que trabalhou com Parteiras humanas para criar novos Automae. O soberano havia organizado o encontro. Crier esperava que o Projetista a guiasse durante a cerimônia de casamento, detalhando exatamente o que ela deveria fazer e quando. Não foi isso o que aconteceu.

— Muito bem, Lady Crier — disse o Projetista.

Ela se assustou com a pressão de dois dedos na parte de baixo do queixo. Ninguém mais se atreveria a tocá-la. — Muito bem — ela murmurou, olhando para ele. Não sabia quantos anos ele tinha – era difícil dizer em sua espécie – mas seu rosto estava começando a mostrar os sinais da idade. Sua pele bronzeada parecia fina como pergaminho sobre ossos; os olhos dele não eram tão claros quanto os dela; seu cabelo escuro estava raiado de prata. Ele vestia o uniforme branco dos Projetistas. As vestes brancas, forradas com a mais macia pele de cordeiro, que o marcavam como o oficiante do casamento de Crier.

— Lady Crier, — disse o Projetista com sua voz de papel — você parece assustada.

Ela não respondeu.

— Conte-me seus medos — disse ele. — Diga-me suas dúvidas.

— São tantas — ela sussurrou, envergonhada. — Eu... eu às vezes me pergunto se esta é a escolha certa. Meu prometido, ele . . . — Ela não sabia como terminar a frase. Ela não sabia em quem confiar. Kinok tinha olhos e ouvidos em todos os lugares.

— A dúvida é normal, — disse o Projetista. — A indecisão é tão comum nos jovens. Mas esta é a escolha certa, Lady Crier, porque é a única escolha. Você não pode mudar isso agora.

Sua testa franzida. Ela piscou para ele, confusa. — A única escolha?

— É para isso que você foi criada, Lady Crier — disse o Projetista, colocando as mãos no rosto dela. Suas palmas estavam frias e secas. — Este é o seu Projeto: estar unida. Nunca é aconselhável desafiar seu próprio desígnio, Lady Crier. Outros cometeram esse erro. Os jovens, os duvidosos. Mas a natureza de nossa espécie é que não somos tão insubstituíveis, no final. Se um filho falhar, outro pode tomar o seu lugar.

— O que você está dizendo? — Crier respirou fundo. Ela se sentiu à beira de algo, algum horror cegante e incandescente. — Outro pode . . . ?

— Assuma seu lugar — disse o Projetista, passando o polegar pela bochecha dela, como se enxugasse as lágrimas, embora soubesse que não estava chorando. — Não se esqueça, Lady Crier. Você foi feita e pode ser desfeita, e outra refeita em sua imagem. Não force a mão de seu pai, Lady Crier. Ele a criou para cumprir um certo propósito. Se você rejeitar esse propósito . . .

Ele deve ter continuado, mas Crier não estava ouvindo. Ela se ajoelhou nas lajes frias, deixando esse novo conhecimento varrê-la. Meu pai não me machucaria, *disse a si mesma.* Eu sou sua filha. Ele não me machucaria, mesmo se eu recusasse a ligação.

Ele machucaria?

Mas a mensagem do Projetista fora clara – obedeça *ou* enfrente as consequências.

Crier queria mais do que tudo fugir. Mas para onde ela iria? Em Rabu, ela corria o risco de ser reconhecida. Poderia tentar chegar a Varn, ao palácio da rainha em Thalen – afinal, pelo que a Rainha Junn sabia, Crier ainda era sua aliada e confidente – mas a Rainha Junn matou Reyka. Ela matou Reyka. A ideia de enfrentá-la, jogando bem em sua corte, deixou Crier enojada.

Onde mais? As selvas despovoadas de Tarreen? Em algum lugar do outro lado do oceano?

Não. O próximo movimento de Kinok seria encontrar Ayla. Se Crier fosse embora, não haveria nada nem ninguém para detê-lo. Onde quer que Ayla estivesse, Kinok a encontraria.

Crier não podia deixar isso acontecer.

Ela discutiu consigo mesma uma centena de vezes nas últimas duas semanas e sempre chegava à mesma conclusão: se casaria com Kinok. Permaneceria ao seu lado. Era a única maneira de detê-lo. Para proteger Ayla. Parte de Crier sabia que era patético, humilhante, preocupar-se tanto com a segurança de Ayla depois do que ela tentara fazer. A escuridão, a faca. Certamente o pai de Crier perderia todo o respeito remanescente por ela se descobrisse como ela se sentia. Mas era como se sentia. Não podia mudar isso, e se se tratasse de sua dignidade ou da vida de Ayla, bem. Isso nem era uma escolha.

— Malwin, — disse Crier — preciso de um favor seu.

— Qualquer coisa, minha senhora.

— Encontre a copeira chamada Faye — disse Crier. — Ela geralmente fica estacionada nas lavanderias. Traga-a para mim. Se ela resistir, diga a ela – diga a ela que é sobre maçãs-do-sol.

Malwin hesitou. — Minha senhora, faltam apenas alguns minutos antes de você estar no grande salão de baile...

— Portanto, aprecio sua pressa — disse Crier.

Uma vez sozinha, Crier afundou em sua cama. *Faye.* Durante todo o verão, Kinok forçou a copeira a trabalhar para ele em segredo. Ela estava supervisionando carregamentos do que ela pensava serem as apreciadas maçãs-do-sol do soberano, mas na verdade era uma substância perigosa chamada Sombra Noturna. Depois que ela descobriu a verdade, ela tentou recuar. Para puni-la, Kinok matou sua irmã. Luna.

Faye nunca mais foi a mesma. Esculpida em uma nova pessoa pela dor, ela parecia ocupar este mundo apenas metade do tempo. A outra metade, estava perdida em sua própria mente, em algum lugar distante, inacessível.

Crier quase colocou a cabeça entre as mãos, um gesto tão humano, mas depois se lembrou da maquiagem. Em vez disso, se sentou lá, com as costas retas, e olhou através da sala para sua tapeçaria de Kiera, a primeira Automa. A primeira de sua espécie, criada pelo maior dos alquimistas humanos, o Criador Thomas Wren. Mas isso não era verdade, era? Crier sabia agora que Wren havia roubado as plantas de Kiera de uma mulher misteriosa

chamada H. Ele não havia projetado nada; ele tinha acabado por receber o crédito pelo trabalho de H.

Havia uma cicatriz costurada em um canto da tapeçaria, de onde um guarda a rasgou na parede naquela noite, depois que Ayla fugiu. Mas Kiera estava intacta. Vestido amarelo-açafrão, boca vermelha, pele negra rica. Olhos de fios dourados, refletindo o sol da manhã. Crier fitou aqueles olhos, sem piscar, enquanto os minutos se arrastavam.

Uma batida na porta. — Entre. — disse Crier, e Malwin deslizou para dentro, seguida por Faye tropeçando e de olhos fundos. Malwin estava segurando o pulso de Faye; talvez ela tivesse resistido.

— Obrigada, Malwin — disse Crier, levantando-se. — Você pode esperar por mim lá fora.

— Minha senhora...

— *Lá fora.*

Relutante, os olhos disparando entre Crier e Faye, Malwin largou o pulso de Faye e saiu da sala pela segunda vez, fechando a porta silenciosamente atrás dela. Havia guardas estacionados do lado de fora da porta do quarto de Crier – desde o ataque, ela estava proibida de ir a qualquer lugar sem pelo menos quatro guardas a reboque. Era um pesadelo; a presença de guardas arruinou completamente a santidade da biblioteca e da sala de música, mas Crier percebeu que era provavelmente a única coisa que impediria Malwin de pressionar o ouvido contra a porta, tentando espionar.

— É melhor seguir com isso, senhora — disse Faye. — Me puxar no meio de um turno, você o fez. A velha Nessa com certeza vai ficar com raiva — ela sorriu. — Oh, mas isso não está certo, não é mais a Nessa, certo? Nessa está morta no chão. Todo mundo está morto no chão. Eu sou a próxima? Por que você me chamou aqui, senhora?

— Para que eu possa dar isso a você — disse Crier, pegando um dos livros na mesinha de cabeceira e folheando-o até encontrar o que procurava: um pequeno envelope lacrado com cera. Ela o estendeu para Faye, mas Faye não se mexeu.

— O que é isso? — Ela perguntou, olhando o envelope. — O que você quer que eu faça?

Crier engoliu em seco. — Por favor. Você é a única pessoa que conheço que pode ser capaz de encontrar ela.

Ela.

— Ela se foi, senhora — disse Faye. — Ninguém sabe para onde ela foi, nem eu, nem ninguém. Ela poderia estar na metade do oceano agora. Ela pode estar morta.

Ela não está morta, Crier pensou, e então, absurdamente: *eu teria sentido*. — Só... por favor — murmurou ela, dando um passo mais perto de Faye. — Por favor. Se você ouvir alguma coisa, *qualquer coisa* . . . Eu sei que você conhece pessoas na – Resistência. Por favor. Por favor, tente. Por favor, Faye. Você é a única esperança que tenho.

Faye pegou o envelope de Crier e enfiou-o no bolso do uniforme vermelho de servente. — Não espere muito, mas farei o meu melhor.

— Obrigada — sussurrou Crier. Ela colocou os dois braços ao redor de si mesma, sem amarras. Então era isso. Era o seu adeus, e havia uma boa chancede que nunca chegasse perto de chegar a Ayla, aquele envelope não marcado nas mãos de uma copeira meio louca. Dentro dele, uma flor litorânea seca e uma única frase:

Você estava certa sobre a lei da queda.

Ayla não podia ler. Ela teria que conseguir que outra pessoa lhe contasse o que a carta dizia. Isto é, se a encontrasse. Se ela não jogasse fora, rasgasse, queimasse. Mas o que mais Crier tinha? O que mais ela poderia fazer?

Você estava certa sobre a lei da queda. Você estava certa. Ela havia escrito e reescrito aquela frase mil vezes, enrolada no assento da janela desde o anoitecer até as primeiras horas da manhã. Tentando encontrar as palavras certas. *Você estava certa. Você estava certa.* Crier se lembrou de tudo sobre aquele primeiro dia, o dia em que ela fez de Ayla sua nova criada. Ela levou Ayla para os jardins, o ar perfumado com lavanda salina e flores litorâneas, o gosto do mar nas costas da língua de Crier, o som das ondas quebrando além da última fileira de flores, além dos penhascos. Nos jardins, Crier olhou para Ayla e, *deuses*, ela não tinha ideia, *não*

tinha ideia. Na época, ela estava meio intrigada, meio envergonhada por Ayla tê-la visto chorar. Tudo o que ela sabia era que queria se aproximar. Ler Ayla como um bom livro. E Ayla, carrancuda, olhos distantes, havia dito: *mesmo lá fora, além do céu, tão longe que nem conseguimos imaginar, as coisas funcionam da mesma forma. Tudo são apenas corpos em órbita, como aqui. Empurrando e puxando.*

Ayla, pensou Crier, *você me puxou para dentro.*

— Minha senhora — disse Faye. — Você fará algo por mim em troca?

Crier sacudiu seus pensamentos como neve. Ela ergueu as sobrancelhas para a copeira, pega de surpresa por um pedido tão ousado. — Que . . . tipo de coisa?

— Pare o Scyre.

— O que... *Fale baixo!* — Crier sibilou. — Você não pode simplesmente *dizer* coisas assim, qualquer um pode estar ouvindo, você está…? — Ela se interrompeu antes de dizer *louca.*

— Desculpas, senhora. — Faye se inclinou, baixando a voz. — Você precisa pará-lo. Eu sei o que ele está planejando. Ele gosta de se gabar, sabe. Para aqueles em seu controle. Ele nos subestima. Ele acha que não temos ninguém para contar. — Ela estava quase sorrindo. — É assim que eu sei.

— Sabe o que?

— Ele vai destruir o Coração de Ferro.

Os olhos de Faye estavam claros e brilhantes como Crier nunca os tinha visto antes. Seus ombros estavam retos, as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. Foi como vislumbrar um fantasma, a garota que Faye costumava ser, antes de sua irmã ser assassinada pelos crimes de Faye. Antes que a dor a deixasse presa em algum lugar bem longe de sua cabeça.

— Destruir? — Disse Crier, uma emoção como água fria crescendo dentro dela. O Coração de Ferro. — Eu sei que ele está procurando uma alternativa para a pedra-coração, mas – destruir o Coração? Isso não faz sentido, ele confia nisso como o resto de nós, ele . . . *Ele quer machucar humanos, não Automae.*

Mas mesmo enquanto ela protestava, as peças se encaixaram.

Kinok era o líder do Movimento Anti-Dependência. Na superfície, o movimento visava separar ainda mais as duas espécies, construindo uma nova capital apenas para Automae. A verdade era muito mais sombria, mais sangrenta. Kinok queria três coisas: primeiro, ele queria arrasar todas as velhas cidades humanas e construir novas cidades Automae das cinzas. Os humanos que se danem. Em segundo lugar, ele queria fazer uma nova geração de Automa, sem nenhum pilar humano. E terceiro, ele queria encontrar uma alternativa para a pedra coração, encerrando assim a dependência de sua espécie do Coração de Ferro. Ele estava conduzindo experimentos, tentando sintetizar uma nova gema por conta própria, mas até agora suas tentativas foram desastrosas: ele só conseguiu criar Sombra Noturna, uma poeira mineral negra que parecia funcionar no início, mas na verdade lentamente envenenava quem o consumia. E não era apenas venenoso, mas altamente viciante. Kinok o usava para controlar seus seguidores – incluindo Rosi, amiga de Crier.

Mas isso não era prático a longo prazo. Então Kinok estava procurando por uma pedra preciosa azul chamada Turmalina, a mesma pedra que a avó de Ayla, Siena, havia usado para alimentar seu protótipo Automa, Yora. Ele parecia pensar que Turmalina era infinitamente poderosa – tanto que poderia alimentar um corpo Automa para sempre. Agora mesmo, os corpos Automa envelheciam – mais devagar que os humanos, mas envelheciam; seus vasos físicos finalmente enfraqueciam, murchavam e se esgotavam. Podem morrer e ser mortos. A julgar pelas notas que Crier vira em seu quarto, Kinok sonhava com um mundo em que nenhuma dessas coisas era verdade.

Se Kinok encontrasse o coração de Yora, que era feito de Turmalina, que carregava o segredo de seu poder . . . se ele destruísse a fonte da pedra-coração, então os Automae não teriam escolha a não ser implorar por Turmalina . . .

— No momento em que Scyre encontrar o que procura, será o fim para o seu tipo e para o meu — disse Faye. — Poder absoluto. Crueldade absoluta. Se eu sou sua única esperança, minha senhora, então você é a minha.

Anti-Dependência, Crier pensou, entorpecida.

Então era isso que significava.

Faye brandiu uma carta. Por um segundo, Crier pensou que fosse a carta de Ayla, mas o papel estava gasto e amarelado pelo tempo, como se pudesse virar pó ao mais leve toque. — Senhora, tem mais.

— O que é isso? — Perguntou Crier. Sua própria voz estava morta e oca para seus ouvidos. Ela desdobrou a carta com as mãos trêmulas, tentando se concentrar em qualquer coisa que não fosse a palavra *dependência*, *dependência*, *dependência*.

— Do escritório de Scyre. Mas não – não do Scyre. É muito antigo. Esta . . . Parecia importante. Então eu peguei. Achei que você gostaria de ver. Achei que você gostaria de *saber*.

Crier olhou para a carta, desejando se concentrar. Fora endereçada a “T” de “H.” Mas ela não tinha tempo de compreender o que estava lendo. Houve uma batida na porta de seu quarto e a voz de Malwin veio, hesitante: — Minha senhora?

Apressadamente, Crier empurrou a carta sob um dos travesseiros de sua cama. Isso teria que esperar. Por enquanto, Crier tinha coisas maiores com que se preocupar. Ela precisava falar com o pai.

T,

Eu imploro que você não faça isso.

Você se lembra do dia em que nos conhecemos? Sob o olho dourado do deus. Você na janela, uma forma escura contra o amanhecer que se aproxima. Amanhecer de inverno. Céu da cor das flores da neve. Eu conhecia seu rosto. Seu nome. Você não sabia o meu.

Eu te dei tudo. O trabalho da minha vida, conhecimento, sonhos loucos, cama. E você não pode nem me dar tempo?

Você sabe que posso aperfeiçoá-lo. Este coração azul.

Você sabia que eu sempre pensei que meu próprio coração era azul? Não como o céu. Como o fundo do oceano. Azul assim, mas não vazio. Não frio. Azul como o coração da chama de uma vela. Quando você me tocou, queimei vermelho. Naquela época, eu achava que era uma coisa boa. Queimar.

Como criar uma vida?

É isso? Fogo? Sangue? O útero de um gigante?

Nós compartilhamos um sonho uma vez. Uma cama, uma vez; não mais; não depois disso; eu vou manter meu coração azul. Este "atalho", você sabe que está errado; é por isso que você escondeu de mim. Você acha que eu não te conheço? Eu te amei, não amei? Eu sangrei por você, não foi? E agora isso.

Diga uma coisa mais preciosa do que uma vida.

—CARTA DE "H——" PARA CRIADOR THOMAS WREN, E. 900 A. 10



3

A primeira manhã no palácio da Rainha Junn foi, em uma palavra, esmagadora. Não ajudava o fato de ela mal ter dormido – a cama que lhe foi dada era tão macia que parecia engolir seu corpo, e ela acordava de pesadelos sobre areia movediça e afogamento. Cada vez que acordava, tinha que se lembrar de novo onde estava e por que estava sozinha, nem cercada por outros criados adormecidos nem aninhada ao lado de Benjy no porão de um navio de carga. Seu único consolo era que Benjy provavelmente estava mais seguro do que ela, nas ruas de Thalen.

Ao amanhecer, ela acordou de vez quando um trio de servas humanas entrou em seu quarto. Ela se endireitou, assustada, mas elas nem sequer a olharam. Uma abriu as cortinas, inundando a sala com uma luz azul clara; uma, com os braços cheios de

vestidos, começou a colocá-los aos pés da cama; a última puxou para trás uma tela de seda que estava obscurecendo um canto da sala, revelando uma banheira submersa e um grande tanque d'água de cobre com uma torneira em forma de pavão.

— O que está . . . acontecendo. . . ? — Disse Ayla, já temendo a resposta.

Durante a próxima hora, ela foi banhada dentro de uma polegada de sua vida. Seu cabelo foi lavado três vezes, suas unhas das mãos e dos pés aparadas, seu rosto e corpo esfregados com um pano com sabão até que ela pensou que sua pele fosse descascar, a água do banho ficando cinza com o que parecia ser cinco anos de sujeira. Quando a água finalmente começou a esfriar, as servas puxaram-na para fora e esfregaram-na com um óleo que deixou sua pele macia e brilhante, com um leve cheiro de amêndoa. Ayla odiava o quanto não odiava isso. Então, depois de estar completamente seca, foi enfiada em roupas de baixo de algodão branco que pareciam leves, tão macias e leves, nada como as roupas de baixo ásperas e que coçavam que ela sempre usava. Depois disso, foi levada até um espelho enquanto as criadas seguravam vestido após vestido contra seu corpo, apertando os olhos, examinando, de alguma forma chegando à decisão de que Ayla ficaria melhor em um azul profundo. Ayla abriu a boca para protestar – ela nunca gostou de usar vestidos – mas um olhar penetrante de uma das servas, uma garota alta de pele clara, a calou. Ela se permitiu ser vestida, seu cabelo oleado e penteado, embora o pente continuasse prendendo em seus cachos e doesse como o inferno. Quando examinou seu reflexo, foi como olhar para Storme: alguém cujo rosto se parecia distantemente com o dela, mas não era o mesmo. Pele brilhante, roupas finas, cabelo liso e brilhante como pele de foca. Ayla não pôde deixar de pensar em seu tempo como serva, fazendo tudo isso por…

Crier.

Preparando um banho, derramando vários óleos de cheiro doce na água, lavando o cabelo de Crier, passando as mãos ensaboadas por ele. Ajudando-a a sair da banheira com pés em garra, os olhos se desviaram, entregando-lhe uma toalha. Escovando os cabelos, respirando o perfume de rosas, lavanda, cravo. Afastando-se

enquanto Crier vestia suas roupas íntimas. Ajudando-a a vestir o último vestido ridiculamente complicado.

— Tudo bem — disse a criada pálida, avaliando Ayla com as mãos nos quadris. — Acho que você está apresentável. — Foi a primeira vez que alguma delas se dirigiu a Ayla diretamente.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Ayla.

A criada ignorou seu tom. — Você foi chamada ao aviário para uma audiência com a rainha. Você deve se juntar a ela assim que terminar o café da manhã.

— Café da manhã?

Como se fosse uma deixa, a porta do quarto se abriu novamente e um ajudante de cozinha entrou carregando uma travessa enorme coberta com um pano branco. Ele o colocou na mesinha ao lado da cama e saiu correndo, fechando a porta atrás de si.

— Café da manhã — disse a criada pálida, acenando com a cabeça para o prato.

Lentamente, com cautela, Ayla foi até a travessa e ergueu o pano branco. O vapor subiu, aquecendo suas bochechas, junto com o cheiro de dar água na boca – estrelas e céus, tudo. Um pedaço inteiro de pão marrom escuro. Um prato de peixe salgado, um prato de salsicha. Tigelas de manteiga e geléia, *dois tipos de geléia*. Uma grande tigela de mingau, uma pequena jarra de creme, mais pequenas tigelas de açúcar, mel e groselha. Era como a festa do festival da noite anterior em miniatura. Era o suficiente para alimentar uma família. Era – tudo para Ayla?

Ela se virou para as servas. Todas as três tinham a mesma idade de Ayla ou talvez alguns anos mais velhas. Ela poderia facilmente ser uma delas. Duas semanas atrás, ela tinha sido uma delas.

— Vocês vão comer também? — perguntou a elas.

— Não, senhora — disse a mais baixa, sobrancelhas escuras franzidas. — Isso é para você, cortesia da rainha.

— Mas eu não posso comer tudo isso.

Nenhuma delas respondeu. Apenas olharam para ela.

— Por favor — disse ela. — Eu sou uma convidada da rainha. Ela as instruiu a fazer o que eu digo, não foi? Comam comigo.

As três trocaram olhares. — . . . Isso é uma ordem? — Disse a mais baixa. Ela tinha uma voz baixa e rouca, naturalmente

melodiosa, uma voz feita para cantar.

— Não, se vocês não quiserem — disse Ayla. — Mas se vocês estão com fome, então sim, é uma ordem. Não consigo terminar tudo isso, vou ficar enjoada. Melhor acabar na barriga do que nos cochos dos porcos reais.

A terceira serva, que ainda não dissera uma palavra, escondeu um sorriso na manga.

— Muito bem — disse a pálida. — Se for uma *ordem*.

Desta vez, todas as três servas sorriram.

Depois que todas as migalhas acabaram e a tigela de mingau ficou limpa, a serva mais baixa, que se apresentou como Maris, levou Ayla ao aviário. Foi então que Ayla soube que aviário era um nome chique para uma grande sala cheia de pássaros, o que parecia a pior coisa com que se poderia encher uma sala. Ainda assim, era lindo: arejado, circular, com um teto alto em cúpula de vidro, o céu azul da manhã visível muito acima. Uma série de degraus levava ao centro da sala, onde havia uma plataforma de pedra com duas cadeiras douradas em formato de trono. O resto do chão era escuro e solo úmido. Havia plantas por toda parte: pequenas árvores retorcidas ao redor do perímetro da sala, ramos de flores laranjas e amarelas, videiras frondosas subindo pelas paredes, uma espessa sarça de rosas selvagens. Pássaros voavam pelo ar, alguns comuns como pardais e outros estranhos e exóticos, com penas verdes brilhantes. Faisões pequenos e gordos marchavam bicando a terra; beija-flores mergulhavam seus longos bicos nas flores. O canto dos pássaros ecoou pelo espaço aberto, trinados agudos e gritos baixos e roucos, uma cacofonia de canções e gritos. Havia borboletas também, e Ayla se lembrou da borboleta Criada que pousara em sua cabeça na noite anterior, alertando os guardas do festival de sua presença.

Ela estava tão ocupada esticando o pescoço para ver os pássaros voando ao redor no ponto mais alto do teto abobadado que não percebeu que a rainha já estava lá até que Maris a empurrou para frente, sibilando: — *Não a deixe esperando.*

Ayla cambaleou para a frente, seguindo pelos degraus até a plataforma. A rainha Junn estava sentada, de costas para a porta do aviário, sua forma escondida pelo encosto alto da cadeira. Uma

mesinha estreita entre as duas cadeiras continha uma bandeja de chá de prata, um bule e duas xícaras. Até Ayla escalar a plataforma, tudo o que ela podia ver da rainha era sua mão: ela mexia o conteúdo de uma das xícaras de chá com o dedo.

— Ayla — a Rainha Junn a cumprimentou.

Ayla fez uma reverência, superficial. — Você me chamou?

— Sente.

Ela se sentou em frente à rainha.

— Tome uma xícara de chá, Ayla.

A Rainha Junn estava bebendo pedra-coração, vermelho escuro. A segunda xícara de chá estava cheia com o que parecia um chá de ervas comum. Ayla a pegou, deu um gole e fez uma careta quando sentiu que queimava a língua. Quando ela olhou para cima, a rainha estava olhando para ela. À luz do sol amarela do aviário, a rainha parecia estranhamente jovem. Muito mais suave do que na noite anterior na sala do trono – ou algumas semanas atrás no palácio de Hesod, primeiro à luz de velas, depois sob um céu acinzentado. Ela não estava usando um vestido neste momento. Na verdade, ela estava com uma calça e uma camisa que parecia quase o antigo uniforme de criada de Ayla, se o uniforme fosse verde e feito de seda.

— Estou feliz que você veio até mim, Ayla — disse a Rainha Junn. — Estou feliz por você ter buscado refúgio em Thalen. Ou pelo menos buscado seu irmão.

Ayla tentou não reagir visivelmente, mas a rainha viu através dela.

— Sim, eu sei quem você é — disse ela, divertida. — A irmã gêmea de Storme. Ayla.

— Ele disse a você, então.

— Mesmo antes de ele me contar, eu já tinha minhas suspeitas. Vocês dois compartilham uma semelhança passageira, mas seus *maneirismos* . . . Era como jantar com Storme e seu reflexo. Você faz as mesmas expressões, embora as dele sejam mais abafadas; ele é muito melhor em controlar suas emoções. Você carece de sutileza, criada. — Junn lançou um olhar penetrante para Ayla, como se dissesse: *Você deve melhorar isso.*.

Isso a irritou. Ayla lembrou-se das próprias palavras de Storme na noite em que o confrontou no corredor do palácio, quase chorando, implorando por respostas: *Como você acabou em Varn? Como você se tornou conselheiro da rainha?*

Por que você não voltou por mim?

Storme, irritantemente calmo, dissera: *Estrelas e céus, Ayla. Diminua seu tom de voz. Controle-se.*

— Suas sobrancelhas . . . — a rainha estava dizendo, arqueando uma das suas. — A torção de sua boca quando você está descontente. Sim, assim. Ele faz a mesma coisa. E eu sabia que ele havia perdido uma irmã em seu país natal. Eu me perguntei no primeiro momento em que te vi.

— Então . . . você vai me deixar ficar aqui até que ele volte? — Perguntou Ayla. Ela não se importava com as reflexões da rainha, a forma como suas palavras circulavam como aves marinhas. Por que as pessoas poderosas não podiam simplesmente ir direto ao ponto?

— Eu deixaria você ficar aqui de qualquer maneira — disse Junn. — Eu acho que você pode ser de grande utilidade para mim.

Ayla abriu a boca. Fechou de novo. Considerou os riscos de contar a Junn tudo o que sabia sobre Scyre Kinok em vez de esperar por Storme. Quinze dias era muito tempo perdido. Mas pelo que ela sabia, ela poderia contar a Storme e ele diria: *Não podemos contar para a rainha, ela está trabalhando secretamente com ele.* A rainha Junn poderia enviar todas as penas verdes do mundo e Ayla ainda não confiaria nem um pouco nela. E se ela falasse e tudo o que conseguisse fosse uma estadia na masmorra?

Rainha Junn levou sua xícara de chá aos lábios, o vapor ondulando diante de seu rosto como o rabo de um gato branco. — Você é inteligente — disse ela, tomando um gole da pedra coração líquida. — Se você for como seu irmão, você possui uma mente perspicaz, voltada para a ciência, para a estratégia. É trágico, realmente, quando grandes mentes são limitadas apenas pelas circunstâncias. Você não é mais uma criada, Ayla. Suas circunstâncias mudaram, e também seus limites. — Seus lábios, manchados de um vermelho profundo com pedra-coração, se curvaram em um pequeno sorriso privado. — Isso, e. . . Uma vez conheci alguém como você. Uma garota que passou muitos anos

presa em uma gaiola dourada, esperava apenas se apresentar, cantar quando instada, servir, de outra forma ficar em silêncio. Ela nunca foi uma serva, mas isso não a libertou. Sua única fuga foi . . . livros. Cartas. O mundo exterior existia apenas em fragmentos, apenas atrás das vidraças. Exceto quando ela lia e quando escrevia.

— Isso é muito bonito — disse Ayla. — Mas não faltam pessoas inteligentes ou enjauladas. Qual é o verdadeiro motivo?

O sorriso da Rainha Junn se aguçou. — Viu? Garota esperta. No ano passado, tenho monitorado de perto as correspondências do Soberano Hesod. Meus espiões interceptaram centenas de cartas, documentos e mensagens codificadas entre ele e vários membros do Conselho Vermelho, além de uma rede de outros contatos em Zulla. Eu li tudo milhares de vezes, procurando informações sobre Scyre Kinok e as próprias negociações clandestinas do soberano, para quaisquer ameaças potenciais contra Varn. No entanto, sou uma estranha. Achei muito da linguagem codificada do soberano impenetrável. Mesmo seu irmão e outros rabunianos não puderam ajudar. Mas você, Ayla . . . você viveu dentro das paredes do palácio. Você foi serva da filha do soberano.

— Não sei ler — disse Ayla sem rodeios. — Acho que não vou conseguir decodificar nada.

— Você pode ser ensinada.

— Então você quer me ensinar a ler para que eu possa . . . — começou Ayla, depois parou. Não, esse ainda não era o verdadeiro motivo pelo qual a rainha a considerava útil. Era uma desculpa, um teste ou apenas uma maneira de manter Ayla ocupada; evitar que ela faça perguntas. A rainha queria algo mais dela. Ayla simplesmente não sabia o quê.

Bem, se isso significasse ver Storme, Ayla poderia brincar de estudante. Por enquanto.

Ela esperava que a rainha realmente tivesse segundas intenções. Ayla não conseguia se ver sendo boa em decifrar uma linguagem codificada, por mais inteligente que fosse. Havia mil tipos diferentes de inteligência, não é? Ayla era muito inteligente. Heterogênea. Ela tinha uma certa rapidez em seus pés, graças a Rowan. As longas tardes de treino com Benjy no meio da casa de Rowan, uma vez que quase caiu de costas no fogo da lareira. Ela foi

bem treinada. Ficando subitamente mole – isso era tudo Rowan. *Sempre os pega de surpresa*, disse ela. Ayla perguntou: *Quantas vezes exatamente você precisou de uma fuga rápida?* E Rowan apenas sorriu, a pele enrugando como couro velho ao redor dos olhos.

Pensar em Rowan doía como um osso quebrado.

Ayla tinha nove anos quando os homens do soberano invadiram sua aldeia e a incendiaram. A única razão pela qual ela sobreviveu foi Storme. Ele a empurrou para o banheiro externo, para o buraco negro onde os dejetos humanos se acumulavam até os joelhos. Quando ela emergiu, sua família inteira estava morta – ou assim ela pensava. Ela não se lembrava dos detalhes das semanas seguintes. De alguma forma, ela fez seu caminho descendo a costa rochosa até a vila de Antrokalla. Mas o inverno do norte nunca passava sem ceifar algumas vidas, e Ayla – pequena, faminta, arrasada pela dor – teria sido uma delas. Foi Rowan quem a encontrou nas ruas nevadas. Recebeu-a, aqueceu-a e alimentou-a, disse: *Fique, passarinho, fique pelo tempo que quiser*. Benjy tinha uma história semelhante: abandonado quando recém-nascido, criado em um templo. Aos nove, ele fugiu para se juntar à Revolução. Rowan o encontrou e o colocou sob sua proteção. Ela sempre fez isso ao longo dos anos: cuidava de crianças perdidas, alimentando viajantes e fugitivos e qualquer pessoa que precisasse, não importava quão jovem ou velho.

Mas ela não era apenas uma guardiã. Ela também era uma revolucionária. A chefe de uma rede de sussurros, o centro da Resistência no norte de Rabu. Foi Rowan também quem entendeu a necessidade de vingança de Ayla melhor do que ninguém.

Foi Rowan que morreu na espada de um Automa. Bem na frente de Ayla. Nem mesmo três semanas atrás. E doía. Doía e, ao contrário de um osso quebrado, Ayla não achava que isso sararia.

Ayla respirou fundo, esperando que a rainha não percebesse.

— Não posso prometer nada — disse. — Mas eu tentarei.

A Rainha Junn se inclinou para frente. Seus olhos eram castanhos claros como madeira flutuante. — Deixe-me deixar uma coisa bem clara — ela disse calmamente. — Se a maré se mudar para meu favor, Scyre Kinok estará morto no meio do verão. E as

marés sempre mudam na minha direção, donzela Ayla. Se há uma força neste mundo, piedosa ou não, ela me favorece.

— Você confia na boa sorte? — Perguntou Ayla, tentando controlar o choque. A rainha planejava erradicar Kinok. — Você confia em deuses e estrelas?

— Eu confio em mim mesma — disse Junn. — Favorecida ou não.

Ayla tomou outro gole do chá quente demais, pensando. Ela não pensou por um segundo que matar Kinok era o único objetivo de Junn – afinal, o que ela ganharia com a morte dele? Provavelmente havia uma dúzia de outros planos, uma dúzia de outros esquemas mantidos perto do baú, escondidos nas sombras. Concordar em trabalhar para Junn era como entrar com os olhos vendados em um quarto escuro como breu, sabendo muito bem que o chão estava coberto de ratoeiras e continuar mesmo assim. Mas . . .

Se alguém fosse matar Kinok, a Rainha Louca parecia uma boa aposta. E talvez Ayla pudesse até fazer alguma espionagem por conta própria, em busca de qualquer informação que pudesse ajudar a Resistência humana. Por anos, seu povo vinha tentando se rebelar contra os Automae. Durante anos, as tentativas terminaram apenas em morte.

O rosto de Rowan passou pela mente de Ayla mais uma vez antes que ela erguesse o queixo, encontrando os olhos de Junn. — Você pode confiar em mim também, sua majestade.

— Adorável — disse Junn. — Agora, como prova de minha gratidão, tenho um presente para você.

Ela sabia o tempo todo que eu diria sim, Ayla pensou, tentando não fazer cara feia.A porta do aviário se abriu, as guardas dando um passo para o lado para deixar um criado passar. Um pajem, embora mais alto que a maioria, no verde costumeiro. Com a cabeça inclinada em deferência, ele cruzou as pedras e se ajoelhou diante da plataforma, oferecendo à rainha uma pequena caixa de prata.

— Bem? — Disse a rainha, quando Ayla não se mexeu. — É para você.

Ayla pegou a caixa, rezando para que não estivesse cheia de pólvora explosiva, névoa venenosa ou algum tipo de engenhoca Criada que a apunhalasse no rosto – apesar do aparente interesse

da rainha em mantê-la viva, ela não estava prestes a confiar em uma sanguessuga real. Tentando não se encolher muito obviamente, ela abriu a tampa.

Não era uma arma. Era uma pulseira.

Ayla franziu a testa. Ela inclinou a caixa de um lado para o outro, deixando a luz do sol capturar todos os ângulos da pulseira. Era uma delicada corrente de ouro com uma pequena joia azul pendurada nela, brilhando ao sol. Era bonita, claro, mas – Ayla deveria *usá-la?* Oh, talvez ela pudesse vendê-la. Discretamente, é claro, para não ofender, mas a joia sozinha deveria valer pelo menos cem moedas da rainha de prata. E se aquela corrente fosse ouro de verdade . . .

— Obrigada — disse ela. — É muito bonita.

Por alguma razão, a rainha riu. — Ah sim é — ela disse. — Mas esse não é o ponto. Garota esperta, você realmente deveria ser mais observadora.

— O que–? — Ayla começou, e então ela seguiu o olhar da rainha até – o pajem. Ele ainda estava ajoelhado no chão, imóvel, a cabeça baixa, mas agora que Ayla estava olhando, realmente olhando, havia algo terrivelmente familiar naqueles membros longos, naquele cabelo escuro e encaracolado. — *Benjy?*

Benjy, o pajem, ergueu os olhos. — Oi, Ayla.

A rainha Junn os deixou sozinhos no aviário, saindo da sala com um último sorriso de mercúrio. As guardas ficaram para trás. Ayla desceu para se sentar ao lado de Benjy na beirada da plataforma de pedra, os ouvidos zumbindo com o canto constante dos pássaros, e não pôde deixar de olhar boquiaberta para ele. Em um palácio como este, ela teria ficado menos surpresa se tivesse visto um fantasma.

— *Como* — ela explodiu, no segundo em que a porta se fechou atrás da rainha. — Como–o que–?

— Fui capturado por um dos guardas do festival — explicou Benjy. — Logo depois de você – na verdade eu os vi pegando você, não estava muito longe, mas meio segundo depois eu estava sendo jogado no chão. — Ele bufou. — Eles estavam prestes a me jogar nas masmorras durante a noite, mas fomos interceptados no caminho para lá. Uma das mulheres guardas, daquelas todas de

verde. Disse que eu não estava indo para as masmorras, mas sim com elas. Então eu fui entregue, e a guarda me levou a um *quarto de hóspedes* e me disse para ficar confortável. Não tentei lutar contra isso – imaginei que você estivesse por aqui em algum lugar e eu não seria de grande ajuda se fosse enviado de volta às masmorras. Então, esta manhã...

— Deixe-me adivinhar — disse Ayla. — Você tomou banho.

As diferenças eram óbvias: seus cachos estavam macios e brilhantes, a sujeira fora removida de sua pele, o cheiro salgado de peixe podre-clandestino substituído pelo cheiro de óleos perfumados. Onde ele estava deixando crescer a barba enquanto estavam fugindo, agora estava barbeado, parecendo mais jovem por isso.

Ele revirou os olhos. — Não consigo imaginar o que te entregou isso.

— Para começar, posso ver suas sardas de novo — brincou ela. — Mas, eles me pegaram também.

— Eu posso dizer. Você cheira bem . . . — ele cheirou o ar dramaticamente. — Deuses, isso é lavanda?

Ayla bufou, fingindo empurrá-lo para longe. — Eu sei, é muito, eu me sinto como Cr– — ela parou, engolindo em seco. — Como uma dama.

Ela podia sentir Benjy olhando para ela, seu olhar intenso no lado de seu rosto, mas ela não conseguia olhar para trás. Apenas olhou para seu colo, mas até isso era estranho. Seu colo não costumava ser coberto com camadas de brocado de azul profundo.

— A rainha quer me treinar — Benjy ofereceu, quieto. — Recapitular minhas habilidades de combate, algo assim. Você sabia que alguns dos guardas aqui são humanos? Antes de eu vir aqui, eles me mostraram o arsenal. Eu nunca vi tantas armas em minha vida. Você acha que eu seria bom no arco e flecha? Acho que não. Eu sou melhor de perto, eu acho, porque tenho um alcance muito longo — ele pigarreou. — Mas talvez se...

— Lamento não ter conseguido matar Crier — explodiu Ayla. Ela estava se segurando pelo que parecia mil anos, desde a noite em que fugiram do palácio, e aqui, agora, estava quebrando. Talvez fosse a sensação fria e claustrofóbica de que ela simplesmente

trocou uma gaiola dourada por outra; talvez fosse a confusão sobre os motivos da Rainha Junn; talvez fosse o alívio estonteante de ver Benjy novamente, saber que ele estava bem, que nenhum dos dois estava sozinho neste palácio, nesta cidade, neste país. — Eu sinto muito. Eu sinto tanto. Eu estraguei tudo. Eu coloquei sua vida em perigo, eu poderia ter causado sua morte, só porque eu não poderia – eu não poderia...

Acima deles, os pássaros circulavam e cantavam.

— Eu sei que você sente — disse Benjy por fim. Ele estendeu a mão e pegou a dela, apertando uma vez. — E . . . Eu sei porque você não poderia.

Ela balançou a cabeça, sem ter certeza do que estava negando, apenas que tinha que negar.

— Você esquece que eu a conheço melhor do que ninguém — disse ele. — Você a quer. Ou a ama. Ou pelo menos algo próximo. Algo tão intenso quanto o seu ódio — ele apertou a mão dela mais uma vez e a soltou. — Eu estava furioso com você. Ainda estou, acho. Não vou fingir o contrário. E não vou fingir que entendo como você pode se importar com ela, depois de tudo. Como ela se tornou seu ponto fraco. Como ela a deixou mole. Mas eu . . . tentarei aceitar, eu acho. Eu aceito isso, eu aceito – aconteça o que acontecer. Eu não sei. Sim, estou furioso, mas sim, você é minha melhor amiga, e sim, eu te amo. Até que me matem e além. Nós dois poderíamos ter morrido naquela noite, mas aqui estamos. E agora estamos cooperando com a própria rainha dos sanguessugas. Em nome da Revolução, o bem maior, em nome de parar Kinok, mas ainda assim. É um compromisso. Isso faz minha pele arrepiar. E farei isso de qualquer maneira.

— Você acha que Rowan iria querer isso? — Ayla sussurrou. — Este compromisso?

Os dois se encolheram. Foi a primeira vez que qualquer um deles disse o nome de Rowan em voz alta desde sua morte.

Rowan, sua guardiã, sua salvadora.

— Não sei o que Rowan iria querer — disse Benjy. — Se ela nos diria para cooperar com a rainha dos sanguessugas ou não. Mas ela iria querer que ficássemos juntos. Então vou fazer a coisa de rastejar pela pele. Com você.

Os olhos de Ayla ardiam. — Sim — disse asperamente. — Sim. Com você, sempre, não importa o quê. Até a morte e além. Mas– mas o que você disse… você está errado. — Seus punhos estavam cerrados. Ela os abriu, flexionando os dedos. — Você está *errado*. Eu não – eu nunca poderia querer Crier. Nunca a amarei. Eu nunca amaria uma sanguessuga.

enjy ficou muito tempo sem responder. Por fim, tudo o que ele disse foi: — Tudo bem, Ayla — e ele disse isso tão *gentilmente* que ela teve vontade de bater nele ou chorar.

As aulas começaram no dia seguinte após o café da manhã.

Depois que as servas tiraram os pratos do café da manhã e saíram correndo do quarto, Ayla sentou-se na cama em forma de nuvem, esperando. Ela nunca tinha feito nada assim antes. O mais perto que ela chegou foi sentar-se nas intermináveis sessões de tutoria de Crier na biblioteca do palácio, mas aquelas tinham sido tão enfadonhas – matemática avançada, diplomacia, minúcias de eventos que aconteceram mil anos atrás em reinos de que Ayla mal tinha ouvido falar. Ela fez todo o possível para *não* ouvir.

Ela não sabia o que esperar. Mas certamente não era Lady Dear.

Ayla a odiou à primeira vista.

Ela era uma nobre Automa, e tudo nela anunciava: o vestido violeta escuro; as joias pingando de sua garganta, pulsos, orelhas; os anéis incrustados de gemas em cada dedo; o pente de porcelana branca segurando seu cabelo no lugar. Sua pele negra era clara como o leito de um rio, sua clavícula polvilhada com algo que brilhava à luz da lamparina, como se ela tivesse espalhado poeira estelar em sua pele.

— Tire essa expressão do seu rosto — foi a primeira coisa que Lady Dear disse depois de se apresentar, olhando para Ayla por baixo do nariz. Ela era mais velha, talvez perto dos cinquenta, embora fosse difícil dizer com Automae.

Ayla tentou suavizar sua expressão. As palavras da Rainha Junn vieram à mente: *Você carece de sutileza.*

— Preste atenção, garota — disse Lady Dear, e sua voz estava menos fria, mais cansada do que Ayla poderia ter esperado. —

Agora mesmo, sua majestade acha que você pode ser útil. Eu sugiro que você se mantenha assim.



4

Sob o peso do que Faye a disse, todos os pensamentos sobre sua própria conclusão pareciam insignificantes. Crier tinha que contar a seu pai sobre os planos de Kinok. Se o que Faye havia dito fosse verdade, se Kinok planejasse destruir o Coração de Ferro, seria o suficiente para fazer seu pai entender exatamente do que Kinok era capaz – que o Movimento Anti-Dependência não era apenas um movimento. Para Kinok, significava controle absoluto, poder absoluto. O destino da espécie Automa em suas mãos. Uma vez que o soberano entendesse isso, é claro que ele não forçaria sua filha a se casar com um monstro. O casamento seria cancelado, Kinok seria preso e tudo estaria acabado.

— Fique aqui. — Crier ordenou a Faye. Os guardas do lado de fora da porta de Crier pareciam surpresos, tanto quanto pareciam

alguma coisa. Crier se imaginou: vestida para seu próprio casamento, no rosto um sorriso de horror e. . . raiva, ela percebeu. Estava com *raiva*. Ela se ergueu em toda a sua altura. — Leve-me ao meu pai.

— Lady Cr...

— Eu disse, leve-me ao meu pai — repetiu, a voz dura. — Me questione mais uma vez. Se atreva.

Sem dizer uma palavra, eles a conduziram pelos longos corredores em direção à ala norte, para os aposentos de seu pai. Crier tentou se acalmar. Se parecesse chateada, seu pai a descartaria como se ela fosse uma criança em um ataque de raiva; ele não ouviria uma palavra do que ela diria. Ela tinha que ser completamente racional.

Seus olhos dispararam para as tapeçarias nas paredes do corredor, as cenas da história de seu povo: tantas imagens da Guerra das Espécies, sempre triunfante, um esmagamento de corpos humanos subservientes curvando-se para os Automae superiores, bem ali no campo de batalha. Crier cresceu cercada por essas imagens, sem nunca realmente questioná-las. Ela tinha lido tantos livros sobre história humana, escrito tantos ensaios defendendo um melhor tratamento para a espécie humana, mas ela nunca tinha pensado nas cenas de guerra nas paredes de sua própria casa. As guerras eram vencidas por qualquer lado que causasse mais sofrimento. Como isso era algo para se orgulhar?

Agora, uma nova guerra. Reunindo-se como sombras quando a noite começara a cair. Kinok e MAD contra. . . todos. Um nível de sofrimento que, Crier, nem poderia começar a imaginar.

Eles chegaram ao quarto do pai dela, onde mais guardas estavam posicionados fora de seu quarto. Crier ignorou os olhares suspeitos que eles lhe lançaram e gritou: — Pai!

Quando Hesod abriu a porta, ele não parecia satisfeito. Parecia que estava saindo para o salão de baile para fazer suas aparições com os convidados; estava vestido de vermelho escuro, a testa adornada com uma fina faixa de ouro que Crier só o vira usar algumas vezes antes. Suas vestes vermelhas já estavam presas em seus ombros, o brasão da Família Hesod em sua garganta; parecia menos com seu pai e mais com o soberano do que nunca. — Entre

— disse, e no momento em que a porta se fechou atrás de Crier, se virou para ela. — *O que você pensa que está fazendo?*

— Pai...

— Seu casamento é em menos de uma hora — disse ele. — Você deveria estar no salão de baile. O que *diabos* você está fazendo aqui?

Crier se encolheu. Nunca tinha ouvido seu pai praguejar antes. — Pai, eu tenho que te dizer uma coisa. Por favor, não me mande embora. Por favor, escute. — O mais rápido possível, embora ainda parecendo calma e racional e qualquer coisa diferente de *apavorada*, ela o contou o que havia descoberto, com cuidado para deixar de fora qualquer menção a Faye. Ela continuou esperando por sua indignação, mas sua expressão permaneceu em branco. — Pai — disse ela quando terminou e ele ainda não tinha respondido. — Pai, você não entende o que estou dizendo?

Hesod estava apenas *olhando* para ela. Desesperada, Crier estendeu a mão, mas foi interrompida por seu pai, que agarrou seu pulso com tanta força que parecia que iria quebrá-lo. — O que você está fazendo? — Ela disse, lutando contra seu aperto. — Pai, por favor, me escute, Kinok está planejando...

— Destruir o Coração de Ferro — disse Hesod. — Menina tola. Você acha que eu não sabia?

Ela congelou.

— Garota tola — ele disse novamente. — Eu projetei você com inteligência, mas tudo o que você fez foi usá-la para ler livros. Você não tem compreensão deste mundo. Você realmente acredita que eu não sei o que a escuridão está se movendo em meu próprio país, em meu próprio palácio? Nem todos nós somos como você, filha. — Ele apertou seu pulso e ela teve que reprimir um grito de dor. — Por que você acha que vai se casar com ele?

— Para. . . — ela sussurrou. — Para. . . fazer uma ponte entre as diferenças entre Tradicionalismo e o Movimento Anti-Dependência. Para promover uma . . . aliança.

— Eu esperava que você visse sob a superfície dessa união, — disse Hesod — mas suponho que mesmo isso fosse pedir muito. No passado eu superestimei você, filha; Não vou cometer esse erro novamente. Você está se casando com Scyre Kinok porque ele é

uma ameaça e uma bênção. Eu não posso matá-lo. Se ele morrer, ele se torna um mártir. Seus seguidores se levantariam contra mim; metade do Conselho Vermelho se viraria. E . . . Eu não quero mais matá-lo. Seu trabalho pode me beneficiar – pode beneficiar a todos nós – se for bem-sucedido.

Turmalina. Ele devia estar falando sobre a busca pela Turmalina. Ele simplesmente não sabia que Crier sabia.

Seu pai ansiava pela imortalidade também?

Ele, como Rosi com sua Sombra Noturna, caiu nas mentiras de Kinok?

Pai, ela pensou. *O que ele te prometeu?*

— Então ele não pode morrer — disse Hesod. — Mas não se engane: não confio nele. Eu quero saber o que ele está fazendo, agora e sempre. *Mantenha seus inimigos por perto*, como dizem os humanos. Coisinhas espertas, eles têm um ditado para tudo — ele finalmente soltou seu pulso. — É por isso que você vai se casar com ele, filha. É para isso que você foi Criada – você, a peça de xadrez, a oferta, o sacrifício que estou disposto a fazer. Há tanto tempo que jogo este jogo. Sempre soube que algum dia haveria um inimigo que eu não poderia matar.

— Você sabia sobre os planos dele — disse Crier com a voz vazia. Ela não conseguia nem pensar no resto do que ele estava dizendo. — Ele quer governar a todos nós, e você sabia, e– e os humanos?

O que Kinok, todo-poderoso, faria à humanidade?

— Os lobos se preocupam com a matança de ovelhas? — Disse Hesod.

Crier deu um passo para trás e depois outro.

Ela olhou para Hesod, realmente olhou para ele, e tentou reconciliar o Automa que estava diante dela com aquele que a criou. Aquele que a deixara sentar-se com ele em seu escritório durante toda a noite, lendo livros, ajudando com suas correspondências, às vezes até falando de política. Aquele que tinha . . . a deixado fazer essas coisas, apenas para sorrir condescendentemente e rejeitá-la quando ela apresentasse qualquer crença que não se alinhasse com a dele. Aquele que sabia o quanto ela queria um lugar no Conselho Vermelho, o quanto queria seguir seus passos, e nunca,

nem por um momento, a levou a sério. Aquele que pensava que ela era estúpida e ingênua por – por não querer mais ser um monstro.

— Eu entendo, pai — disse, abaixando a cabeça. — Você está certo, é claro. Peço desculpas pela minha estupidez.

— Você testa minha paciência, criança — disse Hesod. Então, diante de seus olhos, a máscara fria caiu; ele se tornou o encantador e jovial Soberano Hesod novamente, entretido com a ingenuidade de sua filha. — Mas você está perdoada, contanto que você vá para o salão de baile imediatamente. A cerimônia começará em breve, e as servas estarão se perguntando onde você está.

— Sim, pai — disse ela. — Eu te vejo lá. — E o deixou.

Dentro de seu peito, havia um buraco onde seu coração deveria estar. Talvez houvesse uma coisa que Crier tivesse em comum com Kinok. Deste dia em diante, ela não acreditava mais na família.

Deste dia em diante, Hesod não era seu pai.

Sua mente estava estranhamente quieta. Ela se sentia tão distante de seu corpo, como se tivesse recuado para algum canto distante de sua própria cabeça, em algum lugar macio e silencioso. Seu corpo fazia coisas e ela apenas observava, uma observadora distante, curiosa para ver o que aconteceria a seguir.

Seu corpo esperou até que ela e seus guardas estivessem fora do alcance da voz dos guardas de seu pai. Em seguida, seu corpo disse aos guardas para irem para o salão de baile antes dela, como seu pai a instruiu a ficar alguns minutos sozinha. Seus últimos minutos como donzela, desamarrada. Quando seus guardas hesitaram, seu corpo disse: *Ordens do Soberano. Você gostaria de voltar lá e desafiá-lo vocês mesmos?*

Uma vez sozinha, seu corpo fez o seu caminho através do palácio para os aposentos de Kinok. Ela caminhou em um ritmo constante, queixo erguido, através de corredores dourados, desceu um lance de escadas de mármore e passou por muitos guardas, e nenhum deles ousou se aproximar dela. Ela chegou aos aposentos de Kinok, e seu corpo abriu a fechadura da porta de seu escritório. Foi fácil; ela tinha feito isso antes. E ele estaria lá em cima, cumprimentando todos os convidados, charmoso e amável para todos.

Seu corpo deslizou para dentro. Havia uma estante de livros atrás da mesa. Em uma das prateleiras, ao lado de uma pequena bola de vidro, havia um medalhão de ouro pesado com uma joia vermelha. Parecia exatamente como o que estava atualmente escondido dentro do colchão, um andar acima e duas alas depois. Seu corpo o pegou, deslizando-o pela frente de seu vestido e saiu do escritório.

O corpo, movendo-se mais rápido agora, viajou de volta para seu quarto.

Faye ainda estava lá, sentada na cama de Crier, olhando para o nada, e levou um longo momento para reagir quando Crier entrou. Como se ela também estivesse e não estivesse aqui ao mesmo tempo.

— Minha senhora — disse Faye. — Você não vai se casar em breve?

— Não — disse Crier. — Não, acho que não. Preciso de sua ajuda, Faye.

Faye olhou longamente para ela. Era tão estranho a maneira como ela entrava e saía da lucidez, a maneira como às vezes era acessível e às vezes perdida. Talvez não fosse tão estranho. — Parece perigoso.

— É perigoso — disse Crier.

— O que eu tenho a perder? — disse Faye, e Crier ouviu: *Já perdi o que era mais importante*.

Em minutos, Faye tirou a roupa e Crier estava se debatendo para tirar o vestido de noiva, frenético, um inseto preso em uma teia de aranha. Ela vestiu o uniforme de copeira de Faye: uma camisa larga e calças feitas de tecido vermelho duro, áspero contra sua pele, cheirando a sabão de soda cáustica e suor humano. Em vez de chinelos macios, ela enfiou os pés nos sapatos de couro esfarrapados de Faye. Ela esfregou toda a maquiagem do rosto, removeu todas as joias cerimoniais – mantendo apenas o conjunto de medalhões gêmeos – então, com as mãos trêmulas, penteou o cabelo de coroa ornamentada de tranças e prendeu-o para trás em um trança, enfiada nas costas de sua camisa.

Ao acabar, Crier se olhou no espelho. Ela não parecia humana. Ela ainda era mais alta do que a maioria das garotas humanas, e

seu rosto era inconfundivelmente Criado. Mas ela também não se parecia com Lady Crier, filha do soberano.

Bom.

— Tudo feito, senhora — disse Faye, virando-se. Ela vestiu a roupa mais simples que Crier possuía, um vestido simples de algodão azul. Com sorte, simples o suficiente para não chamar a atenção até que ela pudesse voltar para os aposentos dos empregados e colocar outro uniforme. Quando viu Crier, transformada, ela bufou. — Eu nunca vi um de sua espécie parecer tão . . . comum.

— Azul combina com você — respondeu Crier. — Vamos lá. Antes que os guardas venham me procurar.

Juntas, elas correram para fora do quarto. Com as cabeças inclinadas, Crier esperava que parecessem apenas duas criadas domésticas. O plano era que Crier chegasse aos estábulos, a um cavalo. A maioria dos guardas do palácio estariam posicionados dentro e ao redor do salão de baile agora. Se ia escapar, a hora era *agora*. Se ia fugir dos guardas, precisava de algo mais rápido do que um Automa.

Começaram a descer o corredor principal, mas Faye rapidamente se abaixou em outro corredor, muito menor e menos decorado, usado apenas pelos servos. Crier tinha vivido neste palácio toda sua vida e nunca tinha usado nenhuma dessas passagens. Seus olhos sempre saltavam sobre eles. Agora, eram sua única chance de escapar. A cerimônia deveria começar em menos de meia hora; os guardas certamente perceberam que seus “poucos minutos sozinha” já se prolongavam há muito tempo. Ela se acalmou – não conseguia pensar sobre isso. Teve que manter sua frequência cardíaca baixa. A última coisa de que ela precisava era que seu carrilhão tocasse, alertando todos os guardas do palácio de que ela estava em perigo.

Depois do que pareceu uma eternidade, a passagem terminou com uma porta. — Entrada de criados. — Faye murmurou, e a abriu. Os olhos de Crier se ajustaram à luz do sol imediatamente. Elas haviam saído do palácio pela ala norte. A leste ficavam os jardins de flores e, além, o mar. Bem na frente delas, em um amplo gramado de ervas marinhas, ficavam os estábulos. Crier viu uma fila de

carruagens e caravanas pertencentes aos convidados do casamento, os cavalos sendo cuidados pelos cavalariços.

— Fique perto de mim, senhora — disse Faye. — Não corra a menos que eu mande.

Crier assentiu.

Elas partiram ao longo da orla do gramado, onde fazia fronteira com os jardins; havia um muro baixo de pedra, e parecia um pouco menos com estar ao ar livre, embora a parede só chegasse até a cintura e não oferecesse nenhuma proteção real. Crier continuou esperando ser pega, continuou esperando que alguém gritasse *"Lá está ela!"* mas ela e Faye alcançaram os estábulos sem obstáculos. Provavelmente os guardas ainda estavam vasculhando o palácio. Provavelmente nem haviam começado a pesquisar o terreno. Provavelmente Hesod presumiu que Crier estava chateada, mas ainda era sua *filha obediente* e estava apenas escondida em algum lugar do palácio, esperando para ser encontrada. Ele nunca pensou que ela fosse capaz de qualquer coisa. Definitivamente não pensaria que ela fosse capaz de fugir.

Os estábulos eram divididos em duas seções: uma para os cavalos do soberano, todos puros-sangues e cavalos de guerra do melhor estoque, e a outra para os cavalos dos servos, usados para puxar arados e carregar mensageiros. Faye conduziu Crier até a seção dos servos e juntas empurraram as pesadas portas de madeira para a escuridão fria, onde o ar cheirava a feno e o cheiro almiscarado de animais. Todos os cavalariços estavam ocupados com os cavalos dos convidados; Faye e Crier estavam sozinhas. Rapidamente, elas selaram um dos cavalos dos mensageiros – uma égua jovem e forte que estaria acostumada a viajar longas distâncias.

— Para onde você está indo, senhora? — Faye sussurrou enquanto colocava a broca na boca do cavalo. — Você me deve pelo menos isso.

Crier ainda não tinha certeza. Ela tinha um plano incompleto em mente: primeiro, iria para a propriedade de Rosi, esperaria que Rosi voltasse do não casamento. Rosi bajulava Kinok. Se Crier pudesse convencê-la de que Kinok havia planejado isso, que seu desaparecimento era parte de um plano ultrassecreto e que ele

confiava em Rosi, acima de qualquer outra pessoa, para proteger Crier, talvez Rosi a abrigasse até que ela descobrisse o que fazer a seguir. Para onde ir a seguir.

No fundo, Crier já sabia para onde ela iria em seguida. Ela simplesmente não queria admitir.

— Encontrar a única pessoa que pode parar Kinok — ela disse, e montou no cavalo. Ela mal colocou os pés nos estribos quando as portas do outro lado dos estábulos se abriram.

— Lá!

Os guardas a encontraram.

Ela e Faye se entreolharam ao mesmo tempo, trocando um olhar horrorizado. Crier começou a dizer: *rápido, suba aqui comigo, vamos, mas...*

— Vá! — Disse Faye, e acertou o cavalo com força no flanco.

O cavalo assustou-se, relinchou e saltou para a frente através das portas abertas do estábulo, em direção à luz do sol. Crier engasgou, voltando-se para olhar para Faye – os guardas já a haviam alcançado, *não, não* – mas Faye nem parecia assustada. Ela estava imóvel, olhando para Crier, mesmo quando um dos guardas a agarrou pela garganta. Os outros guardas correram atrás de Crier, e eles eram Automae, eram rápidos, a alcançariam e fariam tudo isso ser por *nada* se ela simplesmente não *fosse.*

Crier estalou as rédeas, cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e deixou tudo que ela conhecia para trás.

O local de nascimento das Artes Mágicas tem sido um ponto de discórdia entre os historiadores; cada reino reivindica esse título, cada um pode rastrear o advento das Artes Mágicas em sua própria corte; permanece um mistério cuja afirmação é verdadeira. No entanto, local de nascimento ou não, não se pode negar o reino de Varn – um território que recebeu muitos nomes: dos anos 311 a 429, sob o governo do clã Ta'en, as colinas douradas foram chamadas de Vhi'ros-Kai; após a derrota dos Ta'en por um príncipe estrangeiro conhecido apenas como Príncipe Qell ou Príncipe Corvo, Vhi'ros-Kai tornou-se Qell-den; meados da Era 600, os ancestrais do atual Rei Tiren depuseram o Príncipe Corvo e assumiram o trono, primeiro nomeando seu reino, depois com metade do tamanho que tem agora, Varnandanna; na Era 800, o reino havia se expandido para o oeste até a borda da Grande Espinha, e o nome, em contraste, havia sido encurtado para Varn – não se pode negar que o reino de Varn pratica as Artes Mágicas há centenas de anos; de fato, uma das primeiras menções conhecidas das Artes foi encontrada nos registros pessoais de uma garota cujo nome já se perdeu no tempo (doravante denominada Alquimista X), antes da Era 100, que passou sua vida em uma vila de mineração no que agora é o sudoeste de Varn. Os escritos da Alquimista X incluíram notas extensas primeiro sobre o desejo de transformar chumbo em ouro, mais tarde definir e recriar artificialmente a alma humana; X era fascinada pela matéria prima, essa essência sem forma, a raiz de todas as coisas. Foi a Alquimista X quem projetou o primeiro alfabeto rudimentar dos alquimistas, começando com cinco símbolos: terra, fogo, ar, água, ouro.

—DE UMA HISTÓRIA DOS TERRITÓRIOS DO SUL POR IVY DA FAMÍLIA FANG-THIEL, 3029510850, E. 900, A. 19



5

Três horas na primeira aula com Lady Dear, Ayla começou a reconsiderar se encontrar ou não Storme valia a pena. Aprender a ler e escrever – tanto sua língua materna quanto a alquimia, a língua dos Criadores – era frustrante o suficiente sem que Lady Dear bufasse impacientemente cada vez que Ayla demorava mais de dois segundos para se lembrar de uma letra.

Ela já sabia algumas palavras. Podia escrever seu nome, o nome de Benjy, o de Rowan. *Automa, humano, rebelde, coração.* E podia reconhecer um punhado de outras palavras pela forma, se não, soletrá-las ela mesma. Quando se tratava da linguagem dos Criadores, ela conhecia apenas alguns símbolos: a estrela de oito pontas gravada no colar que herdou de sua mãe; os símbolos para sal, mercúrio e enxofre; corpo, mente e espírito. As pirâmides de

fogo e ar então se invertiam para formar água e terra. Foi isso. A linguagem escrita de Zulla usava apenas 24 letras, mas mesmo o alfabeto alquímico mais básico exigia mais de cem símbolos. Era tudo uma questão de memorização, o que não era o forte de Ayla.

Lady Dear estava sentada ao lado de Ayla na pequena escrivaninha, pedaços soltos de pergaminhos espalhados diante delas, alguns cobertos com a caligrafia perfeita e volumosa de Lady Dear e alguns com os arranhões de galinha de Ayla. Elas estavam nisso há tempo suficiente para que o sol da tarde caísse sobre a mesa, transformando o pergaminho em um amarelo-ouro pálido, quase brilhando, a tinta preta parecia azul. Partículas de poeira flutuavam, como estrelas diante dos olhos de Ayla. Ela desejou . . . alguma coisa. O que era isso? O cheiro suave de pergaminho, notas nítidas de tinta, luz do sol aquecendo uma sala.

Uma garota no assento da janela, curvada sobre um livro. A silhueta contra o pôr do sol do início do inverno, luz derramando em torno dela, o céu em chamas, consumindo-se, o azul queimando para revelar o rosa mais suave. Uma garota olhando para cima como se tivesse sido convocada. Uma onda de medo no estômago de Ayla: *eu disse o nome dela em voz alta?*

Não, aquilo era uma memória. Isso era o agora. Um país de distância.

— Pense assim — disse Lady Dear, batendo um dedo longo no pedaço de pergaminho onde ela havia escrito o alfabeto Zullani. — Esta é a linguagem narrativa. Em Zullani, você escreve cartas, lê livros, grava pensamentos, memórias e mensagens. Ideias. Sonhos, se você os tiver. Você é humana – você sonha. Essa é a linguagem do coração. E esta . . .— ela indicou uma das longas sequências de símbolos alquímicos. — Esta é a língua da ciência. Da mente. A língua que você usa para trabalhar magia de verdade. Esses símbolos têm um tipo diferente de poder, garota. Coloque-os na sequência certa e você pode dar vida à pedra.

Pedra-coração.

A estrela de oito pontas no colar de Ayla. O pingente que, quando ativado com uma gota de sangue, fizera Crier e Ayla caírem nas memórias de alguém morto há muito tempo. Siena. Ayla

observara sua própria avó, impossivelmente jovem, rindo nos braços do menino que mais tarde se tornaria o avô de Ayla, Leo.

— Eu diria que a linguagem narrativa pode dar vida à pedra também — disse Ayla, e então estremeceu. Isso era algo que Crier diria. Crier e suas histórias de fadas.

— Inteligente — disse Lady Dear. — Agora escreva os primeiros quinze símbolos. Fogo através do ouro.

Ayla teve vontade de gemer. O que a Rainha Junn estava querendo, realmente? Em voz alta, ela perguntou: — Quem coloca a língua dos Criadores em uma carta?

— Você já ouviu falar da língua das flores, garota?

— Não. O que é isso?

— A ideia de que certos tipos de flores têm significados específicos — disse Lady Dear. — Papoilas vermelhas para o prazer; lírios para beleza e pureza; camélias para saudade. Tagetes para ciúme. Rosas brancas para segredo. Oleandro para cautela. Combine diferentes tipos de flores e você pode construir mensagens inteiras. Então, isso funciona com a língua dos Criadores. — Ela se inclinou para trás, a poeira estelar em sua clavícula refletindo a luz do lampião. — E é isso que temos olhos e ouvidos do lado de dentro, garota.

Oh…

Uma memória cresceu dentro de Ayla.

Você pode ser nossos olhos e ouvidos lá dentro, amor. Estacionada bem no coração do ninho da aranha, imagine isso. Rowan, os olhos iluminados, sorrindo, orgulhosa de Ayla. *Estrelas e céus, passarinho.*

Outra memória: Rowan, perfurada por uma espada. Rowan, caindo no chão. Rowan, morrendo dolorosamente no meio de uma multidão; Ayla, presa dentro de uma carruagem, incapaz até mesmo de recuperar o corpo dela. Incapaz de lamentar.

Ela não percebeu que estava chorando até que uma lágrima atingiu as costas de sua mão.

Um lenço de seda foi colocado em suas mãos.

Ayla ergueu os olhos. Lady Dear estava olhando para ela, sem expressão. Ayla pegou o lenço e enxugou o rosto.

As lágrimas se foram tão rapidamente quanto surgiram, mas Ayla estava trêmula e vazia, como se tivesse chorado por horas. Ela olhou para seu colo, pensamentos miseráveis e familiares circulando em sua cabeça como abutres: ela estava lá quando Rowan morreu. Talvez pudesse ter feito algo. Talvez pudesse ter forçado Crier a deixá-la sair da carruagem, abrir caminho entre a multidão de humanos e Automae, ajoelhar-se sobre o corpo de Rowan e beijar sua testa. Nem ela nem Rowan acreditavam nos deuses antigos, mas Ayla pensava que se tivesse tido a chance de mandar Rowan embora da maneira certa, teria murmurado: *Da luz você nasceu e à luz você retornará. Vá agora para as estrelas. Elas estão esperando por você.*

Ayla mordeu o lábio com força, interrompendo esses pensamentos rapidamente. Não queria começar a chorar de novo.

— Você é recém-construída — disse Lady Dear, como se acabasse de perceber isso. — Recém-nascida. Você é uma criança.

Ayla se irritou. — Eu *não* sou. Tenho dezesseis anos. Chorar não me torna uma criança.

— Ser jovem torna. Por que você chora, criança? O que você perdeu?

— Você não entenderia. — Ayla queria ficar com raiva, mas estava cansada demais. Ela estava muito cansada. — O que você sabe sobre dor? — disse ela. — O que você poderia saber sobre o luto.

— Eu perdi pessoas — disse Lady Dear.

Tenho um coração como você, Ayla.

Eu também sinto coisas.

— Você não sente coisas como nós — disse Ayla, sem saber com quem estava falando: Lady Dear ou o eco de Crier em sua cabeça. De qualquer maneira, ela não parecia convincente até mesmo para seus próprios ouvidos.

— Sentimos as coisas de maneira diferente — Lady Dear concordou. Sua voz estava calma. — Mas não menos profundamente, eu diria.

Ayla bufou. — Você diria.

— Quando eu fui recém-construída — disse Lady Dear — e ainda vivia na Casa das Parteiras com as outras crianças recém-

construídas, estabelecendo-se em meu corpo, tornei-me próxima de outra garota. Seu nome era Delphi. Nossas camas ficavam lado a lado no quarto de dormir.

— Por que você está me contando isso? — Ayla resmungou.

Lady Dear a ignorou. — Nós conversamos mais uma com a outra — ela continuou. — Foram semanas estranhas. Ajustando-nos à mente recém-formada. Ajustando-nos ao corpo. Aprendendo como usá-lo. Aprendendo sobre nosso mundo. Delphi e eu estudamos juntas. Nós éramos . . . amigas, eu acho. — Ela fez uma pausa. — É difícil usar palavras humanas para descrever relacionamentos desumanos. Mas acho que éramos amigas. Acho que a amava. Quando foi decidido que ela seria encerrada, eu senti . . .

— Espere — disse Ayla, endireitando-se. — Quem decidiu? O que havia de errado com ela?

— Seus pilares eram instáveis — disse Lady Dear. — Acontece. Os Criadores são muito habilidosos, mas criar vida é um negócio complicado. A alquimia não é uma ferramenta, você vê. É uma força e ninguém, nem mesmo minha espécie, pode controlá-la. Trabalhar com isso, sim. Dar forma, sim. Sim, acendê-la em um recipiente adequado. Mas nunca o controlar. Erros acontecem. Erros são cometidos. — Ela sustentou o olhar de Ayla. — Os pilares de Delphi eram instáveis. Foi decidido que ela seria encerrada e refeita.

— Então o que aconteceu? — Perguntou Ayla.

Lady Dear inclinou a cabeça, um movimento que lembrava os faisões no aviário da Rainha Junn. — O que você quer dizer com o que aconteceu? Ela foi encerrada. Ela foi refeita, suponho, embora a essa altura eu já tivesse deixado a Casa das Parteiras há muito tempo. Mesmo se eu estivesse lá para conhecê-la, a nova Delphi não seria a mesma que a amiga que perdi. Nenhuma de suas memórias teria permanecido.

Ayla se viu olhando pela janela do quarto, relutante em olhar para o rosto de Lady Dear. Sua janela oferecia uma vista da cidade abaixo; sentada como estava no centro da sala, ela não podia ver os telhados deste ângulo, mas podia ver uma gaivota circulando ocasionalmente. O céu da tarde era de um azul claro de tecido descolorido pelo sol.

— Cinquenta e seis anos se passaram desde então. Mesmo assim, ainda penso em Delphi todos os dias. Meu tipo se lembra de tudo, sabe. Posso recitar milhares de livros diferentes, palavra por palavra, não importa há quanto tempo os tenha lido; os detalhes nunca desaparecem. Eu gostaria que eles desaparecessem.

— Faz isso . . . ficar mais fácil? — Ayla sussurrou.

— Sim. De muitas maneiras, sim. Já ouvi isso comparado a perder um membro. A ferida cicatriza. Você se adapta a essa nova maneira de se mover pelo mundo. Mas sempre dói, e não apenas fisicamente, e você nunca esquece o que foi perdido. — Sua voz estava distante e Ayla se perguntou se ela estava vasculhando memórias perfeitamente preservadas, se alguma parte dela estava no passado.

Foi demais. Ayla não queria ter empatia por essa Automa nobre. Ela não queria ter empatia com nenhum deles, porque se ela tivesse… se ela tivesse…

— As aulas acabaram por hoje — disse Lady Dear, surpreendendo-a. — Elas serão retomadas depois de amanhã. Ao amanhecer.

— Por que não amanhã? — Perguntou Ayla.

Lady Dear olhou para ela. Nesse ângulo, seus olhos captaram a luz do sol, brilhando como um gato dourado.

— Ninguém te contou? — Ela disse. — Amanhã é a festa.

Pelo que Ayla sabia, o banquete era para homenagear a elite varniana que viajara a Thalen para o Festival do Criador. Era uma festa e uma despedida, e contaria com a presença exclusiva de ricos e influentes. Naquela manhã, as três servas Maris, Renne e Kiv não invadiram o quarto de Ayla ao amanhecer. Alguém havia deixado uma travessa de prata com o café da manhã do lado de fora de sua porta, mas todos os servos do palácio trabalharam durante a noite, certificando-se de que tudo estava pronto para o banquete e o trabalho continuaria durante o dia. Ayla estava sentada no meio de sua cama nuvem, tomando café da manhã só porque podia, e se sentiu muito estranha por não se juntar a eles. Ela se lembrou de seu primeiro dia como criada de Crier: ela nem mesmo tinha visto Crier na maior parte do dia, tinha estado

correndo, polindo o chão e levando recados para os meninos da cozinha enquanto um fluxo de convidados chegava ao palácio. Ayla se lembrava de ter recebido a tarefa impossível de polir toda a pista de dança manualmente; ela se lembrava de arregaçar as mangas e chegar até ele, o sabonete de soda cáustica queimando suas mãos. Ela se lembrou de olhar para cima para ver Nessa de pé sobre ela, a bebê Lily amarrada na frente de Nessa.

Em um mês, a criança estava órfã de mãe.

Ayla passou a manhã relaxando, algo que ela nunca tinha feito antes. Ela até voltou a dormir por mais ou menos uma hora: um luxo selvagem. Eram quase dez horas quando ouviu uma batida na porta, as três servas correndo para dentro no momento em que ela as mandou entrar.

— É hora de prepará-la para o banquete — anunciou Renne. — E agradeça aos deuses. Se eu tiver que polir mais uma colher, vou gritar até ficar rouca.

— Espera. O que? — Disse Ayla. — Eu não vou, vou?

— Você é uma *convidada* da *rainha* — disse Maris.

— Os deuses me punam — disse Ayla.

Ela demorou no banho que prepararam para ela, se embebendo até que a água começou a esfriar. Maris lavou e passou óleo no cabelo, torcendo-o em um nó na nuca. Então Ayla foi conduzida até o espelho, onde Maris e Renne começaram a escolher uma roupa para ela, e Kiv mostrou uma pequena caixa de – maquiagem? Pequenos potes de delineador preto e ruge, pigmento vermelho profundo para os lábios, pó de ouro cintilante que lembrava o que Lady Dear usava na clavícula e têmporas.

Ayla esperava odiar isso, mas alguns minutos depois, quando Kiv se afastou para que Ayla pudesse ver seu reflexo, ela descobriu . . . ela não odiou. O delineador preto fazia seus olhos parecerem mais intensos, e o brilho de ruge e pó de ouro em suas maçãs do rosto era . . . bonito. Kiv não pintara os lábios de Ayla de vermelho ou roxo, como era a tendência; ela tinha acabado de esfregar um pouco de cera de abelha tingida, o vermelho mais sutil. Ela pressionou minúsculos flocos de folha de ouro nas têmporas de Ayla, que piscavam à luz sempre que Ayla virava a cabeça.

Ayla nunca deu muita atenção à própria aparência. Ela tinha sido uma serva desde os onze anos; suas prioridades giravam em torno de manter Benjy e a si mesma vivos, manter a cabeça baixa, atiçar a chama da raiva em seu estômago e tramar sua vingança contra o Soberano Hesod. Não havia espelhos nos aposentos dos servos. Antes de se tornar serva de Crier, ela não tinha visto seu próprio reflexo, há sabe-se lá quanto tempo. Ela sabia como era seu rosto, mas era como saber como era sua mão. Estava lá, era uma parte de seu corpo, fim da história.

Mas agora, olhando para si mesma – seus traços acentuados – ela sentiu . . . alguma coisa. A garota no espelho parecia uma garota de uma tapeçaria ou pintura. Como as meninas nas ilustrações de histórias de fadas. Como uma princesa ou uma nobre, claro, mas também como uma bruxa, ou um espírito trapaceiro, uma criatura que atraía homens involuntariamente para a morte. Ayla se sentiu – talvez a palavra certa fosse *poderosa*.

— Obrigada — disse ela a Kiv. Tirar os olhos do espelho foi difícil; não queria parar de olhar para si mesma. — Você fez um bom trabalho.

Kiv sorriu.

Maris e Renne ajudaram Ayla a se vestir: calças de seda dourada e um gibão bordado com os símbolos dos Criadores. A única joia que ela usava era a pulseira que a Rainha Junn a dera, a joia azul brilhante em seu pulso.

— Eu me sinto uma artista viajante — disse Ayla, examinando-se no espelho. — Aquelas que saltam pelas ruas e andam sobre palafitas. — Ela bufou. — Talvez, em vez de ir a este banquete, eu pudesse amarrar os lençóis em uma corda e vocês três poderiam me baixar pela janela? São apenas alguns andares até o solo. Aposto que vou conseguir.

— Oh, quieta, você — disse Maris, gargalhando. — São apenas cortesãos e comerciantes, enfadonhos como todos. Você vai ficar bem. Além disso, é tarde demais para escapar – o banquete já começou.

Como o Festival do Criador, dois dias antes, o Banquete da Rainha era realizado em um pátio ao ar livre, embora este fosse menor e

aninhado no labirinto do palácio, inacessível ao público. Havia duas piscinas submersas, cada uma com uma escultura no centro: duas mulheres nuas esculpidas em pedra de obsidiana, uma de frente para a outra, de lados opostos do pátio. Uma era um Automa, olhos pintados de ouro, braços abertos como se estivessem dando boas-vindas. A outra era humana, as mãos enroladas em torno do cabo de um machado de pedra negra.

Havia pétalas de rosas brancas novamente espalhadas pelas lajes, fios de lanternas de papel lançando um brilho quente. Ao longo de uma das extremidades do pátio, uma enorme mesa de banquete já estava carregada com travessas de comida. O crepúsculo já havia se tornado noite quando Ayla entrou no pátio, a lua era uma moeda de prata, e cerca de metade dos convidados – principalmente Automa, mas Ayla viu alguns humanos entre eles – estavam sentados, festejando. A outra metade se misturava no pátio aberto, alguns balançando ao som da música de um único harpista, outros apenas conversando. Ayla não viu a Rainha Junn em lugar nenhum, mas a rainha tinha um dom para o drama; ela provavelmente esperaria até o momento certo para fazer sua entrada. Benjy também estava visivelmente ausente. Ele não tinha sido convidado?

Ayla estava contente com a escuridão, com a suave luz amarela das lanternas no alto e as velas que revestiam a mesa do banquete. Ela não queria ninguém olhando para ela muito de perto. A luz da lanterna, suavizando e obscurecendo, foi uma gentileza.

Seu estômago roncou. E Ayla se lembrou: hoje à noite ela poderia *comer.*

Ela encheu um prato e começou a pegá-lo lentamente. Se ela pensava que seus cafés da manhã diários eram fartos, eles não eram nada comparados a isso. Aqui, na mesa do banquete, ela teve que se controlar, dando pequenas mordidas delicadas. Mas se ela estivesse sozinha . . . ela teria enchido o prato três vezes, comido até sentir que nunca mais conseguiria comer. Ayla havia passado anos sem saber de onde viria a próxima refeição; tantas vezes, ela não comia nada além de pão velho ou peixe meio podre por dias a fio. Agora ela estava sentada em um banquete de rainha comendo peixe branco e escamoso, carne que quase caiu do osso, pão doce

com manteiga e mel, algum tipo de cabaça cozida que parecia estranha, mas tinha um gosto incrível.

— Você é rabuniana? — Veio uma voz ao lado dela.

Demorou um segundo para Ayla perceber que o Automa estava se dirigindo a *ela*.

Ela virou. — Não — ela disse, pensando rapidamente. Qualquer um desses convidados poderia ser bem relacionado o suficiente para ter ouvido falar dela, a criada fugitiva, a suposta assassina. — Eu sou filha de . . . Lorde Thom, das minas de ferro.

E Automa inclinou a cabeça. Elu era mais velhe do que Ayla, embora fosse impossível dizer o quanto. A pele delu era de um tom negro rico e profundo, o cabelo de um marrom dourado mais claro, como era comum em Varn. — Você parece rabuniana — disse elu.

Ayla apenas deu de ombros.

— Qual é o seu nome, humana? — perguntou e Automa.

— Clara. — O nome de sua mãe em sua língua parecia ao mesmo tempo familiar e estranho. Uma palavra em uma língua morta. — E o seu?

— Wender. — Elu se inclinou para frente. Sua fina camisa cravejada de pérolas não tinha mangas, e a luz das velas atingiu os músculos tensos de seus braços nus. — Gostaria de dançar?

Ayla hesitou.

— Não tenho interesse em cortejá-la. — esclareceu Wender, parecendo divertide. — Eu simplesmente desejo evitar uma possível conversa com . . . todos. Se você não dançar comigo, posso simplesmente encontrar um lugar para me esconder até o fim da noite.

Apesar de tudo, Ayla reprimiu um sorriso. — Tudo bem, então — disse, se levantando. — Nunca ouvi uma razão melhor para dançar.

Wender a conduziu para longe da mesa do banquete e para o meio do pátio, onde outros casais dançantes giravam lentamente ao som da harpa. Uma música suave, como uma chuva leve. Ayla ergueu os olhos, e com certeza: ela podia ver algumas borboletas Criadas cintilantes bem acima da multidão, flutuando como faíscas no ar noturno. Quando ela olhou para baixo novamente, um brilho de luz, baixo para as lajes, chamou sua atenção. Ela apertou os

olhos, sem saber o que estava olhando. Algum tipo de . . . espelho em movimento?

Então a multidão se separou, ou melhor, a multidão *se* separou, porque o espelho em movimento não era um espelho em movimento, mas um pavão. Um Criado inteiramente de vidro colorido. Ele desfilou pela multidão com pernas finas de vidro, uma enorme fileira de penas de cauda de vidro verde arrastando-se atrás dele com um barulho horrível de raspagem. Vidro na pedra. Seu corpo e pescoço eram de um azul lápis-lazúli, seus olhinhos redondos pareciam lascas de obsidiana. Seu bico era de ouro puro.

Estrelas e céus, pensou Ayla, mal conseguindo não ficar boquiaberta. Ela nunca tinha visto um objeto Criado como este. Sempre apenas bugigangas, e seu medalhão, nada maior do que a palma da mão. Bem, até as borboletas Criadas. O soberano nunca gostara de exibições como essa. Mas aqui. . .

— Clara? — Disse Wender.

— Desculpe. — ela murmurou, e se afastou do pavão, que continuou seu passo lento através da multidão. Ela deixou Wender colocar as mãos em sua cintura, as próprias mãos em seus ombros fortes. Sua pele Criada era quente sob seu toque.

— A única razão para comparecer a essas coisas é a fofoca — Wender contemplou, os olhos na multidão. Eles conduziam Ayla em círculos lentos e preguiçosos, não exatamente uma valsa, principalmente apenas uma mudança organizada. — Mas todo mundo está discutindo o escândalo rabuniano há dias, e esta noite não é diferente.

— O escândalo rabuniano? — Eles deviam significar a tentativa de assassinato.

— *Escândalos*, devo dizer. A corte do soberano deve estar um caos. As coisas já estavam ruins antes de toda essa confusão com o casamento de Lady Crier. Ou . . . a falta dele.

Ayla ficou imóvel. Ela parou no meio de um passo, congelada como uma das estátuas de obsidiana em cada lado do pátio. — Cr– Lady Crier não– se casou?

A sobrancelha de Wender se contraiu. Surpresa automática. — Você dormiu toda a semana passada?

— Eu viajei para cá das minas de ferro — disse Ayla. — Estive em uma carruagem. Ela não se *casou*?

— Melhor ainda — disse Wender, parecendo gostar de fofocar. Elu cutucou a cintura de Ayla, puxando-a de volta para a dança, mesmo enquanto seus pensamentos turvavam como uma tempestade no mar. — Lady Crier fugiu de seu próprio casamento. Ela está desaparecida há dias; os grupos de busca do soberano continuam voltando de mãos vazias. Ouvi dizer que o soberano está . . . bem. Primeiro, uma de suas Mãos Vermelhas desapareceu. Em seguida, outros dois foram assassinados durante a noite. Então um servo atacou a senhora bem debaixo de seu nariz. Agora, esta última humilhação. Eu não ficaria surpreso se o Soberano Hesod perdesse seu trono.

Ayla mal ouvia. Ela olhou para o pátio, tentando não deixar Wender ver o choque em seus olhos.

Ela fugiu de seu próprio casamento.

Ela está desaparecida há dias.

Sua idiota ,pensou Ayla, sem sentido. *Você nunca deixou o palácio. Você acha que pode sobreviver neste mundo, uma fugitiva de seu próprio pai? Crier, sua idiota. Crier, sua–*

Um rosto familiar na multidão. Não, dois deles.

Lá estava Benjy, visível quando os casais dançando se mexiam, bem no meio do pátio. Ele estava vestido como um guarda, com as cores da rainha, o brasão dela brilhando em sua garganta. Ele estava sorrindo. Ele estava valsando.

Com a Rainha Junn.

Ayla olhou para eles. Sim, aquele era realmente Benjy, seu melhor amigo Benjy, o rebelde Benjy, o filho da Resistência Benjy, o Benjy que odiava aos sanguessugas, valsando com a rainha. E *gostando*, pela expressão em seu rosto, a luz em seus olhos, seu grande sorriso dentuço. Um espaço foi aberto ao redor deles, um círculo solto de nobres e cortesãos assistindo-os dançar. Nenhum deles pareceu surpreso. Era comum a Rainha Louca dançar com humanos assim?

A rainha deve ter dito algo, porque Benjy jogou a cabeça para trás, rindo como Ayla nunca o vira rir – ela não sabia por quanto tempo. E foi isso que fez a raiva crescer dentro dela. Foi isso que

acendeu as brasas. Porque *como ele ousa*? Como ele ousava, quando apenas alguns dias atrás dissera a ela que nunca entenderia como ela podia sentir qualquer coisa além de ódio por uma sanguessuga – como uma sanguessuga havia se tornado seu ponto fraco – como uma sanguessuga a tornara *mole...*

— Wender — disse Ayla. Ela sabia que a raiva estava vazando em sua voz, mas não podia evitar. — Obrigado pela dança. Eu tenho que… eu tenho que ir.

— Você está bem, Clara? — Wender perguntou, as mãos caindo de sua cintura. Estava olhando para ela com curiosidade aberta, o que, *deuses*, isso era a última coisa que ela queria, a última coisa que precisava; curiosidade e suspeita eram a mesma coisa, no final das contas.

Ela saiu no meio da multidão, esquivando-se dos outros dançarinos, indo direto para Benjy e Junn. Ela nem sabia o que queria de Benjy – um pedido de desculpas? Um reconhecimento de sua própria hipocrisia? Talvez ela só quisesse gritar com ele, arrastá-lo e dizer: *Como você ousa? Agindo como se você tivesse moral elevada, quando na realidade…*

— *Ayla.*

Dedos em volta de seu pulso, um aperto de ferro.

— Controle-se. — Lady Dear disse entre dentes. Sua expressão era agradável, como se ela estivesse apenas dizendo olá. — Não deixe suas emoções tomarem conta de você. Não sei o que aconteceu, mas seja o que for, *não importa*. — Ela apertou o punho de Ayla com mais força. — Não chame atenção para você. Aqui não. Isso vai refletir mal na rainha.

— Mas…

— Há uma porta na parede norte — disse ela, ainda sorrindo. — Isso leva a um jardim que com certeza estará vazio. Vá *ficar lá* até que você se acalme.

— Me solte — murmurou Ayla, e Lady Dear finalmente soltou seu pulso. Ela estava com tanta raiva que poderia ter apontado uma adaga para Lady Dear ali mesmo, mas um pouco de bom senso permaneceu nela. Então, deixou Lady Dear para trás sem dar uma segunda olhada, cortando o pátio novamente, mas desta vez não na direção de Benjy. De fato, havia uma pequena porta de madeira na

parede norte do pátio, muito simples, provavelmente um atalho para os criados. Ela foi para lá com um desespero que era difícil não soltar na pessoa mais próxima. A porta não estava trancada e Ayla conseguiu entrar.

Batendo com força atrás de si, ela jogou as costas contra a parede e soltou algumas respirações. Lágrimas picaram seus olhos.

Crier. Benjy. A rainha.

Foi demais. Suas lindas roupas pareciam encharcadas, como se a seda pesasse cinquenta quilos. Ela não conseguia respirar. Não aguentava todo aquele requinte de Automa. Essa fantasia, ouro reluzente na superfície e apodrecendo por baixo, veneno até o âmago.

Ela cambaleou para a frente na nova escuridão – a luz das lanternas de papel não chegava até aqui – e viu que estava parada na beira de um grande jardim submerso. As camadas de pedra formavam uma bacia de círculos concêntricos, na parte inferior da qual havia um pequeno jardim de esculturas. Parecia que cada camada continha um tipo diferente de flor, mas estava escuro demais para ver os detalhes enquanto ela descia os degraus de pedra, precisando apenas se afastar, ficar sozinha e sem ser vista, para respirar. Seus pensamentos ainda ardiam com a imagem de Benjy rindo e valsando em público com a rainha das sanguessugas. A hipocrisia de tudo isso.

Não. Ela sabia que não era apenas a hipocrisia que doía.

Foi o *querer*.

Os degraus de pedra eram ásperos e irregulares. Ela tinha acabado de chegar ao último degrau quando tropeçou, caindo para a frente, o estômago embrulhando horrivelmente. Ayla se preparou para uma queda desagradável – mas nunca aconteceu. Ela foi pega por um par de mãos em sua cintura, segurando-a de pé.

Quando Ayla ergueu os olhos para o rosto da pessoa que a pegara, viu que seus próprios olhos a encaravam de volta.

— *Storme.*



6

Crier crescera estudando as estrelas. Mas agora, enquanto seu cavalo corria pela floresta densa, o céu noturno não era nada além de um estilhaçar de preto e prata através dos galhos. Ela estava perdida. Sem direção. E fraca.

Ela estava cavalgando há três dias. O terror lentamente atingiu seu pico e diminuiu, transformando-se em uma coisa fria e afiada presa em seu peito.

No primeiro dia, ela foi assombrada pelo som distante de chifres de caça. Do pai dela – não, ele não era mais seu pai. Os guardas de *Hesod* chamando por ela. Ele deve ter pensado que ela estava simplesmente tendo um ataque. Fugindo para mostrar um ponto, mas com a intenção de voltar.

Ele estava errado.

No segundo dia, não havia chifres e ela quase fora pega. Passou a noite em um bosque, na árvore de maior cobertura que ela poderia encontrar nas colinas. Não tinha dormido nada, mas sabia que o cavalo precisava descansar. Pelo menos conseguiu pastar, e havia poças no solo por causa de uma chuva recente. De manhã, Crier ficara parada na orla das árvores, escondida nas sombras, olhando para a extensão das colinas. Ouvidos atentos. Ouvindo, assistindo, apavorada. Ela tinha visto os guardas quando eles estavam a cerca de uma légua de distância – ela os viu no topo de uma colina, movimento onde não havia movimento. Com o coração batendo forte, ela saltou de volta no cavalo e correu, correu e correu, pensando: *Como me encontraram? Como estão tão próximos?*

Então percebeu.

Seu coração batia forte.

Seu carrilhão.

Ela era uma idiota. Claro, era seu carrilhão – um sinal silencioso, disparado por sua própria angústia, sincronizado com os carrilhões dos guardas do palácio, que sempre os levava direto para sua localização. Uma vez uma medida de proteção. Agora sua ruína. Ela cavalgou até que encontrou um riacho que corria entre as colinas, como uma cobra. Mesmo no inverno, flores brancas do campo cobriam as colinas como neve. Crier desmontou, entrou no riacho e tateou em busca de uma pedra com ponta afiada.

Quando cortou o carrilhão de sua carne, seu sangue violeta gotejou por sua espinha, pelos braços, na água. Isso machucava. Foi difícil: o carrilhão estava atrás de seu pescoço, então ela não conseguia realmente ver onde estava cortando, e a dor tornava suas mãos desajeitadas. Mas ela fizera isso. Ofegante, os olhos ardendo de lágrimas, ela conseguiu. O carrilhão – um minúsculo dispositivo dourado, magistralmente feito – encontrou um novo lar no fundo do riacho. E ela estava livre.

Verdadeiramente livre.

No terceiro dia, começou a sentir os efeitos da falta da pedra-coração. Ela sabia que precisava conseguir um pouco, e logo. Conjurando um mapa de Rabu em sua mente, perfeitamente lembrado, tentou descobrir exatamente onde estava. Sabia pela posição do sol que estava viajando para sudoeste. Se ajustasse seu

curso e cavalgasse para o sul, ela estava fadada a atingir uma aldeia. Essas aldeias eram em sua maioria humanas, mas sempre havia alguns Automae. Onde havia Automae, havia pedra-coração.

Era para o sul.

Ao crepúsculo, encontrou uma aldeia. Ela amarrou o cavalo a meia légua de distância. Era obviamente um puro-sangue, um cavalo nobre. A pé, curvando-se para compensar sua altura, entrou na aldeia. Ela manteve a cabeça baixa, os olhos na estrada de terra. Como Ayla costumava andar atrás dela no palácio, evitando contato visual com os guardas, com Kinok e Hesod e frequentemente com a própria Crier. Isso sempre incomodou Crier. Ela queria dizer: *Olhe para mim. Apenas – olhe para mim.*

Crier encontrou o mercado da vila, uma pequena praça com um punhado de lojas e barracas de vendedores. Um açougue, um sapateiro, uma padaria. E um boticário administrado por um Automa. Crier hesitou por muito tempo antes de entrar no boticário. E se alguém a reconhecesse? E se os guardas do soberano a tivessem rastreado aqui e estivessem esperando por ela? E se…?

O quanto eu puder conseguir, ela murmurou para o atendente do boticário em uma aproximação da voz de Ayla, seu sotaque plebeu. Murmurando um pouco, enunciando menos. E ela havia passado para a mulher Automa uma tornozeleira fina de ouro, a única joia que ela não havia tirado, simplesmente porque havia esquecido que estava lá. *O quanto eu puder conseguir por isso. Minha ama me enviou.*

A mulher nem mesmo piscou. Porque, o que um humano faria com pedra-coração a não ser entregá-la ao seu empregador Automa? Ela havia passado a Crier três pacotes de pedra-coração em troca da tornozeleira, e foi isso. Crier havia deixado a aldeia e voltado para seu cavalo atordoada, uma parte dela convencida de que era um truque, que os guardas do soberano iriam pular de trás de um prédio a qualquer momento.

Mas eles não o fizeram.

Assim, Crier recuperou suas forças. Ela esperava que tivesse passado tempo suficiente para poder visitar Rosi com segurança. E se o soberano e Kinok já a tivessem procurado lá? E se eles estivessem esperando ela aparecer? O risco realmente vale a

pena? Mas se ela ia se infiltrar em Varn, ela precisava de mais do que um conjunto de roupas de serva e um pouco de pedra-coração. Talvez fosse tolice, mas ela não sabia mais para onde ir. Havia uma chance de que Rosi pudesse ajudá-la, se ela jogasse com o plano: *Scyre Kinok confia em você, nem mesmo o soberano conhece seus planos, então ele tem que fingir com a história da busca por mim agora, mas…!* e assim por diante. Rosi poderia emprestar a Crier algumas moedas, algumas roupas. Poderia fazer com que ela se sentisse menos sozinha, mesmo que apenas por um curto período de tempo.

Agora, na manhã de seu quarto dia como fugitiva, Crier estava voltando para o leste. Para a mansão de Rosi. Contanto que ela não tivesse problemas, ela chegaria lá algumas horas antes do pôr do sol.

Tudo ficará bem, disse a si mesma, repetindo continuamente até que as palavras perdessem o significado, até que se tornasse mais uma batida de tambor irracional e tranquilizadora do que qualquer outra coisa. *Tudo ficará bem. Tudo ficará bem.*

Era um dia claro e frio. As colinas estavam amareladas com o inverno, pontilhadas por aquelas minúsculas flores silvestres brancas (provavelmente estrelas, pensou Crier, lembrando-se de uma ilustração no manual de um botânico), e sua égua trotava em um ritmo constante. O céu era um teto alto de azul, manchado com nuvens como tinta branca. O vento gelado era bom em sua pele. Ela nunca tinha ficado tanto tempo sem tomar banho, e o frio a fazia se sentir limpa. Por capricho, ela decidiu chamar sua égua de Della, em homenagem a um personagem de uma antiga história de fadas. Della era uma serva que roubou o vestido de sua amante cruel e se meteu em um baile real, e a princesa mais jovem se apaixonou por ela instantaneamente. A princesa e Della se casaram na semana seguinte, e a amante cruel foi forçada a comparecer ao casamento e assistir enquanto a criada que ela tratava tão terrivelmente se tornava membro da família real. Foi tudo muito satisfatório. As coisas não funcionavam assim na vida real, mas Crier gostou da história.

Ela foi até a mansão de Rosi. No final da tarde, Crier e Della alcançaram o topo de uma das colinas que circundavam a mansão,

que ficava no berço das colinas como uma jóia engastada em ouro. Ou – geralmente sim.

Crier franziu a testa. Todas as outras vezes que ela tinha visitado, até mesmo um dia depois que o noivo de Rosi, Foer, foi assassinado pela Rainha Junn, a mansão pareceu . . . em, como se pessoas vivessem lá. Sempre havia servos por perto, cuidando dos pomares, das pastagens dos cavalos e dos currais. Luzes de velas brilhando nas janelas, lanternas acesas fora dos portões da mansão. Mas agora . . . não havia um servo à vista. As pastagens estavam vazias, os cavalos longe de serem vistos. Os currais de gado estavam vazios de porcos e cabras. As lanternas estavam apagadas. Crier semicerrou os olhos: até os pomares pareciam crescidos demais, o solo coberto de frutas caídas e não colhidas.

Seu estômago afundou.

A última vez que ela viu Rosi foi apenas algumas semanas atrás, quando ela veio prestar seus respeitos após a morte de Foer. Na época, Rosi estava sofrendo os efeitos colaterais da Sombra Noturna de Kinok. Seus lábios e língua estavam manchados de preto, seu corpo esquelético, suas veias salientes contra sua pele. Ela estava maníaca, incapaz de se concentrar em nada por mais do que alguns segundos. Ela não parecia se importar com a morte de Foer.

Rosi . . . o que aconteceu com você?

Lentamente, Crier conduziu Della colina abaixo, a égua abrindo caminho através dos afloramentos rochosos em ruínas. Demorou quase uma hora. Quando chegaram aos portões do solar, o sol estava baixo no céu, começando a desaparecer atrás das colinas. Quanto mais perto elas ficavam, mais nervosa Della parecia. Suas orelhas estavam encostadas no crânio. Ela continuou batendo as patas no chão como se estivesse pedindo para parar.

Crier não estava se saindo melhor. Ela não conseguia explicar, mas parecia que sua pele estava formigando, hipersensível. Ela mantinha um aperto mortal nas rédeas. Não queria estar aqui. O silêncio da mansão era como uma coisa viva, pesando em seus ombros. Ainda não havia sinal de nenhum servo. Até o vento havia silenciado.

Algo está muito, muito errado.

Mas… era Rosi. Não havia amor verdadeiro entre ambas, mas Crier a conhecia há muito tempo. Trocara inúmeras cartas ao longo dos anos. Se Rosi estava em perigo, Crier a ajudaria.

Ela desmontou, aproximando-se das grandes portas de madeira da mansão a pé. Era uma grande construção de granito e madeira escura, com cerca de um quarto do tamanho do palácio do soberano, o telhado alto de madeira curvando-se em direção ao céu que escurecia. Ele pairou sobre Crier enquanto ela subia os degraus de pedra. As janelas escuras pareciam dentes faltando.

A aldrava tinha a forma de uma andorinha, pesada na mão de Crier. Ela bateu três vezes. Ela estava imaginando a forma como ecoou do outro lado da porta, como um grito em um corredor vazio? Ela tinha que estar. Ela estava sendo dramática. Certamente havia uma explicação lógica para isso. Talvez Rosi tenha dispensado os servos por algum motivo. Talvez tenha decidido viajar. Possivelmente–

— Lady Crier.

Crier se virou.

Rosi estava parada ao pé da escada. Crier não a ouviu se aproximar. Ela deveria ter ouvido Rosi se aproximar.

Lady Crier — disse Rosi de novo, inclinando a cabeça para o lado, exceto que ela inclinou a cabeça para longe demais, anormalmente longe, e não endireitou novamente. Ela olhou para Crier, a cabeça quase encostada no ombro. Deuses, ela parecia muito pior do que da última vez que Crier a vira. Sua pele negra parecia pálida como coisas mortas, o calor e a cor da vida perdidos. Seu cabelo estava ralo e solto ao redor dos ombros, e pedaços dele estavam faltando, manchas de seu couro cabeludo careca aparecendo como afloramentos de rocha nas colinas ao redor deles. Sua pele se esticava grotescamente sobre os ossos. E suas veias – suas veias estavam salientes e visíveis, um mapa de rios totalmente negros.

— Ai, deuses, Rosi — sussurrou Crier. Ela tentou não mostrar o quanto estava assustada. — Rosi — ela começou, mas não sabia como terminar a frase. *Você está bem?* era uma pergunta estúpida. *O que aconteceu* era óbvio: Sombra Noturna. — Rosi, como posso ajudá-la?

Rosi riu uma vez, um som agudo e oco, alto demais. — Sua idiota — disse. Ela finalmente se endireitou, mas apenas para subir o primeiro degrau. Crier lutou contra a vontade de recuar, de se pressionar contra a porta da mansão. — Sua idiota desgraçada. Você acha que preciso de alguma coisa de você? Traidora do trono? Traidora do *Scyre*?

— Rosi, posso explicar — disse Crier com urgência. — Eu posso explicar tudo. Kinok me enviou aqui. Tivemos que cancelar o casamento devido a uma ameaça. Ele confia em você para me proteger.

— Cale-se. — Rosi subiu para o próximo degrau de pedra, a distância entre elas diminuindo. — Cale a boca, traidora. Você abandonou a Scyre. Você o traiu. Sua *idiota*, você tem alguma ideia do que eu daria para estar no seu lugar e você *desperdiçou*? — Ela estava respirando com dificuldade, a boca aberta. Sua língua estava preta como tinta. Seu olhar continuou deslizando ao redor, os olhos praticamente girando em sua cabeça. — Traidora! Você estava em aliança com outra traidora, Lady Crier? Você era outra aliada de Reyka? Responda-me!

Aliada de Reyka? — Eu não sou — disse Crier. Ela ficou parada, mas em sua mente estava calculando a distância entre ela e Rosi. A distância entre ela e Della, que estava esperando por ela nos portões. Graças aos deuses, Crier não a amarrou ao poste do portão. Graças aos deuses ela estava pronta para fugir. — Rosi, tudo o que você ouviu, não é verdade. Eu não traí Kinok. — Ela pensou rapidamente.— Eu… eu queria casar com ele. Eu não queria nada mais do que me casar com ele. Mas meu pai…

— Sua mentirosa — disse Rosi, e saltou para a frente.

Crier disparou.

Ela se atirou dos degraus de pedra, caindo com força no chão. Atrás dela, Crier ouviu um barulho terrível – como se Rosi, errando o alvo, tivesse se chocado contra a porta da mansão – mas não se preocupou em olhar para trás. Ela apenas correu, correndo mais rápido do que nunca. Ao longe, ela estava muito feliz por estar usando calças em vez de um vestido longo.

Ela alcançou Della em questão de segundos e pulou em suas costas, quase se desequilibrando e caindo do outro lado, e chutou

com força. — VAI — gritou, sua voz rouca de terror. — VAI, VAI! — Della pareceu sentir seu medo e começou a galopar, rápido como um cavalo de corrida. Só então Crier se atreveu a olhar para trás – e quase gritou. Rosi estava correndo atrás delas, mas parecia errado. Era como se ela estivesse correndo com as pernas quebradas, seus movimentos bruscos. Ela continuou lançando-se para frente, os dedos arranhando o chão, se endireitando novamente. Não iria alcançá-las, mas Crier ainda se sentia mal. O corpo de Rosi estava se quebrando. A Sombra Noturna a consumira, primeiro seus músculos e depois sua mente.

Que maneira terrível de morrer.

Crier incentivou Della a avançar e subir a colina. Ela não queria parar até que estivesse longe da mansão, de Rosi, do monstro que Rosi havia se tornado. Um amontoado de árvores era visível a cerca de meia légua de distância, a promessa de abrigo. O céu se aprofundou do azul ao roxo do crepúsculo enquanto Crier cavalgava em direção às árvores, o sol se pondo em suas costas. — Só um pouco mais adiante — disse a Della, abaixando-se para dar um tapinha em seu pescoço. O pelo da égua estava espumando de suor. — Só um pouco mais adiante.

A pele das árvores revelou-se um pequeno bosque de bétulas magras de casca branca, desnudas pelo o inverno, como ossos de dedos erguendo-se da terra. A cobertura era escassa, mas ainda era melhor do que estar ao ar livre. Crier se sentiu melhor no segundo em que ela e Della quebraram a linha das árvores. O terreno descia e ela podia até ouvir o barulho de um rio ao fundo. Uma bênção inesperada: Della poderia beber até se fartar e talvez pela manhã Crier pudesse tomar banho. Della havia diminuído o passo e Crier a conduziu morro abaixo em direção ao som do rio. Os espaços entre as árvores eram muito estreitos. Os galhos ficavam presos no cabelo de Crier, puxando suas mangas.

Estava muito quieto aqui.

Crier percebeu que podia ouvir o rio tão claramente porque não havia o canto dos pássaros. Estava anoitecendo. Deveria haver canto de pássaros, pardais e andorinhas e pequenos pássaros pretos do meio-dia cantando para a noite que se aproximava.

Sua pele estava formigando novamente.

Mas ela havia deixado Rosi bem para trás. Ela não fora seguida. E teria visto outro cavaleiro vindo das colinas.

Mesmo assim, Crier apertou ainda mais as rédeas. Ela e Della chegaram ao fim da encosta, onde as árvores se estreitaram e deram lugar às margens de um rio, com mais árvores brancas do outro lado. A água em movimento lento cintilava aos últimos raios de sol.

— Vamos cruzar o rio — sussurrou Crier para Della, empurrando-a para frente. O rio era muito raso, a areia e as pedras no fundo eram visíveis em toda a extensão. Elas atravessariam e encontrariam um lugar para acampar durante a noite. Crier não tinha escolha. Della tinha que descansar depois de uma cavalgada tão brutal.

Della hesitou na beira do rio, mas Crier a acalmou, murmurando em seu ouvido, e ela entrou na água.

Elas estavam exatamente na metade do caminho quando o primeiro Automa emergiu das árvores.

Crier o viu na margem oposta, bem à frente dela. Uma fração de segundo depois, Della ficou imóvel embaixo dela.

O Automa parecia Rosi, se Rosi já tivesse morrido.

Ele tinha as mesmas veias pretas. A mesma estrutura esquelética. Mas estava nu e sua pele estava caindo dos ossos, descascando em alguns lugares para expor os músculos brilhantes e metálicos abaixo. Os nervos como fios dourados. As veias pareciam vermes negros. Seus olhos, afundados nas órbitas, eram totalmente negros. Como se a pupila tivesse engolido todo o resto. Sua boca manchada de tinta estava aberta, a mandíbula pendurada frouxamente, deslocada.

Crier não conseguia pensar.

Sua mente estava completamente em branco.

Tudo o que podia fazer era olhar para o Automa – ainda *era* um Automa? – como ele escolhera o seu caminho para fora das árvores e pela margem do rio. A coisa que já fora um Automa, como ela.

Seus olhos negros estavam fixos no rosto de Crier.

Um barulho veio atrás dela, uma queda de pedrinhas na água e, apesar de tudo, Crier se virou para olhar. Ela imediatamente desejou não ter feito isso. Havia outro Automa com veias pretas na margem

que ela e Della tinham acabado de sair. Ele estava olhando para ela também, abrindo e fechando a boca, como se estivesse tentando dizer algo ou – ou como se estivesse mastigando.

Oh deuses.

Crier não tinha arma. Mesmo se tivesse, eles estavam vindo para ela dos dois lados do rio. Ela estava presa no centro, a presa perfeita, congelada de terror. Ela tentou pensar. Tentou bolar um plano de fuga. Mas seu cérebro não estava funcionando. Tudo em que conseguia pensar era – talvez se ela e Della corressem rio abaixo, seguindo o rio – mas Della se moveria mais devagar na água, e se de repente ficasse mais fundo mais tarde?

O Automa na frente dela chegou à beira da água. Estava a apenas vinte passos de distância agora. Como Rosi, seus movimentos eram espasmódicos, desajeitados, como se não tivesse controle total sobre seu corpo. Crier tentou pensar. Ela deveria ser brilhante, projetada com inteligência desumana, por que ela não conseguia *pensar*? O Automa deu outro passo na água, a boca se abrindo ainda mais. Muito larga, como uma cobra mexendo na mandíbula. Mas então Crier ouviu um *estalo*, agudo e o Automa estremeceu com força. Ele ficou todo rígido, uma marionete com as cordas bem puxadas, e cambaleou para o lado, deixando escapar um ruído baixo e áspero, sem palavras e horrível. Seu corpo se retorceu ao cair e Crier entendeu por quê.

Alguém acabara de atirar no crânio dele com uma besta. O parafuso de ferro estava saindo do lado da cabeça do monstro, sangue negro já escorrendo do ferimento. Crier virou a cabeça para olhar para o outro Automa – bem a tempo de ver uma segunda seta de besta enterrada no peito do Automa e uma terceira em seu rosto, perfurando-o bem através de um dos olhos sem alma. Crier engasgou e desviou o olhar, nauseada. Ela ouviu o barulho quando ele caiu.

Ela estava segura?

Ou ela era o próximo alvo?

Quem está aí? Queria gritar, mas não conseguia falar. O medo paralisou sua garganta. Abaixo dela, Della estava ofegando de terror, tremendo toda, os músculos se contraindo.

Ela não teve que esperar muito por uma resposta. Ouviu-se um grito e, em seguida, *humanos* surgiram das árvores à frente de Crier, correndo pela margem. Eles estavam armados, alguns com bestas, alguns com espadas em seus quadris ou amarradas às costas, e alguns com tochas acesas, seus rostos iluminados por uma luz laranja bruxuleante.

— Prepare-se para queimar! — Um dos humanos gritou, o primeiro a alcançar a água. Ele entrou sem hesitar, garrando o corpo da coisa morta e arrastando-o de volta para a margem, jogando-o nas rochas. — Bree, Mir, pegue o outro! — Dois dos outros humanos imediatamente pularam no rio e se dirigiram para o segundo corpo, ignorando Crier completamente. Entorpecida, ela observou enquanto o resto dos humanos – talvez oito ou dez no total – se aglomeravam ao redor do primeiro corpo, pegando odres e encharcando-o com . . . água?

Não.

Óleo.

Os outros dois humanos, carregando o segundo corpo entre eles, juntaram-se aos outros nas margens. Eles o despejaram ao lado do primeiro, e também estava encharcado de óleo. Então um dos humanos armado com uma tocha disparou para frente e incendiou os corpos.

Tudo aconteceu muito rápido. Atirando nos Automae de veias pretas, recuperando seus corpos, colocando-os em chamas. Os humanos eram eficientes, metódicos, como se já haviam feito isso antes. Crier ainda não respirava. Ela provavelmente deveria estar respirando. Provavelmente deveria estar empurrando Della para longe, correndo de volta por onde vieram. Ela sabia que queimar era uma das melhores maneiras de matar sua espécie. Cortando a cabeça, apunhalando o coração, queimando o corpo para que não pudesse curar. E se fosse a próxima? Ela respirou fundo, estremecendo. Tinha que *sair daqui*.

— Ei! — Um dos humanos gritou. Era o de antes, talvez o líder, aquele que estava gritando ordens. Ele estava parado na beira da margem do rio, a silhueta contra o fogo que saltava atrás dele. Estava olhando para Crier. Alguns dos outros humanos também se

viraram para olhar para ela. — Você está bem? — Ele chamou. — Você está machucada?

Ela abriu a boca e não saiu nada.

— Está tudo bem — ele disse, a voz elevada para que ela pudesse ouvi-lo acima do crepitar das chamas. — Está tudo bem, você está segura.

Ela olhou para ele.

Ao longe, ela registrou que o ar estava começando a cheirar a carne queimada e derretida.

— Você está sozinha? — O menino humano gritou.

Ele pensa que sou humana, ela percebeu. *Ele acha que acabou de resgatar uma garota humana. Ele pensa que somos aliados.*

Ela assentiu. Sim, estava sozinha.

— Bem, não mais — disse o menino humano. — Estamos acampados aqui perto. Venha conosco. Você pode se aquecer, jogar alguma coisa na barriga. Sem ofensa, mas parece que você está prestes a desmaiar. Você e seu cavalo.

Crier recuperou a voz. — Ok — ela concordou. — Eu vou com você.

Ela disse isso como um humano.

A,

No começo, você me falou sobre a lei da queda.

Como eu respondi? Eu respondi? Lembro-me de tudo, mas não me lembro disso. Cercada pelo familiar, você me pegou desprevenida. Como na noite anterior – você nos penhascos, você na espuma do mar, você, me salvando, a primeira de muitas vezes. Você tocou as lágrimas na minha bochecha. Você tocou meu rosto e mesmo assim, no começo, eu não me afastei.

Uma lei por um paradoxo. Eu vou trocar você.

Acreditamos que o Universo gerou um número infinito de estrelas. Por essa lógica, você poderia estar em qualquer lugar neste mundo e olhar para o céu noturno e sua linha de visão inevitavelmente terminaria em uma estrela. Por essa lógica, o céu noturno não deveria estar escuro; deveria ser uma onda cegante de luz das estrelas. É aí que reside o paradoxo. O problema é a suposição de que o Universo é estático, imóvel; que todas as estrelas sempre ocuparam o mesmo espaço em nosso céu. O paradoxo não explica o fato de que o Universo, como todas as coisas, nasceu e vem crescendo desde então. Expandindo para fora - empurrando, puxando, como você me disse. Corpos celestiais flutuando em um mar negro, carregados por uma corrente mais antiga que a vida. Afastando-se cada vez mais. A natureza do Universo é que tudo dentro dele se torna cada vez mais solitário e solitário. Algumas noites, não consigo pensar em mais nada e nada mais assustador. Algumas noites fico acordada, pensando nisso, e isso me deixa indescritivelmente triste.

Não com tanta frequência, atualmente.

Porque é você.

É você, o brilho da luz das estrelas, o velho paradoxo: se o Universo fosse estático, eu poderia estar em qualquer lugar

neste mundo e juro que minha linha de visão terminaria em você. Eu juro que te encontraria no escuro.

—DE UMA CARTA NÃO ENVIADA POR CRIER DA FAMÍLIA HESOD, 9648880130, ANO 47 EA



7

—Storme. — disse Ayla, e observou o choque percorrer o rosto de Storme quando percebeu exatamente quem acabara de salvar de uma queda feia.

—*Ayla?* — Disse ele, boquiaberto.

Ele soltou sua cintura, dando um passo para trás. Ayla encontrou o equilíbrio no gramado do jardim de esculturas. — O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou. — Achei que você só voltaria por mais uma semana.

— O que estou *eu* fazendo aqui? — Storme exigiu, ainda a olhando com olhos arregalados. — O que *você* está fazendo aqui? Desde quando você não está em *Rabu*? Desde quando você deixou o palácio do soberano? — Ele prendeu a respiração. — Oh, deuses, você está conectada a – eu ouvi rumores de um ataque, e agora a

filha do soberano *desapareceu*, você está – mas também – como você chegou aqui? Há quanto tempo você...?

— Storme! — Ayla interrompeu. — Respire. Uma pergunta de cada vez. — Ela não pôde deixar de estudá-lo, absorvendo-o. O tempo que passaram juntos em Rabu tinha sido muito limitado. A companhia da Rainha Junn passara apenas um dia e uma noite no palácio, e Ayla só recebera Storme sozinha uma vez. À noite, em um corredor iluminado pela lua. E tinha dado tudo errado. Tudo o que Ayla queria fazer era abraçar seu irmão há muito perdido, mas, em vez disso, eles acabaram trocando palavras terríveis e venenosas, e então ele deu as costas e foi embora, deixando-a sozinha. Novamente. E – furiosa, miserável, confusa – ela procurou conforto na cama de Lady Crier.

Agora ela olhou para ele, esta versão adulta do irmão gêmeo de nove anos que havia perdido. Eles não eram gêmeos idênticos, se pareciam mais quando eram crianças, mas Ayla ainda podia se ver no rosto de Storme. Tinham exatamente os mesmos olhos, grandes, castanhos e largos. A mesma pele negra, o mesmo cabelo escuro e indomável. O rosto de Ayla era mais redondo. Suas feições mais elfas, suas sardas mais pronunciadas – ela havia passado tanto tempo trabalhando sob o sol quente. Storme era mais classicamente bonito. Ele tinha as maçãs do rosto e o queixo forte de seu pai. (E, frustrantemente, a altura do pai). Então havia a cicatriz em forma de estrela pálida sobre o olho esquerdo de Storme. O resultado de um acidente de infância bobo envolvendo a beira da lareira de pedra. Era estranho ver aquela cicatriz familiar em um rosto tão mudado.

Storme estava vestido de verde, mas não para um baile. Ayla franziu a testa. Seu irmão parecia um pouco esfarrapado, honestamente. Mesmo sob o luar fraco, ela poderia dizer que suas roupas estavam enrugadas, seu cabelo mole e sujo.

— Uma pergunta de cada vez — ele concordou, então fez uma careta. — Não, *não*, espere. Quero ouvir tudo o que aconteceu, tudo o que trouxe você aqui, mas eu tenho que ver J– a rainha. É urgente.

— O que? Não! — Disse Ayla. — Não, Storme, estive esperando você voltar, tenho muito para lhe contar, é importante. Vim para Varn por um motivo.

— Sinto muito — disse, já olhando para além dela. — Mas eu voltei mais cedo por um motivo também. Tenho que ver a rainha imediatamente, Ayla. Não posso esperar. Falaremos amanhã, certo? Eu prometo que vamos conversar. Só não agora.

— Não — ela disse. — Storme, não quero esperar até amanhã. — Ela queria contar a ele sobre a Sombra Noturna de Scyre Kinok, mas mais do que isso . . . ainda havia uma parte dela que parecia estar falando com um fantasma. Eles se viram tão brevemente em Rabu, e então ele partiu novamente, deixando nada além de uma pena verde para trás, como algo saído de um conto popular: um menino transformado em um pássaro pela maldição de uma bruxa, sua irmã desesperada procurando por ele em todos os lugares. E se Ayla o perdesse de vista e ele desaparecesse de novo? Ela tentou agarrar sua manga, mas Storme a evitou, partindo para a escuridão. Ayla reprimiu um ruído de frustração e o seguiu. Quando ela o alcançou, ela disse: — Tudo bem. A rainha primeiro. Mas vou com você.

Ele bufou, parecendo muito com o jovem Storme que costumava fazer cara feia e revirar os olhos sempre que Ayla tentava mandar nele. — Tudo bem, venha, então.

— Eu vou — ela disse. — Vamos, irmão.

O solário da Rainha Junn era uma grande sala com muitas janelas com uma enorme lareira e paredes revestidas com retratos do que deve ser a linhagem real. Sentada em torno de uma mesa baixa de madeira com Benjy e Junn, estudando os retratos enquanto esperava alguém falar, Ayla se lembrou novamente de como a jovem Junn tinha sido quando seu pai, o rei, foi assassinado e ela foi forçada a tomar o trono. Era difícil dizer a idade de um Automa depois de atingir os vinte anos; de acordo com sua expectativa de vida mais longa, os efeitos físicos do envelhecimento eram muito mais sutis em seus rostos Criados. Ainda assim, os Automae nos retratos eram claramente mais velhos do que Junn pelo menos algumas décadas. Em Rabu, eles a chamavam de Comedora de Ossos, mas também de Rainha Criança. Ayla sempre achou isso ridículo: os Automae nunca foram crianças, não realmente. Mas quanto mais tempo passava perto de Junn, mais ela entendia o

título. Apesar de toda a inteligência e autoridade de Junn, ela ainda era apenas alguns anos mais velha que Ayla e Storme. Isso transparecia em seu rosto, às vezes. Isso estava mostrado em seu rosto agora.

— O que você quer dizer com *monstros*? — Junn disse, olhando para Storme. Como Ayla, ela veio direto do baile, que ainda estava acontecendo no pátio lá embaixo. Mesmo tão alto em uma das torres do palácio, Ayla podia ouvir vozes e música flutuando pela noite. Ela ficou esperando que Junn a mandasse embora, porque Ayla claramente não pertencia a esta reunião, mas não aconteceu. Talvez esse fosse outro benefício de ser irmã de Storme.

Quando Junn visitou o palácio do soberano, Ayla notou uma familiaridade na maneira como falava com Storme. Um estranho calor na maneira como ele olhou para ela. De alguma forma, eles pareciam mais amigos do que rainha e conselheiro.

Não sei mais como descrevê-los — disse Storme. À luz da lanterna, era ainda mais óbvio como ele estava desgrenhado. Ele olhou para Ayla. — Duas semanas atrás, recebemos mensagens perturbadoras de dois de nossos maiores comerciantes de pedra-coração, nos alertando sobre uma 'ameaça contínua' ao longo da fronteira que compartilhamos com Rabu. Cheguei esperando bandidos, rebeldes humanos, talvez algum problema do soberano . . . mas não foi isso que eu encontrei. Eu entendo agora por que os comerciantes relutaram em descrever a ameaça em detalhes. Parece inacreditável. Mas eu vi com meus próprios olhos.

— Continue — disseram Ayla e Junn ao mesmo tempo, e então piscaram uma para a outra do outro lado da mesa.

— As caravanas comerciais continuam sendo atacadas por essas . . . *criaturas*. — disse Storme.

— O quê, como animais? — Junn perguntou.

— Não. Eles são selvagens como animais, ferozes como lobos famintos, mas são Automae. Ou pelo menos algo próximo. — O olhar de Storme estava fixo na lanterna no centro da mesa, na pequena chama presa como um vaga-lume dentro do vidro. — As criaturas se parecem com Automae, mas – Criadas erradas. Seus olhos e veias são totalmente pretos. Suas bocas também – sempre parece que estiveram bebendo tinta. A princípio pensei que talvez

fossem vítimas de algum tipo de praga que afeta Automae. Mas não são enfraquecidos por esta – aflição. O oposto, na verdade. São quase imparáveis. Não parecem sentir dor. Se eles atacam algo, não param até que essa coisa seja destruída. Eu os vi continuar lutando com todos os quatro membros quebrados. Com espadas saindo de suas barrigas. Com seus rostos explodidos por bombas de pólvora.

Horrorizada, Ayla tentou imaginar uma criatura assim. Algo . . . mais forte do que Automae? Mais violento? Ainda menos humano? Storme estava certo, parecia inacreditável. Exceto que alguma coisa que ele disse ficou gravada na mente de Ayla. *Parece que eles estão bebendo tinta*. Ayla sabia exatamente o que parecia, porque ela tinha visto antes. Rosi, amiga de Crier, aquela cujo noivo havia sido assassinado. Ayla não tinha visto muito Rosi quando ela e Crier visitaram sua mansão. As duas garotas Automae falaram em particular, Ayla dispensou-se para ficar do lado de fora da porta. E então, no caminho de volta para o palácio, Elderell aconteceu: Ayla assistira, impotente, enquanto Rowan era morta por um guarda Automa. Depois da morte de Rowan, Ayla havia se esquecido completamente do comportamento estranho de Rosi, sua boca manchada de tinta.

Até agora.

Ayla percebeu que a Rainha Junn não parecia nem um pouco chocada ou mesmo perturbada com as palavras de Storme. Seus olhos estavam iluminados por *algo*, mas não era medo.

— E o que eles pensam? — Junn perguntou. — Se estão lançando ataques organizados contra as caravanas comerciais . . .

Storme balançou a cabeça. — O problema é que os ataques *não são* organizados. Eu honestamente não acho que estão tentando sabotar nosso suprimento de pedra-coração. Eu nem acho que estão cientes do que está dentro das caravanas comerciais. Não acho que tenham a capacidade de estar cientes de absolutamente nada. Estão atacando as caravanas porque elas estão *lá*. Se fosse a carruagem de um viajante, um único cavaleiro, Automa, humano, um plebeu, o próprio soberano, o resultado seria o mesmo. Essas criaturas são estúpidas. Se algo cruzar seu território, eles o matarão.

— E qual é o território deles? — Junn perguntou.

— A fronteira entre Rabu e Varn — disse Storme. — E algumas partes de Tarreen, aparentemente. Por que estão tão concentrados no sul de Rabu, eu não sei.

Mas eu sei, percebeu Ayla. *Eu sei porque.*

— É Kinok — disse, chamando a atenção deles. — Desde as Revoltas no Sul, ele tem muitos seguidores no sul.

As Revoltas do Sul. Quando centenas de servos humanos nas propriedades do sul planejaram se revoltar na mesma noite, ao mesmo tempo, então os nobres Automae não podiam ajudar ou avisar uns aos outros. Mas de alguma forma Kinok descobriu e avisou os nobres com bastante antecedência. O plano dos humanos dependia do elemento surpresa, e não houve surpresa. As revoltas foram reprimidas de forma rápida e sangrenta. E Kinok foi um herói.

Mas Ayla e Crier descobriram que Kinok fora capaz de prever as revoltas porque fora ele quem as instigara. Ele usou sua teia de conexões para espalhar informações falsas, manipulando os humanos das propriedades do sul para planejar uma rebelião condenada desde o início.

— Ele está enganando seus seguidores para que substituam a pedra-coração por uma substância chamada Sombra Noturna — continuou Ayla. — Parece pó de pedra-coração, mas preto. Ele diz a eles que é uma pedra-coração mais poderosa, que os tornará ainda mais fortes, mais nítidos. Mas eu vi seus verdadeiros efeitos. — Ela contou a Storme e Junn sobre a visita à casa de Rosi. Ela contou sobre a língua manchada de preto de Rosi, seu corpo faminto, seus movimentos trêmulos e erráticos. — Ela não era violenta, mas não pode ser coincidência. Talvez se você consumir Sombra Noturna suficiente, você se transforme em . . . nisto.

Storme parecia preocupado. — Se isso for verdade, e Scyre Kinok está por trás disso . . . O que ele está planejando? Ele está apenas tentando criar um exército de monstros?

— Mas o que você descreveu não parece um exército. — disse Junn. — Você disse que as criaturas são estúpidas. Que não podem ser controlados. Não acredito que este seja o plano mestre de Scyre Kinok – acima de tudo, ele anseia por controle. O que ele tem a ganhar com isso?

— Talvez seja sobre medo, intimidação — disse Storme. — Como um aviso para seus outros seguidores. Uma demonstração de poder.

— Não — disse Ayla, com a mente acelerada. — Isso não faz sentido. Eu acho . . .

O que sabia sobre Kinok? Ele tinha a mente de um cientista, um alquimista. Ele era um ex-Vigia do Coração, assim como um Scyre – alguém que estudou os Quatro Pilares dos Automae em nome do avanço da espécie Automa. Ele queria acabar com a dependência de sua espécie no Coração de Ferro, seu ponto fraco.

Ele mesmo criou a Sombra Noturna. Crier havia dito: *Ele quer que sejamos invulneráveis.* Ele a enviou não para seus inimigos, mas para seus seguidores. Como Rosi, que o *adorava* Ayla tinha visto por si mesma, quando ela e Crier visitaram a propriedade de Rosi: a maneira como os olhos de Rosi se iluminaram com a simples menção do nome de Kinok. Ela o adorava.

E sim, acima de tudo: Kinok ansiava por controle.

— Acho que ele cometeu um erro — disse Ayla, ouvindo a compreensão em sua própria voz. — Por que ele iria querer transformar seus seguidores mais leais em máquinas de matar estúpidas? Acho que ele não sabia o que a Sombra Noturna faria com eles. Acho que estava apenas testando neles, talvez. Experimentando. Mas não sabia que isso os envenenaria assim.

Silêncio por um longo momento.

Então Junn disse: — Eu sabia que você seria útil.

Storme parecia preocupado. — Vossa majestade, acho que devemos enviar reforços para a fronteira imediatamente — disse. — Os comerciantes estão bem armados, mas apenas contra rebeldes humanos. Dois comerciantes já foram mortos, suas caravanas destruídas. Todo o suprimento de pedra-coração de Varn está em perigo.

Junn assentiu. — Depois de terminarmos aqui, vá direto ao delegado. Quero reforços prontos para partir ao amanhecer.

— Sim, Majestade.

— Nesse ínterim, você acha viável usar as antigas rotas de comércio? Temos muitos registros e mapas.

— Eu pensei o mesmo, mas acho que não vai funcionar — disse Storme. — Essas rotas foram visadas durante a Guerra das Espécies – pontes destruídas, passagens bloqueadas por rochas. Elas não podem ser usadas há cinquenta anos. — Uma nota cautelosa entrou em sua voz. — Não precisamos de rotas antigas. Precisamos de novas armas.

Novas armas?

Os olhos da rainha se estreitaram. — Suponho que você não esteja falando hipoteticamente, conselheiro.

Storme se endireitou, como se a menção de seu título o fizesse querer parecer digno disso. — Como eu disse, os monstros apareceram em algumas partes de Tarreen também. Mas parece que os tarreenianos não são tão indefesos quanto os comerciantes de pedra-coração. Falei com um comerciante que passou por Tarreen e viu essa arma em uso. Ele não sabia exatamente o que era, mas o descreveu como 'fogo azul'. Como uma bomba de pólvora, mas muito mais poderosa – ele disse que matou vinte monstros de uma vez. Uma explosão de fogo azul, disse ele.

— Mas não está sendo usado pelos rabunianos — disse Junn lentamente. — Não veio do soberano. Os tarreenianos criaram eles próprios.

Storme assentiu. — E se o soberano quiser, terá que tomar à força. Ele pode alegar governar Tarreen, mas não tem um ponto de apoio real lá. Afinal, os tarreenianos são em sua maioria humanos. Ele não fornece nada para eles; mal reconhece sua existência. Os tarreenianos são poucos, mas governam a si mesmos. E até mesmo os Automae entre eles desprezam o Soberano Hesod. — Ele encontrou os olhos da rainha, e Ayla teve que admitir que ele parecia alguém que poderia aconselhar uma rainha. Por mais jovem que fosse, por mais desagradável que fosse quando discutiam, era digno de seu título e, apesar de tudo, Ayla sentiu uma onda de orgulho. — Vossa majestade, — continuou. — se pudermos forjar uma aliança com os tarreenianos, talvez possamos usar esta nova arma.

— Eu preciso *pensar*. — Junn disse, soando como a garota que ela era. — Eu preciso pensar. E você precisa descansar, conselheiro. Quando foi a última vez que você dormiu?

— Dois dias atrás, eu acho — disse Storme, soando quase envergonhado.

A rainha suspirou. — Vá até o delegado e depois para a *cama*.

Ayla olhou para eles. Eles definitivamente pareciam mais familiares do que rainha e conselheiro. Ela poderia jurar que via um lampejo de calor nos olhos de Junn agora, mesmo enquanto repreendia Storme.

Então, novamente, Ayla pensou amargamente, Junn estava dançando e rindo com Benjy apenas algumas horas antes. Talvez fosse familiar demais com todos.

Os três se separaram. Ayla queria tanto agarrar a manga de Storme, mantê-lo por perto, para ter certeza de que ele não desapareceria novamente, mas ela sabia que era um desejo infantil. Foi uma longa noite, dois dias sem descanso para Storme, e os dois precisavam dormir.

Ele prometeu que conversariam amanhã. Ayla iria acreditar nele. Ela tinha que acreditar. Seu irmão estava de volta dos mortos – ela não o deixaria desaparecer uma segunda vez.



8

O acampamento dos humanos ficava rio abaixo, escondido dentro de um bosque de abetos. Na verdade, era apenas uma pequena seção do solo da floresta com a vegetação rasteira removida, criando espaço suficiente para uma fogueira e algumas esteiras de dormir. Outro pônei foi amarrado ali perto, um ruão gordo. Os humanos montavam pôneis e cavalos de trabalho, não puros-sangues como Della. Crier esperava que não notassem como Della era boa. Durante a curta viagem até o acampamento, Crier inventou uma história para si mesma. Foi uma distração bem-vinda do horror das últimas horas: Rosi a atacando, os monstros nas margens do rio, seus corpos em chamas. Crier decidiu que ela era uma garota humana do noroeste, do sopé das montanhas de Aderos – longe da capital e do palácio do soberano. Seus pais estavam mortos e ela

não tinha irmãos. Estava a caminho das cidades portuárias na costa do Mar de Steorran, onde embarcaria em um navio para Thalen, capital de Varn. Estava indo para Varn porque Rabu não tinha mais nada para ela.

Quando o garoto humano que a chamou pela primeira vez perguntou seu nome, Crier disse: — Ayla.

O nome era como açúcar derretido em sua língua. Em seguida, metal amargo.

— Muito bem, Ayla. — disse ele. — Eu sou Hook.

Ela apenas assentiu. Quanto menos falasse, menos chance haveria de se revelar uma Automa. Hook não parecia se importar se ela falava ou não. Ele era um garoto humano de boa aparência com um sorriso largo e cheio de dentes. Não devia ter mais de vinte anos, e Crier se perguntou como alguém tão jovem havia se tornado o líder de um grupo como aquele. Então, olhando furtivamente ao redor para os outros sete humanos, Crier percebeu que Hook era o mais velho. Os outros pareciam ter a idade de Crier ou até mais jovens. E tinha acabado de assistir esses humanos matarem dois monstros e colocarem os corpos em chamas sem um momento de hesitação.

O que aconteceu com todos vocês? pensou. *O que os trouxe a esta vida?*

Mas talvez já soubesse a resposta.

Agora, sentada em um círculo com eles ao redor de uma fogueira de baixa temperatura, forçando para baixo mordidas de biscoito seco e peixe salgado, Crier manteve os olhos baixos. O fogo era pouco mais do que brasas fumegantes – Hook havia explicado que os monstros foram atraídos pela luz – mas ela ainda estava paranóica com seus olhos refletindo dourado. A expondo em um piscar de olhos. Manter a atuação era mais difícil do que ela esperava, e estava fazendo isso há apenas uma noite. Mas havia tanta coisa para lembrar: *respirar levemente, piscar regularmente, não ficar muito parada, não se mover muito suavemente, mantenha os olhos baixos, pelo amor de Deus não falar como a filha do soberano*. Ela estava imensamente grata pela sujeira em seu rosto, obscurecendo sua pele feita.

— Então, Ayla. — disse Hook, depois que todos comeram até se fartar. — O que a traz à esses lados? Um tolo se move cavalgando sozinho pelo território das Sombras assim, não é?

— O que você quer dizer com "território das Sombras"?

Os olhos de Hook se arregalaram e de repente todos os rebeldes estavam olhando para Crier. Suas expressões variaram de surpreso a curioso para. . . cauteloso. — Achei que a notícia tivesse se espalhado por toda parte. — disse Hook. — Todo o sul é perigoso agora, minha amiga, desde as montanhas do oeste até a costa leste. É especialmente ruim aqui, tão perto das propriedades do sul. Você realmente não ouviu nada?

— Já faz semanas que estou sozinha. — resmungou Crier.

— Bem, tudo bem. Aqui está o que você deve saber: essas coisas de olhos pretos, nós os chamamos de Sombras. Costumavam ser Automae. Mas são ainda mais mortais do que um sanguessuga comum – são mais fortes, mais rápidos. Não sentem dor, pelo que podemos dizer, ou se sentirem, isso não as detém. São violentas. Sanguinárias. E são quase impossíveis de matar, a menos que você saiba exatamente como fazê-lo. Chegue muito perto e você estará morto. Bem-vinda ao inferno.

Um dos outros humanos levantou seu odre. — Viva!

— Por que você os chama de Sombras? — perguntou Crier.

— Eles ficaram assim consumindo algum tipo de pedra-coração falsa, ou pedra-coração envenenada, talvez. É chamada Sombra Noturna. Ninguém sabe exatamente o que é, apenas que transforma sanguessugas em monstros.

Portanto, suas suspeitas estavam corretas. Este era o resultado final da Sombra Noturna de Kinok. Foi o que aconteceu com Rosi. E devia ser por isso que Kinok estava tão desesperado para encontrar Turmalina. Seu experimento falhou.

Ele deve estar furioso.

Crier quase sorriu, até que se lembrou que as Sombras eram sua própria espécie. Essas duas Sombras do rio – quem eram? Nobres das propriedades do sul? Viajantes? Apenas dois Automae de uma cidade próxima? Tinham que ser seguidores de Kinok, apoiadores do Movimento Anti-Dependência, mas ainda assim. Ninguém merecia um destino assim.

Kinok sim, Crier pensou, surpreendendo-se.

— De onde vem a Sombra Noturna? — perguntou a Hook, ainda tentando descobrir o quanto aqueles humanos sabiam.

Ele trocou um olhar com um dos outros – aquela que disse *Viva*. Ela era Bree ou Mir, uma das duas que recuperou o corpo do segundo monstro e o arrastou através do rio para ser queimado. Ao contrário dos outros, ela parecia mais varniana do que rabuniana, com cabelos cacheados da cor do trigo do verão.

Bree-ou-Mir se inclinou para frente, as brasas brilhantes lançando sombras estranhas em seu rosto. — Se você está viajando sozinha há tanto tempo . . . quanto você sabe sobre o Scyre chamado Kinok?

Quanto Ayla, a humana fugitiva do noroeste, saberia?

Não, esse não era o ângulo certo a se tomar. Crier queria o máximo de informações que pudesse obter sobre Kinok, qualquer coisa que pudesse usar para derrubá-lo, e não tinha interesse em proteger qualquer um de seus segredos. Contanto que não dissesse nada que a incriminasse como Lady Crier, poderia contar a esses humanos qualquer coisa. Eles queriam a mesma coisa que ela, no final.

— A última vez que parei em um vilarejo, — disse Crier, escolhendo as palavras com cuidado. — falei com uma criada que escapou do palácio do soberano.

Agora ela tinha a atenção de todos. Oito pares de olhos estavam fixos nela.

— Vou trocar minhas informações pelas suas. — disse ela.

Hook bufou. — Muito justo, minha amiga. Mas tudo o que sabemos é que Scyre Kinok está conectado à Sombra Noturna. Temos um contato – bem. Tínhamos um contato. — ele fechou os olhos, batendo no esterno com dois dedos, e os outros rebeldes fizeram o mesmo. Crier os copiou rapidamente. — Que as estrelas te recebam bem, Rowan. — disse Hook suavemente.

— Que as estrelas te recebam bem. — murmuraram os humanos em uníssono, mas Crier estava atordoada demais para fazer o mesmo. *Rowan.* Ela conhecia esse nome. Rowan, a mulher do motim em Elderell – uma vila a apenas um dia de viagem daqui.

A mulher que Ayla conhecia. A mulher que foi morta bem na frente delas, jogando Ayla em uma dor silenciosa e sem expressão.

— Antes de morrer, Rowan era o melhor contato que tínhamos. O melhor que qualquer um de nós tinha. Ela disse que o Scyre criou esta Sombra Noturna. Como plano de backup, talvez. Os sanguessugas sabem que se o Coração de Ferro ficar sem pedra-coração – ou, melhor, se finalmente conseguirmos destruí-lo – eles estão condenados. Eles provavelmente estão apavorados. — ele parecia bastante satisfeito com isso.

Finalmente conseguirmos destruí-lo..

Não eram apenas humanos viajando em grupo. Eles faziam parte da Resistência.

Se soubessem que não eram os únicos que queriam destruir o Coração de Ferro.

— Sua vez, Ayla. — disse Hook, e Crier demorou um pouco para perceber que estava se dirigindo a ela. — O que sua serva fugitiva lhe disse?

Crier respirou fundo. — Que você está certo, — disse. — Scyre Kinok está procurando desesperadamente por uma alternativa para a pedra-coração — ela limpou a garganta, focando em seu sotaque, em soar como a plebeia humana que deveria ser. — Ele acha que a resposta é uma pedra chamada Turmalina. Ele está tentando encontrá-la. Ele– ele faria qualquer coisa para encontrá-la. Se alguém chegar até ela primeiro, teriam–

— Vantagem. — disse Hook.

— Poder. — respirou Bree-ou-Mir.

— Cada sanguessuga em Zulla preso pela garganta. — disse um terceiro rebelde, um menino com a órbita vazia onde deveria estar o olho direito.

Crier assentiu. — Exatamente.

— Bem, bem, bem. — disse Hook. Quando ele se inclinou para frente, a luz do fogo transformou sua pele morena em ouro polido. — Que bom que salvamos você das Sombras, Ayla. Você deve ficar com a gente, certo? Onde você está indo?

— Varn. — disse Crier.

Claramente não era a resposta que esperava, mas ele apenas sorriu mais largo. — Se alguém pode te levar lá, minha amiga,

somos nós.

E pela primeira vez desde que fugiu do palácio, Crier se sentiu quase segura.

Mais ou menos uma hora depois, o fogo foi apagado e os rebeldes estavam se preparando para dormir. Bree-ou-Mir, que acabou se revelando Bree, fora designada para o primeiro turno. O que significava que Crier teria que fingir dormir nas próximas horas. Ela se ofereceu para ficar no segundo turno, mas Hook a disse, sem grosseria, que não confiavam em estranhos, por mais úteis que fossem. Então deu a ela um colchão de dormir e um cobertor fino e áspero e lhe desejou boa noite.

Por isso, Crier estendeu seu catre sob um abeto de largo e se resignou a ficar bem acordada até o amanhecer. Não queria dormir, não quando sabia que havia Sombras lá fora. Ela gostaria de ter contado a Hook: *Posso ver no escuro como um gato, posso ouvir um galho estalando a cem passos de distância e não há chance de adormecer. Eu sou o vigia perfeito*. Mas é claro que não podia.

Talvez tenha sido uma coisa boa, no entanto. Na escuridão, sob a cobertura de galhos baixos que se curvavam para escovar a terra, Crier puxou o medalhão de Ayla de debaixo da camisa, deixando o gêmeo em seu bolso. O símbolo que ela segurou tantas noites para se consolar. Parecia estar perto de Ayla. E ela finalmente percebeu que não apenas pertencera a Ayla – o medalhão era um objeto Criado, feito pela avó de Ayla, Siena, então presenteado ao avô de Ayla, Leo. Sempre fora ele no centro dessas memórias. Ela aprendeu que o medalhão – uma maravilha da invenção alquímica – continha memórias de seu passado, de todos os dias que ele o usou. Quando o sangue de Crier ativava a magia do medalhão, ela podia reviver essas memórias. Mas nunca sabia quais memórias viriam à tona quando espetasse o dedo. O medalhão segurava uma vida inteira dentro de seu fecho. Continha a história de Ayla, seu passado – e talvez, seu legado.

Continha, Crier temia, os segredos que Kinok estava procurando.

Ela tateou o chão da floresta até encontrar uma lasca de rocha e, o movimento agora familiar, a usou para picar seu dedo. Uma única gota de sangue escuro jorrou.

Crier fechou os olhos, respirou fundo para se acalmar e pressionou a ponta do dedo na pedra vermelha no centro do medalhão. A pedra com um pulso minúsculo e tiquetaqueando.

Com a próxima respiração–

–ela estava encharcada e congelando. Ficou encolhida entre uma pequena multidão no convés de um navio de pesca, no meio do oceano. Nuvens assomavam pesadas e escuras acima; a chuva torrencial varreu quase horizontalmente com a força do vento. Ao redor dela, em todas as direções, o oceano era uma extensão negra turbulenta. Em meio à multidão de pessoas, avistou alguém conhecido: Leo.

Agora, ela se aproximou, tomando cuidado para manter o equilíbrio no balanço violento do navio, e viu que Leo segurava uma menina cujo rosto estava escondido, enterrado em seu peito, mas Crier sabia que tinha que ser Clara. A mãe de Ayla; a filha que Siena abandonou em favor de sua própria criação desumana, Yora.

O coração de Yora, Crier pensou ferozmente. Ela não tinha ideia se isso funcionaria, mas tinha que tentar. Siena fez este medalhão por uma razão: para registrar história, memórias. Era uma ferramenta. Uma ferramenta bonita e engenhosa, mas ainda assim uma ferramenta. E as ferramentas foram feitas para serem manejadas.

O coração de Yora, pensou. Ela tentou dizer em voz alta:
— Coração de Yora! Mostre-me o coração de Yora!

Nada aconteceu. Suas palavras foram arrebatadas pelo vento do mar, pela chuva forte. Então–

Flashes de memória, tão rápidos que ela mal conseguia seguir–

Uma linha costeira aparecendo, o navio atracando. Areia dourada, água verde-clara, céu da cor do amanhecer.

Uma caravana pela selva, selvagem e emaranhada, uma selva como nada que já tivesse visto, tudo verde, árvores musgosas e um leito de riacho e plantas com folhas do tamanho do torso de Crier, videiras suspensas, raios de sol filtrando-se através do dossel acima, o ar espesso e úmido, o ar como vapor.

Colinas ondulando com grama amarela de inverno, brilhando com a geada matinal. Uma caverna, uma pedreira, um rio cortando um desfiladeiro profundo.

Clara perguntando, perguntando, perguntando — Onde estamos? O que aconteceu com mamãe? — eventualmente, as perguntas – e as lágrimas – desapareceram.

Clara, mais velha agora. Treze, talvez. Uma corrente dourada em volta do pescoço, brilhando à luz do fogo da lareira.

Clara, mais velha ainda, barriga inchada com criança, rindo nas margens de um grande lago, o vento balançando seus cachos escuros, mas atrás dela a superfície do lago anormalmente calma, sem ondulações, refletindo o céu noturno, um espelho enorme.

Mostre-me o coração de Yora.

Fogo.

Nos primeiros segundos, Crier pensou que tinha sido transportada de volta à primeira memória: a cidade em chamas, as ruas cheias de fumaça, os humanos aterrorizados brancos com as cinzas. Mas então sua visão clareou e ela viu que estava nas margens do mesmo lago, o céu inteiro de um laranja pálido e doentio, o sol um globo ocular injetado de sangue parcialmente obscurecido pela fumaça.

— Eles estão vindo! — Alguém gritou. Crier se virou. Havia uma pequena cabana no alto da margem, paredes de argila branca e telhado de palha. Três figuras estavam paradas do lado de fora, e quando apertou os olhos contra a luz do fim, viu que era Leo, uma Clara grávida e um homem que nunca tinha visto antes. — Eles estão vindo, você tem que ir agora. — Leo disse novamente, a voz rouca de medo. — Por favor, Clara. Você está ficando sem tempo.

Eu não vou embora sem você! — Clara disse. Estava segurando os dois braços protetoramente em volta do estômago, recostando-se no homem que Crier não conhecia, e Crier percebeu: ela estava grávida de Ayla. Este homem

devia ser o pai de Ayla. — Pai, não vamos deixá-lo aqui para morrer!

— Estou velho, criança — disse Leo. — E minha perna – eu não consigo me mover rápido o suficiente. Eu iria atrasá-los e causaria a morte de todos nós. — Ele olhou para o pai de Ayla. — Yann. Por favor. Você sabe que estou certo. Você sabe o que precisa ser feito.

Em algum lugar ao longe, o som de uma buzina de guerra.

Crier conhecia aquele som.

— Vá — disse Leo, frenético. — Contorne o lago, você sabe onde o barco a remo está, quando a noite cair, atravesse o lago em Rabu. Por favor, Yann. Por favor, Clara. Vocês têm que proteger a criança.

— Se eu conseguir passar a noite, vou encontrá-los na Enseada da Rainha — Leo estava dizendo. — Eu te encontro lá, Clara. Por enquanto, você tem que me deixar para trás.

— Não! — Disse Clara, mas Yann estava assentindo, parecendo sombrio.

— Pegue isso — disse Leo, alcançando sob a gola de sua camisa e puxando – o colar. O medalhão com a estrela de oito pontas, a pedra vermelha, o mesmo medalhão que Crier segurava naquele exato momento, dezesseis anos depois, nos confins do sul de Rabu. – Pegue, Yann. Mantenha-o seguro. Ele guarda histórias.

— Vou mantê-lo seguro — disse Yann, deslizando o colar pela própria cabeça, escondendo-o sob a camisa. — E quanto ao coração?

— Fica comigo — disse Leo. — Agora vá!

— Pai — Clara soluçou, mas deixou Yann arrastá-la em direção ao lago, em direção a Crier. — Pai, vamos esperar por você na Enseada da Rainha. Vamos esperar por você. Nos vemos lá, certo?

— Certo — disse Leo. — Claro, filha. Vejo você em breve.

E Yann e Clara se viraram, e a trompa de guerra soou novamente, como o grito de um animal moribundo, e o mundo–

Caiu.

Os olhos de Crier se abriram. Ela ficou lá por um momento, olhando para os galhos do pinheiro e, além deles, o céu noturno. Provavelmente perdeu apenas alguns minutos, mas parecia que tinha envelhecido uma vida.

Sabia de um lugar onde o coração de Yora estivera dezesseis anos atrás. Não era muito, mas era a melhor pista que conseguiu até agora.

Ela pressionou o medalhão contra a boca. *Obrigada, Leo.*

De manhã, não perdeu tempo antes de puxar Hook de lado. Antes, poderia ter guardado essa informação para si mesma, com medo de agir, com medo de se levantar contra Kinok e seu pai e seu próprio povo, mas não tinha mais esse luxo. Iria agir e rápido.

— Você não vai acreditar em mim — disse, depois que ela e Hook se moveram para dentro da floresta o suficiente para que os outros não pudessem ouvi-los. — Mas acho que sei onde encontrar Turmalina. Ou . . . por onde começar.

Ele a deu um olhar incrédulo. — Ontem à noite, você disse que não tinha ideia de onde estava.

— Eu sei. Mas então eu usei isso. — Ela ergueu o medalhão, mostrando-lhe a estrela alquímica. Estava nublado esta manhã, uma pequena bênção; ela não precisava se preocupar com a luz do sol da manhã batendo em seus olhos. — Segure perto do ouvido e ouça. — Ele o fez, e ela observou suas sobrancelhas se erguerem quando ouviu o batimento cardíaco inorgânico minúsculo dentro, como o tique-taque de um relógio, mas mais vivo *tmp-tmp, tmp-tmp*.

— Este é um objeto Criado — ele disse, virando-o nas mãos. Parecia assustado, um pouco pasmo. — Como você conseguiu isso, Ayla?

— Não importa. Tudo o que importa é o que este medalhão pode fazer. — Rapidamente, ela explicou as propriedades mágicas do medalhão, as memórias dentro dele, embora ela não lhe desse nenhum nome. — Uma vez pertenceu a um homem que o usou para registrar suas memórias de suas experiências com Turmalina. Com o Criador da turmalina. Eu descobri como acessar essas memórias, e as tenho pesquisado lentamente, procurando pistas. Ontem à

noite, finalmente encontrei uma. Acho que o homem morreu em um ataque ao lago Thea, dezesseis anos atrás. E eu acho que a pedra de turmalina estava com ele quando morreu.

O lago Thea era o maior lago de Zulla, metade em Rabu e metade em Varn, em homenagem à Rainha Thea de Zulla, a Rainha Estéril. A fundadora da Academia Real de Criadores. Aquele para quem Thomas Wren criou Kiera.

Não, não Thomas Wren. Uma camponesa sem nome. H.

Hook estreitou os olhos. — E por que eu deveria acreditar em você?

— Você não deveria — disse Crier. — Mas estou indo para o Lago Thea. Para a Enseada da Rainha. Você e os outros podem me acompanhar ou não, mas eu vou. Se houver alguma chance de encontrar Turmalina antes de K… antes que o Scyre encontre, eu tenho que aproveitá-la.

Ele olhou para ela por um longo tempo, examinando-a.

— São apenas dois dias de viagem a partir daqui — disse Crier. — Se eu estiver errada, se for um beco sem saída, você terá perdido dois dias. Mas se eu estiver certa . . .

— E se você estiver nos levando para uma armadilha?

SEla piscou para ele, surpresa. Nem mesmo considerou que ele pudesse pensar isso. — Eu– eu suponho que você não pode saber com certeza que eu não estou. Mas há uma de mim e oito de vocês, e vocês têm andado matando *Sombras* – que armadilha poderia ser mais perigosa do que essa?

Ele ainda estava hesitando.

— Eu disse que vou sozinha e falei sério — disse Crier, resignando-se com um *não*. — Obrigada por salvar minha vida, obrigada por uma noite de descanso. Vou me lembrar de vocês e do que fizeram por mim. Mas...

— Nós iremos. — disse Hook.

— O quê?

Ele esboçou um sorriso. — Iremos com você, Ayla. Como você disse, se houver alguma chance de derrotar o Scyre em seu próprio jogo doentio . . . — Sua expressão escureceu por um momento, o sorriso desaparecendo como o sol atrás de uma nuvem. — Tenho certeza que você viu o pônei extra no acampamento.

O estômago de Crier se revirou. — Eu . . . Eu me perguntei o que aconteceu com o cavaleiro.

— O Scyre tirou inúmeras almas de nós — disse Hook, com fogo nos olhos. — Erren era ume entre milhares. Elu fora capturade; temos procurado por elu desde então. Para encontrá-le, para salvá-le – eu correria o risco de cair em uma armadilha. Eu arriscaria quase tudo.

— Eu sei o que você quer dizer — disse Crier.

Nos dois dias seguintes, enquanto os nove cavalgavam para oeste em direção ao Lago Thea, Crier se viu incapaz de parar de observar os humanos.

Eles eram fascinantes. Era tão óbvio, agora, como o Tradicionalismo de seu pai era apenas uma pálida imitação da cultura humana. O Tradicionalismo era o cadáver; este era o corpo vivo, de olhos brilhantes e quentes. Crier nunca havia observado como os humanos agiam quando não havia nenhum Automae por perto, e a diferença de comportamento era impressionante. Os humanos faziam barulho. Riam alto, falavam alto, cantavam enquanto cavalgavam. Brincavam facilmente, tocavam facilmente, sorriam facilmente, embora Crier soubesse que haviam passado por coisas terríveis, sabiam que temiam as Sombras, sabiam que já haviam perdido um, se não mais, para eles. Ela não entendia a maioria das piadas, mas uma ou duas vezes a piada era universal e ela… riu. A primeira vez que aconteceu, a assustou. Esta explosão indefesa de ruído. Não conseguia se lembrar da última vez em que riu. Não era algo que um Automae fazia.

Ela não conhecia a maioria de suas canções e, no primeiro dia, permaneceu em silêncio e apenas ouviu. Mas no dia seguinte, enquanto caminhavam por planícies que se transformavam lentamente em colinas, Bree puxou o cavalo para perto de Crier e cutucou-a no braço.

— Vamos, Ayla — disse, balançando as sobrancelhas. — Todo mundo conhece esta.

Crier conhecia, na verdade. Era uma cantiga, uma canção de viajante; uma vez ela aprendeu sozinha a tocar harpa. Ainda se lembrava das palavras. Claro. Ela se lembrava de tudo.

Baixinho, ela cantou junto à próxima linha. — *Quando o vento sopra do branco e frio norte, quando a luz do sol se esvai . . .*

Bree sorriu, acomodando-se de volta na sela. Ela largou as rédeas e bateu palmas, cantando alto. — *Quando o oceano secar e me encolher, criança, quando o céu azul se transformar em cinza. . .*

— HO-HEY! — Hook deu um grito na frente.

— *Quando o corvo preto chora, é a última vez, quando os pássaros do meio-dia perdem o canto…*

— HO-HEY!

—*Quando os céus caem e os infernos se levantam e os demônios sobem…*

— HO-HEY!

—*Vou enfiá-los no olho e fazê-los chorar e dizer: "Você não pode me manter longe de casa!"*

Ao final, Crier estava cantando quase tão alto quanto os outros. E ela não conhecia a próxima música, mas conhecia a seguinte, e a seguinte, e cantou junto. Estava se tornando mais fácil fazer o papel de uma humana. Não precisava se concentrar tanto em se mover, respirar, falar com a voz certa. Ela comeu toda a comida humana que conseguiu e consumiu pequenas quantidades de pedra-coração na calada da noite, e ela cavalgou com eles sob um céu como uma tigela virada, e cantou, riu e se perguntou se ela parecia diferente, porque parecia impossível que seu exterior não estivesse mudando também.

Crier nunca tinha estado no lago Thea antes, só o tinha visto em mapas e ilustrações, uma pequena mancha azul. Logicamente, ela sabia que era enorme – cem léguas de diâmetro, quase grande o suficiente para ser considerado um mar. Mas, ainda assim, em sua mente sempre o imaginou como aquele pequeno pedaço de azul aninhado entre Rabu e Varn, alimentando-se de um braço do Rio Merra. Assim, quando chegaram ao topo de uma colina e não viram nada além do azul à sua frente, estendendo-se até o horizonte e até onde os olhos podiam ver em todas as direções, Crier levou alguns segundos para perceber o que ela estava olhando. A vista parecia uma miragem: a luz do sol refletindo em uma extensão infinita de azul, um estilhaçamento de luz que fazia tudo parecer falso e

ondulante – mas então ela viu os pássaros marinhos voando alto acima da superfície, as ondas de capa branca rolando para a costa . . .

As colinas desciam em penhascos parecidos com prateleiras na beira do lago e, mais adiante ao longo da costa, caíam inteiramente, achatando-se nas margens que Crier vira nas memórias de Leo, a cor pálida de conchas amassadas. Deuses, havia tanta água. Isso lembrava Crier de sua casa, o mar de Steorran, embora as águas fossem mais calmas, esses penhascos suaves e cobertos de grama em vez de rochas negras e afiadas. Do outro lado de toda aquela água estava Varn. Olhando para o lago de sua posição nas colinas, Crier se sentiu mais perto de Varn do que nunca. Mas ela sabia que a costa varniana era fortemente protegida e – sim, lá nas falésias, talvez a uma légua de distância: havia um farol. Com certeza estava cheio de guardas de fronteira rabunianos. Eles teriam que ser cuidadosos.

— Ayla? Você vem?

Os outros passaram por ela. Bree estava olhando para Crier por cima do ombro.

— Sim — murmurou Crier, e incitou Della a avançar. Avante.

Os nove deles mantiveram-se nas colinas, cavalgando paralelamente à costa, mas mantendo a distância. Crier não tinha certeza de onde seria a antiga vila de Leo, mas se lembrou da posição do sol obscurecido pela fumaça das memórias de Leo: quando estava de frente para a casa, estava de frente para o sol. Voltado para oeste. Então cavalgaram para o oeste. Um vento forte veio do lago, carregando um cheiro limpo e salobro, farfalhando a grama amarela. Crier relaxou e a tensão em seus ombros se dissipou. Fazia dezesseis anos, mas ela tinha essa sensação. Ela iria encontrar respostas aqui. Estava tão perto, o céu estava claro, a água do lago azul turmalina, as aves marinhas gritando no alto. Os rebeldes mantiveram um ritmo constante, não forte o suficiente para cansar os cavalos, mas definitivamente mais rápido do que o necessário. Talvez sentissem também, aquele arrepio de antecipação.

Demorou mais uma hora até que encontrassem a aldeia e, se Crier estivesse sozinha, teria se perdido completamente.

— Pronto — disse Hook, a primeira coisa que qualquer um deles havia falado por muito tempo.

Crier olhou na direção em que ele apontava. Mas não viu nada que parecesse ter sido uma aldeia. Ela estava procurando... ruínas, como aquelas nos livros de história, fundações de pedra e paredes em ruínas. Ela sabia que a vila havia sido invadida e queimada, então... onde estavam as ruínas?

Eles se aproximaram e ela viu o que Hook vira. Era uma pedra, áspera e de formato irregular, saindo da terra. Se Crier ficasse ao lado daquilo, só chegaria ao joelho. Havia uma coroa de flores mortas e secas ao redor da base da pedra, e uma única palavra gravada nela: *Poços*.

Por alguma razão, foi apenas preciso isso. Foi quando realmente a atingiu. Ela não estava percorrendo um livro de história, onde as coisas eram distantes, toda a dor e sofrimento amenizados por séculos. Ela esperava uma ilustração porque era tudo o que conhecia, mas é claro que não se parecia em nada com as ilustrações. Tivera uma vez uma aldeia aqui, cheia de pessoas cujas vidas eram cheias de tristeza e alegria, que tinham filhos, que estavam apaixonadas, que se amavam, que queriam se proteger, que só queriam sobreviver. Um vilarejo cheio de gente como Leo, que se sacrificou para salvar sua filha, sua neta ainda não nascida.

Agora não havia nada além de uma pedra.

Por causa do pai de Crier.

Não mais meu pai, ela se lembrou. *Não serei filha de um monstro.*

Mas quando olhou para as colinas, a orla do Lago Thea, a grama alta escondendo os ossos de uma aldeia morta há muito tempo, ela sabia que não era tão fácil.

Escrevo isso no alvorecer da guerra.

O Scyre começou a reunir forças para o oeste. Não sei o que ele planeja, a não ser tomar o trono do soberano; além de derrubar o conselho; além de tomar a própria Rabu e então, devo presumir, toda Zulla.

Ele derrama palavras como vinho. Doce e vermelho-sangue. Inebriante quando consumido. Promessas de uma nova fonte de vida brilhante. Ele nos libertará de nossa necessidade de consumir a pedra-coração diariamente, ou assim ele diz; do próprio Coração de Ferro, a rachadura em nossa armadura. Mas devo confessar que nunca entendi. Uma nova fonte de vida não viria com suas próprias vulnerabilidades? Devemos derivar poder de algo, e enquanto dependermos desse algo – nosso ponto fraco. Nossa falha.

Ele quer acabar com a dependência em quê, realmente?

Ainda me lembro de suas palavras na primeira assembléia Anti-Dependência, dois verões atrás.

"Por que nos chamamos de filhos e filhas quando nunca nascemos? Por que o Tradicionalismo dita que representemos essas cenas elaboradas, brincando de ser humanos? Fomos criados para ser mais do que humanos. O lobo brinca de ser um cachorro comum? Escute aqui. Se olharmos apenas para o passado, perderemos de vista o futuro. E que futuro pode ser."

Do que você tem medo, Scyre?

O que te assombra, Vigía?

Que segredos existem no Coração?

—EXCERTO DOS REGISTROS PESSOAIS DE MÃO VERMELHA MAR DO CONSELHO VERMELHO DO ESTADO SOBERANO DE RABU, ANO 47 EA



9

A*manhã*, Storme tinha dito, mas o amanhã veio, Ayla acordou de madrugada e imediatamente saiu de seu quarto para ir encontrá-lo, e . . . não conseguiu encontrá-lo em lugar nenhum. Não sabia onde ficavam os aposentos dele e não queria chamar atenção para si mesma perguntando. Então vagou pelo palácio por uma hora, verificando cada cômodo aberto, verificando as cozinhas e o refeitório e a sala de treinamento e os campos e até mesmo o jardim de esculturas onde se encontraram na noite anterior, mas ele não estava em lugar nenhum para ser encontrado. Frustrada de novo, Ayla decidiu que, se o irmão queria evitá-la como um covarde, tudo bem. Deixe-o! Ela tinha outras coisas para fazer.

Primeiro na agenda: aprender mais sobre as misteriosas armas tarrenianas que Storme mencionou. Que substância, ou combinação

de substâncias, criou uma fumaça azul brilhante?

Se as respostas existiam, Ayla sabia onde encontrá-las.

A biblioteca, disse a voz de Crier em sua cabeça. Crier falava sobre a biblioteca como algumas pessoas falam sobre templos. Lugares sagrados.

Segundo Maris, havia nove bibliotecas no palácio da rainha, cada uma com um tema diferente: história, filosofia, artes e ciências, alquimia, livros antigos, livros raros e preciosos, livros de histórias humanas, direito, música. Ayla foi até a biblioteca de alquimia em uma das torres altas em forma de presas, no topo de uma escada em espiral vertiginosa.

A porta da biblioteca era de madeira entalhada com detalhes, um desenho simétrico de pergaminhos, espadas e a fênix varniana. Nas bordas, símbolos alquímicos. Para sua surpresa, Ayla conseguia entender quase todos eles. *Sol, terra, ferro, sal.* Os símbolos associados ao corpo humano. *Lua, água, chumbo, ouro.* Símbolos de mudança, transformação. *Fogo, salitre, cobre.* Energia. Aquilo que queimou.

Ayla empurrou a porta e entrou, imediatamente envolvida pelo tipo particular de silêncio que passou a associar às bibliotecas depois de ficar ali sentada, entediada, quando Crier se reunia com vários tutores. Um silêncio espesso e bolorento, pesado com o cheiro de livros velhos. A biblioteca era uma pequena sala circular, sem janelas, as paredes revestidas de estantes tão altas que havia escadas deslizantes presas a elas para que você pudesse acessar as prateleiras superiores. No centro da sala, havia duas cadeiras de aparência macia e uma escrivaninha com pergaminho, uma pena e um pote de tinta. Ayla deixou a porta fechar atrás de si e apenas ficou parada por um momento. Ela aprendeu o alfabeto Zullano rapidamente, mas ainda não conseguia ler mais do que algumas palavras; não seria capaz de decifrar os títulos dos livros, muito menos o conteúdo. De repente, se sentiu muito tola. Ela não pertencia a este lugar.

Se virou para sair, apenas para a porta se abrir, quase batendo no rosto dela.

— Benjy — disse ela, surpresa. — O que você está fazendo aqui?

— Eu te segui — disse Benjy. Ele estava vestido com um uniforme de guarda verde, cachos escuros penteados para trás em sua testa. Franzindo a testa, ele olhou ao redor da biblioteca atrás dela. — O que você está fazendo?

— Procurando um livro.

Benjy piscou para ela. — Você não consegue ler.

—*O quê?* — Ayla ofegou. — Eu não consigo? Meus deuses, por que ninguém me contou?

— Ha, ha — disse, revirando os olhos. — Sério, o que você está fazendo?

— Sério, estou procurando um livro — ela se virou, fingindo procurar nas prateleiras, como se não estivesse prestes a sair. Ele ficou em silêncio, e ela não pôde deixar de acrescentar: — Muita coisa aconteceu ontem à noite. Você sabe, depois de valsar com a rainha.

— A Rainha Junn é nossa aliada mais valiosa agora — ele disse rigidamente. — Ela tem mais poder, alcance e recursos do que jamais tivemos acesso. É do nosso interesse permanecer no lado bom dela.

— Bem, você certamente parece dedicado a fazer exatamente isso.

— Você é quem vai decodificar as mensagens para ela — retrucou Benjy, agarrando a manga de Ayla. Ela se virou, já cruzando os braços.

— Qual é o seu *problema*, Benjy? — A raiva cresceu dentro dela; ela era um corpo preso na ressaca. Não sabia qual era o seu problema até que ela abriu a boca e derramou. — Durante *semanas* você me alertou sobre Crier — ela sibilou. — 'Você ficou mole', você disse. 'Você não pode confiar nela', 'Não se esqueça do que sua espécie faz conosco' – e agora você está dançando com a rainha dos sanguessugas? Ficar do lado dela não precisa significar isso. Imagine se eu tivesse dançado assim com Crier. Valsando na frente de todos, rindo como amigas. Imagine o que você teria dito.

— O quê, você está com ciúmes? — Ele perguntou.

— Você sabe muito bem que não estou. — ela disse friamente. Os olhos dele se arregalaram de dor, mas não acalmou seu temperamento. Ele merecia por perguntar isso.

— Eu não quis dizer ciúme de mim — disse ele incisivamente. — Quero dizer, com ciúme por você *não* ter feito isso. Com ela.

Ela zombou. — Claro que não.

— Realmente.

Ela o encarou por um momento. Ele sempre fora capaz de lê-la, mesmo quando tentava tanto se esconder. — Então, eu fiquei mole perto dela — disse Ayla. — Ainda fui eu que tive a ideia de detonar o carrilhão dela. Eu ainda fiz essa escolha, no final. Por vingança. Para a revolução.

— E você ainda é a única que não conseguiu matá-la.

Ela deu meio passo para trás. Eles se entreolharam, o silêncio da biblioteca ensurdecedor na esteira de sua raiva.

— Estou pensando no futuro, Ayla — disse Benjy. — Estamos à beira da guerra. Sejam humanos contra Automae ou a rainha contra Kinok e o soberano, ou tudo isso, é guerra. Eu quero proteger nossa espécie. Nosso povo. Eu quero que nos levantemos e *vençamos*. Se eu tiver que me *associar* com a *rainha dos sanguessugas*or um tempo, que seja. Farei qualquer coisa pela Revolução. Eu acho que não é o mesmo para você.

— Você realmente acha que as intenções dela são puras? — Perguntou Ayla. — Nós sabemos que ela quer a cabeça de Kinok em uma bandeja, mas e depois? Ela invadirá o palácio do soberano? Dominar Varn e Rabu? Você conhece os sussurros sobre ela. Que ela é impiedosa. Que mata por diversão. E se ela matar Kinok, assumir o trono do soberano e decidir que não gosta de humanos, afinal?

— Isso não vai acontecer — disse Benjy, mas havia um toque de dúvida em sua voz. — E, de qualquer forma, não acho que você tenha o direito de pregar sobre *intenções puras*.

— Nem você, depois da noite passada.

Ele zombou dela. — Oh, vá se foder, Ayla. Você não sabe do que está falando. Você é tão ingênua, você sempre foi tão ingênua.

— Se você acha que sou ingênua, você está louco — ela cuspiu. — Mas tudo bem. Vá em frente, seja legal com Sua Majestade. Só não se deixe amolecer, Benjy.

— Não se preocupe. Eu tenho proteção — disse, e saiu furioso da biblioteca.

A porta se fechou atrás dele. Ayla ficou onde estava por alguns minutos, tentando se controlar. Suas mãos tremiam. Nunca tinha brigado com Benjy assim antes. Eles tiveram desentendimentos, discussões mesquinhas, brigas de infância, mas nunca uma briga como essa.

Você está com ciúmes?

Não.

Mas sempre que fechava os olhos, via Benjy e Junn dançando. Junn inclinando a cabeça para trás para olhar para o céu noturno, a curva de sua garganta brilhando como bronze à luz das velas. Naquele momento, Junn não parecia a Rainha Louca. Ela nem parecia uma sanguessuga.

Ela apenas parecia uma garota.

Não, Ayla não poderia pensar assim. Porque se o fizesse, pensaria...

Naquela noite. Enrolada na cama de Crier, no quarto de Crier, no lugar onde ela dormia. Ou, com mais frequência, lia ou simplesmente ficava acordada, olhando para o teto por horas. Grande cama de dossel. Com dossel em delicada teia branca, como teias de aranha. Deveria ter sido como dormir em um ninho de aranha. Não foi. Nada com Crier parecia como deveria ser. O luar entrando pelas janelas, azul, azul, azul. O ar noturno, os cobertores e os corredores do coração de Ayla, todos azuis.

Uma pergunta sussurrada. *Como posso ajudar?*

Isso não é um jogo, Crier, Ayla sussurrou de volta. Palavras suaves no azul entre elas. *Isso não é um conto de fadas de um dos seus livros. Isso é vida e morte.*

Estou falando sério. Deixe que eu prove isso para você.

E outra noite. Mesmo lugar. Mas, desta vez, Ayla estava de pé ao lado da cama com um braço levantado.

Se Ayla pensasse em Crier apenas como uma garota, isso significaria que ela trouxe uma faca para aquele quarto azul suave para absolutamente nada. Então não podia pensar assim. Ela *não conseguia*.

Esquecidas as armas de fumaça azul, Ayla deixou a biblioteca e percorreu os corredores de volta ao quarto.

— Ayla!

Quando virou a esquina, ouviu Storme chamar seu nome. Ele a alcançou, caminhando ao lado dela.

— Eu estive procurando por você. Pensei que talvez você estivesse me evitando — disse ela.

— Estou aqui agora, não estou? — Disse. — Venha, me siga. Estive confinado na sala de estratégia o dia todo, preciso de ar fresco e luz do sol. Talvez um pouco de vinho. Talvez um frango assado inteiro. Mas acho que devemos começar com a luz do sol.

Ele fez uma curva fechada à direita. — Onde estamos indo? — Exigiu Ayla, arrastando-se atrás dele.

— Dar um passeio.

As pessoas tinham pés por uma razão, pensou Ayla, sentada em cima de um dos cavalos reais, e era para evitar que coisas assim acontecessem. Suas coxas doíam. Cada músculo de seu corpo estava tenso. Não tinha aprendido como se mover com o ritmo das passadas do cavalo; seu cóccix continuava batendo na sela.

— Como . . . você pode possivelmente . . . aproveitar isso? — ela engasgou, segurando as rédeas com tanta força que machucou as palmas das mãos. O cavalo que Storme escolheu para ela era pouco maior do que um pônei, e ainda assim ela se sentia a quilômetros do chão. Se caísse, quebraria o pescoço. Ou seria pisoteada. Ou seria esmagada, se o cavalo caísse com ela. E se isso a derrubasse? Havia uma faísca do mal em seus olhos, ela podia *dizer*. O cavalo não era confiável.

— Eu amo cavalgar — Storme disse agradavelmente. — Isso me faz relaxar.

Ayla poderia tê-lo estrangulado, se pudesse soltar as rédeas.

Eles se juntaram a um fluxo de pescadores, comerciantes e mercadores saindo de Thalen, passando por um conjunto de portões muito menores do que os que Ayla e Benjy haviam usado para entrar na cidade no dia do Festival do Criador. Em seguida, estavam fora das altas muralhas brancas no ponto mais ao norte da cidade, colinas amarelas de inverno estendendo-se diante deles, grama morta farfalhando ao vento que vinha do mar. Estava frio, mas nada como o frio do inverno em Rabu, que se instalou em seu estômago e roeu seus ossos como um cachorro faminto. Ayla se

sentiu quase superaquecida em seu casaco grosso de lã. O céu estava com o cinza esbranquiçado de um lago congelado. Acima, as perpétuas aves marinhas, gritando.

Storme assumiu a liderança, embora não parecesse que estava indo a algum lugar em particular. Ele apenas manteve um passo constante para as colinas, na direção oposta da estrada principal que todos os comerciantes estavam usando, aquela que levava ao porto. Depois de alguns minutos, Ayla percebeu que não relaxava totalmente, mas afrouxava o controle sobre as rédeas, permitindo-se parar de representar uma estátua, rígida como uma pedra. Ela se viu olhando ao redor apenas porque era uma bela vista, o céu e as colinas douradas, Thalen como uma enorme coroa branca. O ar cheirava a inverno e mar. Isso a lembrou de casa.

— Tudo bem — disse Storme, diminuindo a velocidade do cavalo até que ele e Ayla cavalgassem lado a lado. — Vamos conversar. O que você quer saber?

— Irmão, o que você acha que eu quero saber? — Ela disse, incrédula. O sol bateu em seu rosto, revelando sardas como as dela. Como as de sua mãe. — Algo sobre os últimos sete anos, talvez? Sobre como você passou de órfão de nove anos no norte de Rabu a *conselheiro da rainha de Varn?*?

— Não sei por onde começar — confessou.

— Bem . . . se você não quer começar com a pior parte, comece com isto. Considerando tudo o que você e a rainha sabem sobre Scyre Kinok, você tem alguma ideia de por que ele se interessaria pela história de nossa família?

Isso fez Storme olhar para ela.

— Do que você está falando? — Ele perguntou, com os olhos arregalados.

— Ele me pegou sozinha uma vez — disse Ayla, não querendo entrar em detalhes. — Achei que fosse me machucar, mas ele perguntou onde eu nasci. Ele perguntou sobre meus – nossos pais. Nossos avós. Então, mais tarde, encontrei um cofre escondido em seu escritório. Dentro havia um único pedaço de papel com as palavras *Leo*, *Siena*, *Turmalina*. Ele tinha espiões no palácio do soberano, acho que era para um deles. De qualquer forma, nós encontramos.

Storme prendeu a respiração. — Leo e Siena? Ele sabia seus nomes?

— Sabia muito mais do que isso, eu acho. Só não sei quanto. Ou exatamente o que nossos avós têm a ver com Turmalina. — Ela mordeu o lábio, pensando sobre a memória que ela e Crier tinham caído: um jovem Leo e Siena na floresta, se abraçando. Em retrospecto, Ayla deveria ter pressionado Crier para obter mais informações. Crier foi quem descobriu como o medalhão funcionava; ela deve ter visto outras memórias. Mas . . . um pouco antes de usarem o medalhão, elas se beijaram. (Com ferocidade, raiva, desespero, puxando o cabelo e as roupas uma da outra, Crier inexperiente, mas tão ansiosa, tão aberta, sem fôlego). Logo depois de usarem o medalhão, Rowan morreu. E Ayla não tinha pensado em mais nada. Nada além de tomar o palácio. Nada além do coração de Crier em suas mãos.

Ela tocou seu esterno. O local onde o medalhão deveria estar. Um pequeno batimento cardíaco inorgânico ecoando o dela. Uma vez, houve dois medalhões. Storme deveria ter herdado o outro, a outra metade do conjunto correspondente, como Ayla herdou o dela, mas ele se perdera anos antes. Eles nunca souberam o que aconteceu com ele – a única vez que Storme perguntou a sua mãe, ela se recusou a responder. Ayla sempre achou que era justo . . . se fora. Destruído, talvez

Mas, ela pensou agora, *mas . . .*

Ela se lembrou de ser arrastada para o escritório de Kinok, do choque de ver seu próprio colar – que ela havia perdido minutos antes – posto orgulhosamente em uma estante de livros atrás de sua mesa. Então, mais tarde, a confusão de Crier, sua afirmação de que o colar estivera em sua posse o tempo todo.

Às vezes, a explicação mais simples era a certa. Se o medalhão no escritório de Kinok não era de Ayla, devia ser o outro. Aquele que foi perdido.

Seu estômago se revirou. E se Kinok tivesse descoberto como usar o medalhão assim como Crier? Que memórias ele acessou? O que ele aprendeu sobre Turmalina? O colar de Ayla pertencera a Leo, o de Storme a Siena. A ideia de Kinok vasculhar as memórias de sua avó a enojou. Parecia uma violação.

— Como nossos avós estariam conectados a isso? — Storme perguntou.

— Não sei — murmurou Ayla, ao longe.

Perdidos em pensamentos, eles seguiram em frente. Até que Ayla não aguentou mais.

— Sete anos atrás. Naquele dia — disse ela. — O que aconteceu com você?

Vento de inverno. Grama sussurrante.

Ele não respondeu.

Frustrada, Ayla começou a perguntar *de novo*, mas então olhou para Storme. Seus olhos castanhos escuros, tão parecidos com os dela, estavam fixos bem à frente, nas colinas. Sua mandíbula estava tensa, a boca uma linha fina. O verniz de profissionalismo, o conselheiro da rainha, havia desaparecido. Em seu lugar estava um menino de dezesseis anos. Jovem e assombrado. O irmão dela. O gêmeo dela.

— Sinto muito — disse ele, com a voz trêmula. — Eu sinto muito. Eu… não estou acostumado a confiar nas pessoas, contar coisas às pessoas, e sei que você é meu sangue – sei que você também passou por isso – mas às vezes é difícil de acreditar. A ficha ainda não caiu. Que você está aqui.

— Estou aqui — disse ela. — Storme, estou aqui.

— Sim. Sim.

Ela engoliu em seco. — Me tire de cima dessa criatura infernal e conversaremos.

Acabaram apenas caminhando ao lado dos cavalos, as rédeas seguras frouxamente. Ayla sentiu-se mil vezes melhor com os pés no chão novamente, zunindo pela grama alta. Havia pequenas flores brancas pontilhando as colinas como manchas de neve derretida, mutucas zumbindo, às vezes pousando sobre os cavalos e sendo enxotadas com um movimento das orelhas ou cauda.

— Naquele dia — incitou Ayla.

— O dia das invasões, depois que eu escondi você no banheiro externo . . . , — Storme começou. — Eles me viram. Homens do soberano. Eles já tinham matado mamãe e papai, bem na minha frente, eu vi acontecer, eu estava me escondendo atrás do banheiro externo mas é claro que me viram. Eu corri. Eles me perseguiram.

Deveriam ter me pego em segundos, mas tudo estava queimando, você se lembra. Corri para dentro e a fumaça ajudou a me esconder. Me cobri de cinzas e me deitei ao lado de... um corpo, não sei quem era, o rosto estava... a cinza ainda estava quente, acabei com queimaduras por toda parte. Aqui. — Ele puxou a manga da camisa, mostrando a Ayla a pele de seu braço, marcada e estranhamente brilhante. Ela fez um pequeno ruído magoado e ele puxou a manga para baixo. — Eu me fingi de morto por um tempo. Com toda a fumaça, estava escuro como a noite, mesmo no meio do dia. Esperei até não poder mais ouvi-los e então corri. Para fora da aldeia, até a borda dos campos de gelo. Você se lembra da Árvore Óssea?

Ayla assentiu. Eles cresceram no norte, no espaço liminar entre o norte de Rabu e o Extremo Norte, onde tudo era plano e gelado e não havia muita vegetação. A Árvore Óssea era a coisa mais alta em quilômetros: uma árvore que ficava do lado de fora da aldeia, morta há muito tempo, mas ainda em pé, sua casca do branco-amarelado de osso. Os filhos de Delan sempre a usaram como um marcador. *Corrida até a árvore óssea. Sente-se sob a árvore óssea e conte até cem enquanto vou me esconder.*

— Eu me escondi nos galhos. Eu era pequeno, estava escuro, sabia que não seriam capazes de me ver a menos que estivessem logo abaixo da árvore. Eu queria voltar, queria pegar você – mas podia ouvi-los. Chamando um ao outro, em busca de sobreviventes. Eu deveria ter voltado de qualquer maneira. Eu deveria – mas eu estava com medo, estava paralisado de medo, não tinha uma arma. Eu fui um covarde.

— Você não foi covarde — disse Ayla baixinho. — Você era uma criança. Se você tivesse voltado, eles teriam matado você também. E eu realmente teria ficado sozinha.

Parecia tão estranho, falar sobre aquele dia – a escuridão de fumaça, o cheiro de sangue e carne queimada, o rugido do fogo devorador, o som de casas de madeira desabando enquanto o fogo devorava suas fundações, o som da morte – em um dia tão claro e lindo, caminhando lentamente pelas colinas gramadas. Tão longe de tudo isso. Sete anos depois. Eles nem estavam mais no mesmo país.

— Esta parte é tão estúpida — disse Storme, deixando escapar um suspiro trêmulo. — É uma coisa tão ridícula, mas – eu não estava usando um casaco. Era o início do inverno; você se lembra de como estava frio. Fiquei nos galhos da Árvore Óssea a noite toda, esperando os homens do soberano irem embora, mas estava muito frio. Devo ter perdido a consciência e caído dos galhos. Porque dois dias depois, acordei ao lado de uma fogueira no meio dos campos de gelo.

Os olhos de Ayla se arregalaram. — Espere, o que?

— Era um grupo rebelde humano. Eles tinham ouvido falar sobre o ataque a Delan. Vieram em busca de sobreviventes, e acho que encontraram meu corpo sob a árvore dos ossos e viram que eu ainda estava vivo. Me levaram com eles. Eu era... eu era o único que encontraram. Eles cuidaram de mim de volta à saúde. Eu estava mais da metade morto quando me encontraram na neve. Embora cair dos galhos tenha sido um golpe de sorte. A neve evitou que minhas queimaduras infeccionassem. Quase morrer de frio salvou minha vida.

Quase morrer de frio salvou a vida de Ayla também.

Ela estava tão gelada que não sentia mais o frio. Ele nem sequer a queimava. Ela mal notava o ar de inverno, a neve encharcando suas botas gastas, os cristais de gelo que chicoteavam em seu rosto e deixavam sua pele vermelha e em carne viva. Ela estava com frio de dentro para fora, a friagem pulsando através dela em cada pulsação fraca de seu coração. Vagamente, ela sabia que era assim que você se sentia antes de morrer.

Foi assim que Rowan a encontrou pela primeira vez, nas ruas cheias de neve de Antrokalla. Uma órfã perdida, sem nenhum outro lugar para ir.

— Eles me disseram que não havia sobreviventes — disse Storme. Sua voz soava fraca, rigidamente controlada, como se estivesse se contendo – não lágrimas, mas alguma emoção crua, alguma tristeza antiga. — Eles disseram que eu era o único, todo mundo estava morto. Anos depois, soube que *havia* sobreviventes de Delan. Os rebeldes simplesmente não os haviam encontrado, ou quem sabe, talvez estivessem mentindo. Eu não sei. Eu nunca saberei. Mas… eu tinha nove anos. Eu havia acabado de assistir os

Automae matar meus pais. Estava apavorado, sofrendo e sozinho. Acreditei neles. Quando me disseram que eu poderia me juntar a eles, eu disse que sim.

Ayla percebeu que sua visão estava embaçada. Ela apertou os lábios e continuou andando, um pé após o outro. Roçou os nós dos dedos no flanco do cavalo. Besta demoníaca ou não, isso a acalmou – este grande animal quente que não tinha experimentado coisas terríveis.

— Então eu me juntei a eles. E eu fiquei de luto por você. Como eu disse, só anos depois descobri que havia outros sobreviventes e percebi que havia uma boa chance de você ainda estar viva. Mas, durante anos, fiquei de luto por você. Segui o grupo rebelde para o oeste e depois para o sul, passando algumas semanas ou meses em uma dúzia de cidades e vilas, estabelecendo conexões, espalhando a palavra: *Estamos nos levantando contra eles.* Os rebeldes me usaram como bisbilhoteiro, ladrão, espião – eu era pequeno, podia entrar e sair de lugares que os outros não podiam. Ninguém suspeita de uma criança, nem mesmo os Automae. E eu fiquei de luto por você.

— Fiquei de luto por você também — disse Ayla sufocada. — Eu nunca parei de chorar por você. Havia um terceiro corpo ao lado da mamãe e do papai, pensei que fosse você, tive certeza de que era você. Deve ter sido filho de outra pessoa.

Sua expressão se quebrou. — Sinto muito — disse. — Sinto muito, Ayla. — Ele respirou fundo, firmando-se. — Depois . . . após três anos, o grupo original se dividiu em facções. Alguns deles permaneceram em Rabu, alguns foram para Tarreen, alguns para Varn. Não havia nada para mim em Rabu. Eu escolhi vir aqui, para Varn. Conseguimos cruzar a fronteira para o oeste e seguirmos para Thalen. Então, em Thalen, houve . . .

— Houve? — Ayla perguntou quando ele não terminou. — Houve o quê?

Storme pigarreou. — Uma garota rebelde. O nome dela era Annedine.

Ayla esperou, mas novamente ele não continuou. — O que aconteceu com Annedine?

— Eu . . . — Ele balançou a cabeça com força. — Eu sinto muito. Eu não deveria ter dado o nome dela. Esse é um segredo que ainda não consigo contar.

Ayla não protestou. Todo o resto que ele havia lhe dito foi tão esmagador que ela poderia deixar a história de Annedine para outro momento. Não conseguia parar de pensar em Storme de nove anos escondido nos galhos da Árvore Óssea, queimando, tremendo. Ambos sobreviveram ao ataque e então chegaram tão perto de morrer de qualquer maneira.

— Mas eu ainda não entendo — disse, olhando para ele. — Depois de tudo isso, depois de viajar com rebeldes humanos por tanto tempo . . . como você acabou sendo o braço direito da Rainha Junn?

— Esse é outro segredo — disse. Ele estava evitando seus olhos. — Confie em mim, Ayla. Eu sei o que estou fazendo. A rainha me arrancou da obscuridade. Ela me deu...

Ele parou, mas Ayla poderia terminar a frase mentalmente *Um lar.* Ela engoliu a réplica desagradável em sua língua. Ela brigou com Storme uma vez, brigou com Benjy hoje. Precisava parar de brigar com as pessoas que amava.

— Mast . . . ela é uma deles. — ela disse lentamente.

— E é diferente aqui em Varn, certo? As espécies não são inimigas como em Rabu. Aqui, vivemos e trabalhamos juntos. Não é perfeito, mas é melhor. E a rainha e eu – e você – temos um inimigo comum. Um objetivo comum. Por que eu não deveria trabalhar com ela? Por que não devo permanecer ao lado dela?

O som das palavras de Benjy ecoou por Ayla como o toque de um sino. Ela não sabia o que pensar. Por muito tempo, todos ao seu redor disseram: *Eles são monstros. Não há raciocínio com eles. Fique longe*. E agora . . .

Ela franziu o cenho. — Bem, diga a sua preciosa rainha para deixar Benjy em paz. Ela está brincando com ele, levando-o junto. Ele não é algo com que ela possa brincar antes de devorar.

— Do que você está falando? — Storme perguntou.

— Todos estavam apaixonados no baile na noite passada — disse Ayla. Ela revirou os olhos. — Isso o fez um tolo.

— Entendo — disse Storme, muito suavemente, e então nenhum dos dois falou mais.

Mais tarde naquela noite, com a barriga cheia do jantar, Ayla entrou em seu quarto. Sua mente ainda estava se recuperando de tudo o que Storme havia lhe contado, os pensamentos voando como pássaros marinhos. Ela esperou o dia todo por algum tempo sozinha. Sabia que uma vez que começasse a pensar sobre isso, não seria capaz de parar. A devastação silenciosa da história de seu irmão.

Ela colocou suas roupas de dormir, puxou os cobertores e congelou.

Lá, no colchão, estava um pedaço de pergaminho dobrado.

Cautelosamente, Ayla o ergueu contra a luz do lampião. O pergaminho era amarelo e gasto, os vincos suaves, como se tivesse sido desdobrado e redobrado mil vezes. Era uma carta, podia dizer muito. Caligrafia bagunçada, tinta borrada com o tempo. Mesmo se tivesse lido toda a sua vida, seria quase incompreensível.

Ayla afundou no colchão, perdida. Então saltou e correu para sua escrivaninha, pegando uma caneta e um novo pedaço de papel. Ela alisou o velho pergaminho. Tentou se concentrar na identificação de uma letra de cada vez.

Depois de um quarto de hora, estava bastante confiante de que tinha entendido as duas primeiras palavras.

Meu Storme . . .

Meu Storme,

Hoje tenho uma história para você.

Uma vez, uma bruxa enfeitiçou uma coleção de ossos para dançar sempre que tocava flauta. A maioria dos ossos tinha a forma de uma pessoa, faltando alguns pedaços aqui e ali; quando dançaram, eles chocalharam juntos como um, e quando a música parou, eles caíram no chão, silenciosos e imóveis como qualquer tumba. A bruxa não fez isso por nenhum motivo em particular. Ela não queria assustar os aldeões próximos, pregar uma peça ou desrespeitar um túmulo adormecido. Eu acho que ela estava apenas solitária. Acho que só queria dançar. Ela viveu seus dias, seu tempo de vida de bruxa, em uma pequena cabana à beira de uma clareira na floresta profunda e escura, e depois de um tempo os ossos aprenderam a dançar o canto dos pássaros e os sons suaves de corujas e pombas de luto, e às vezes até o grito de um lobo distante. E a bruxa, que antes não falava com ninguém por muito, muito tempo, às vezes deixava de lado a flauta e cantava, todas as canções que ela conseguia se lembrar e mil que ela inventava na hora, e os ossos dançavam sua dança estridente, batendo os dentes nas tábuas do chão, e a bruxa riu e os ossos dançaram com isso também.

Minha coisa favorita sobre os humanos: nós cantamos para nossos mortos.

Sua. Sua. Em carne, em sangue.

Annedine



10

Eles viajaram até aqui para nada. Crier realmente não sabia o que estava esperando – uma cabana perfeitamente preservada com uma placa na porta, AQUI ESTÁ O CORAÇÃO DE YORA? Ela era uma idiota. Mesmo se a pedra Turmalina estivesse aqui, ela poderia estar enterrada em qualquer lugar sob a grama alta. Ou na costa de seixos onde Leo e Siena estiveram. Talvez tivesse ficado escondida lá e depois sido levada pelas ondas, levada até o centro profundo do lago, onde a água era negra e parada. Talvez estivesse descansando no fundo do lago, coberto de areia e lodo, um pequeno pedaço de céu.

Passos atrás dela, abafados pela grama. Hook. Ele veio ficar ao lado dela, olhando para a extensão aparentemente interminável de água. Até Crier, com sua visão de Automa, só conseguia distinguir

uma linha preta tênue bem no limite do horizonte. O outro lado do lago. Varn.

— Sinto muito — disse Crier. — Eu deveria saber que isso seria inútil.

Hook cantarolou. — Honestamente, os últimos dias, todos estão mais felizes que eu os vi desde então . . . desde que Erren foi capturade. A Turmalina sempre foi um tiro no escuro. Continuaremos procurando, certo? — Ele suspirou. — Nós sempre continuamos procurando. Sempre tentamos.

Você é meu amigo? Crier se perguntou, olhando para ele. Na luz do sol, sua pele brilhava. Seus olhos eram de um castanho que Crier associara à terra fofa e rica, o tipo que pode crescer qualquer coisa, que nutre cada semente. *Somos aliados*, pensou. *Isso é a mesma coisa?*

Não, provavelmente não.

Doeu um pouco. Crier queria ser sua amiga. Isso era tão impossível? Ao contrário do que Kinok uma vez a fez acreditar, ela não tinha um quinto pilar. Ela não tinha paixão. Era Automa, por completo, uma criatura Criada, perfeitamente projetada. Intelecto, Orgânica, Cálculo, Razão. Não havia espaço dentro dela para emoções como essa. Para desejar assim. Para uma solidão como essa. Mas ela tinha uma forma tão humana. Ela era uma forma tão humana. Como poderia viver nesta embarcação e não sentir nenhum apego ao mundo, ao seu povo? Como poderia viver neste corpo e não ter espaço dentro dela para o modo como a voz de Ayla se tornava baixa e rouca ao final de um longo dia? A maneira como Crier sentia as próprias mãos quando ela tocava harpa, como se ela fosse uma extensão do instrumento e todas as suas cem cordas estivessem cantando? A maneira como Hook cuidava de seu bando de crianças que não podiam se permitir ser crianças, que eram muito mais corajosas do que Crier, que perderam amigos e caçaram monstros e ainda cantavam canções sobre voltar para casa?

Havia uma biblioteca em Yanna. Crier nunca tinha estado lá; o soberano nunca havia permitido. Ela nunca tinha visto a biblioteca na vida real. Mas tinha visto ilustrações. Uma pintura, uma vez. A biblioteca era feita de pedra rosa claro, igual ao antigo palácio no coração da cidade. Devia parecer resplandecente ao amanhecer e

ao pôr-do-sol, iluminada em rosa e dourado e laranja pêssego maduro. Era enorme, do tamanho de uma praça de cidade, com seis andares de altura e uma cúpula que, antes da Guerra das Espécies, fora pintada com folha de ouro. Havia dezenas de poemas humanos sobre aquela cúpula dourada: o meio-sol, a lua cheia caída na terra. Uma fruta dourada. O olho dourado de um deus. Lá dentro, a biblioteca era aberta e arejada, as paredes revestidas com centenas de milhares de livros e pergaminhos, na língua de Zulla e na língua dos alquimistas e de milhares de outros. Crier pensava nessa biblioteca com frequência. Ela se imaginou andando devagar, passando os dedos por todas aquelas lombadas empoeiradas, selecionando um livro ao acaso, lendo, memorizando, selecionando outro. Ela não precisava dormir como os humanos. Poderia ter ficado acordada naquela biblioteca por dias e dias, apenas lendo. Apenas respirando o cheiro de coisas sagradas. Em outra vida, ela poderia ter feito isso. Nesta, parecia impossível. Assim como o parentesco e Ayla e tudo o mais que ela sempre quis.

— Ayla?

Crier voltou a si.

— Não vamos desistir — disse Hook, a tranquilizando. Ele deve ter interpretado o silêncio dela como desespero. — Nós nunca desistimos.

Crier respirou fundo. Cheiro de lago salgado em seus pulmões. — Nunca?

— Nunca — disse ele.

— Porque . . . — ela se lembrou de Ayla parada diante dela. Ayla segurando uma faca. A faca tremendo na mão de Ayla. A expressão no rosto de Ayla: na época, Crier pensara que era raiva. Agora, ela pensou que talvez fosse medo. — Porque há coisas pelas quais vale a pena morrer.

— Nah — disse Hook, e rolou os ombros, torceu-se de um lado para o outro, esticou os braços sobre a cabeça e sacudiu-se. — Porque ainda existem coisas pelas quais vale a pena viver.

Crier temeu que os rebeldes a odiassem por levá-los a um beco sem saída, mas não parecia ser assim. Eles esperaram até o anoitecer e então seguiram descendo as encostas até a praia, onde

as botas de Crier afundavam na areia molhada a cada passo. Por fim, ela apenas tirou as botas e ficou descalça, emocionada com a sensação de areia úmida e fria entre os dedos dos pés. Eles encontraram uma saliência de rocha e argila, um bolso profundo o suficiente para esconder a luz de uma pequena fogueira, e montaram acampamento para passar a noite, amarrando os cavalos do lado de fora, perto o suficiente da água para que pudessem beber até se fartar. Bree e Mir fizeram uma fogueira com madeira de praia, e Crier observou, fascinada, enquanto as chamas ficavam azuis e verdes. Isso a lembrou da celebração da Lua do Ceifador semanas atrás, humanos mascarados dançando ao redor da fogueira, jogando pedaços de algas. Comemorando e bebendo quando o fogo brilhava em azul. E Ayla no meio de tudo isso.

Eles comeram e falaram baixinho, com pensamentos sonolentos e pela metade. Crier ficou sentada ali, com cuidado para não se aproximar muito do fogo, temendo a luz se refratasse em seus olhos. Ela vasculhou o cérebro, tentando pensar em qualquer outro lugar que a Turmalina pudesse estar. Reexaminou as visões que tinha visto, as memórias que percorreu, procurando por qualquer tipo de pista . . .

Se eu conseguir passar a noite, encontrarei você na Enseada da Rainha, disse Leo.

Crier mordeu o lábio com força, lutando contra uma onda de esperança tola. As memórias no medalhão terminaram quando Leo o deu a Clara na noite em que sua aldeia foi atacada – se eles tivessem se encontrado novamente, com certeza ele o teria retirado e continuado a adicionar memórias. Então . . . Leo e Clara nunca mais se viram depois da cena na margem do lago. Eles nunca se reuniram na Enseada da Rainha. Mas e se Leo tivesse sobrevivido à noite? E se ele tivesse ido para Enseada da Rainha mesmo assim? Crier podia imaginar tudo isso claramente: Leo, ferido, arrastando-se para dentro de um barco a remo. Afastando-se da costa. Amanhecer rompendo o lago. Se ele tivesse chegado na Enseada da Rainha, mas por alguma razão Yann e Siena já haviam partido . . . E se Enseada da Rainha, não a vila em ruínas, fosse seu local de descanso final?

Parecia muito com algo saído de uma história de fadas. Um final trágico. Mas Crier já tinha chegado tão longe – ela poderia muito bem visitar a Enseada, só para garantir. Ficava no lado varniano do lago, um pouco como uma caminhada. Mas sob o manto da escuridão . . . ela poderia estar lá e voltar ao amanhecer se ela se movesse rapidamente. Ela não tinha barco a remo, mas seria mais rápida a pé de qualquer maneira, seguindo a curva da costa. Crier olhou fixamente para o centro da fogueira fumegante, o minúsculo ponto onde as chamas ardiam negras, calculando. Havia os guardas de fronteira com que se preocupar. Soldados Automae de Rabu e Varn postavam-se em suas torres de vigia de pedra, examinando as margens, os penhascos, a água. Se Crier fosse pega – se os guardas percebessem que ela não era apenas uma jovem garota Automa, mas a filha fugitiva do soberano...

Erren era ume entre milhares. Para encontrá-le – para salvá-le – eu arriscaria cair em uma armadilha. Eu arriscaria quase tudo.

O que Ayla faria?

Crier quase sorriu. Ela sabia a resposta.

Ayla faria algo imprudente.

A coisa imprudente, como sempre acontecia, começou bem. Crier esperou até que os rebeldes apagassem o fogo e se enrolassem em suas colchões de dormir, preparando-se para a noite. Ela esperou, contando seus próprios batimentos cardíacos, obrigando-se a ser paciente. Cem batidas. Cento e vinte. Cento e quarenta. Ela esperou até ouvir oito batimentos cardíacos humanos lentos, oito ritmos de respiração saindo, uma onda tranquila como as marés distantes do oceano. Então, silenciosa como uma sombra, ela saiu de debaixo de seus próprios cobertores. Ela pegou suas botas, seus pés descalços silenciosos no chão de cascalho, e escapou de debaixo da saliência de rocha.

Estava a cem passos na praia quando ouviu alguém se aproximando. Dois alguéns. Movendo-se rapidamente. Crier se virou – *guardas já?* – mas eram apenas Hook e Bree.

— Está escapando de nós, Ayla? — Disse Hook enquanto os dois se aproximavam. Sua voz soou leve, mas o estômago de Crier ainda caiu.

—*Não*, — ela disse. — Não, claro que não. Eu estava apenas... — *sotaque humano, sotaque humano.*— indo verificar algo, eu voltaria ao amanhecer. Eu juro. Eu não iria embora sem nenhuma explicação, não depois de tudo que vocês...

— Respire — disse Bree. — Ele estava brincando.

Oh.

— Ouvi dizer que você fugiu, só isso — disse Hook, mais gentil dessa vez. — Algo me disse que você não estava dando um passeio noturno. Parece que eu estava certo. Então . . . ?

— Então . . . o que? — Disse Crier.

— Então, em que problemas estamos nos metendo esta noite?

Ela olhou para ele. Estava escuro como breu, a praia iluminada apenas pela lua minguante, mas seus olhos captaram mais do que os de um humano. Ela podia ver a expressão de Hook, e às vezes era difícil dizer, mas não *parecia* que ele estava zombando dela. Bree também parecia séria, olhando Crier com firmeza.

— Eu . . . estou indo para a Enseada da Rainha — disse Crier. — É o único outro lugar que poderia ter pistas sobre Turmalina. Não creio que isso seja verdade, mas tenho que verificar.

— A Enseada da Rainha — repetiu Hook. — Quão longe é isso?

— Pouco mais de uma milha. Perto da borda da fronteira de Varn.

— E você estava planejando ir lá a pé, no meio da noite, vasculhar toda a enseada – no *escuro* – e voltar ao amanhecer? — Perguntou Bree.

Sim, porque se Crier estivesse sozinha, ela poderia ter corrido a distância até a enseada em dez minutos. Mas é claro que demoraria para Ayla, a humana, pelo menos o dobro do tempo, e procurar no escuro levaria séculos.

Melhor bancar a idiota. — Eu não queria levar um cavalo — disse Crier. — Eles não precisam dormir?

— *Você* não precisa? — Disse Bree.

— Os cavalos tiveram algumas horas e hoje foi fácil para eles de qualquer maneira — disse Hook antes que Crier pudesse responder. — Mais alguns quilômetros não vão machucá-los. Vamos, então, já perdemos tempo demais conversando. É hora de uma aventura.

— Uma aventura — murmurou Bree, irônica.

— Você não tem que vir! — Disse Hook enquanto os três voltavam para o acampamento, onde as formas pretas dos cavalos pareciam estranhas formações rochosas na praia.

Bree bufou. — Você sabe que tenho. Alguém precisa se certificar de que você não será morto.

— Ayla vai me proteger.

— Oh — disse Crier, preocupada. Em um instante, ela convocou tudo que já havia lido sobre combate: corpo a corpo, longo alcance, luta de espadas, luta, guerra de guerrilha, folheando centenas de livros em sua mente, vasculhando as páginas em busca de qualquer coisa útil. Ela era naturalmente forte e rápida, mas não tinha habilidades práticas. Como é que ela falava quatorze línguas, mas não sabia empunhar uma adaga? Um descuido flagrante. — Eu... eu não sei se serei muito boa nisso. Mas eu posso tentar.

— Ele estava brincando de novo. — disse Bree, mas cutucou Crier do jeito que humanos faziam, cotovelo com cotovelo. Parecia camaradagem, como se as duas estivessem compartilhando algo familiar e caloroso.

Crier ousou sorrir para Bree. Ela sorriu de volta, um sorriso torto, e Crier sentiu outra porta se abrir dentro dela, revelando este mais novo quarto.

Então Crier, Hook e Bree acordaram os cavalos e cavalgaram, e tudo começou bem.

Os cavalos, cansados, moviam-se muito mais devagar do que Crier e eram muito mais visíveis do que um único Automa. Crier manteve os ouvidos atentos, perscrutando a escuridão, a costa, os penhascos, a água negra, em busca de qualquer sinal de que tivessem sido vistos, mas ela não ouviu nada, não viu nada, e a areia sob os cascos dos cavalos ficou mais grossa, mais escura, seixos e conchas quebradas, e a milha percorrida.

A Enseada da Rainha era pequena – nem mesmo estava marcada na maioria dos mapas do Lago Thea. Na prática, era pequena o suficiente para que Crier quase passasse direto pela boca dela, embora estivesse rastreando em sua cabeça a distância que viajaram. Ela puxou suavemente as rédeas, girando seu cavalo e esperou até que Hook e Bree a alcançassem antes de conduzi-los em fila indiana para a enseada: através do gargalo, onde dois

penhascos de pedra convergiam com apenas uma abertura estreita entre eles, criando uma enseada.

Quando passaram para o outro lado, Crier percebeu por que aquele lugar se chamava Enseada da Rainha. Ao contrário da praia lá fora, a areia aqui era branca como sal. A enseada tinha a forma de um buraco de fechadura e, parada aqui na boca, a água escura parecia um rosto, a areia branca uma coroa de lua crescente, as rochas negras além como um emaranhado de cabelo preto selvagem.

Você fez isso aqui, Leo?

É aqui que você morreu?

Com apenas uma noção distante de Hook e Bree atrás dela, Crier escorregou do cavalo. O chão rangeu sob suas botas. Não areia, então – conchas brancas esmagadas. Era ridículo que Crier se sentisse como se estivesse caminhando sobre um tapete de ossos esmagados. Ela estudou as grandes paredes negras da enseada, tentando pensar como Leo. Se tivesse vindo aqui para escapar de um ataque, para se reunir com sua família em uma noite em que nenhum lugar era seguro, para onde iria? Havia uma caverna, talvez? Algum tipo de esconderijo nas rochas?

De repente, um barulho de luta. Uma pequena chuva de seixos vinda de cima.

Não.

— O quê . . . ? — Hook sibilou.

O tempo diminuiu. Crier se virou e parecia que ela estava se movendo através da água em vez do ar; uma onda de adrenalina assumiu, sua mente saltando à frente. Hook e Bree não desmontaram. Eles ainda estavam pairando na entrada da enseada, observando Crier como se esperasse por instruções, porque ela os conduziu até aqui – *ela os conduziu até aqui* – e eles estavam seguindo suas pistas.

— Corram — disse Crier.

Ela observou os olhos de Hook se arregalarem. O branco de seus olhos no escuro.

Houve uma pressão repentina em seu ombro direito, como se ela tivesse sido beliscada por uma mão invisível. Ela o ignorou. Ela correu para frente, fechando a distância entre ela e seu cavalo em

uma fração de segundo. Ela montou de volta no cavalo, cravou os calcanhares. — Corram — Hook e Bree pareceram perceber o que estava acontecendo, a seta de uma besta atingiu as rochas a apenas alguns metros da cabeça de Hook. — Corram. — Crier continuou dizendo, quieta e controlada. — Corram, *corram*.

Era um pesadelo ser atacada no escuro. Era difícil o suficiente para Crier ver, e ela sabia que os dois humanos eram basicamente cegos. Os três conseguiram sair do gargalo, sair da enseada e voltar para a margem do lago, mas… — À sua direita! — Crier engasgou, captando um lampejo de movimento, uma breve silhueta contra a água iluminada pela lua. Um soldado Automa, um guarda de fronteira, rápido como uma aranha saltadora, lá e ido. Lá. Outro. Dois na praia, um terceiro atirando neles dos penhascos acima. — Voltem! — Gritou Crier, a voz rouca de medo, não se importando mais com o que os guardas ouviam. — Voltem! — Para os guardas, ela gritou: — Não queremos fazer mal! Não iremos atravessar!

Mas mesmo com o medo, ela sabia que algo estava errado. Por que bestas? Os guardas de fronteira não deveriam matar à primeira vista. Eles foram feitos apenas para capturar. Sua presa eram contrabandistas comuns.

Era apenas crueldade por crueldade, então?

Crier girou o cavalo apenas para encontrar outro guarda já esperando, bloqueando a praia por onde eles tinham vindo. Eles estavam cercados. Não havia para onde correr. Um lampejo de metal ao luar – Bree sacou sua arma, uma lâmina curta e curva. Ela estava curvada sobre o pescoço do cavalo. O animal estava em pânico, empinando-se nas patas traseiras, Bree agarrando-se com a mão que não segurava a lâmina. Hook estava gritando alguma coisa: — *Somos rabunianos.* — Sem parar.

O estalo de um lançamento de besta. Crier se abaixou, o instinto assumiu o controle e ouviu o raio cortar o ar onde seu crânio estivera um instante antes. Em algum lugar à esquerda, Bree praguejou alto. Crier se endireitou bem a tempo de vê-la arremessar algo contra o guarda, bloqueando seu caminho de volta ao acampamento – não a lâmina curva, mas uma arma menor, uma adaga de dupla face. O guarda desviou, a adaga enterrando-se na areia atrás dele, mas aquela minúscula distração foi o suficiente

para Hook e Bree impelirem seus cavalos para frente, movendo-se como um só, eficientes como haviam sido naquele dia na margem do rio, quando eles atacaram as Sombras. Crier chutou os flancos de seu cavalo, vai, vai, e então um barulho estridente e angustiante ecoou na praia. O grito de um animal ferido.

O cavalo de Hook se dobrou sob ele. Cavalo e cavaleiro bateram com força na areia, Hook conseguindo se jogar de lado bem a tempo de evitar ser esmagado. Mas ele claramente tinha ficado sem fôlego, ou talvez até batido com a cabeça; ele estava consciente, ofegante, mas não se levantava, estava deitado, encolhido na linha da maré, o cavalo caído ofegando ao lado dele, metade dentro e metade fora da parte rasa, onde as ondas minúsculas espumavam.

O guarda que atirou nele ergueu a besta novamente, mirando diretamente em Hook. Desta vez, Crier sabia que eles não acertariam o cavalo. Sua mente processou tudo isso, extraiu do caos dois fatos: Hook estava prestes a morrer. Bree, sua amiga, sua protetora, não pôde salvá-lo.

Crier saltou da sela. Ao longe, ela registrou o *estouro* de um parafuso de metal disparado.

Ela pousou agachada como um gato na maré rasa. Na frente de Hook. Houve uma sensação terrível em suas costas, a apenas alguns centímetros de distância de sua coluna. Foi semelhante à pressão que ela sentiu no ombro antes, como se tivesse sido beliscada, mas isso não parecia um beliscão. Parecia que ela havia levado um soco de um gigante. Crier cambaleou para a frente com a força disso, mal conseguindo se segurar antes de cair sobre Hook. Apoiando-se com os dois braços. Seixos e conchas sob suas mãos. A água do lago estava fria, batendo em seus pulsos. Pareciam algemas de gelo.

— Ayla? — Alguém estava dizendo em voz alta e assustada.

A pressão doentia em suas costas estava diminuindo. Nitidez. Dois pontos. O primeiro, no ombro, não foi tão ruim. Uma pontada, uma dor pulsante. O segundo... o segundo...

Crier perdeu o equilíbrio. Ela se sentiu muito cansada de repente, como se não tivesse dormido por mais de 17 dias, o que seria um novo recorde para ela. Ela estava sentada na água fria agora. Toda a sua metade inferior estava encharcada. Ela ainda

estava de pé? Sim, mas não por iniciativa própria. O braço de outra pessoa estava apertado em seus ombros, segurando-a.

Alguém – talvez o mesmo alguém – estava dizendo algo. Gritando alguma coisa. — *Não estávamos nem tentando atravessar. Somos rabunianos. Não fizemos nada de errado.* — Alto em seu ouvido. — *Você atirou nela. Você atirou nela.*

— *Você é o próximo, verme.* — Outra voz. — *Proteja o Varniano. A lâmina. Cuidado, nós temos um selvagem. Braço ruim.* — Chegando mais perto. — *Verifique o rosto da garota. Pode ser um disfarce.*

Ainda mais perto. Crier ouviu uma espécie de ruído úmido e áspero e percebeu depois de um momento que era sua própria respiração. Isso era incomum. O que causaria isso? Água em seus pulmões? A pressão em suas costas estava se transformando em uma dor incandescente, como se alguém estivesse segurando uma tocha acesa em sua carne. Ela se contorceu, tentando fugir disso. *Pare de me queimar.* Ela imaginou sua pele queimando, derretendo. Qual era a aparência da pele Criada quando derretia? *Pare. Por favor, pare, isso dói.*

— *Ayla, não se mova – não! Não toque nela!*

Um aperto áspero em seu queixo, jogando sua cabeça para trás. Crier piscou para o céu noturno, a visão borrando em fractais, as estrelas manchadas em longos fios de prata. Ela tentou respirar. A água em seus pulmões estava subindo. Maré alta. Algo a ver com a lua.

—*Não, não, não pode ser.*

— *Capitão?*

Suas costas doíam. Ela tossiu e sentiu um gosto escuro e oleoso na língua.

—*Temos que sair daqui – ela não viu nossos rostos...*

— *Capitão, o que...?*

—*Esta menina é a filha do soberano. Você atirou na filha do soberano.*

Alguma parte de Crier sabia que isso era significativo, mas o resto dela estava tão cansada, que caiu na inconsciência da mesma forma que um corpo, se afogando, desliza sob a superfície do oceano e afunda, afunda, afunda.

Crier acordou com uma luz vermelha dourada.

Ela abriu um olho e imediatamente se arrependeu, estremecendo. Luz solar. Luz do sol ofuscante. Ela respirou fundo, preparando-se, e abriu o outro olho, deixando ambos se ajustarem. Uma manta de neve branca entrou em foco e Crier percebeu outras coisas: ela estava deitada de bruços. O solo sob sua bochecha era áspero e afiado. Não neve. Conchas.

Suas costas pareciam um grande hematoma pulsante. A dor ganhou vida nas bordas de sua consciência como um pergaminho devorador de fogo, e Crier desejou poder voltar a ficar inconsciente. Havia um ponto em particular, logo depois de sua coluna, onde a dor queimava por baixo da superfície de sua pele, uma dor profunda. Ela catalogou o resto de seu corpo, mexendo os dedos dos pés e das mãos. Sua coluna não estava quebrada, então; ela tinha controle sobre todas as suas extremidades.

— Você está acordada?

Ela congelou. Demorou um pouco para a voz ser registrada como a de Hook. — Acho que sim — disse Crier, e começou a rolar, mas foi interrompido por uma mão em seu braço.

— Cuidado — disse Hook. — Não se mova. Suas costas estão uma bagunça.

— Dói — ela sussurrou, sentindo-se muito jovem.

— Você foi baleada duas vezes. Uma vez no ombro, uma vez mais abaixo. O primeiro raio atingiu sua omoplata, o ferimento não é muito profundo, mas o segundo é desagradável.

Crier piscou, tentando se lembrar. Parecia que seu crânio estava cheio de água, pesado e escuro, o cérebro girando nele. — Quem . . . ?

— Os guardas de fronteira — disse uma segunda voz. Bree. Ela soou . . . brava? — Te acertaram com vontade. Qualquer outra pessoa estaria morta agora.

Algo afiado e frio em sua memória, uma pontada de medo. O que aconteceu? O que ela estava esquecendo? — Como escapamos? — Perguntou Crier. Lentamente, ela se apoiou em um cotovelo para que pudesse vê-los. Hook estava agachado a alguns metros de distância, olhando para ela com olhos cautelosos. Atrás dele, Bree estava sentada nas cascas brancas esmagadas, girando

sua adaga dupla-face entre os dedos. As lâminas gêmeas piscaram à luz do sol. Conchas brancas – eles estavam de volta à Enseada da Rainha?

Ela dobrou o braço desajeitadamente para tocar o ferimento no meio das costas, avaliando o quão ruim estava. A carne estava mais quente do que o normal, seu corpo trabalhando para se curar. Seus dedos ficaram molhados com sangue violeta.

Seu sangue violeta.

Hook abriu a boca, mas Bree o interrompeu. — Como escapamos? — Ela zombou. — Não foi muito difícil, na verdade. Os guardas entraram em pânico quando perceberam que tinham acabado de atirar em *Lady Crier*. Nos deu a vantagem.

— Não — disse Crier automaticamente, embora soubesse que era inútil. — Não, eu... eu não...

— É verdade? — Perguntou Hook. Agora Crier entendia por que ele parecia tão cauteloso. Seu aliado, seu primeiro talvez-amigo. Oh deuses.

— Claro que é verdade — disse Bree. — Eu disse a você que ela não era confiável, eu *te disse* que pensei ter visto seus olhos brilharem dourados...

— Bree — disse Hook. — Espere um minuto — para Crier, ele disse novamente: — É verdade? Você é a filha do soberano? Lady Crier?

Crier lutou contra a vontade de desviar o olhar, de esconder o rosto. Ela não iria se esconder disso. O que foi que Ayla disse uma vez? *Eu a aceito com a cabeça erguida.* — Sim. Embora eu não reivindique mais esse título. Agora sou apenas Crier.

— Como se isso importasse — Bree cuspiu, os olhos brilhando. — Como se isso mudasse alguma coisa.

— *Bree* — disse Hook. — Você não está ajudando.

— Minhas mais sinceras desculpas. — ela disse, mas voltou a afiar sua lâmina em silêncio.

Hook suspirou, passando a mão pelo rosto. Então olhou para Crier, e onde ela esperava ver fúria, ou ódio, em seus olhos, havia apenas – exaustão. Arrependimento, talvez.

Ela perguntou: — Você vai me matar?

Ele recuou fisicamente, os olhos ficando enormes. — O que? — Ele disse. — Não. Em primeiro lugar, a única coisa que mato a sangue frio são os monstros. Em segundo lugar . . . — ele a olhou, e ela se sentiu estudada, como se sentiu tantas vezes com Kinok e o soberano, mas agora era diferente. Sob o olhar de Kinok, ela se sentiu como um espécime. Com cortes transversais, suas entranhas expostas da pior maneira, para o Scyre separar. Sob o olhar do soberano, ela sentiu que sua própria existência era um teste e ela estava falhando. Sob o olhar de Hook, mesmo agora, ela se sentia como uma pessoa. Uma pessoa bagunçada mas inteira. — Em segundo lugar — disse Hook. — Você salvou minha vida.

Oh.

Oh. — Não vou matar você — disse Hook. — Mas nossos caminhos divergem aqui. Sinto muito, mas... meu povo vem primeiro. Cada sanguessuga em Rabu está procurando por você. Seu rosto está em toda parte. Não permitirei que nenhum dos meus morra por causa da filha do rei sanguessuga. Eu não posso. Eu não consigo… perder mais ninguém.

Ela acenou com a cabeça, olhando para as cascas brancas esmagadas, não confiando em si mesma para falar. Hook se levantou e Bree o seguiu. Bree se afastou sem dizer mais nada, as botas rangendo em direção à boca da enseada, mas Hook se demorou.

— Crier — disse ele.

Crier não conseguiu erguer os olhos. Ela não podia. Sua garganta doía, embora ela não tivesse sido ferida lá.

Hook jogou uma adaga aos pés dela.

— Encontre Turmalina — disse ele. — Derrube a Scyre. E… não morra, certo?

— O mesmo para você — Crier conseguiu dizer.

E ela o ouviu se afastar, até que até mesmo seus ouvidos de Automa não puderam mais captar seus passos sobre o vento e o lago sussurrante.

Ela ficou lá por horas, esperando que a cura Automa fizesse seu trabalho, para sua carne se recompor novamente. Ao cair da noite, ela não estava totalmente curada, mas era capaz de se mover sem

ficar tonta. Isso era o suficiente por agora. O medo de outro ataque dos guardas da fronteira a forçou a se levantar. Ela caminhou lentamente no escuro, suas costas doendo a cada passo. Sozinha, indefesa, exceto pela adaga, ela não tinha outro plano além de: encontrar abrigo.

Os guardas, com medo de terem matado acidentalmente a filha do soberano, devem ter fugido. Crier cruzou para Varn sem ser detectada. Ao sul, havia uma junção onde o Lago Thea desaguava no Rio Merra. *Vá para o rio*, Crier disse a si mesma, os pensamentos girando como corvos. A dor estava piorando e ficou difícil se concentrar em mais de uma coisa ao mesmo tempo. Então ela se concentrou em uma coisa. *Vá para o rio. Encontre abrigo.* As margens do rio seriam ladeadas por árvores, uma floresta densa. Muitos esconderijos lá. *Vá para o rio.* Ela podia limpar suas feridas também. Ela poderia lavar o sangue e sujeira de sua pele. Ela poderia entrar na água até o pescoço e deixar o frio se instalar em seus ossos.

Há muito que a lua estava no auge quando ela finalmente alcançou a foz do Rio Merra. Ela ouviu muito antes de perceber: o barulho da água em movimento. Então ela chegou à linha das árvores, mudas finas dando lugar a árvores mais velhas, raízes enterradas no solo escuro e rico, a vegetação rasteira muito mais viva do que as florestas ao norte. Em vez de secar agulhas de pinheiro e silvas, havia um tapete de grama recém-nascida e plantinhas frondosas. As árvores estavam verdes de musgo até os primeiros galhos. Crier passou os dedos pelos troncos, molhados e esponjosos sob seu toque. *Vá para o rio.*

Ali – uma lacuna nas árvores. Um brilho estranho. Luar na água.

Os pés de Crier pesavam cem libras cada. Ela se lembrou de uma história – algo sobre um príncipe que viajou cem léguas a pé com sapatos feitos de ferro e chumbo. Era a única maneira de salvar seu amante, o príncipe de um reino vizinho. Uma barganha de uma bruxa. Algo parecido. As árvores se separaram e Crier cambaleou até a margem do rio, uma queda acentuada, a água caindo abaixo. Tão perto. Seu corpo não precisava de água para sobreviver, mas deuses, ela queria *beber*.

Meio delirando, ela não os ouviu chegando até que fosse tarde demais.

Até que ela estava olhando para a haste de uma flecha apontada diretamente para sua testa.

Bandidos.

CUIDADO COM A RAINHA LOUCA DE VARN

A Rainha Louca, a Sanguessuga, Junn, a Monstruosa. Mantenha a cabeça baixa, viajante. A Rainha Louca come homens inteiros; a Rainha Louca beberá seu sangue como vinho. Mantenha o rosto escondido, viajante. A Rainha Louca governa de um trono de crânios humanos; a Rainha Louca dorme em mantos de pele humana. Fique de olho em seus filhos, viajante. A Rainha Louca também ficará.

CUIDADO COM O MONSTRO DAS MINAS

Dominadora de Vilas, Matadora de Reis. A Rainha Louca assumiu o trono com as próprias mãos; ela cravou os dentes nele; ela fará o mesmo com você. Cuidado, viajante. A Rainha Louca moerá seus ossos e os beberá com chá de pedra-coração. Magia negra, magia de sangue. Cuidado, viajante. Muitos desejam contemplar sua beleza. A Rainha Louca é linda como um demônio, um presságio cintilante. Se você a vir, não corra. Ore.

CUIDADO COM A RAINHA COMEDORA DE OSSOS!

——PANFLETOS DE PROPAGANDA DISTRIBUÍDOS EM RABU E VARN POR FONTE DESCONHECIDA



11

No dia seguinte, as servas não apareceram nos aposentos de Ayla. Nem Lady Dear. Ayla esperou até que o sol estivesse no meio do céu matinal antes de aceitar que teria de procurar alimentos para seu próprio desjejum. Com o estômago roncando, ela abriu a porta do quarto – apenas para ficar cara a cara com a Rainha Junn.

— Oh — disse Ayla, tentando não parecer tão assustada quanto se sentia.

— Bom dia para você também, Ayla — disse Junn. — Posso entrar?

Era uma pergunta engraçada para uma rainha. — Claro — disse Ayla magnânima, dando um passo para o lado, e a rainha entrou em seu quarto, trazendo com ela o leve aroma de frutas, flores e terra úmida. Talvez ela tivesse vindo direto do aviário. Ayla pensou que

Junn se sentaria à mesinha onde Ayla geralmente tomava o café da manhã, mas passou direto pela mesa para se sentar na beira da cama. Por alguma razão, isso a fez parecer jovem. Ela não era muito mais velha do que Ayla, mas sempre agia como se tivesse governado por décadas, em vez de dois anos.

Ayla estava diante dela, esperando.

— Pequena espiã — disse Junn. — Eu tenho um trabalho para você. É muito simples. Tudo que quero que você faça é observar.

Ayla estreitou os olhos. — O que exatamente estarei observando?

— Os monstros. Na fronteira entre o meu país e o seu.

— Você não pode estar falando sério.

— Sou sempre séria — disse Junn. — Mas não precisa se preocupar. Você não estará em perigo. Você realmente não precisa chegar perto dos monstros. Ou dos tarreenianos os matando. Meus guardas irão acompanhá-la o tempo todo, e você só precisa falar com os comerciantes de pedra-coração na fronteira, talvez em um vilarejo próximo. Na verdade, tudo o que você precisa fazer é parar em uma taverna local, tomar uma bebida e falar com alguém. Veja se consegue obter alguma informação sobre nosso amigo Scyre. Afinal, você parece entendê-lo.

Ayla ignorou essa última parte, pois parecia um insulto. — E como vou chegar lá?

— Em uma carruagem, obviamente — os lábios de Junn se contraíram. — Ouvi dizer que você não é muito de cavalos.

Maldito seja, Storme.

Ayla fez uma careta. — Acho que não há nada que eu possa fazer para sair dessa.

— Não, se você preferir sua cabeça presa ao resto de você — disse Junn, os olhos brilhando, embora agora Ayla soubesse que era uma piada. Provavelmente uma piada. Quase definitivamente uma piada.

Ela desejava recusar. Não queria deixar Storme ou Benjy, não confiava nas garantias da Rainha Junn de que ela não estaria em perigo, e tinha certeza como todos os infernos de que não queria sentar em uma carruagem com os guardas da rainha para os poucos dias que seriam necessários para viajar até a fronteira e

voltar. Mas . . . a fumaça azul que Storme havia mencionado. Esta nova arma. Se houvesse algo que pudesse ajudá-la a derrotar Kinok, não seria algo misterioso e poderoso assim?

As pessoas a usavam para se defender dos monstros. Se Ayla pudesse rastreá-los, se ela pudesse colocar as mãos naquela arma . . .

— Eu quero uma faca — disse ela a Junn. — Uma boa. Adequada para um nobre. Recentemente afiada.

— Isso pode ser arranjado.

— Mais uma coisa — Ayla cruzou os braços sobre o peito, estudando a rainha. — Caso você tenha esquecido, eu sou a irmã de Storme. Se isso acabar sendo uma armadilha e eu morrer, ele vai te desprezar.

E ela teve a imensa satisfação de testemunhar a Rainha Junn sendo pega de surpresa, mesmo que apenas por um momento. A expressão da rainha não mudou, mas algo cintilou em seus olhos.

— Entendido — disse, um pouco rígida.

— Ótimo — disse Ayla. — Quando eu saio?

Junn olhou para a janela, para o sol nascente, a luz do sol caindo em vidraças amarelas brilhantes pelo chão. — Agora.

A última vez que ela esteve em uma carruagem, assistiu Rowan morrer.

Desta vez, ela foi assombrada duas vezes: por memórias de Rowan, oscilando, caindo e, em seguida, por marcas de Crier. Um palimpsesto de Crier sobrepondo a realidade. Crier no assento de veludo verde de frente para Ayla. Crier olhando pela janela da carruagem, o queixo apoiado na mão, um olho dourado e o outro castanho.

exterior da carruagem era de um preto fosco e arranhado, para não chamar a atenção, mas o interior era como uma versão em miniatura do palácio da rainha: paredes brancas com teto entalhado em pedras preciosas, assentos de veludo. Ayla se sentia como se estivesse cavalgando dentro de um crânio pesadamente decorado.

Claro, ela não estava viajando sozinha. Além do condutor da carruagem, estava acompanhada por quatro das guardas pessoais da rainha – as mulheres Automa com uniformes verdes profundos e

cabeças raspadas – que estavam sentadas na carruagem com Ayla, mais outros dois guardas que cavalgavam atrás, além de dois batedores que subiram na frente. Já haviam se passado três dias na estrada e os varnianos ainda não tinham mostrado personalidade. Ayla nunca tinha ficado tão entediada em sua vida. Não pela primeira vez, ela desejou poder ler melhor. Gostaria de ter trazido uma pilha de livros para mantê-la ocupada. Mas não tinha nada disso e tudo o que podia fazer era olhar pela janela da carruagem enquanto o mundo passava lentamente. No início, a vista era dourada: os quilômetros de colinas ao redor de Thalen. À medida que seu grupo viajava mais ao norte, em direção à fronteira de Rabu e Varn, as colinas se tornaram mais rasas, como pequenos sulcos na terra, e a grama amarela se transformou em arbustos, com pequenas árvores arbustivas brotando como carrapichos no couro de um animal. O céu ficou mais claro, o ar mais frio. Mais nítido nos pulmões.

Estavam cavalgando paralelamente ao rio Merra, seguindo na direção geral do lago Thea – um dos maiores pontos de entrada em Rabu. Ao longo do lado varniano da fronteira, haveria muitas pequenas cidades e vilas; ao longo do lado rabuniano, aldeias e propriedades do sul. Quanto mais se distanciavam de Thalen, mais nervosa Ayla se sentia. Apesar da insistência da rainha de que se tratava de uma missão para iniciantes, não havia risco. Não existia algo como não haver riscos. E ela não conseguia parar de pensar na maneira como Storme a puxou de lado antes de ela partir, enquanto os servos da rainha abasteciam a carruagem com comida e pedra-coração para uma semana, roupas, moedas e até vinho. — Tenha cuidado — ele disse, olhos graves, cicatriz pálida na luz da manhã.

Ayla quase respondeu com algo sarcástico – *pensei que sua rainha havia dito que não haveria nada para eu me preocupar* – mas segurou a língua. — Eu posso cuidar de mim mesma, irmão — disse.

Ele balançou sua cabeça. — Apenas . . . prometa que não fará nada imprudente. Prometa que ficará na carruagem, nas aldeias. Nunca sozinha. — Ele tocou seu ombro apenas uma vez. — Esses monstros . . . seja o que for que você esteja imaginando, seja o que

for que esteja esperando, são mil vezes piores. *Por favor* tenha cuidado, Ayla. Me prometa.

— Eu prometo, Storme — disse a ele.

No meio da tarde do segundo dia de viagem, Ayla pediu papel e carvão a uma das guardas. Ela sabia que trouxeram ambos, no caso de precisarem enviar missivas de volta para a rainha. A guarda lançou-lhe um olhar penetrante, como se tentasse imaginar que esquema nefasto Ayla poderia possivelmente armar com um pedaço de pergaminho e um pedaço de carvão, mas evidentemente não deu em nada, porque ela cedeu ao pedido de Ayla, e até entregou a ela um caderno fino com capa de couro em vez de um único pedaço de papel. Certo – as guardas desconfiavam dela não porque ela era humana, mas porque se dedicavam a proteger sua rainha e, segundo os boatos, Ayla era uma fugitiva violenta. Era uma mudança agradável, passar de desconfiável para algo razoável.

Ayla se aninhou perto da janela com o caderno aberto no colo. No início, ela praticou escrever suas letras e símbolos, escrevendo diferentes combinações em círculos concêntricos, como tinha visto na porta da biblioteca de alquimia no palácio da rainha. Depois de um tempo, se viu deixando o carvão rastrear a página, formando não letras, mas. . . formas, linhas giratórias. Uma linha para o horizonte, carvão raspado horizontalmente para fazer sombra no céu, pequenas marcas para os arbustos que cobriam as colinas como esporos. Emaranhados pretos de árvores e arbustos. O resultado final foi confuso e infantil, todas as linhas instáveis; A mão de Ayla não estava acostumada a segurar carvão; ela não escreveu. Mas era reconhecível como um desenho do ambiente.

Ela abriu uma nova página e continuou.

Desenhou a Árvore Óssea. O melhor que conseguia se lembrar.

Fez os pomares de macieiras do palácio do soberano, as construções baixas onde os servos viviam e trabalhavam. Desenhou flores: botões de maçã e alfazema salgada e rosas. Ela desenhou e as horas passaram como cortinas para revelar o crepúsculo púrpura. Do lado de fora da janela da carruagem, a escuridão engoliu os arbustos, mas Ayla continuou desenhando, a página iluminada apenas pela única lanterna pendurada no teto da carruagem, uma luz amarela bruxuleante. Deviam estar se

aproximando da primeira vila de fronteira agora, um pequeno posto avançado a alguns quilômetros das margens do Lago Thea. O plano era parar ali durante a noite; uma pousada para viajantes era o lugar perfeito para ouvir sussurros de todos os cantos de Zulla.

À medida que voltavam para o rio Merra, as árvores raquíticas ficavam maiores, o espaço entre elas menor, até que eles estavam sacudindo ao longo de uma estrada lamacenta através do que poderia ser generosamente chamado de floresta, um verde espesso revestindo os dois lados do rio. Ayla desenhou o rio, imaginando um mapa de Zulla em sua mente e tentando acertar todas as curvas e curvas. Começava no Extremo Norte com neve derretida, cortava através do coração de Zulla, alimentado pelo Lago Thea e continuando em Varn, fundindo-se finalmente com o Mar de Steorran. . . . Ayla baixou os olhos para olhar seu próprio desenho e tentou localizar onde estava agora. Estavam perto do rio? Ela apurou os ouvidos, tentando ouvir o som da água correndo, das rãs da margem do rio que cantavam mesmo no inverno...

— VOLTE!

O pedaço de carvão deslizou pela página, uma áspera cicatriz negra. Todas as quatro guardas ficaram tensas, as mãos voando para suas armas.

— VOLTE — a voz do batedor veio novamente, e com o estalo de um chicote a carruagem estremeceu e parou. — VAI, VAI — o batedor gritou de fora, em algum lugar no escuro. — VOLTE AGORA... BANDIDOS À FRENTE... APENAS FORA DO RIO... ELES LOCALIZARAM A CAR...

Um assobio, um estranho *thnk*, um grito mudo de dor.

Então, o som que um corpo fez ao cair de um cavalo.

Uma das guardas praguejou e empurrou Ayla para o chão da carruagem, longe da janela aberta. Ayla podia ouvir o cocheiro gritando e estalando o chicote sem parar, tentando fazer os cavalos andarem, mas era tarde demais. Em segundos, os gritos do motorista cessaram abruptamente, substituídos pelos gritos de cavalos em pânico. A guarda que empurrou Ayla praguejou de novo, desta vez mais alto, e foi para a porta, uma bota pousando a apenas um fio de cabelo do nariz de Ayla. — Eu vou afastá-los — a guarda latiu para as outras três. — Protejam a protegida da rainha!

E ela saltou na escuridão, batendo a porta da carruagem atrás dela.

Ayla ficou deitada no chão da carruagem, congelada. Apenas algumas semanas atrás, estava na mesma situação – presa em uma carruagem, cercada por todos os lados por uma multidão enfurecida, indefesa no meio de uma luta. Naquele dia, estava com muito medo de fazer qualquer coisa. Ela assistiu Rowan morrer atrás de um painel de vidro. Nunca mais, ela pensou agora, olhos no nível das botas dos guardas, coração batendo forte em seus ouvidos. Não seria a raposa encurralada esta noite. Não podia congelar. Ela não podia entrar em pânico. Ela precisava *pensar*.

As pessoas que os atacavam não eram os monstros que tinha sido enviada aqui para investigar. Eram apenas pessoas, apenas – bandidos, o batedor havia dito. E eles tinham que querer algo; não iriam simplesmente atacar sem motivo. Tudo bem, então, o que queriam com Ayla e sua companhia?

Claro. A resposta tinha que ser a própria carruagem. Ou – os cavalos. Ao contrário do soberano, a Rainha Junn não tinha campos nem colheitas. Não havia necessidade de cavalos que não fossem puro-sangue. A carruagem poderia parecer velha e sem valor vista de fora, como se pertencesse a qualquer velho comerciante; mas qualquer um que soubesse alguma coisa sobre cavalos reconheceria sua excelente criação. Dois cavalos dignos de uma rainha teriam um bom preço. Os bandidos os tinham visto horas atrás e esperado até o anoitecer para atacar?

Os gritos do lado de fora estavam ficando mais altos, mais perto. Era difícil dizer, mas pareciam vir de todas as direções. Os bandidos se aglomeravam na carruagem. Quantos estavam lá? Por quanto tempo uma única Automa seria capaz de mantê-los afastados?

As outras guardas pareciam pensar da mesma forma. — Eu vou lá fora — uma delas murmurou, e saiu pela porta da carruagem – um barulho momentâneo, não mais abafado, gritos e o clangor de aço contra aço. Não havia nada que Ayla odiasse mais do que simplesmente ficar deitada aqui. Ela se apoiou nos cotovelos, mas uma das duas guardas restantes a empurrou para baixo novamente, a bota em sua coluna.

— *Fique abaixada* — a guarda sibilou. — Não seja idiota. Se você quiser sair daqui viva, você fará o que dizemos.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntou Ayla. — Você consegue ver alguma coisa? — A visão noturna delas era muito melhor do que a dela.

— Apenas fique *abaixada*, garota.

Não é muito reconfortante. Em sua cabeça, Ayla tentou mapear uma rota de fuga. Se pudesse sair da carruagem, sair da estrada lamacenta, para as árvores grossas . . .

Foi só isso que descobriu antes de uma das janelas da carruagem explodir com uma chuva de vidro e – uma bomba de pólvora? Não. Uma espécie de odre que se abriu ao atingir a parede oposta, espirrando água por todo o interior da carruagem, incluindo Ayla. Mas a água parecia estranha em sua pele, muito espessa, e aquele cheiro . . .

— Saia! — Uma das guardas gritou. — Saia *agora*!

Pela janela, uma flecha em chamas. Ela atingiu a parede exatamente como o odre e caiu no chão. Uma das guardas a pisou imediatamente, mas as cortinas de veludo já haviam se acendido e a primeira flecha foi seguida rapidamente por uma segunda e uma terceira. Ayla levantou-se com dificuldade enquanto as chamas se espalhavam pelo chão acarpetado e pelos bancos de veludo. Ela entendia agora. Não tinham sido borrifados com água. Foram pulverizados com óleo. O interior da carruagem estava encharcado, pura isca. Em segundos, tudo estava queimando. Ayla tossiu, os olhos lacrimejando, quando um dos guardas a ergueu pelas costas da camisa e praticamente a jogou para fora da carruagem. Ela bateu no chão com força, escorregou na lama e caiu de novo, com força suficiente para perder o fôlego. Por um momento, Ayla ficou sentada ali, toda a sua coluna iluminada de dor, ofegante, cega na escuridão repentina.

Atrás dela, o fogo rugia, e ela ouviu o *estouro* das outras janelas quebrando com o calor. Ayla se endireitou, uma parede de calor escaldante em suas costas, e tentou manter a respiração estável. Ela fechou os olhos e viu outro fogo impresso na parte de trás de suas pálpebras, como se queimando dentro de seu crânio: o fogo que assolou sua aldeia, devorando lares e famílias inteiras, seus

pais. Uma parede de ouro laranja, as pontas de seu cabelo grudando como um pavio só de estar perto demais. O ar oscilando, fumaça em seus pulmões, em sua garganta, sua pele tão quente que ela se lembrava de ter ficado apavorada que derretesse até seus ossos. Ela nem tinha testemunhado o pior de tudo, não depois que Storme a empurrou para o banheiro externo. Mas ela ouviu. O rugido. A madeira da casa de sua família se estilhaçando, desabando. Gritos distantes.

Não. Ela não podia se perder na memória. Ayla forçou os olhos a se abrirem e tentou entender o caos à sua frente. Iluminado pela carruagem em chamas, era um tumulto de movimento, um emaranhado de corpos: talvez dez bandidos, humanos, em couro e peles, alguns a pé empunhando espadas curtas curvas, três a cavalo com bestas. A fonte das flechas em chamas. Todas convergiam para as guardas da rainha, que se moviam com velocidade sobre-humana, entrando e saindo do alcance, as lâminas refletindo a luz do fogo e brilhando em ouro como os olhos de um Automa. As guardas estavam se mantendo firmes, mas Ayla podia ver que uma delas estava segurando seu lado e outra estava favorecendo sua perna direita, mas não diminuindo a velocidade. Eram guerreiras habilidosas, mais fortes e mais rápidas do que os bandidos humanos, mas ainda assim . . . eram dez contra quatro, e os bandidos a cavalo, tendo conseguido atear fogo à carruagem, agora tinham suas bestas apontadas para os guardas, seguindo seus movimentos. Por que não estavam atirando? Estavam esperando por algo?

Ayla tentou pensar. *Pensar.* Ela desviou o olhar da luta apenas para ver o condutor da carruagem caído de lado em seu banco, duas flechas saindo de seu peito. Ele era um Automa; ainda estava vivo, mas parecia meio morto, olhos arregalados e sem ver, peito arfando, toda a sua frente manchada de sangue que parecia preto na escuridão. As chamas ainda não haviam atingido seu banco, mas chegariam em breve. Os cavalos estavam enlouquecidos de pânico, os olhos girando, puxando as rédeas. Ayla ficou surpresa por eles não terem simplesmente fugido, levando consigo a carruagem em chamas, mas então viu correntes grossas e pesadas enroladas nos

eixos das rodas, conduzindo para a escuridão. Os cavalos estavam presos.

Pense!!

Os bandidos não a notaram. Eles estavam preocupados com os guardas. Eram apenas vinte passos ou mais até a beira da estrada, a linha das árvores. Os bandidos eram humanos, eles não seriam capazes de vê-la no escuro. Ela poderia fazer isso.

Mas.

Ela olhou para o condutor. Ele ainda estava consciente. Ofegando como um animal moribundo. Assistindo ela, mais ou menos, se ele fosse capaz de assistir a qualquer coisa. O fogo começou a lamber o banco – não estava encharcado de óleo, mas era feito principalmente de madeira. Isso queimaria, e ele queimaria junto. Este Automa. Este sanguessuga. Ela não se importava se ele morresse. Um a menos para se preocupar, no final. Ela não ligou.

— *Droga* — ela murmurou, e subiu no banco do motorista. Ela jogou o braço mole do motorista sobre os ombros, com a fumaça acre na língua, e o arrastou para fora do banco. Ele era mais pesado do que parecia, mais pesado do que um humano seria. Os dois caíram na lama, Ayla tombando de lado sob seu peso. Ele soltou um pequeno ruído de dor, os olhos se fechando. Mais sangue violeta pulsou das flechas em seu peito. Ayla saiu de baixo dele e o deitou de costas; isso era tudo que ela podia fazer. Se ele morresse esta noite, não seria por causa do fogo.

E então ela correu.

Ela meio que esperava ser derrubada antes de alcançar a linha das árvores, meio que esperava o soco de uma flecha nas costas, mas foi capaz de pular da estrada para a floresta ilesa. Parou por um segundo, sem fôlego, piscando com força enquanto seus olhos se ajustavam a uma escuridão muito mais profunda do que a da estrada aberta. A maioria das árvores ainda estava nua pelo inverno, mas havia abetos suficientes para esculpir o céu noturno em pequenos pedaços de vidro azul profundo como os mosaicos do palácio da Rainha Junn, captando o luar antes que tivesse a chance de filtrar e iluminar a floresta chão. Mesmo dez passos dentro da floresta, a luz da carruagem em chamas – que se tornou um inferno, maior do que as maiores fogueiras de colheita, uma coluna de

fumaça pálida subindo até as estrelas – era pouco mais do que um leve brilho laranja do troncos de árvores.

Ayla respirou fundo, o ar frio um bálsamo em sua garganta chamuscada, e correu às cegas, perdendo o senso de direção quase imediatamente, as amoreiras rasgando suas roupas. Mais de uma vez ela acertou um galho fino de árvore no rosto e doeu como todos os infernos, como ser atingida na bochecha por um chicote, mas ela continuou. Correu até não poder mais ouvir os gritos de guerra e gritos dos bandidos, até não sentir mais o cheiro de fumaça no ar e continuar. Ela continuou. Continuou...

— *Oh!*

Ela saiu da linha das árvores e se segurou, os braços girando, bem na beira de um penhasco.

Não – uma margem de rio.

Claro que ela correu exatamente na direção errada. Estava parada na beira de um pequeno declive, o rio Merra correndo lá embaixo, a água movendo-se rapidamente aqui. Espuma branca onde caía sobre uma plataforma de rocha. Fim da linha. Ela se permitiu cinco segundos para recuperar o fôlego, para se certificar de que ainda estava em solo firme, e então decolou novamente, correndo ao longo da margem do rio. Era mais fácil correr aqui, o luar fraco, mas não bloqueado pelas árvores. Ayla saltou sobre as raízes nodosas das árvores, o solo escorregadio sob suas botas, lama e grama molhada. Não sabia para onde estava indo, exceto: Para *longe. Fora, longe.*

Fora, até que ouviu vozes. Atravessando a escuridão.

Ela congelou, como um cervo. Orelhas em pé.

— E os olhos?

Ayla avançou sorrateiramente. Lá, à frente – um lampejo de luz do fogo. Havia tropeçado no acampamento dos bandidos? Que tipo de sorte horrível era essa? Ela se moveu silenciosamente de uma árvore para a outra, querendo apenas ter certeza. As árvores se separaram diante dela, dando lugar a uma clareira natural. Podia ver a fogueira ardendo no centro, três formas escuras sentadas ao redor.

— Olhos podem dar uma bela moeda — disse um deles, a voz se propagando por entre as árvores. — Belo projeto, quero dizer.

Todos aqueles vasos, cada um mais fino que um fio de cabelo humano.

— Sim, e o cabelo? — Disse uma segunda voz.

Disseram outra coisa, mas Ayla não ouviu.

Ela estava perto o suficiente para ver toda a clareira agora. Três bandidos. Uma pilha de alforjes, rolos de dormir. Um cavalo ruão amarrado a uma muda fina e fantasmagórica. E.

Lá. Amarrada a uma árvore na borda da clareira.

Crier.

De alguma forma, Crier.

A respiração de Ayla engatou. Tudo ficou parado. Dentro dela, ao seu redor. As folhas acima pararam de farfalhar. A floresta parou de fazer seus ruídos de floresta. Em outro lugar, o rio congelou, milhares de toneladas de água corrente se transformaram em gelo sólido. Em outro lugar ainda, as estrelas pararam de girar; o céu, como o rio, estalou com a geada.

Ayla ficou olhando, pensando – ela estava errada, essa era alguma outra garota, alguma outra garota Automa – mas não, ela conhecia aquele rosto. Mesmo na escuridão, a luz do fogo oferecendo apenas um brilho fraco, ela conhecia aquele rosto.

Crier.

Crier, capturada por bandidos humanos na selva de Varn? Crier, braços dobrados desajeitadamente atrás dela, correntes grossas em volta da cintura, garganta, correntes fortes o suficiente para conter um Automa? Não que parecesse que Crier precisasse de muito controle. Seu corpo estava mole, mantido em pé apenas pelas correntes, a cabeça pendendo para o lado. Seus olhos estavam fechados.

Depois de cerca de quinze segundos, seu peito subiu e desceu com uma única respiração. Os dedos de sua mão direita se contraíram.

Ela estava viva.

Como a água da enchente quebrando uma represa, o mundo voltou a girar.

— Não, não — disse um dos bandidos em voz alta, e Ayla desviou o olhar de Crier. *Não se esqueça de onde você está, idiota.* Não — ele disse novamente, gesticulando com um frasco, metal

refletindo a luz; Ayla percebeu que ele estava bebendo. Estariam todos bebendo, os que permaneceram aqui no acampamento em vez de atacar o grupo de Ayla? — Eu te digo, o cabelo nunca sai muito. É o funcionamento interno que todo mundo procura. É o que vale a moeda.

Escondida nas sombras, Ayla ouvia.

Seus olhos encontraram Crier novamente. Ela não conseguia desviar o olhar.

— Rasgue e tire tudo que você puder pegar, é o que fazemos. Você sabe do que são feitas as tripas deles? — Ele não esperou por uma resposta dos outros. — Ferro do Criador. Feitiçaria, isso. Ferro que se move e respira. Os ossos, também, reforçados com aquele alquimi– ferro alquimizado. Não me pergunte como funciona. Mas eu lhe digo, uma única junta de um Automa pode ser vendida por dez moedas de prata da rainha.

— Dez moedas...? — Uma dos outros repetiu, incrédulo. — Por um único osso do dedo? — Ela olhou para Crier, a expressão quase faminta. — Deusa, o que vamos conseguir por um esqueleto inteiro?

Bem, pensou Ayla. *É isso então.*

Ela respirou fundo, fez uma cara de medo e cambaleou para frente, tomando cuidado para pisar com força nas folhas secas que cobriam o chão da floresta. Os bandidos pularam de pé, girando para encarar a floresta, armas em punho. Duas bestas, uma adaga serrilhada de aparência desagradável.

Ayla lançou sua voz alta e doce. — Socorro — ela disse. — Por favor, têm alguém aí?

— Mostre-se — gritou um dos bandidos. Aquele que estava curioso sobre o preço atual do esqueleto de Crier.

— Estou desarmada — disse Ayla, e saiu das sombras para a clareira. Olhos abertos. Braços em volta de si mesma, ombros curvados. Ela já era pequena; queria parecer menor. — Por favor. Eu preciso de ajuda.

— O que você está fazendo aqui, garota? — Disse o bandido esqueleto.

— Meu cavalo ficou assustado — disse Ayla, fungando. — Eu caí e ele fugiu. Tentei encontrar uma estrada, mas me perdi. Estou vagando há horas.

As duas bestas baixaram alguns centímetros.

— Por favor — disse ela. — Estou com tanto frio.

— Aqueça-se, então. — disse o segundo bandido, embainhando sua adaga. Os outros dois baixaram completamente as bestas, abrindo espaço para Ayla no fogo.

Ela fingiu estar bamba de alívio. — Obrigada. Que a Deusa os acompanhe. — No meio do caminho para o fogo, ela parou de andar e engasgou, fingindo notar Crier pela primeira vez. — Q–quem é essa?

— A sanguessuga mais generosa que você já conheceu — disse o bandido esqueleto. — Ela vai comprar minhas bebidas no próximo ano!

Os outros riram, vulgares e ásperos como o pelo de um burro.

— Posso olhar? — Perguntou Ayla, tentando parecer nervosa, morbidamente curiosa. — Nunca vi uma sanguessuga acorrentada antes.

O bandido esqueleto bufou. — Olhe o quanto quiser, mas tome cuidado. É uma coisinha feroz, essa daí. Acertei ela com uma flecha e ela continuou lutando. Precisei de três golpes para apagar ela, e não sei quanto tempo vai durar.

— É claro — disse Ayla. — Parece que vocês foram muito corajosos.

— Não sei disso — disse o segundo bandido, parecendo satisfeito de uma forma que causou arrepios na espinha de Ayla. Uma sensação horrível e pegajosa, como se alguém tivesse quebrado um ovo na cabeça dela. — É apenas uma garota.

— *Agressiva,* no entanto — disse outro. — Tentou me morder. Eu deveria ter arrancado os dentes dela.

— Mas não quero perdê-los no escuro — disse o bandido esqueleto. — Valem uma refeição cada um, esses dentes.

Ayla se aproximou de Crier. As sombras dançaram no chão da floresta quando ela deixou o círculo de luz do fogo. Ela manteve sua linguagem corporal estremecida e assustada. Um coelhinho assustado, um passarinho caído do ninho. Tão perto, ela podia ver as manchas de sangue nas roupas de Crier. O sangue violeta secou até um marrom escuro e enferrujado. O coração de Ayla estava aceso, sua raiva uma explosão de faíscas, o clarão de brasas

famintas. — Ela tentou morder você? Isso é tão assustador — ela disse, deixando sua voz chegar aos bandidos. — Eu teria chorado.

O bandido disse algo em resposta, mas Ayla não estava ouvindo. Ela estava enrolando os dedos em torno do cabo de sua faca com cabo de osso. Apenas alguns passos de Crier, e Crier ainda não tinha aberto os olhos. Parecia que ela realmente estava inconsciente.

— Ei, — o bandido esqueleto gritou. — Não chegue muito perto.

Ayla se agachou como se tentasse examinar o rosto de Crier. Inclinando o corpo para que os bandidos não pudessem ver, ela colocou a faca nas folhas caídas no quadril de Crier. Um batimento cardíaco, dois, e ela se levantou e foi se juntar aos bandidos.

O fogo estava queimando baixo. Perto da borda havia uma pilha de madeira seca, incluindo o galho de um abeto, ainda não quebrado. Tinha quase o comprimento do braço de Ayla, as agulhas se projetando como asas.

Ayla se inclinou para a frente, aquecendo as mãos. Em volta dela, os bandidos relaxaram novamente. Ela sentiu seus olhos sobre ela, mas não com suspeita.

Ela suprimiu um arrepio. *Velhos nojentos desgraçados.*

Ela se inclinou um pouco mais para frente, toda casual. Então, com um movimento, arrancou o galho do abeto do chão e o varreu através do fogo como uma vassoura. As agulhas secas e douradas pegaram instantaneamente, transformando-se em chamas. Ayla não hesitou. Antes que os três bandidos descobrissem o que estava fazendo, ela já havia trazido o galho em chamas em um grande arco ao seu redor, passando-o em seus rostos o mais forte que podia.

Eles *uivaram*, pondo-se de pé, mas já haviam bebido e agora tinham o rosto cheio de fogo e agulhas afiadas e picantes. Ayla queria ir atrás de uma das espadas – ela não sabia de que outra forma tirar Crier das correntes – mas não os desacelerou o suficiente. Um deles já se recuperava, os olhos vermelhos e as bochechas molhadas de lágrimas, *furioso*.

— CRIER — gritou Ayla, a voz rouca de medo. — CRIER, ACORDE!

— Você está morta — o bandido rosnou, e avançou.

Ayla se jogou para trás, balançando o galho em chamas. Foi o suficiente para mantê-lo fora do alcance do braço, mas estava queimando rapidamente, agora mais fumaça do que chamas. — CRIER — ela tentou novamente, mas um instante depois o bandido arrancou o galho de sua mão. Ele agarrou seu pulso, puxando-a para perto. Seu hálito cheirava a vinho; sua pele de pêlo de cavalo e suor velho e azedo.

Um ruído nas costas de Ayla, um estrondo metálico.

— Você está *morta* — o bandido disse novamente, torcendo seu aperto. Os outros dois estavam se endireitando, enxugando os olhos lacrimejantes. — A única pergunta é: você quer morrer rápido ou devagar?

— Nenhum dos dois — disse Ayla.

— Devagar — disse um dos outros dois. — Faça doer. Mas não a estrague, Han. Quem sabe ela pode nos trazer algumas moedas. Vendendo seu cabelo para fazerem perucas, seus ossos para cachorros. Os olhos dela para...

Mas ele nunca terminou. Uma grossa corrente de metal o atingiu no rosto. Ele se dobrou.

Crier.

Ayla se atreveu a olhar para trás. Crier tombou para o lado, favorecendo a perna direita. Ela estava segurando suas correntes como chicotes gêmeos. Seus olhos alternaram entre Ayla e os bandidos, demorando-se no bandido com o pulso de Ayla em suas mãos. Suas feições escureceram com uma expressão que Ayla nunca vira em seu rosto antes. Torcendo a boca, olhos dourados se estreitaram.

— Saia agora — ela murmurou.

Três homens bêbados, embora fossem corpulentos, não eram páreo para ela. Crier era ingênua, mas furiosa, enfraquecida, mas com a rapidez Automae. Ela disparou para frente em um piscar de olhos e atacou com as correntes, desta vez acertando o bandido esqueleto na testa. Ele cambaleou, batendo em um dos outros.

Ayla aproveitou o momento de distração para cravar os dentes no braço do captor. Ele praguejou, recuando, e ela se desvencilhou de suas garras. Pegou a manga de Crier. — Corra!

Crier jogou as correntes de lado e elas correram. De volta à floresta negra, na cobertura da escuridão, elas correram até Crier engasgar. — Não posso ouvi-los mais.

Com o pulso machucado, uma pontada feia na lateral do corpo latejando a cada respiração, Ayla desacelerou até parar. Ela soltou a manga de Crie . . . e Crier caiu como uma pedra em um poço, os joelhos batendo no chão da floresta. — Crier! — Ayla sibilou, agachando-se ao lado dela. — Por favor, você tem que...

— Ayla — sussurrou Crier.

Ayla assentiu, desamparada. Mil respostas diferentes em sua língua, nenhuma delas certa.

— Ayla — repetiu Crier. — Você sabia que é uma fugitiva procurada?

Então seus olhos reviraram em sua cabeça e ela desmaiou.

Quanto tempo levava para um corpo de Automa se curar?

O amanhecer chegou, o céu mudando do preto para o azul mais profundo, para a cor suave de lavanda salgada e rosa pálido. Quando o sol se ergueu sobre as copas das árvores, a superfície do rio cintilou dourada e depois branca, e Crier adormecia.

E enrolada sob as raízes das árvores penduradas, os joelhos encostados no peito, Ayla a observou. O cabelo escuro de Crier estava espalhado ao redor de sua cabeça como uma coroa de algas marinhas. Havia argila do leito do rio espalhada em seu queixo, pálida contra sua pele. Manchas de sujeira como sardas em seus braços. Sangue seco nas maçãs do rosto, nas têmporas, em formato de impressão digital, como se ela tivesse tocado as feridas e depois o rosto. Roupas manchadas de sujeira e sangue. Grandes manchas florescentes de sangue seco marrom-arroxeado. Se ela fosse humana, não teria sobrevivido ao que quer que trouxesse tanto sangue. Ayla pensou nisso por muito tempo.

O céu estava perolado como o interior de uma ostra, não totalmente azul matinal, quando Crier finalmente abriu os olhos. Ela o fez devagar, com tanto cuidado como fazia com todas as coisas. Um olho se abriu, dilatando a pupila, depois o outro. Ela piscou uma vez. Duas vezes.

— Olá — disse Ayla, e foi recompensada pela contração de todo o corpo de Crier. Crier se ergueu de um salto e depois ofegou de dor, uma das mãos voando de volta para tocar o lugar onde, algumas horas antes, havia um ferimento profundo. Ayla o havia verificado uma vez, pouco antes do amanhecer. A essa altura, o sangramento havia parado há muito. A pele de Crier já estava se recompondo, brilhante como tecido cicatricial, embora Ayla soubesse que não haveria cicatriz. Abaixo da superfície, o dano ao seu funcionamento interno – veias cortadas, órgãos perfurados, osso cortado – também estaria se reparando.

As mãos de Crier se agitaram sobre seu próprio corpo, procurando por outros ferimentos. Não encontrando nenhum, ela ficou imóvel. Seu rosto estava escondido atrás de seu cabelo, e ela poderia ter sido feita de pedra, ela estava tão quieta, todos os seus minúsculos movimentos humanos – respirando, piscando, mudando – cessaram. Uma presa congelada ao primeiro sinal de perigo: primeiro, você espera que eles não o vejam. Então você corre.

Não corra, alguma parte de Ayla queria dizer. *Eu não sou o caçador aqui. Não o lobo.*

Em vez de:

— Não vou te apunhalar desta vez. — disse a Crier.

— Você também não me apunhalou da última vez — disse Crier, e descongelou. Ela colocou o cabelo atrás da orelha. A última vez que Ayla a vira – a última vez, e todas as vezes anteriores – Crier estava perfeitamente preparada. Cabelo limpo e brilhante, pele macia e cheirando a óleo de rosa, certamente sem sujeira ou sangue em lugar nenhum. Camisola de seda. Lençóis de seda. Apenas o melhor para a filha do soberano.

Agora, parecia que ela tinha sido arrastada pelos tornozelos para o inferno e de volta. Ela parecia uma sobrevivente.

Ayla reprimiu o que teria sido uma risada meio histérica. Alguns meses atrás, ela teria olhado para Crier e pensado com maldade: *Você vai morrer pela minha mão e pela minha mão apenas*, e se convencido de que foi por isso que ela não abandonou Crier com bandidos. Como as coisas mudaram totalmente desde então. Ayla não fora capaz de matar Crier naquela noite no palácio e não seria capaz de matá-la agora. Algumas coisas eram impossíveis.

Que pediu uma nova pergunta: Se não ia matar Crier, o que ela *iria* fazer?

Ela olhou para Crier por muito tempo.

E Crier estava olhando de volta.

— Você sabia que toda Zulla está procurando por você? — Ayla deixou escapar, apenas para preencher o silêncio. — Não é todo dia que a filha do soberano foge do próprio casamento. Você causou um grande rebuliço.

— Não me importo — disse Crier com veemência. — Eu não poderia me casar com Kinok. Prefiro correr para sempre. Eu prefiro morrer. — Ela encarou Ayla com um olhar feroz e incomum. — Você vai me entregar? Terminar o que começou naquela noite? Vá em frente e experimente. Eu tenho... — Ela parou, tateando em seu quadril por uma arma que não estava lá. — Eu tenho...

Ayla recuperou a faca com cabo de osso de onde a enfiara no barro atrás dela. — Você tem isto?

— Eu . . . — A mandíbula de Crier se mexeu. — Eu não preciso disso. Você é humana. Eu poderia te dominar facilmente.

Ayla sentiu o rosto ficar quente. Não por raiva; ela nunca tinha ouvido uma ameaça menos convincente. Mas porque, a julgar pela expressão de Crier, as duas estavam recordando a mesma memória.

Você é um Automa. É da sua natureza dominar.

A expressão no rosto de Crier, como se Ayla a tivesse impressionado. Então...

Então...

— Não vou entregar você — disse Ayla. Ela sacudiu a faca em sua mão e a estendeu com o cabo virado para Crier.

Os olhos de Crier se voltaram para a faca. Para o rosto de Ayla. Para a faca novamente. Ela a aceitou com cautela, observando Ayla o tempo todo, como se achasse que era um truque. Mas Ayla deixou que ela a pegasse, recostar-se e enfiar a faca em uma das alças de seu cinto, presa no quadril.

Então elas estavam apenas . . . olhando uma para a outra. Novamente.

Desta vez, Crier quebrou o silêncio. — Você não me apunhalou da última vez — disse ela. — Mas você ia.

Uma pontada no peito de Ayla. — Eu pensei que o faria — ela sussurrou.

Ela presumiu que a próxima pergunta seria: *Por quê?*

Mas Crier perguntou: — Por que você não o fez?

— Eu . . . — Deuses, como ela poderia responder a isso? Não se conhecia. Ou ela conhecia, mas era muito confuso para colocar em palavras. *Por causa das piscinas naturais. A chave da sala de música. Por causa da noite, você sussurrou na escuridão entre nós: Como posso ajudar? Porque eu disse para você descobrir mais sobre Kinok e você o fez. Porque você é brilhante e nunca usou isso para causar danos. Porque você me surpreende. Porque não canso de me surpreender com você.*

Certa vez, em Antrokalla, em uma das barracas que vendiam objetos Criados no mercado negro, Ayla havia brincado com uma bugiganga em forma de pequeno telescópio de ouro. Se você espiar em uma extremidade, poderá ver grãos de vidro colorido mudando e formando novos padrões. Os grãos mudaram de cor, ondulando em azul, vermelho, laranja, arco-íris, de volta. Às vezes, eles formavam imagens: uma flor vermelha em um campo dourado, um olho de gato amarelo, uma folha verde-esmeralda. Nunca o mesmo padrão ou imagem duas vezes. Conhecer Crier era assim. Principalmente no final, nas semanas finais, quando Ayla começava a perceber – e se recusava a admitir, até para si mesma – que não seria capaz de matá-la. Cada vez que olhava para Crier, um novo padrão. Uma nova foto. Uma exibição de luz nova e impressionante.

Crier estava esperando. Seu olhar era firme, mas havia uma tensão em sua boca, seus ombros. Como se ela estivesse se preparando para um golpe.

— Eu não acho . . . — Ayla escolheu as palavras com cuidado. — Eu não acho que este mundo seria melhor com a sua morte. — *Não, vamos lá, não seja covarde – pelo menos nisso, você deve honestidade a ela.*. — Eu não acho que seria.

— Entendo — disse Crier.

— Quer saber por que tentei?

Crier parecia aflita. — Quero?

— Naquela noite, estávamos tentando roubar algo do escritório de Kinok — disse Ayla. — Aquela bússola especial de que você me

falou. A bússola que aponta não para o norte, mas para o Coração de Ferro. Estávamos tentando roubá-la, então precisávamos de uma distração. Fui eu quem teve a ideia de disparar o seu carrilhão. Trazendo os guardas para o seu quarto.

— Sua ideia — repetiu Crier, mais para si mesma do que para Ayla. — Certo. Sim. Claro.

— Eu estava com raiva. De Kinok. De seu pai. Sua espécie. Você. De mim mesma. — Ela soltou um suspiro afiado. — Eu mesma mais do que ninguém. Eu estava *furiosa* comigo mesma, Crier. E apavorada. — *Do que eu senti por você. Eu ainda sinto.* — Então eu fiz uma escolha. Foi a errada. Não – não quero dizer que não matar você foi a escolha errada– quero dizer, tudo que levou a isso. O planejamento. Entrar em seu quarto naquela noite. Se você me odeia por isso, não posso culpá-la. Eu me odiaria por isso, se eu fosse você. — Ela engoliu em seco. Sua voz soava áspera e miserável até para seus próprios ouvidos, a mesma raiva sangrando. Esse mesmo medo. Para si mesma, de si mesma. — Foi estúpido, ok? — Ela disse. — Foi *estúpido*.

Os lábios de Crier se separaram.

Não era a história completa. Mas Ayla havia passado anos pensando apenas em vingança contra o Soberano Hesod. Ele matou sua família; ela iria matar a dele. Sangue por sangue. Ayla não contara essa história a ninguém. Sempre houve apenas três pessoas que sabiam a verdade sobre seu passado: Benjy, Rowan e Storme. A verdade estava enterrada tão profundamente dentro dela. Ela ainda não estava pronta para puxá-la do fundo do oceano.

— Não vou fazer essa escolha de novo — disse ela apenas. Ela agarrou o pedaço de concha quebrada mais próximo e arrastou-o pela argila até o pé, desenhando todos os símbolos que vieram à mente – sal, ferro, ouro. — De qualquer forma, acho que estamos do mesmo lado agora. Assim.

— Estivemos sempre do mesmo lado — disse Crier.

Ayla abanou a cabeça. — Não. Não quando eu era sua serva.

— Oh. — Crier pareceu considerar isso, olhando além das raízes das árvores até o rio além, o barulho silencioso e o rugido da água, suave na superfície, mas surgindo abaixo. — Entendo — disse ela. — Mas agora que eu desertei . . . ?

— Conte-me a história de como você fugiu de seu casamento, Lady Crier — disse Ayla.

— Crier — disse. — É apenas Crier.

— Tudo bem, Apenas Crier — disse Ayla, e ouviu Crier contar a história de Faye arriscando a própria vida para ajudar Crier a escapar. A história sobre confrontar seu pai sobre o plano de Kinok para destruir o Coração de Ferro.

Tudo o que Ayla pôde fazer foi não reagir visivelmente.

O objetivo da Revolução sempre foi destruir o Coração de Ferro. Para exterminar os sanguessugas de uma só vez, do jeito que a serva Nessa espirrou veneno sobre um enxame de gafanhotos até que seus minúsculos corpos iridescentes cobrissem o solo aos milhares, às dezenas de milhares. Era isso que Rowan queria. O que Benjy queria. O que Ayla queria, sob o fogo. Por tanto tempo.

Sentada aqui na margem do rio em frente a Crier, Ayla se forçou a imaginar: destruir o Coração, a fonte da pedra-coração. Os sanguessugas não morreriam imediatamente. Havia muita pedra-coração circulando fora do Coração – em caravanas de comerciantes, em depósitos, em porões, em cada vilarejo, vila, cidade, propriedade, em Rabu, Varn e Tarreen. Os humanos teriam que assumir um posto no Coração, para defendê-lo quando os sanguessugas viessem, o que eles fariam. Mas digamos que eles perderam. Digamos que os humanos seguraram o Coração e não havia nenhuma nova pedra-coração. Poderia levar meses, até anos, para acabar. Mas acabaria.

Ayla imaginou como seria: Crier definhando. Crier, faminta e mole. Olhos vítreos, pele fria ao toque. E ela imaginou a Rainha Junn e Wender do Banquete da Rainha. As crianças nas Casas das Parteiras. Lady Dear, recém-reconstruída. A Delphi sem rosto. Pequenos corpos sob lençóis brancos, criados e destruídos assim. Criado. Destruído.

Era isso que Kinok queria para a humanidade, pensou Ayla. Essa destruição, esse esmagamento sem fim da morte, esse massacre . . . Ele era mau por querer isso. Podre por dentro, comido por vermes, pútrido.

Os Automae não mereciam o perdão de Ayla. Ela não o daria. Mas ela também não iria deixá-los transformá-la nesse tipo de

monstro.

— Vou parar Kinok — disse Crier. — Eu não sei como. Mas eu vou.

Ayla afastou as imagens da morte. Refocada. — Nós precisamos formar um plano.

O *nós* pendia entre elas como a faca de cabo de osso. Outra oferta.

— Precisamos — murmurou Crier. Ela passou a mão pelo cabelo emaranhado, um movimento estranhamente humano. Ela parecia quase nervosa. — E você? Por que você veio até aqui, se estava segura sob a proteção da rainha em Thalen?

Ayla soltou um suspiro. — Você já ouviu falar sobre os monstros?

— As Sombras? Os Automae envenenados por Sombra Noturna? Sim, eu sei bastante.

— Bem, a rainha não sabe — disse Ayla. — Eu deveria falar com os comerciantes de pedra-coração. Juntar informação. Deveria ser fácil. Eu deveria saber melhor. Mas, sério, pensei que se tivesse algo com que me preocupar, seriam os monstros. As Sombras. Eu não esperava bandidos.

— As pessoas raramente o fazem — disse Crier, e Ayla caiu na gargalhada e os olhos de Crier se arregalaram.

— Plano, precisamos de um plano — disse Ayla abruptamente. Seu rosto estava quente como se ela estivesse se aquecendo ao sol de verão, não sentada em uma margem fria de rio no inverno. — Podemos descobrir isso.

Crier assentiu. — Sim.

— Vamos parar Kinok — disse a parte de Ayla que parecia nova, nascente, como o botão de uma flor de macieira bem no fim do inverno. — Nós encontraremos a Turmalina. Antes que ele o faça. Antes que ele destrua o Coração.

— Primeiro . . . você vai precisar disso — disse Crier. Ela alcançou o decote de sua camisa, puxando – uma delicada corrente de ouro. O colar de Ayla. Seu medalhão, pendurado nos dedos de Crier, piscando à luz do sol. Crier já havia tentado devolvê-lo uma vez, em Elderell, mas na época… na época, Ayla estava cambaleando de choque e confusão, tentando entender as

memórias em que haviam caído – e tudo o que viera antes. (As mãos de Crier em seu rosto, a respiração de Crier em seus lábios). Ela rejeitou o medalhão. *Eu não quero isso. Fique com isso, eu não me importo mais, apenas fique longe de mim.* Então, no quarto de Crier, ela o vira mais uma vez. Enquanto ela estava de pé ao lado da cama, segurando a faca, tentando se convencer de que podia *fazer isso*, ela podia matar, podia tirar sangue – tinha visto o medalhão na mão de Crier. Crier estava dormindo com ele.

Ela o tinha guardado todo esse tempo, apesar de tudo.

— Pegue — disse Crier agora, estendendo-o para Ayla. — É seu. Ele pertence a você.

Desta vez, Ayla não lutou. Ela pegou o colar e o enrolou em volta do pescoço, os dedos desajeitados no pequeno fecho. Pela primeira vez em muito tempo, o medalhão era um peso familiar em seu esterno. Ouro quente, gema vermelha, estrela de oito pontas gravada na superfície. Seu medalhão.

— Obrigada — ela murmurou.

— É seu — disse Crier novamente. — Este também é. — E ela puxou um segundo medalhão. Aquele que Ayla vira no escritório de Kinok, o gêmeo de seu medalhão. Ela queria examiná-lo, explorar quaisquer memórias e segredos que estivessem guardados lá dentro, mas isso teria que esperar.

— Fique com ele por agora — se algo acontecesse com Ayla, pelo menos um medalhão estaria seguro. — Mantenha-o escondido.

— Eu irei protegê-lo com minha vida. — Então a sobrancelha de Crier se franziu. — Ayla. Seu braço.

— Hm? — Ayla girou de um lado para o outro, inspecionando os braços. E ela nem tinha notado, mas seu braço esquerdo estava chamuscado, sua manga de lã verde enegrecida e esfarrapada, revelando pele arranhada por baixo. As feridas eram superficiais, mas mesmo as menores feridas podiam se tornar mortais se infectassem. — Droga — ela disse. — Ok, eu preciso limpar isso.

— Um momento — disse Crier, e se levantou.

— O que? Onde você vai?

— Um momento. — Com isso, ela desceu a margem do rio, abrindo caminho em meio a poças de lama escorregadias e meio congeladas.

Tudo bem então. Ayla correu até a beira da água e começou a limpar o ferimento o melhor que pôde, lavando a fuligem e o sangue seco com as palmas cheias de água límpida e gelada. Melhorou. A frieza cortou o choque ao ver Crier novamente, a névoa de confusão, constrangimento, culpa. Pavor, pelo que estava por vir.

Crier voltou alguns minutos depois com um punhado de musgo verde e macio. Ela se agachou ao lado de Ayla e ofereceu o musgo, sem palavras. Ayla o pegou e o apertou contra o braço, e o alívio foi imediato, musgo úmido e frio em sua pele formigando.

— Obrigada — disse ela.

— Sim — disse Crier, voltando o rosto para o rio e a floresta além.

Com a escuridão, veio um frio, o calor se dissipando conforme as sombras cresciam. Ayla tentou, sem muita convicção, pescar um peixe para o jantar. Crier se ofereceu para ir caçar, para rastrear um coelho ou algo assim, mas nenhuma delas estavam interessadas em se separarem por mais do que alguns minutos. Pelo que sabiam, mais bandidos – ou pior – ainda estavam rondando a floresta. Assim, Ayla bebeu do rio e passou a noite pressionando as mãos na barriga, tentando enganá-la para que se sentisse cheia, e Crier ficou sentada em silêncio, ouvindo, sempre ouvindo.

— Você se importa se eu dormir? — Perguntou Ayla, quebrando o silêncio. Por quase uma hora, os únicos sons foram os barulhos do mundo: sapos cantando, água correndo, o farfalhar da floresta ao redor deles. Às vezes, o grito de uma coruja solitária. O céu escureceu de azul para preto, a lua era uma fruta amarela e madura, e Ayla se sentia ferida pela exaustão. E meio congelada. Elas não podiam arriscar uma fogueira, e nenhuma delas tinha nada mais quente do que as roupas que vestiam. Ayla tentava não estremecer com muita violência, mas não conseguia evitar. Por que ela não pensou em pegar uma das peles da carruagem antes que queimasse? Ela teve que conscientemente manter sua mandíbula relaxada para que seus dentes parassem de bater.

— Oh... sim, durma — disse Crier. Estava muito escuro para ver sua expressão, mas ela parecia assustada, até mesmo

envergonhada. — Eu sinto muito. Às vezes, esqueço que você precisa fazer isso todas as noites.

— Infelizmente — Ayla abaixou-se de lado, tentando encontrar um pedaço de solo sem muitas pedras. Novamente ela desejou uma pele, um xale, qualquer coisa para colocar entre ela e a terra congelada. — E você... certeza que está bem? Você pode me acordar em algumas horas e eu assumirei como vigia. — Deuses, ela se sentia tão estranha.

— Estou bem — disse Crier. — Durma. Você precisa disso.

Ayla virou as costas para Crier e se enrolou em uma pequena bola, os braços em volta das canelas. Tentando preservar o máximo possível de calor corporal. E embora estivesse bocejando apenas um minuto atrás, no momento em que se deitou, sua mente se tornou uma lanterna que ela não podia apagar. Como deveria parar de pensar em tudo o que Crier havia lhe dito? Como deveria dormir quando sabia que Kinok estava lá fora em algum lugar? Kinok e outros monstros no escuro?

— Posso ouvir você pensando — sussurrou Crier.

— Não, você não pode — sussurrou Ayla de volta. — Nem mesmo com os seus ouvidos.

— Como você saberia?

Ayla abriu os olhos. Crier estava sentada de costas para Ayla, de frente para o rio. Quando a visão de Ayla se ajustou à escuridão azul, ela conseguiu distinguir as manchas de sangue nas costas da camisa de Crier.

— Tudo bem, então — disse Ayla, quase um sussurro. — Como são os pensamentos?

— Abelhas — disse Crier.

— Você está inventando isso. Você quer dizer o som de zumbido?

— Não. O som dos passos de uma abelha enquanto caminha sobre uma pétala de flor.

— Esse não é um som real!

Crier fungou. — Talvez não para você.

— Você está mentindo — disse Ayla. — Eu posso dizer porque você é terrível nisso. Você está usando sua voz de contadora de histórias.

AUma pausa. — Minha . . . voz de contadora de histórias?

Ayla mudou de posição, apoiando a cabeça em um dos braços. Havia uma raiz de árvore cavando em seu quadril, outra em suas costelas. Ela ansiava pela cama em forma de nuvem que havia deixado para trás no palácio da rainha. — Hmhm. Como quando você me contou a história da princesa e dos três animais. A princesa na... — ela bocejou — tempestade de neve. Com o coelho.

— Lebre — corrigiu Crier.

— Há alguma diferença

— Sim.

— Isso importa?

— . . . Não.

Ayla ainda estava com muito frio, mas sentiu os olhos se fechando. — Você deveria fazer isso de novo algum dia. — disse ela, sem realmente prestar atenção ao que estava dizendo.

— Fazer o quê de novo? — Crier perguntou baixinho.

— Não sei — murmurou Ayla. — Me conte uma história. Você conhece muitas histórias, não é?

— Sim — disse Crier. — Eu sei muitas histórias.

— Hmhm. Bem. Não as guarde só para você — as palavras de Ayla se misturavam. — Não seja . . . não seja egoísta.

A última coisa que Ayla ouviu antes que a lanterna de sua mente finalmente se apagasse foi o som da risada silenciosa e indefesa de Crier.

Ela acordou uma vez durante a noite. A julgar pelo céu escuro, ela só dormiu algumas horas. Ainda não era sua vez de vigiar. Satisfeita de que tudo estava bem e de que Crier ainda estava sentada com as costas eretas na beira da água, Ayla fechou os olhos, pronta para escorregar de volta para baixo. Então, um pensamento ocorreu.

Lentamente, para não fazer barulho, Ayla tirou o medalhão. Ela esfregou o polegar sobre a pedra preciosa, então tateou até encontrar um pedaço de casca quebrada. Sem se permitir pensar muito sobre o que estava fazendo, ela trouxe a borda irregular da concha para o polegar. Uma picada. Uma gota de sangue. Imitando o que Crier havia mostrado a ela em Elderell, Ayla pressionou o

polegar no medalhão, deixando seu sangue manchar a pedra vermelha. E ela estava–

–ela estava–

Não sozinha.

Luz do fogo, amarela e viva. Os feixes de ervas secas penduradas nas vigas lançavam sombras estranhas nas paredes, como mãos estendidas de cima. Ayla estava sentada na beira da lareira, uma parede de calor acesa em suas costas, e ela não estava sozinha. Leo estava parado ao lado dela, observando duas figuras no meio da sala. Uma era Siena, com suas sardas e cachos escuros, tão semelhantes a Ayla. A outra estava toda vestida de branco. Uma parteira.

Estavam inclinados sobre uma mesa, murmurando um para o outro. Ayla se levantou, tentando ficar em silêncio, embora soubesse que não podiam vê-la ou ouvi-la. Ela rastejou ao redor da borda da sala, os olhos se ajustando à escuridão onde a luz do fogo não chegava muito bem.

— Você está pronta? — Disse a Parteira.

— Isso importa? — Siena respondeu.

E Ayla viu que havia mais uma pessoa naquela sala. Uma garota. Ela estava deitada na mesa, adormecida ou inconsciente ou – deuses, ela estava respirando? Ayla contou dez segundos, quinze, e o peito da garota não subia e descia. Até mesmo um Automa teria respirado fundo naquele tempo. Ela estava morta?

Ayla rastejou ainda mais perto, até que ela estava bem ao lado de Siena. Minha avó, ela pensou, mas não parecia real. Siena morreu antes de Ayla nascer, e a mãe de Ayla sempre relutou em falar sobre ela. Ayla nunca se considerou uma pessoa com avós. Com linha de sangue.

Mas aqui estava: sua linhagem. Sua herança. Siena.

Sua linhagem estava segurando uma faca.

Não uma faca – a lâmina era pequena e curva. Parecia mais um instrumento médico do que uma arma. Ayla observou, ficando cada vez mais confusa, enquanto Siena

começava a desabotoar a camisa da garota morta. Ela a abriu, com cuidado para não expor totalmente o peito da garota, e soltou um suspiro trêmulo. — Estou pronta — disse, mais para si mesma do que para a Parteira. — Deuses, espero que funcione.

Ela levou a faca até a pele da garota, bem sobre o coração, e pressionou. Ayla fez uma careta, esperando sangue, mas não havia nenhum. Siena não fez um corte. Sua lâmina traçou um caminho que parecia predeterminado, revelando uma costura fina que não era visível apenas alguns momentos atrás. Cuidadosamente, usando apenas a ponta da faca, ela ergueu uma pequena seção do peito da garota. Como a minúscula porta de um medalhão, escondida na pele dessa menina Criada.

Ayla se inclinou para a frente. A abertura no peito da garota era do tamanho da palma da mão; ela não conseguia ver nada além de um brilho vermelho por dentro. O coração da garota. Ao contrário do sangue Automa, que era um fluido oleoso e arroxeado, o coração era vermelho humano. Pedra-coração vermelha. Algo parecia muito errado e então Ayla percebeu: não estava batendo. Os corações Automae batem mais devagar do que os humanos, e a batida soa mais como o tique-taque de um relógio do que qualquer outra coisa, mas ainda é uma batida. Ainda é um pulso. Essa garota não tinha nenhum. Seu coração estava silencioso como uma tumba.

— Seja rápida, mas tenha cuidado — disse a Parteira, e Ayla se assustou; ela tinha esquecido que a parteira estava aqui. — As veias são delicadas, especialmente sem fluxo sanguíneo.

Siena acenou com a cabeça. Seu cabelo escuro estava grudado nas têmporas com o suor, mas suas mãos estavam firmes.

— Agora — disse a Parteira.

E Ayla observou, fascinada, enquanto Siena cortava o coração da garota Criada de seu corpo. Gentilmente, ela o embrulhou em um pano branco e o colocou de lado. Cada movimento foi medido, proposital. Siena sabia o que estava

fazendo, Ayla percebeu. Ela sabia como navegar no funcionamento interno deste corpo; ela sabia disso como um Scyre, uma Parteira, uma Criadora saberia; ela sabia como respirar. Ayla se encontrou concentrando-se no rosto de Siena mais do que em suas mãos. Estudando seu perfil, encontrando todas as semelhanças entre eles. Meu nariz, *ela pensou.* Meu queixo.

A memória mudou, os arredores de Ayla ficaram confusos por um momento. Quando o mundo se acalmou novamente, a Parteira estava segurando algo sobre o corpo da garota, oferecendo-o a Siena com ambas as mãos. Um pedaço de pedra de um azul profundo. Liso e polido, não maior do que um punho cerrado. Havia gravuras minúsculas nele, tão tênue que Ayla só podia vê-las quando se inclinava. Símbolos alquímicos. Organizados em círculos concêntricos. Ela pegou os quatro elementos, então ouro.

Siena pegou a pedra azul profunda e a abaixou no espaço oco deixado para trás. Ayla ouviu o mais leve ruído, como uma trava se encaixando no lugar.

Um pulso de luz azul. O coração queimou um instante, brilhando, e a memória de Siena começou a mudar novamente, cores sangrando umas nas outras, o mundo como tinta úmida manchada por uma mão gigante. A última coisa que Ayla viu foi prata. Dois pontos de prata brilhante como uma estrela.

A garota abriu os olhos.

— Yora — Siena respirou.



12

Ayla acordou quando o céu começou a clarear, o azul profundo mudando para lilás. Crier, que havia bancado a sentinela a noite toda, agora observava enquanto o despertar se espalhava como o amanhecer sobre o corpo de Ayla – primeiro os dedos dela se contraíram, depois a testa franzida, depois os lábios se abriram, revelando um vislumbre dos dentes da frente, depois os cílios tremeram. Sem abrir os olhos, ela respirou fundo pelo nariz, uma fungada prolongada que se transformou em um zumbido no final, um pequeno ruído gutural.

Ayla abriu os olhos e piscou para Crier sob a luz suave. — Devíamos nos revezar — disse ela, a voz rouca de sono. — Era para você ter me acordado.

— Você precisava descansar — disse Crier, e se levantou. Ela limpou inutilmente a lama em suas roupas, conseguindo apenas espalhar ainda mais. — Você pode vigiar esta noite, se quiser.

— Hmhm. — Ayla tentou se levantar e tropeçou, com um joelho doendo. Crier agarrou seu ombro, alarmada. Ela ficou mais do que um pouco surpresa quando Ayla não a afastou.

— Estou bem — disse Ayla com os olhos bem fechados. — Estou bem. Só... tonta.

— Você precisa comer — disse Crier.

— Sim. Não tenho certeza de como isso vai acontecer, no entanto. — Ayla inspirou lentamente, depois espreguiçou-se, o corpo curvado. Crier soltou seu ombro. — Eu poderia tentar pegar um peixe novamente.

Crier balançou a cabeça. — Nossa melhor aposta é o bosque. Mesmo que não possamos caçar, posso encontrar – cogumelos, amoras, sementes, algo assim.

— Como *vôce* sabe como ciscar na selva? — Perguntou Ayla. Pela primeira vez ela não soou acusatória, apenas curiosa.

— Meu pai tem muitos livros sobre herbologia e botânica — disse Crier. — Eu li sobre cogumelos comestíveis e flores e cascas e – muitas coisas. Eu sei o que estará crescendo nesta região nesta época do ano. É difícil porque os dias quentes e as geadas noturnas matam muitas sementes antes que elas tenham a chance de crescer, mas acho que poderei encontrar algo.

Ayla abriu a boca e fechou-a novamente. — Entendo — disse ela. — Ciscando, então.

Elas rastejaram pela floresta, Crier tentando ouvir bandidos, caçadores, quaisquer passos que não pertenciam a ela ou Ayla. Mas depois de uma hora sem nada além do canto dos pássaros, do farfalhar das folhas e do trinado das rãs do rio, Crier se permitiu relaxar um pouco. O solo era macio e esponjoso de musgo, eventualmente dando lugar a um tapete de folhas mortas enquanto elas se afastavam do rio. Crier inspirou e o ar cheirava a seiva, solo úmido, musgo e cheiro de chuva de madeira podre. Era estranho, a ausência de sal. Em casa – no *palácio do soberano*– o mar era inevitável. O ar estava tingido com isso. A maré alta fazia parecer

que o próprio mundo estava respirando, dentro e fora, dentro e fora. Enchendo e esvaziando aqueles pulmões gigantescos.

— Pronto — disse Crier, apontando para um cacho de cogumelos brancos na base de uma árvore. — Esses são seguros para comer.

Ayla lançou-lhe um olhar duvidoso. — Você tem certeza?

— Sim.

Crier esperava uma discussão, mas Ayla apenas assentiu. Ela colheu e comeu os cogumelos ali mesmo, agachada sobre as raízes das árvores, primeiro em pequenas mordidas hesitantes e depois em bocados, a fome tomando conta. Crier tentou não pensar em sua própria fome. Ela não consumia pedra-coração há . . . dois dias agora? Ela finalmente havia esvaziado. No momento, a fome era uma leve dor, uma inquietação, uma coceira, mas logo se tornaria muito mais séria. Já estava sentindo os efeitos colaterais: as feridas nas costas ainda doíam e ficar acordada a noite toda fora inesperadamente difícil. Ela quase cochilou algumas vezes.

Elas continuaram assim que Ayla acabou com os cogumelos. Demorou um pouco para encontrar mais sustento, a floresta congelada tendo pouco a oferecer, mas havia mais cogumelos e um punhado de amoras verdes claras. O suficiente para encher a barriga de Ayla por enquanto. Elas começaram a longa caminhada de volta ao abrigo na margem do rio e, à medida que a manhã avançava sem nenhum sinal de bandidos, os períodos de silêncio desconfortável entre elas foram ficando mais curtos – e menos desconfortáveis. Crier apontou para as nuvens que se acumulavam e Ayla disse: — Espero que não chova, é a última coisa de que precisamos — e Crier disse que *sim* e Ayla disse: — Talvez possamos encontrar um abrigo melhor. Essas florestas são cercadas por fazendas, talvez pudéssemos nos esconder no celeiro de alguém. — E Crier disse: *Oh, é uma boa ideia*, e Ayla pareceu satisfeita. A certa altura, Ayla começou a cantarolar, distraída, e Crier reconheceu a melodia. Ayla não cantara isso para ela uma vez? *Ouça a minha voz através das águas escuras e tempestuosas. Ouça a minha voz, deixe-a te guiar para casa.* Pareceu melancólico na época, como agora, mesmo acompanhada pela luz do sol, o

canto dos pássaros e o rio agitado. Uma canção triste e alegre. Uma canção de saudade.

Parte dela queria pressionar Ayla para obter mais detalhes sobre sua estadia em Thalen. Apenas alguns meses atrás, qualquer coisa a ver com a Rainha Junn a teria fascinado. Mas agora o nome de Junn enchia Crier de repulsa. Ela não conseguia esquecer a carta que recebeu, sua última correspondência com a Comedora de Ossos. *Não se preocupe com o sumiço da galinha vermelha. Eu cuidei dela.*

A conselheira Reyka – o único membro do Conselho Vermelho que já havia mostrado bondade para Crier, que a levava a sério – estava morta, e Junn a matou. Mesmo que ela não tivesse levantado a lâmina ela mesma, mas havia dado a ordem. Por quê? Reyka estava do lado delas. Reyka estava trabalhando contra Kinok. Quem mataria seu próprio aliado?

Como você pôde? tinha pensado tantas vezes, deitada acordada à noite, transbordando com uma emoção quente e formigante que ela finalmente identificou como raiva.

— Sabe o que eu quero fazer? — Disse Ayla, arrancando Crier de seus pensamentos.

O brilho familiar do rio foi mais uma vez visível por entre as árvores à frente.

— O que? — Disse Crier.

— Tomar *banho*.

Ayla correu para o rio sem olhar para trás. Quando Crier se recompôs o suficiente para segui-la, abrindo caminho descendo a margem escorregadia, Ayla já estava na beira da água. Ela estava completamente vestida, mas descalça, caminhando lentamente. Era um dia quente, mas a água estaria gelada. Escoando da montanha. Crier caminhou até um pequeno abrigo e sentou-se, pressionando a coluna contra a parede curva de terra, mantendo os olhos fixos nos próprios pés. Automae não eram modestos sobre nudez, mas ela sabia que costumava ser diferente para os humanos.

— Não está muito frio — gritou Ayla, e Crier ergueu os olhos automaticamente antes de forçar os olhos a baixarem de novo. — Você vem?

— Eu . . . Não quero... me intrometer... — disse Crier, erguendo a voz para ser ouvida sobre a água corrente.

— É um rio — gritou Ayla de volta. — Não pertence a ninguém. Vamos lá, você não quer limpar todo o sangue?

— Eu . . . — disse Crier fracamente, mas não conseguiu pensar em uma desculpa que não fosse *Não posso ver nenhuma parte de você sem querer ver mais*, então, em vez disso, ela apenas fechou a boca e se levantou. Ayla estava com água até a cintura agora, as calças descartadas na margem pedregosa. Ela ainda estava vestindo sua camisa. *Graças aos deuses.* Crier tirou os próprios sapatos e entrou na água, concentrando-se na mordida do frio, o choque em seu sistema. Ela deu passos lentos e cuidadosos, o fundo do rio escorregadio sob seus pés. Lama, argila e pedras lisas e planas, minúsculas conchas de ostras pretas. Cada passo levantava uma nuvem de lodo na água límpida. Ela ergueu os olhos. Ayla havia chegado ao centro do rio e estava tirando a camisa pela cabeça. Suas costas estavam arqueadas, os músculos flexionando em seus ombros, e—*oh*—o topo de seus ombros eram cobertos de sardas assim como seu nariz. Sua coluna era uma curva que Crier queria – correr os dedos, ajustar a palma da mão; ela queria apertar a mão naquela pele macia e morna pelo sol, queria traçar as cicatrizes tênues e com marcas de varíola espalhadas pelas costas de Ayla como pontos em um mapa, resquícios de alguma doença humana. Algumas varíola. Enquanto Crier era comprida e magra, Ayla era menor, sólida, compacta, esculpida em bronze. Uma ilustração de um livro de fadas, parada ali na água iluminada pelo sol, pele negra amarelada e cachos escuros emaranhados.

Ayla enrolou a camisa e jogou-a de volta na praia, depois mergulhou na superfície. Enquanto Ayla estava debaixo d'água, Crier tirou a calça e avançou até a cintura, o frio tirando o fôlego de seus pulmões. Mas era bom, refrescante, após os dias passados endurecida de sujeira e seu próprio sangue seco e descamado. Ela ansiava por sabonete – até mesmo os óleos de banho florais com os quais cresceu – mas fez o possível para limpar a sujeira de sua pele e de suas roupas sem ele. Ela meio que andou, meio nadou até o centro do rio, com água até a clavícula, e tirou a camisa, raspando as manchas de sangue com as unhas. Ela estava terrivelmente

ciente de Ayla, a apenas alguns metros de distância, espirrando água.

— Eu deveria fazer você lavar meu cabelo — disse Ayla depois de um tempo. Crier ergueu os olhos para ver Ayla observando-a, a água batendo em seu queixo, e lembrou-se da noite em que haviam escorregado para as piscinas naturais profundas e afundadas nas margens do Steorran. A água também estava congelando. — E me vestir.

— Eu faria isso — disse Crier.

Os olhos de Ayla se arregalaram. Ela mergulhou na água novamente, emergindo apenas um momento depois. — Eu estava brincando — ela disse, e estremeceu.

— Você está ficando com muito frio? — Perguntou Crier. Seu próprio corpo havia se aclimatado ao frio, mas os corpos humanos não eram assim. Os humanos adoeciam tão facilmente. — Devíamos sair.

— Eu ia lavar minhas roupas. Então têm tempo para secar antes do pôr do sol.

— Então eu vou sair — disse Crier. — Lave suas roupas. Eu não vou olhar.

— Você é tímida — disse Ayla, como se percebesse algo.

— Eu não sou. Você é. — Crier franziu a testa. — Você não é?

Algo cintilou no rosto de Ayla, rápido demais para Crier perceber o que era. O cabelo molhado de Ayla estava jogado para trás, deixando à mostra suas sobrancelhas fortes e escuras, e isso a fez parecer mais velha. — Vire-se — disse ela.

Crier assentiu e obedeceu, voltando para a costa. — Me diga quando terminar — disse ela, à luz do sol deslizando sobre seus ombros, seus braços, todo o seu ser, enquanto ela saia da água, com as roupas molhadas em uma das mãos. Ela as colocou para secar na margem do rio e se endireitou, esticando os membros, torcendo a água do cabelo. Deixando o sol secar sua pele enquanto secava suas roupas. Ela encontrou uma pedra achatada queimada pelo sol e se sentou, inclinando a cabeça para trás, os olhos fechados. Ao seu redor, a floresta fazia seus ruídos florestais. Sapos, pássaros, o zumbido das abelhas ou cigarras. O *tok-tok-tok*

dos pica-paus. Vento nas folhas. A floresta respirava exatamente como o mar.

Perdida na sensação, Crier não sabia quanto tempo se passou antes que Ayla dissesse: — Você pode olhar agora. — Ela voltou a si mesma em incrementos, membros e corpo e finalmente mente, e se virou. Ayla estava novamente vestida de verde, espremendo a água dos cachos. O sol havia alcançado o alto do céu e pendurado lá, uma lanterna branca. Crier havia perdido pelo menos uma hora. Talvez duas.

Ayla tossiu. — Você pode, hum. Acho que suas roupas estão secas.

— Certo — disse Crier. Ela se levantou, balançou e caiu, o chão balançando para cima para encontrá-la. Ela caiu com força de lado.

— Ei! — Ayla gritou e Crier ouviu passos. Uma mão em seu ombro, um aperto forte. — O que... você está doente? Você pode ficar doente? São seus ferimentos? Eu pensei que eles estavam se curando, você disse que eles estavam–

— Pedra-coração — murmurou Crier, piscando com força. O mundo nadou, mudou de foco. — Não tive… pedra-coração. Faz dois dias agora. — Ela se endireitou. — Estou bem. Ainda tenho alguns dias antes que a necessidade se torne extrema.

Ayla lhe lançou um olhar duvidoso. — Você simplesmente desmaiou.

— Eu não *desmaiei*. Eu perdi meu equilíbrio. Como você disse esta manhã – tontura. Está tudo bem. — Ela respirou fundo para se acalmar, tentando limpar a névoa atrás de seus olhos.

— Comida humana ajuda? — Perguntou Ayla. — Você deveria ter me contado — uma nota estranha em sua voz. — Eu não teria simplesmente comido tudo sozinha.

— Comida humana não ajuda. Aliviaria a sensação de vazio, mas apenas por alguns minutos. Não consigo absorver energia disso.

— Oh.

Crier balançou a cabeça, pressionando as costas das mãos nas bochechas. — Está tudo bem — ela disse novamente. — Eu me sinto mais fraca do que o normal. Peço desculpas por preocupá-la.

— Não, não muito. Ela estremeceu, esperando pelo inevitável. *Eu não estava preocupada!* mas não veio.

— Tudo bem — disse Ayla em vez disso. — Antes de mais nada, precisamos arranjar mais pedra-coração para você — ela percebeu a expressão de Crier e bufou. — Não fique tão chocada! Não podemos fazer nada se você cair toda vez que se levantar. Hoje enchemos minha barriga, amanhã vamos encher a sua.

— Comprar pedra-coração é mais perigoso do que procurar cogumelos — disse Crier. — Teremos que encontrar uma vila ou cidade, teremos que nos disfarçar, teremos que encontrar uma forma de pagar por isso . . .

— Ou — disse Ayla.

Crier ergueu as sobrancelhas. O rosto de Ayla se transformando em algo decididamente evasivo. Como uma raposa. Parecia o tipo de expressão que só poderia impedir uma ideia terrível. — Ou . . . ? — Ela perguntou.

— Ou . . . Muitas dessas fazendas pertencem aos nobres varnianos, certo? Como as propriedades do sul em Rabu. Há muitos Automae ricos por aqui. Muitas propriedades. É melhor ficarmos fora de qualquer maneira, certo? Não sei se há Sombras por aqui, mas não quero arriscar.

— Verdade — disse Crier lentamente.

— Aposto que poderíamos enganar algum nobre para nos alimentar por uma noite.

Ela ainda estava agachada na frente de Crier, embora já tivesse largado seu ombro há muito tempo. Um pensamento minúsculo e patético: o calor do toque de Ayla rivalizava com o sol da tarde. Crier imaginou sua pele se tornando dourada, um pedaço de ouro no formato da mão de Ayla, ouro afundando sob sua pele, até seus ossos. Que ridículo: precisar de pedra-coração depois de um toque assim.

— Você...? — Ayla estremeceu, depois fez uma careta. A preocupação havia desaparecido de suas feições; agora ela estava olhando para o céu, os lábios pressionados em uma linha fina. — Você acha . . . talvez . . . você quer colocar alguma roupa?

— Oh — disse Crier, olhando para si mesma. — Sim. Eu esqueci.

— Faz uma de nós — disse Ayla. Crier olhou para ela. — Vamos, fale comigo enquanto você se veste. Isso a manterá acordada. É o que meu irmão sempre me obrigava a fazer quando eu tinha pesadelos e tinha medo de dormir.

Ayla começou a ajudá-la a se vestir, os olhos desviados e, por um momento, Crier foi trazida de volta aos dias – menos de um mês atrás – em que Ayla era sua serva. Ela a tinha amarrado em vestidos finos, derramado óleos perfumados em sua água do banho, trançado seu cabelo.

— Sobre o que você gostaria que eu falasse? — Perguntou Crier, trêmula.

— Conte-me uma de suas histórias — disse Ayla. — Me conte uma que termine bem.

— O que isto significa? Terminar bem?

— Eu não sei. Apenas feliz. Ou algo próximo disso.

Crier fez um ruído baixo, considerando o assunto. — Verei o que posso fazer.

Certa vez, muito tempo atrás, quando as montanhas apenas começaram a brotar da terra e o mundo inteiro estava branco com a neve recém-nascida, havia uma garota chamada Hana que morava em uma pequena cabana de madeira com sua mãe e seu pai. Hana era uma garota boa e inteligente. Ela ajudava a mãe a cortar lenha para o fogo da lareira e a semear cevada nos campos, e o pai a fazer pão e geleia. Mas a aldeia mais próxima ficava além de uma passagem na montanha coberta de neve, então Hana não tinha nenhum amigo com quem brincar. Ela era muito sozinha. Ela tentou brincar com mamãe e papai, mas eles eram adultos e, portanto, não se lembravam de como fazê-lo.

Um dia, depois que Hana terminou seu trabalho matinal, foi tomada por uma onda de tal solidão que parecia uma picada de gelo em seu coração. Ela se sentou embaixo de uma bétula branca e deixou suas lágrimas caírem na neve, e cantou baixinho:

"Irmã Inverno, irmã Inverno,
Você vai me deixar cantar para você?
Você vai se juntar a mim com seus tubos de junco?
Podemos brincar como as crianças fazem?"

Hana não sabia, mas Inverno estava assistindo de perto. Ela podia ouvir a pulsação suave na garganta de Hana, saborear o sal das lágrimas de Hana. Inverno não tinha o coração mole, mas algo sobre a canção da garota cavou seu caminho para dentro de seu peito coberto de neve e ficou lá. Inverno fechou os olhos e fez o Vento do Norte cantar ao lado de Hana. Um dueto frio e uivante.

Hana riu. O Vento do Norte riu com ela.

E Inverno, que poderia assumir qualquer forma, transformou-se em uma garotinha, e ela rastejou para fora da floresta e sentou-se com Hana sob a bétula branca, e foi isso.

Anos se passaram.

Inverno era uma amiga monstruosa.

Oh, às vezes ela era boa. Às vezes, ela era uma menina que brincava, ria e dançava a noite toda para divertir Hana, mamãe e papai. Às vezes, ela mantinha os campos descongelados, o jardim verde até o solstício. Mas às vezes Inverno tropeçava pela porta, segurando uma capa esfarrapada com as duas mãos, sacudindo neve fresca por todo o chão. Às vezes ela se espreguiçava sem graça diante da lareira, os membros ossudos nos quadris, e zombava do fogo, da lareira que se abria e da lenha úmida de neve amontoada em um canto. A chaminé, feita de tijolos de lama negra. O machado. Às vezes, Inverno ficava em casa e ficava meses. Aqueles eram tempos ruins para a família de Hana. Inverno nunca deixava a neve derreter, nem mesmo no verão. Havia tanto gelo endurecido no chão, tanto permafrost que nenhum verão morno poderia tocá-lo. Durante meses, o sol não passou de luz: uma luz pálida e aquosa, refratada pelas árvores cobertas pelo gelo, arremessada em padrões estranhos, espalhada como vidro pela neve. Inverno era linda e terrível, sempre ao mesmo tempo.

Anos coletados como os padrões dos anéis nos troncos de árvores. Mesmo assim, Hana chamava Inverno de amiga, e ainda assim abriu a porta quando Inverno apareceu gritando. Lentamente, Inverno começou a suavizar suas arestas afiadas. Como ela não poderia? Ser cruel com Hana era como tentar protelar o amanhecer gritando com o sol. A crueldade dispensada com a gentileza.

Inverno trouxe tempestades de neve, pintou o céu de cinza por semanas e Hana ainda cantava:

"Irmã Inverno , irmã Inverno,
Deixe-me lavar suas costas doloridas.
Eu vi você trabalhar desde o amanhecer
Até o crepúsculo cair para o preto."

E Inverno deu seu suspiro ventoso e deixou Hana lavá-la, e ela nem mesmo transformou a água do banho em gelo.

Hana cresceu e se tornou uma jovem forte. Seu cabelo era preto e trançado; seus olhos eram da cor de terra rica e escura. Seu coração era uma estrela brilhante como a neve

atrás de suas costelas. Mas deve haver um equilíbrio em todas as coisas, então quando Hana ficou mais brilhante, mamãe e papai começaram a desvanecer. Mamãe ficou muito, muito doente. Papai chamou curandeiros de uma dúzia de aldeias, mas nenhum chá da montanha ou tisana poderia salvar mamãe. Ela precisava de um remédio feito apenas pelas aldeias de pescadores nas margens do mar de Steorran, na extensão da tundra. Papai estava muito velho para fazer a viagem. Mamãe implorou a Hana que não fosse, mas apesar de toda a bondade da garota, ela ainda era teimosa como uma cabra. Ela foi embora no dia seguinte.

No meio de sua jornada, Hana foi pega por uma tempestade de neve e ficou irremediavelmente perdida. Ela tropeçou por dias nos campos de gelo, morrendo de fome e congelando, e cantou:

"Irmã Inverno, irmã Inverno,
Estou perdida e com medo de dormir.
Eu mantive minha lanterna brilhando
Mas a escuridão é muito profunda."

Hana era tão pequena e a tundra tão grande. Inverno não a ouviu.

Finalmente, Hana estava fraca demais para continuar. Ela se deitou na neve, chorando por sua mãe, e cantou:

"Irmã Inverno, irmã Inverno,
Ouça-me batendo na sua porta.
Ouça-me sussurrando seu nome.
Ouça meus passos cruzarem seu andar."

Ela se acomodou ainda mais em sua cama de neve. Ergueu os olhos para o céu noturno e tentou pensar em coisas boas: mamãe e papai e sua casinha, sua lareira, suas vidas cobertas de lama. O sabor do pão e do mel. A dança descalça de Inverno, o brilho de seu sorriso. Hana pensou em todas essas coisas, e o frio penetrou em seus ossos e ela cantou:

"Querida Inverno, doce Inverno,
Eu sinto seu beijo agora em meu âmago.
Vou dormir com você até de manhã,

Então vou dormir para sempre."

Hana cantou até que sua garganta ficasse em carne viva e sua pele coberta de gelo e sua boca muito fria para palavras. Lentamente, o calor deixou seu corpo. O sangue congelou em suas veias. O batimento cardíaco dela diminuiu para uma vibração de asa de mariposa, e então silêncio.

A neve caiu para cobrir seu corpo como a cinza de uma pira. O Vento do Norte, que havia cantado junto com Hana tantos anos antes, varreu-a e brincou com seus cabelos negros uma última vez, e então continuou em direção ao oeste para as montanhas.

O Vento do Norte contou a Inverno o que ele tinha visto na tundra.

Ele se preparou para sua raiva uivante e devastadora.

Mas inverno já havia partido. Ela poderia cruzar campos de gelo inteiros em um piscar de olhos e estava a léguas de distância.

Mas inverno já havia partido. Ela poderia cruzar campos de gelo inteiros em um piscar de olhos e estava a léguas de distância. Ela encontrou o corpo de Hana facilmente. A garota estava morta, mas uma pequena faísca sobreviveu em seu âmago, a última pontada de calor em uma lareira fria. Você não brilha tanto por tanto tempo sem tal faísca. Inverno não sabia muito sobre humanos – os suaves anos dourados que ela passou com Hana foram apenas breves momentos em comparação com todos os milênios que vieram antes – mas ela sabia disso. Ela tinha visto aquela centelha uma ou duas vezes antes nas almas mais gentis e calorosas.

Inverno, do leito coberto de neve e do coração escuro e gelado, cujo toque fazia as coisas verdes murcharem com a geada, ajoelhou-se ao lado de Hana na neve. Ela segurou o rosto de Hana com as mãos e pressionou a boca congelada na testa de Hana. Ela deixou sua respiração espalhar-se pelo corpo de Hana.

No crepúsculo púrpura, entre a neve e a lua nascente, a faísca no coração de Hana tremeluziu e flamejou.

Sem abrir os olhos, Hana cantou:

“Querida Inverno, doce Inverno,

Eu ouço você batendo na minha porta.

Eu ouço você sussurrando meu nome.

Eu ouço seus passos cruzando meu andar."

Inverno segurou sua mão.

Juntas, eles cruzaram a tundra até o mar de Steorran e buscaram o remédio que salvaria a vida de mamãe. Juntas, elas cruzaram todo o caminho de volta. Juntas, elas ajudaram mamãe a beber o remédio e ajudaram o papai quando ele quebrou a tíbia, e ajudaram a semear os campos e a cuidar do jardim e a colher a safra de verão nos anos seguintes. Inverno ainda trouxe neve para cobrir as montanhas, e ela ainda escovou a cevada e os repolhos e todas as flores silvestres com seu toque mortal, mas seu coração havia mudado. Havia escuridão na morte, mas Inverno sabia por Hana que não era o vazio, nem as sombras, nem a escuridão absoluta entre as estrelas. A morte era solo escuro. A morte era um útero macio e antigo.

Depois de muitos anos juntas, finalmente chegara a hora de Hana morrer. Ela estava pronta para isso. Ela se deitou na cama e esperou. Seu coração iluminado pelas estrelas ardia continuamente.

Inverno a abraçou enquanto ela morria.

Inverno carregou o corpo de Hana para fora de sua casa, passando pelo jardim e pelos campos de cevada. Além do rio que há muito carregara as cinzas de mamãe e papai. Passando pelo sopé e subindo para as montanhas. Ela deitou Hana em um berço de pedra.

As montanhas envolveram Hana em seus braços.

Elas eram uma.

Aquela centelha persistente, tudo o que restou de Hana, afundou profundamente na pedra. Não era ela, mas era a velha dor dela. O brilho dela. O espírito dela, que brilharia até que as montanhas morressem.

E Inverno cantou:

“Amante do coração negro, amante da parte da morte,

Deite-se comigo na neve.

Que você sinta minha falta querida a cada verão
Que seus ossos sejam pedras abaixo."



13

Elas avançaram lentamente pela floresta. Ayla sabia que Crier estava fazendo tudo o que podia para permanecer firme e forte, para permanecer acordada. Por fim, elas avistaram uma grande casa senhorial à distância, e a pulsação de Ayla disparou à medida que se aproximavam. E se a casa pertencesse a um dos Automae que haviam tomado Sombra Noturna? Este poderia ser um lugar para passarem a noite... ou poderia ser uma ótima maneira de se trancarem com um monstro.

Mas o mesmo se aplicava para qualquer propriedade próxima, e Crier estava enfraquecendo rapidamente. Teriam que arriscar.

A propriedade era pequena, em termos, com apenas alguns edifícios anexos. Havia um pátio gramado forrado de árvores, as mesmas árvores curtas e torcidas que ponteavam o matagal e as

colinas de Varn. Além, a mansão, que era vasta, mas simples, construída em pedra cor de areia. Ayla viu uma cocheira e o que parecia ser um jardim, árvores frutíferas arqueando seus galhos nus.

Ayla e Crier pararam na beira do pátio. Ayla tentou não se inquietar sob o olhar de Crier. Ela se sentiu estranha em sua própria pele novamente, como se sentiu no primeiro dia no palácio da rainha, quando seu trio de criadas limpou sete anos de sujeira. Aqui, nesta manhã, ela não estava ruborizada e macia e brilhante, mas se limpara o melhor que pôde e prendeu o cabelo em uma trança justa. No rio, ela tentou domar os cachos finos em suas têmporas, mas essa fora uma batalha perdida. — O que mais se destaca? — Ayla perguntou, ajoelhando-se na beira da água, limpando a sujeira sob as unhas. — O que mais faria alguém se lembrar de mim? — O objetivo era ser o menos notável possível.

— Suas sardas — disse Crier prontamente, e piscou três vezes muito rápido.

— Não há muito que eu possa fazer sobre isso. — Ayla suspirou. — Talvez... Talvez eu vá sozinha, e você pode apenas esperar por perto...

— Não — disse Crier. — Se alguma de nós tiver que fazer isso, será eu.

— Você ficou maluca? Você não vai sozinha. Você é uma péssima mentirosa.

Crier ergueu uma sobrancelha. — Suponho que nenhuma de nós ficará para trás, então. Qual será a nossa história?

— Uh. Eu não sei. Acho que poderíamos ser nobre e serva, provavelmente é mais fácil.

— Não. Você não vai ser minha serva de novo.

— Quem disse que você seria a nobre nesse cenário? Talvez você fosse ser minha criada.

— Isso é aceitável — disse Crier.

Ayla tossiu. — Eu– ok, não, ninguém será serva. História diferente. Estamos viajando sozinhas porque somos– porque somos casadas.

Elas se encararam. — É mais comum em Varn — disse Crier, com a voz completamente desprovida de inflexão. — Entre as

Espécies.

— Faz sentido.

— Sim, isso é verdade.

Só depois Ayla percebeu que duas amigas viajando sozinhas também teria feito sentido, mas a essa altura muito tempo havia se passado e mudar a história no último minuto seria simplesmente estranho.

— Tudo bem — disse agora, encarando Crier sob o frio sol da manhã. — Pronta?

Crier assentiu.

Foram recebidas por um servo humano enquanto cruzavam o pátio. Ele se curvou em deferência, e Ayla levou um segundo para perceber que ele não estava apenas se curvando para Crier. Estava se curvando para ela também. Em Varn, ela poderia ser uma nobre. Ela, uma humana, poderia se misturar aos espaços dourados. Ela estava profundamente grata pelas roupas que recebera da Rainha Junn. Não eram chamativas – apenas calças de lã que se estreitavam no tornozelo, uma camisa de lã com um brocado sutil, botas forradas de pele – mas eram visivelmente finas, mesmo quando cobertas com manchas de lama que nenhuma água do rio poderia tirar.

— Minha esposa e eu fomos atacadas por ladrões de cavalos — disse Ayla ao servo, imitando o sotaque da corte rabuniana, que aparecia como cascos em paralelepípedos. Ela nem mesmo tropeçou na palavra *esposa*, o que achou muito impressionante de sua parte. — Roubaram todos os nossos pertences, incluindo o suprimento de pedra-coração da minha esposa.

Com o canto do olho, Ayla viu Crier endireitando os ombros e erguendo o queixo. Ela era inconfundivelmente Automa, e inconfundivelmente nobre. Havia apenas algo sobre sua presença, mesmo agora, mesmo manchada de sangue, descalça, diminuindo de fome. — Somos esposas — anunciou.

Ayla queria esconder o rosto nas mãos, mas se conteve.

— Claro — o servo murmurou, os olhos passando rapidamente entre elas. — Informarei Lady Shiza de sua chegada, mestras...?

— Clara — disse Ayla. — Minha esposa se chama Wender.

Naquela noite, elas jantaram com Lady Shiza, uma nobre varniana.

Ela tinha idade suficiente para que os efeitos do tempo apenas começassem a aparecer em seu rosto, linhas fracas na boca e na testa, um leve amassado de papel em sua pele. Seu cabelo tinha um corte curto, suas mãos pingavam jóias de prata, pelo menos três anéis delicados em cada dedo.

— À companhia — disse Shiza, erguendo sua taça assim que ela, Ayla e Crier se sentaram ao redor da longa mesa. A prata em seus pulsos e dedos brilhava à luz das velas; a taça de prata refletia pontos estrelados de amarelo. — Pela boa bebida. Pelo ferro e os diamantes e a Rainha Criança, Fênix do Mar do Leste.

— Pela Rainha — ecoaram Ayla e Crier, e as três beberam. Pedra-coração líquida para as duas Automae, vinho escuro para Ayla. Ela também ganhou pão e uma tigela de sopa de abóbora com especiarias. Ela não comera desde os cogumelos forrageados e precisou de todo o seu autocontrole para comer devagar, educadamente, para não enfiar o pão na boca e engoli-lo inteiro. O vinho era quente e amargo, com o gosto seco, quase metálico, como um chá rico em taninos. Até mesmo um bocado queimou, o calor se espalhando por Ayla da cabeça aos pés, instalando-se em sua barriga.

— Que negócio as traz ao meu país? — Shiza perguntou, acenando para um dos servos. A divisão entre humanos e Automa não era tão discrepante em Varn quanto em Rabu, mas os servos ainda eram humanos. Ela acenou para ele encher sua taça. — Vocês foram atacadas por ladrões de cavalos. Aconteceu nas proximidades?

— Não — disse Ayla suavemente. Ela e Crier haviam inventado essa história, mas ela não confiava em Crier para mentir. — Estávamos viajando ao longo das margens do Lago Thea, do outro lado da fronteira, do lado rabuniano, quando fomos atacadas. Era noite e eles incendiaram a carruagem. Em nosso pânico, corremos para a floresta para nos abrigar. Cruzamos a fronteira sem perceber.

Shiza inclinou a cabeça. — Nenhum problema com os guardas de fronteira?

— Acreditamos que eles foram atraídos pelo incêndio da carruagem.

— A sorte estava do seu lado, então. Que novidades vocês trazem de Rabu? E quanto ao caos mais recente – o casamento cancelado, a noiva em fuga, a ascensão de Scyre Kinok?

— A ascensão? — Disse Ayla, fingindo-se de boba. — Já ouvi falar do casamento, mas não disso. O que o honorável Scyre Kinok está tramando, então?

— Você não ouviu? — Disse Shiza. — Scyre Kinok e seus seguidores estão marchando para o oeste há dias, em direção às montanhas. Mas – vamos, me conte sobre o casamento. Eu amo histórias de casamentos desastrosos.

Com o canto do olho, Ayla viu a mão de Crier se contrair onde estava sobre a mesa. *Se controle*, pensou, como se Crier pudesse ouvi-la. Ela não sabia o que aconteceria se Shiza começasse a fofocar sobre o noivado rompido, a noiva em fuga.

— Oh, realmente não sei nada sobre isso — disse Ayla, acenando com a mão. — Eu não escuto fofocas da corte. Mas tenho ouvido rumores de... — ela debateu consigo mesma, tentando pensar em uma maneira de descrever os monstros, as Sombras, sem ofender sua anfitriã. Afinal, as Sombras já haviam sido Automae. — Uma… nova ameaça? Ao norte?

Você está se referindo às criaturas de olhos pretos? — Shiza perguntou. — Sim. Eu sei muito pouco. Mas tenho visto fumaça azul subindo sobre as árvores algumas léguas a oeste, quase todos os dias há semanas. Ouvi dizer que a fumaça vem de algum tipo de arma. — Ela trouxe a taça aos lábios novamente, bebendo profundamente. Quando abaixou, seus lábios estavam manchados de vermelho. — Aquelas florestas costumavam ser áreas de caça. Todos os animais fugiram. Primeiro por causa das criaturas, agora a fumaça azul os mantém longe. Agora a fumaça azul – e qualquer que seja substância que a crie. — Sua sobrancelha enrugou, e ela olhou para baixo em sua taça quase vazia como se ela contivesse respostas, como as piscinas de vidência mágica em histórias de fadas. — Eu gostaria de saber mais.

Eu também, pensou Ayla.

O rosto de Shiza suavizou novamente. Ela olhou para Ayla. — Você não sabe nada sobre o casamento da Scyre e não ouve fofocas da corte.

— Eu... — Ayla sentiu frio. Shiza suspeitava delas? Ela tinha reconhecido Crier? O rosto de Shiza estava vazio como um pergaminho fresco, apenas seus olhos penetrantes. — Sim. Simplesmente não me interessa, mas talvez eu possa tentar me lembrar de algo.

— Não é preciso — disse Shiza, e o coração de Ayla era um coelho correndo pela vegetação rasteira, esperando que Shiza as expusesse, para chamar um criado, um guarda. — Mas eu não recebo convidados com a frequência que gostaria e me vejo privada de conversas enfadonhas. Por favor. Se vocês não podem me contar sobre o casamento de Scyre, me contem sobre o seu.

Ayla poderia ter preferido fugir para salvar a vida.

— Meu casamento — disse. Ela olhou para Crier, que escolhera esse momento para se concentrar totalmente no prato de pão que fora servido para Ayla. — Nosso casamento. Claro. Bem, foi muito bonito. Wender não poupou despesas.

À menção de seu nome falso, Crier ergueu os olhos. — É verdade — ela disse prestativamente.

— Foi... — Ayla só compareceu a um casamento, quando tinha cinco anos. Tudo o que ela se lembrava era de risos, cores vivas contra a neve do inverno, um banquete para toda a aldeia, pessoas trazendo tudo o que podiam. Fruta cozida e peixe assado, pão branco doce, chá quente com manteiga. Dança, muita dança. A neve subiu em torno das botas forradas de pele. — Foi na primavera — disse ela. — Quando todas as árvores frutíferas estavam florescendo e havia pétalas por toda parte, como um manto de neve. Nós nos casamos de manhã e passamos o resto do dia festejando, dançando, bebendo e recebendo presentes.

— De acordo com a tradição humana, então — disse Shiza.

Ayla assentiu. — Ambas concordamos que seria mais divertido. Certo, Wender? Wender, querida?

— Certo — disse Crier. — Queríamos dançar. Não apenas a valsa.

— Você bebeu vinho o suficiente para sentir um pouco — disse Ayla. — Você tropeçou nos meus pés.

— Você quase derrubou uma mesa inteira de sobremesas — retrucou Crier, erguendo uma sobrancelha.

— Mas não derrubei. Você dançou com todos os cem convidados, depois tentou escalar uma das árvores frutíferas. No escuro. Tive que puxar você para baixo pelo tornozelo.

— Era uma ameixeira — disse Crier. — Eu queria uma ameixa.

— Eu trouxe uma para você. — disse Ayla, com as bochechas quentes.

Crier inclinou a cabeça. — Sim, você trouxe — disse ela. — Nós a dividimos.

— Todos estavam, hum. Todos estavam se perguntando para onde fomos.

— Você usava flores no cabelo — disse Crier. Sua voz estava suave. Seus olhos ainda mais.

Um longo e quieto momento passou. Então Shiza disse: — Mas... quem estava presente? Alguém que eu possa conhecer?

— Você pode responder esta — disse Ayla a Crier, e voltou para sua sopa, ignorando as batidas de seu coração, o calor sob sua pele.

Shiza lhes ofereceu um quarto para passarem a noite, e teria parecido suspeito recusar. Depois que Shiza e Crier terminaram a pedra-coração e Ayla engoliu outra taça de vinho amargo, Shiza pediu a uma serva que os guiasse escada acima. Ayla e Crier esperaram do lado de fora da porta enquanto a garota arrumava a cama e acendia o fogo da lareira. O quarto que Shiza lhes dera era grande e confortável, com uma cama de dossel e um conjunto de janelas altas voltadas para o terreno da propriedade, perdido na escuridão tão tarde da noite. Uma escrivaninha ficava em um canto, um guarda-roupa no outro. O fogo da lareira iluminou toda a sala, luz amarela dançando nas paredes, sombras tremulando sobre o teto de gesso branco.

Crier sentou-se na beira da lareira, aquecendo as mãos. — Obrigada — disse ela a Ayla, com os olhos baixos.

Pelo quê? Ayla queria perguntar, mas tinha medo de qualquer resposta que não fosse *Por me ajudar a encontrar a pedra-coração*. Depois de um momento de hesitação, ela se juntou a Crier na lareira, se sentando de pernas cruzadas no chão frio de pedra. Agora que estavam sozinhas, Ayla desejou outro pedaço de pão ou tigela de sopa; não porque ainda estava com fome, mas porque

comer lhe daria algo para fazer com as mãos. Algo para focar que não fosse a garota em sua frente. Algo em que pensar que não fosse a última vez que tinham ficado sozinhas em um quarto como este. Elderell. Estalagem Rio Verde.

Ayla encostou na lareira, saboreando o calor depois de dois dias dormindo no chão congelado. Aproximou uma perna ao peito, envolvendo-a com os braços, o queixo apoiado no joelho. Podia sentir os olhos de Crier sobre ela. Elas precisavam conversar sobre o que Shiza lhes contara, a fumaça azul subindo para o oeste, mas agora que estavam sozinhas, Ayla não conseguia pensar em nada além de Elderell. Nada além das mãos de Crier. Nada além daquele beijo. Crier estava tendo os mesmos pensamentos, revivendo as mesmas memórias? Pela primeira vez, Ayla se permitiu pensar além do quarto iluminado pela lua, além da faca, do carrilhão; ela se permitiu pensar: Crier se arrependia do beijo? Isso significava alguma coisa para ela, ou ela expulsou a memória de sua mente imediatamente e nunca mais pensou nisso? Os Automae... entiam coisas assim? Uma garota Automa podia sentir aquele puxão em sua barriga, aquele puxão de anzol, fazendo-a querer mais, querer mais fundo, querer mais doce? Querer mãos em seus cabelos, na cintura, nos quadris, querer...? *Não vá para esse lado*, Ayla disse a si mesma, mas não conseguiu evitar. Ontem à tarde no rio, ela tinha visto todo o corpo de Crier, e o desejo que percorreu seu corpo não era como nada que ela havia sentido antes, e sua própria reação não foi nada que sentiu antes, o pulso oceânico entre seus quadris, as coisas que ela queria. Pele com pele, dedos entrelaçados. Ela rastreou as gotas de água descendo pela garganta de Crier, sua clavícula, a curva de suas costas, descendo por suas pernas nuas quando subiu de volta à margem do rio, e olhar não parecera suficiente. Crier sentia o mesmo? Crier podia sentir o mesmo? Talvez Ayla já soubesse a resposta. A maneira como Crier a havia tocado em Elderell, as mãos voando dos braços de Ayla para o rosto, os dedos passando por seu cabelo, os lábios se abrindo...

A maneira como Crier olhou para ela. Antes e agora.

Ayla abriu os olhos – quando havia os fechado? – e encontrou Crier olhando para o fogo da lareira, os olhos brilhando como ouro, as mãos enroladas no colo. Sem pensar, Ayla estendeu a mão. Ela

pegou a mão de Crier e a virou com a palma para cima. Tocando apenas por tocar. Milhares de desculpas surgiram em sua mente – *você está quente, cheia e com sono, não está pensando direito, só está feliz por estar viva, só quer estar perto de alguém*— mas Ayla sabia muito bem que não havia desculpa para isso. Para as coisas que queria. As coisas que ela não fez.

E não vou fingir que entendo como você pode se importar com ela, dissera Benjy. *Mas... eu aceito* .

Bem, eu não, Ayla se lembrava de ter pensado. *Eu não aceito isso. Eu nunca vou aceitar isso.*

— As linhas são tão fracas — murmurou ela, batendo no centro da palma da mão de Crier.

Crier não respondeu por um longo momento. Ela parecia estar prendendo a respiração. — Linhas? — Disse finalmente.

— Na palma da mão — Ayla ergueu a própria mão. — Veja, as minhas são mais profundas. Mais definidas. A linha da mente, a linha do coração, esqueço o resto. Algumas pessoas acham que as linhas na palma da sua mão predizem como será sua vida. Quanto tempo você vai viver. Quão feliz você será.

— Entendo. — Crier olhou para a palma da mão dela, virando-a para frente e para trás à luz do fogo, como se tentasse revelar algumas linhas ocultas. — O que uma palma quase em branco significa, então? — Ela sorriu, mas não atingiu seus olhos. — Um futuro em branco? Apenas a mais leve felicidade?

— Nah — disse Ayla. — Se eu acreditasse nesse tipo de coisa – o que não acredito, na verdade – diria que a palma da mão em branco é como uma página em branco. Um livro inteiro de páginas em branco. Você é uma contadora de histórias. Aposto que você poderia enchê-las com alguma coisa.

— Ah, então eu mesma escrevo as falas — disse Crier. — Esse não é um destino tão ruim.

— Nada mal mesmo.

— O que a palma da sua mão diz?

— Sabe, — disse Ayla, torcendo os lábios — não tenho certeza. Acho que esta aqui — ela pegou um dos dedos de Crier e o guiou até a palma da mão, traçando-o sobre a linha superior, logo abaixo dos calosidades. — É a linha da mente. Talvez. A minha é meio

curta — ela franziu o cenho. — Uma linha da mente curta. Isso significa que sou uma idiota?

Crier sorriu, um pequeno, mas real de nariz enrugado, sorriso. — Você sabe mais do que eu.

— Minha linha do coração também é curta. Eu sou uma idiota sem coração?

— Para ser justa, tudo sobre você é curto.

O queixo de Ayla caiu. — Retire isso.

Crier balançou a cabeça. O sorriso havia desaparecido de seus lábios, mas brilhava como a luz de uma vela em seus olhos, escurecendo novamente desde que ela se afastou do fogo.

Nem todos podemos ser varapaus — disse Ayla com uma carranca fingida. Ela tentou puxar a mão, mas Crier a segurou. E assim, a respiração de Ayla ficou presa na garganta e as palavras a abandonaram, e ela poderia jurar que todo o seu ser se estreitou até aquele pequeno ponto de contato, o lugar onde os dedos de Crier se enroscaram frouxamente nos seus. O *desejo* cresceu dentro dela, florescendo como peônias. Em suas costelas. Entre seus pulmões. Abaixo de seu esterno.

O sorriso de Crier havia desaparecido. Ela estava olhando para suas mãos unidas, a testa franzida.

— O que? — Ayla sussurrou.

— Eu quero... — Crier roçou o polegar quase distraidamente nos nós dos dedos de Ayla. Ela balançou a cabeça. — Me conte mais sobre suas aulas com Lady Dear — disse Crier com pressa. — Ou seu amigo, o menino com o cabelo encaracolado. Ou sua história. Sua vida. Aquelas semanas em Thalen. As coisas que você fez. As coisas que não fez. O que você quiser me contar, por favor, me diga.

— Por quê?

Crier respirou fundo. — Eu quero aprender sobre você.

— Não sou um livro — disse Ayla, ignorando seu próprio batimento cardíaco traidor. Como se acelerou. — Palmas à parte. Você não pode me ler uma vez e saber tudo.

— Então vou ler você de novo e de novo — disse Crier. Ela pareceu captar algo na expressão de Ayla, pareceu perceber que não era a resposta certa. — Eu sei — disse. Parecia que ela estava escolhendo cada palavra com muito cuidado. — Eu sei que você

não é um livro. Eu sei que não posso saber tudo. Sei que é importante para você que eu não saiba. Ou talvez que ninguém saiba. Mas... se houver algo que você deseja compartilhar. Uma história. Um ponto solitário no seu mapa. Uma estrela na constelação, uma porta destrancada. Vou aceitar me sentindo honrada, e não vou esquecer.

— Acho que você não vai gostar das minhas histórias — disse Ayla. Ela pensou nas histórias que Crier havia lhe contado na noite da Lua do Ceifador. Não fazia muito tempo. Princesas e raposas, ursos, passes sufocados pela neve e tratados de paz. Na floresta: Hana e Inverno, uma alma afundando nas montanhas, outra iteração para sempre.

— Eu não... — Crier olhou para o fogo por um momento, para o coração escuro dele, onde as chamas nasciam e morriam. Ela demorou um pouco para responder, como sempre fazia. Durante pausas como essa, Ayla tentava imaginar como seria a cabeça de Crier. Como deveria ser quando organizava seus pensamentos, peneirando pilhas de palavras até que ela encontrasse aquelas manchas de ouro. — Você fica se comparando a um livro. Não é assim que eu vejo você. Se quero aprender sobre você, não é para... prazer, ou lazer, ou o domínio desejado de um assunto. Não estou tentando aprender você como uma língua. Estou tentando, Ayla, descobrir você como pessoa. Como as pessoas fazem, com a certeza de que nunca saberei de tudo. Que é impossível saber tudo. — Apesar de suas palavras, ela parecia um pouco incomodada com isso, de um jeito que fez Ayla querer rir. Não cruelmente. — Porque você merece ser conhecida, do jeito que desejar. Estou tentando me tornar uma pessoa que merece te conhecer. Eu quero isso. Mais do que tudo.

— Minha história é sangrenta — disse Ayla a ela. — Está ligada a sua.

— A minha?

A hora havia chegado, então. Para a história completa. Se Crier queria conhecê-la, ela precisava saber disso primeiro.

— Venho de uma aldeia ao norte — começou Ayla. Parecia impossível: contar essa história para esta pessoa, depois de tantos anos. — Quando eu tinha nove anos, os homens do Soberano

Hesod invadiram minha aldeia. Queimaram tudo. Quase todo mundo foi morto. Incluindo meus pais. Eu fui uma das únicas sobreviventes.

Crier estava muito quieta. Ela não estava respirando.

— Depois daquele dia, consegui descer a costa até a vila de Kalla-den. Mas eu estava faminta e fraca, e era inverno. Desabei na rua. Eu deveria ter morrido. Eu teria, mas uma pessoa me encontrou. O nome dela era Rowan. — Ela respirou trêmula, preparando-se contra a onda de memórias que acompanhava aquele nome. — Ela me acolheu. Fez isso com frequência – encontrou as crianças perdidas, salvou-as, deixou-as entrar em sua casa. Benjy – meu amigo com cabelo encaracolado – cresceu comigo lá. Foi Rowan quem nos encontrou para trabalhar no palácio do soberano. A meu pedido. — Ela percebeu o olhar de Crier. — Por que eu queria trabalhar para o homem que matou meus pais?

Crier ficou em silêncio. Seus olhos nunca deixaram o rosto de Ayla.

— Porque eu queria vingança — disse Ayla, retribuindo o olhar. Ela olharia Crier nos olhos por isso; ela não recuaria ou se esconderia. — Eu queria fazer com ele o que ele fez comigo. Eu queria descobrir o que era mais importante para ele e queria destruir isso.

— Esse foi o verdadeiro motivo — disse Crier, com a voz embargada. — Foi por isso que você– naquela noite. Não foi apenas para disparar o meu carrilhão. Oh, deuses. — Então ela fez uma pausa, a confusão quebrando o horror. — Mas– a primeira vez que nos encontramos, você salvou minha vida. Por quê?

— Já me fiz essa pergunta inúmeras vezes — disse Ayla suavemente. — E... Eu não sei. Eu te odiei então, eu realmente odiei. Talvez fosse instinto, talvez fosse... Deuses, eu não sei. Não podia deixar você morrer naquela noite nos penhascos e não pude te matar mais tarde. Eu pensei que seria capaz. Eu pensei– depois que Rowan morreu, pensei que a raiva e a dor seriam suficientes, mas não foram. Eu entendo isso agora. Mesmo se você não tivesse acordado, eu teria corrido.

— Por quê? — Sussurrou Crier. — Por que você não pôde fazer isso?

Porque. Porque. Porque.

— Muitos motivos — disse Ayla. Ela pegou a mão de Crier novamente, colocando-a entre as suas. — Alguns eu ainda estou tentando entender. Mas. No final... Ah, inferno. Quer saber algo embaraçoso?

Crier sufocou uma risada. — *Embaraçoso?*

— Para mim — esclareceu Ayla. — Você tem que entender: eu queria vingança há tanto tempo. Sete anos desejando isso, sete anos sonhando com isso, sete anos me prometendo *que os vingarei, os farei arrepender, os farei sofrer*... e no final... Eu só não acho que tenho isso em mim. Essa é a coisa embaraçosa. A coisa humilhante, terrível e secreta. Eu nunca poderia ter feito isso. Mesmo se não fosse você deitada naquela cama, mesmo se você fosse exatamente como seu pai, mesmo se você fosse cruel e monstruosa e tudo o mais que eu esperava que fosse, não acho que poderia ter matado você. — Seus olhos ardiam. — Eu sou uma covarde. Eu sou *fraca*.

— Você não é — disse Crier imediatamente. — Não covarde. Jamais covarde. A força não é medida pela capacidade de causar dano.

— Rowan fazia parte da Resistência — disse Ayla, mal ouvindo. — Ela era uma líder, uma *lutadora*, la queria que a sua espécie se fosse, ou pelo menos, não estivesse no controle de nós. Ela queria nos libertar. E ela fez coisas que não queria fazer. Ela se tornou coisas que não queria ser ou – coisas que ela não deveria ter se tornado. Para o nosso bem, para o bem maior, para o futuro do meu povo. E eu deveria te matar, eu deveria *querer* te matar, e eu não pude fazer isso. Nossa missão naquela noite falhou por minha causa. Eu estraguei tudo.

— Ainda não acho que isso te torna fraca — disse Crier. — E não estou dizendo isso apenas porque era eu na ponta da sua faca.

Ayla balançou a cabeça, piscando para conter as lágrimas. — Eu – eu não consigo concordar com você. Talvez algum dia, mas ainda não.

— Então vou esperar por esse dia — disse Crier.

Eu quero conhecer você.

O pensamento era claro e brilhante como a luz das estrelas.

Eu também quero conhecer você.

Naquela noite, elas dormiram na mesma cama. Crier adormeceu quase imediatamente, ou pelo menos fingiu bem, mas Ayla ficou acordada por horas. Ela ouviu a respiração lenta e uniforme de Crier ao seu lado, a menos de um braço de distância. Se Ayla fosse corajosa, ela teria fechado o espaço entre elas. Teria rastejado e enfiado o rosto na curva da garganta de Crier, respirado e passado um braço em volta de sua cintura e entrelaçado suas pernas sob os cobertores. Se ela fosse corajosa, teria feito isso.

Mas ela não era corajosa. Ela se manteve em seu próprio lado da cama, seu próprio travesseiro. Quando dormia, era intermitente e atormentada por pesadelos selvagens e uivantes: Ayla sonhava com o rosto de sua mãe, o de seu pai, o de Storme, todos os rostos se unindo como cera derretida, devorada por fogo verde, então o fogo era água do mar, uma espuma, uma onda turbulenta, uma série de minúsculas cabanas de madeira despedaçadas pelas ondas e sugadas para baixo, cada vez mais abaixo, até o fundo do mar. Ayla sonhou com a Rainha Junn, com espadas ensanguentadas, com uma guerra – legiões de humanos, famintos e esqueléticos, enfrentando um batalhão Automae em armadura de prata brilhante como o luar derretido, como gelo. Ela sonhou com o Coração de Ferro, e em seus sonhos ele parecia uma caverna enorme, uma boca, uma mandíbula escancarada, tão escura que poderia ser um buraco perfurado no tecido do universo. Enquanto ela observava, a escuridão parecia se mover. Primeiro foram as sombras que ganharam vida, saindo da boca da caverna, depois foram as chamas novamente, desta vez pretas, engolindo a luz. Lambendo seus tornozelos, suas roupas, sua carne, muito quente, quente demais, ela estava queimando, queria gritar – tentou correr e descobriu que não conseguia se mover. As chamas estavam vermelhas como pedra-coração agora, mais líquido do que fogo – o solo se inclinava sob os pés de Ayla e ela estava escorregando por uma margem lamacenta e escorregadia em direção ao rio abaixo, mas a água estava vermelha e havia algo a mais errado, a textura estava errada, não parecia água, parecia...

Sangue.

Ayla acordou com um solavanco pouco antes de cair no rio de sangue. Ela empurrou os cobertores e ficou deitada, tentando

recuperar o fôlego, preocupada que pudesse vomitar. O céu ainda estava escuro fora das janelas.

O amanhecer estava muito longe.



14

Deixaram a propriedade de Lady Siza na manhã seguinte com uma bolsa de pó de pedra-coração e direções para os campos de caça para o oeste, onde Siza disse que tinha visto fumaça azul subindo sobre as árvores. Duas léguas a oeste conduziriam-se ao sopé das montanhas de Aderos. Era para lá que Kinok estava indo, então era para lá que elas iriam. A princípio foi fácil viajar, caminhar por arbustos e grama amarela. Então as colinas começaram a se elevar, arborizadas e mais rochosas do que Crier experimentara em sua jornada do palácio do soberano até as propriedades ao sul, até o lago Thea.

As árvores não eram tão altas aqui quanto eram a leste, perto do rio Merra. Eram quase todos arbustos de bétulas em forma de osso, nuas com o inverno. Crier assumiu a liderança, prestando atenção

como sempre a qualquer perigo, e juntas ela e Ayla seguiram em direção ao sopé, navegando em torno de pedras e aglomerados de mudas. Algumas horas se passaram sem nenhum sinal de nada incomum, nada relacionado à fumaça azul. Elas estavam viajando a pé desde o início da manhã e, a julgar pela posição do sol, já estava quase no meio da tarde. Crier ficou de olho em Ayla. Elas haviam passado por alguns riachos na montanha, então Ayla pôde beber bastante água, mas não comia desde a noite anterior.

Finalmente, quando Crier estava prestes a sugerir que parassem durante o dia e encontrassem abrigo, elas encontraram uma lacuna nas árvores, uma clareira cercada de bétulas jovens – e coberta com os restos de um acampamento humano. Ao que parece, o acampamento havia sido abandonado recentemente. Os humanos tentaram esconder seus rastros – as cinzas pálidas de uma fogueira foram espalhadas na borda da clareira, propositalmente misturadas com a terra, e pilhas de folhas mortas foram arrastadas para esconder pegadas ou pegadas. Mas Crier podia sentir o cheiro dessas cinzas, um cheiro agudo no fundo da língua misturado com os cheiros suaves de terra e decomposição, e algo a mais , ela podia sentir o cheiro . . . algo mais, algo mais forte, como a explosão de uma bomba de pólvora, mas não.

— Crier — disse Ayla. Ela estava agachada sobre as raízes de uma árvore, carrancuda. — Venha ver isto. Não toque.

No segundo que Crier se agachou ao lado de Ayla, ela sabia que a origem do cheiro era bomba de pólvora: havia uma cicatriz estranha na base da árvore, como se tivesse sido atingida por um raio, a casca queimada e descascando em volta de um buraco, ferida perfurante. Havia um caco de pedra alojado no centro da ferida da árvore. Pedra preciosa azul, um azul mais profundo que lápis-lazúli, mais profundo que safira, como se não fosse pedra, mas um pedaço do céu da meia-noite. Foi isso que causou a fumaça azul? Algum tipo de . . . granada, para as bombas de pólvora? Ou isto era a própria substância mortal?

Crier se virou, examinando o resto da clareira em busca de mais pistas. Não viu nenhuma outra peça da pedra azul, mas viu uma mancha de cor brilhante no chão, meio escondida entre as folhas mortas e a vegetação rasteira. Presa em uma amoreira-brava, como

uma borboleta em uma teia de aranha, a única razão pela qual não tinha voado.

Uma das penas verdes da Rainha Junn.

— Ei — disse uma voz.

Crier se virou. Como não ouvira alguém chegando? Na borda da clareira havia um menino humano. Não mais velho do que a própria Crier. Ele tinha em mãos uma besta carregada, a seta apontada para Crier. Ela definitivamente já estava fugindo há muito tempo, porque seu primeiro pensamento foi: *Oh, de novo não.*.

— Você quer colocar isso de lado?— Ayla disse à esquerda. — Não estamos fazendo nada. Somos apenas viajantes.

Os olhos do menino estavam fixos em Crier. — Não existem apenas viajantes nesta floresta. Vocês vem comigo.

— Para *onde*? — Disse Ayla.

— Não pretendemos causar nenhum dano — Crier administrou.

Ele balançou a cabeça, a flecha ainda apontada para o peito de Crier. — Não se pode confiar em ninguém bisbilhotando um lugar como este. Vocês vem comigo.

CCrier e Ayla trocaram um olhar. O olhar de Crier foi: *amos cooperar. Ele pode saber algo sobre a fumaça azul*. Ayla era toda olhos arregalados e sobrancelhas escuras e raivosas, mas Crier optou por interpretar como, *sim, bom plano*.

O menino fez Crier e Ayla darem a volta para andar na frente dele. — Não tentem nada — disse ele. — Vai escurecer em breve. Vocês fogem agora e se tornam isca de Sombra com certeza. Vocês estarão mortas.

— Sabe, acho que você atrai problemas — sussurrou Ayla para Crier, agachando-se sob um galho baixo e espinhoso.

Eu, sério mesmo? Crier quase perguntou.

Mais meia hora de caminhada tensa e silenciosa, o sol se pondo sob a linha das árvores e eles chegaram ao destino. O garoto com a besta as havia levado a uma fortaleza de pedra-coração: um silo de pedra onde o pó de pedra-coração era armazenado antes que os mercadores o pegassem e vendessem em Zulla. Uma centena de pedras-coração continua pontilhada no sopé das Montanhas Aderos, sempre fortemente guardada pelos Vigilantes do Coração. Mas esta estava claramente abandonado há anos. As paredes

externas eram mais verdes do que cinza, devido ao musgo macio e elástico entre as pedras, gavinhas de hera serpenteando pelas paredes externas, manchas de líquen claro por toda parte. O telhado era menos um telhado e mais um cobertor de musgo, uma pele verde escura salpicada com pequenas gotas de estrelas brancas.

— Para dentro — disse o menino, apontando para a grossa porta de madeira.

Os olhos de Crier se ajustaram e ela viu que entrara em uma grande sala circular com teto baixo. A fortaleza estava escura e fria. Degraus de pedra curvavam-se em uma parede, levando a um andar superior. A única outra característica notável era uma lareira grande o suficiente para assar confortavelmente um javali. E, claro, o castelo não estava vazio. Meia dúzia de humanos se aglomeravam, polindo armas ou descansando em esteiras no chão. Todos olharam para cima quando a porta se abriu, as cabeças girando em uníssono como cervos assustados.

— Fen? O que está acontecendo? — Perguntou um.

— Encontrei essas duas rondando o último acampamento. Estou levando-as para Dinara — disse o menino, Fen. Para Crier e Ayla, ele disse: — Subam as escadas. Vão.

Elas subiram os degraus de pedra em fila única, Crier na frente. No topo, outra porta de madeira se abria para uma sala pequena o suficiente para ser onde os Vigias costumavam dormir; teria capacidade para três ou quatro camas e não muito mais. A parede era forrada com janelas em forma de fenda, largas o suficiente apenas para apontar uma flecha. O sol do fim da tarde, quente e cor de mel, caía em faixas estreitas no chão empoeirado. Havia uma porta em um canto, um cobertor agindo como uma cortina.

— Patrão? — O menino gritou. — Tenho algo que você pode querer ver.

Passos, o cobertor se levantou e outro garoto entrou na sala. Metade de seu rosto estava marcado com o que parecia ser cicatrizes de queimadura. Ele olhou para Crier e Ayla, avaliando a situação, e depois acenou com a cabeça para Fen. — A garota pode ficar — disse. — A sanguessuga vai.

O coração de Crier despencou, uma maçã-do-sol muito madura caindo no chão, explodindo com o impacto. Já meio podre, uma polpa. Ela prendeu a respiração, recusando a demonstrar qualquer emoção, esperando que Ayla assentisse e dissesse: *udo bem, então. A sanguessuga vai...*

— Não.

Certamente ela tinha ouvido mal.

— Você pode nos deixar ir ou podemos lutar para escapar — disse Ayla. — Ou, se você é quem eu penso que é, podemos ficar e trabalhar juntos. Eu vi a pena verde no seu acampamento. Também somos aliadas da Rainha Junn.

Tanto Fen quanto o menino com a cicatriz permaneceram em silêncio.

— Hm — Ayla deu um passo para o lado, aproximando-se mais de Crier. — Bem, ou partimos ou ficamos, mas de qualquer forma, não vamos nos separar. Tome sua decisão, então. Eu tomarei a minha.

— Trabalhar juntos? — Disse o menino com cicatrizes. — Com a sanguessuga?

— Ela está do nosso lado — disse Ayla.

O coração de Crier estava...

Seu coração estava...

O menino bufou. — Você é uma tola. Você acha que pode confiar em qualquer coisa que ela diga? Há uma razão para eles serem tão bons mentirosos: eles não sentem culpa. Ela está te enganando. Para sua espécie, ou somos servos ou cadáveres. — Ele se dirigiu a Crier, os olhos frios. — Qual é o seu motivo oculto, hein? Suponho que você esteja coletando informações sobre a Revolução, relatando a alguém. Para quem você está trabalhando? O Scyre em pessoa?

—*Não*, — disse Crier. — Eu não sou uma espiã. Eu nunca me alinharia com Kinok. Eu quero *pará- lo.*

— Ela desertou — disse Ayla em voz alta. — Ela desafiou sua própria espécie. Arriscou tudo para escapar, para me encontrar, para lutar ao meu lado. Ela é nossa aliada. Eu… — Ela vacilou, então pareceu se recompor, erguendo-se em toda sua altura,

endireitando os ombros e dando ao menino o olhar mais feroz que Crier já vira. — Confio nela com minha vida.

— Ah, sim — disse o menino. — E por que eu deveria–

— Fique quieto, Edrid.

Ouvidos zumbindo, com as palavras *confio nela com minha vida* se repetindo continuamente em sua cabeça, Crier se voltou para essa nova voz. Era uma menina, alta e de aparência sólida, musculosa. Mesmo que estivessem no meio do deserto, e parecia e cheirava como se metade desses humanos não tomasse banho por uma semana, os lábios dessa garota eram pintados de azul escuro e suas maçãs do rosto brilhavam com algo como poeira estelar. Uma espada estava embainhada em seu quadril, um arco e uma aljava amarrados em suas costas. A líder, percebeu Crier.

Edrid abriu a boca para protestar, mas a garota levantou a mão e ele a fechou de novo, carrancudo.

— Venha comigo — disse a garota, encontrando primeiro os olhos de Crier e depois os de Ayla. Para Fen e Edrid, ela disse: — Voltem para suas tarefas, sim? O show acabou, vão em frente.

Crier podia sentir Ayla olhando para ela, mas ela... não conseguia olhar para trás. Ainda não. Não enquanto seu coração ainda estava cantando desse jeito, não enquanto suas mãos tremiam assim.

Eu confio nela com minha vida.

Crier e Ayla seguiram a garota através da porta tampada por um cobertor para a sala adiante. Era pequena, estéril, havia um tapete de dormir e um cobertor de lã em um canto e nada mais. Uma vez lá dentro, a garota se virou para elas. — Não é muito, — disse, apontando para o cobertor — mas é o mais privado possível por aqui.

— Privacidade para quê? — Perguntou Ayla. — O que você quer de nós?

— Respostas. Mas primeiro . . . — O rosto da garota se abriu em um enorme sorriso torto, e ela deu um tapinha no ombro de Crier. — É bom finalmente conhecê-la, Lady Crier!

Crier deu um passo para trás. — Eu sou... eu não sou...

— Oh, não se preocupe, seu segredo está seguro comigo — disse a garota, ainda sorrindo. Isso transformou todo o seu rosto,

bochechas com covinhas, olhos brilhando. — Devo ter visto você uma dúzia de vezes ao longo dos anos. Sempre de longe, e você nunca me viu. Mas eu vi você!

— Quem . . . você é? — Perguntou Crier. — Como você sabe quem eu sou?

— Eu sou Dinara — disse a garota com orgulho. — Filha da Mão Vermelha Reyka. Se não me engano, você conhecia bem minha mãe.

Filha da...

— Isso é impossível — disse Crier. — Reyka nunca encomendou uma criança, eu teria sabido – e – você é *humana*.

Dinara bufou. — O que posso dizer? Minha mãe era uma Automa, minha mãe uma humana, elas se apaixonaram, elas queriam um filho. Minha mãe tinha um bom amigo, um homem humano, e ele concordou em ajudar — ela piscou. — Então foi assim que aconteceu. Mas minha mãe teve que manter mamãe e eu em segredo – tenho certeza de que você pode entender por quê. Eu cresci em uma aldeia ao sul, mas visitei o palácio do soberano algumas vezes, disfarçada como uma das servas de minha mãe. Foi quando eu vi você, Lady Crier.

Crier tentou pensar em uma resposta, mas sua mente foi pega: *Minha mãe era uma Automa. Minha mãe uma humana. Elas se apaixonaram.* Era verdade? Dinara tinha algum motivo para mentir? Com que frequência isso acontecia? Crier sabia que a Rainha Junn tinha algum tipo de . . . *relacionamento* com seu conselheiro humano, mas Crier presumiu que era puramente físico, porque – porque como poderia ser outra coisa?

Eu não sou a única?

O pensamento foi uma revelação. A luz do sol transbordava sobre o topo das montanhas, se espalhando pelos vales e aldeias abaixo. *Não sou a única.* Se isso fosse verdade, tudo mudaria. Se não fosse apenas Crier, se ela não fosse uma anomalia, a única que já se sentiu assim, então – talvez essa sensação em seu peito não fosse errada. Talvez não fosse uma Falha.

Afinal, quem a condenava por isso? Quem disse a ela que estava errada? Seu pai. Kinok. Quem a odiaria por isso? Os membros do Conselho Vermelho, a elite, que não se importava se

humanos viviam ou morriam. Crier não acreditava em nada que *qualquer um* deles dizia. Eles não a respeitavam e ela não os respeitava.

Mas ela respeitava a conselheira Reyka.

— A aldeia ao sul — disse Ayla, cobrindo o silêncio constrangedor de Crier. — Não se chamava Elderell, chamava?

— Essa mesmo — disse Dinara. Seu sorriso desapareceu. — Mamãe ainda está lá. Tentei convencê-la a ir embora, depois – depois que descobrimos o que aconteceu com mamãe. Depois que o Conselho Vermelho praticamente desfilou com seu corpo pelas ruas de Yanna, fingindo estar de luto. Não acho que mamãe esteja segura em Elderell. Mas ela não quis ouvir.

Crier não sabia que o conselho havia encontrado o corpo de Reyka. Ela se perguntou se a rainha Junn os tinha deixado encontrar, como algum tipo de mensagem. — Sinto muito — ela conseguiu dizer. — Eu sinto muito por sua mãe. Ela merecia coisa melhor.

— Todos nós sentimos — disse Dinara. — Mas, enquanto Kinok viver, não é isso que teremos.

— Você sabe quem foi o responsável pela morte da conselheira Reyka? — Crier perguntou com cuidado.

Dinara desviou o olhar, um músculo se contraindo em sua mandíbula. — Eu tenho minhas teorias — disse ela. — Não importa quem deu a ordem, eu sei que Scyre Kinok estava vigiando minha mãe. Rastreando ela. Ela vinha trabalhando contra ele desde que ele deixou o Coração para se tornar um Scyre – sabia que ele era perigoso mesmo então, muito antes de ele fundar o Movimento Anti-Dependência. E – acho que de alguma forma ele descobriu sobre mim e minha mãe. Ele começou a espalhar boatos entre os outros Mãos Vermelhas. Sobre como minha mãe não era adequada para ser uma conselheira, ela era muito mole, que ela escolheria os humanos em vez de sua própria Espécie.

Uma memória veio à tona. A primeira e última reunião do conselho de Crier, quando seu pai deu o lugar vazio de Reyka para Kinok. *Talvez ela finalmente tenha se juntado aos humanos*, Co Conselheiro Shen disse. *É onde ela pertence.* E então, do próprio

Kinok: *Era estranho a conselheira Reyka ser assim . . .* apaixonada *por humanos, não é?*

Na época, Crier pensara que a declaração era inteiramente dirigida a ela. Que Kinok estava zombando dela sobre seu quinto pilar. *Paixão.* Mas se ele soubesse que Reyka se apaixonou por um humano, se ele tivesse virado os outros membros do conselho contra ela . . . Não estava apenas zombando de Crier. Ele estava dizendo ao Conselho Vermelho que Reyka não valia a pena ser procurada.

— Temos o mesmo objetivo — disse Crier, olhando para Dinara de frente. — Nós duas queremos que Kinok responda por seus crimes. E . . . não pode ser uma coincidência você estar acampada aqui no sopé, tão perto do Coração de Ferro. Você está tentando encontrar, não está?

Dinara não respondeu. Seus olhos percorreram o rosto de Crier, como se procurasse qualquer sinal de engano.

— Vamos nos juntar a você — disse Crier. — Por favor. Eu– eu não tenho muito a oferecer, mas sou Automa. Eu tenho os sentidos de um Automa. O Coração de Ferro foi construído para minha espécie, talvez seja a melhor chance de encontrá-lo.

— É aí que você se engana, Lady Crier — disse Dinara. — Você e sua garota podem se juntar a nós – qualquer amiga da minha mãe é minha amiga. Mas já temos nossa melhor chance de encontrar o Coração.

Crier e Ayla trocaram um olhar. — O que você quer dizer? — Perguntou Crier.

Em vez de responder, Dinara enfiou a mão na gola da camisa e puxou uma grossa corrente de ferro. Havia um pingente de ferro surrado pendurado no final dele.

Um compasso.

Ao lado dela, Ayla respirou fundo.

— O quê? — Perguntou Crier. — O que é isso? — Mas mesmo quando as palavras deixaram seus lábios, ela se lembrou. Ela tinha visto algo assim antes. Na mesma reunião do conselho. Kinok o havia retirado e erguido, deixando-o balançar em seus dedos como o pêndulo de um hipnotizador, e as Mãos Vermelhas realmente

pareciam hipnotizadas. A presença da bússola os fez sentar-se mais eretos, olhar para Kinok com cautela, ciúme e admiração.

— Esta é uma Bússola de Ferro — disse Dinara com um sorriso malicioso e malicioso. — Não precisamos dos sentidos de um Automa para nos ajudar a encontrar o Coração de Ferro, minha Lady. Essa coisa nos levará direto a ela.

Você acha que é tão perigoso quanto todo mundo diz? O Coração?

Dizem que é o Coração de um grande monstro. Uma besta do tamanho de uma montanha. Dizem que é uma coisa viva e é por isso que os sanguessugas a guardam tanto: não querem que ninguém o cace. Mas isso significa que é vulnerável, certo? Eles não o guardariam se não fosse vulnerável. Matável. Todos a quem perguntei dizem que está em um lugar diferente – sempre em algum lugar nas montanhas do oeste, é claro, mas ninguém sabe em que montanha, e essa cordilheira se estende por centenas de léguas. Seria como tentar encontrar uma folha específica de grama em todas as colinas douradas de Varn. Uma joia específica em todas as minas. Loucura. Mas talvez eu seja louca.

Se eles não têm pedra-coração, eles não têm nada. Nós sabemos disso. Como isso é feito? O monstro? As montanhas? É realmente apenas uma jóia que eles estão minerando? Acho que não pode ser tão simples. Não pode ser isso. Não acho que haja nada de natural nessa pedra. Não acho que seja algo maior que este mundo. Não é algo tão terrível assim. É Criado, como eles?

Eu quero saber.

Talvez eu seja louca.

Se você entender isso, R, não tente me impedir. É tarde demais.

— DE UMA CARTA CODIFICADA INTERCEPTADA POR SOLDADOS AUTOMA, POR VOLTA DO ANO 30 EA



15

Naquela noite, Ayla descobriu por que os rebeldes tinham acampado na fortaleza de pedra-coração por três dias em vez de ir diretamente para o Coração de Ferro. Estavam fazendo armas. Ayla ouviu pela primeira vez os ruídos estranhos vindos de baixo das tábuas do piso enquanto se sentava em círculo com Crier, Dinara e alguns outros, incluindo Fen – que parecia ter tornado ficar encarando Crier furiosamente sua principal prioridade, o que significava que Ayla tinha tornado sua prioridade fazer o mesmo com Fen – comendo uma refeição noturna de peixe curado e pão integral duro. Uma garrafa de conhaque lhe foi passada. Ayla cheirou, deu um gole hesitante e estremeceu – os únicos álcoois de que ela gostava eram hidromel e vinho aguado, o conhaque era muito pior, de alguma forma azedo, amargo e ígneo ao mesmo

tempo. Tinha o gosto do cheiro de soda cáustica. Ela passou o frasco para o homem ao seu lado e pegou Crier a olhando divertida. Ayla fez uma careta para ela, mostrando a língua como uma criança, e a diversão aumentou.

Então Crier inclinou a cabeça, como sempre fazia quando estava ouvindo com atenção, e um momento depois Ayla também ouviu: um som de martelar, como metal batendo em pedra. Parecia vir de baixo.

— Existe uma adega? — Perguntou Ayla a Dinara em voz baixa. — Tem alguém lá embaixo?

Dinara bebeu um grande gole de conhaque. — Você terminou de comer? — Perguntou. Ayla assentiu. — Então eu vou mostrar.

Ela conduziu Ayla e Crier para um canto da sala e se ajoelhou, e Ayla viu uma pequena alça de metal presa a uma das tábuas do piso. Dinara a puxou e uma parte do chão se ergueu, revelando uma entrada para o porão escuro abaixo. Não havia escadas – apenas uma corda trançada de aparência puída. Ayla tentou não se contorcer. Ela não queria descer para a escuridão. Ela realmente não queria ir para o subterrâneo. Mas os barulhos estavam ficando mais altos agora, e sua curiosidade superava seu medo.

— Vamos lá — disse Dinara, já se abaixando na abertura. Crier foi atrás, e Ayla desceu por último, se agarrando aos lados da escada de corda com tanta força que entalhes ficaram nas suas palmas, a forma tênue da corda trançada.

Assim que alcançou o fundo e seus olhos se ajustaram à escuridão, Ayla viu que não era realmente escuro como breu aqui. Algumas lanternas estavam em prateleiras de madeira ao longo das paredes, lançando uma luz fraca. E ali, no centro da sala, a fonte dos ruídos de marteladas. Três rebeldes de Dinara estavam sentados no chão, curvados sobre . . . alguma coisa.

— É aqui que armazenavam pedra-coração — disse Dinara. — Caixas e mais caixas de pó de pedra-coração, esperando para serem despachadas.

— O que estão fazendo? — Perguntou Crier atrás de Ayla. Seus olhos estavam fixos nos três rebeldes, que ainda não haviam tirado os olhos de seu trabalho. Um estava martelando, o outro pegava cada fragmento e entalhava algo na superfície.

Sem esperar pela resposta de Dinara, Ayla rastejou mais perto, até a borda da lanterna. Agora podia ver que a pedra não era preta. Era um azul profundo, profundo.

— A fumaça azul — disse ela, voltando-se para Dinara. — É daí que vem, não é?

Dinara cantarolou. — Isso aí, garota.

Bombas. Eles estavam fazendo bombas.

Talvez Ayla devesse ter ficado com medo, mas tudo o que sentia era *fascinação*. Ela queria olhar mais de perto. O que era essa misteriosa pedra azul? Ela tinha ouvido falar de bombas de salitre, mas nunca algo assim. De onde vinha?

Ela expressou apenas a última pergunta em voz alta.

— Das cavernas de Tarreen — disse Dinara. — Você já se perguntou por que todo mundo pensa que Tarreen não é nada além de uma selva impenetrável? Que quase ninguém vive lá, há apenas alguns assentamentos humanos espalhados, toda a área é estrategicamente inútil? — Ela sorriu, as covinhas brilhando. — Tarreen não está tão abandonada – e de longe é inútil – como o soberano pensa. Os tarreenianos se escondem bem, mas existem. E eles estão assentados em quilômetros e quilômetros de sistemas de cavernas cheios até a borda de uma pedra preciosa mil vezes mais poderosa, mais potente, do que a pedra-coração. Se você conhecer a magia certa.

Ayla ouviu Crier fazer uma pergunta – algo sobre os tarreenianos – mas ela não estava prestando atenção. Ela estava observando o menino curvado sobre o pedaço de pedra azul, segurando-a com firmeza para o martelo. Enquanto observava, ele bateu no mesmo local uma, duas, três vezes, até que a pedra se partiu em duas, cacos caindo como pedaços de casca de ovo. Ela se aproximou ainda mais para ver o que o outro garoto estava esculpindo. Não cartas. Símbolos. Ayla reconheceu o fogo, o salitre, o enxofre.

Mil vezes mais poderoso, mais potente, do que a pedra-coração.

Ayla podia estar errada, mas sabia em seu coração – em seu sangue – que não estava. Ela tinha visto esta pedra azul antes. Vira isto na mão de Siena, como Siena abaixou isto no tórax aberto de uma garota Automa sem vida, ajustando isto no espaço vazio onde um coração deveria estar. Ayla ainda se lembrava de como a garota

se contorceu como se tivesse sido atingida por um raio, os olhos se abrindo. Íris queimando prata.

Criação. Destruição. Um coração e uma bomba. A razão pela qual Kinok a trouxe para seu escritório e a interrogou sobre o passado de sua família.

Turmalina.

Aqui estava.

— Como é tão mais poderosa do que a pedra-coração? — Perguntou Ayla. — As duas não são justamente . . . rochas? Cristais?

— Oh, mas isso não significa que são iguais. Os cristais têm propriedades diferentes. O enxofre queima, o fósforo brilha, o calcanto se dissolve na água. Você dá carvão à uma lareira. Você da pedra-coração à um Automa. — A prateleira mais próxima estava forrada com bolsas de couro do tamanho de um punho fechado. Dinara pegou uma das bolsas e segurou-a na palma da mão, dando a Crier e Ayla um olhar significativo. — Tudo depende do que você faz com o cristal, com aquela matéria, não é? — Ela disse. — Cinnabar é usado como veneno e pigmento. Inspire pó de cinábrio e você morrerá lenta e desagradavelmente, mas poderá transformar esse mesmo pó na mais bela tinta vermelha. Pode ser seu último suspiro; pode dar vida à arte. A alquimia não é a única maneira de manipular uma substância para servir a um propósito ou outro, para criar ou destruir. Não é a única magia. — Seus lábios se curvaram novamente, um sorriso natural. — É a magia que estamos usando, no entanto.

— Você está aproveitando a energia — disse Crier. — Gerando energia mágica esculpindo esses símbolos na pedra. Como . . .

— Pederneira e aço — Ayla forneceu. — É isso? A pedra azul é a pederneira e, se você tiver a combinação certa de símbolos, é como bater a pederneira contra o aço de fogo. Exceto que não faz fogo, faz – como disse Crier. Energia. É assim que os Criadores criam a pedra-coração, certo?

Por algum motivo, o sorriso de Dinara sumiu. — Foi o que pensamos — disse. — Mas–

— Chefe? — O menino com o martelo saltou. Ele estava carrancudo, segurando um pedaço de turmalina contra a luz da

lanterna. — Você pode vir olhar isso? Não sei dizer se essa veia vai ser um problema ou não.

— Um momento — disse Dinara, depois colocou a bolsa de couro nas mãos de Ayla. Era mais pesada do que Ayla esperava, como se o que quer que estivesse dentro fosse tão denso quanto chumbo sólido. — Fique com isso. Apenas para o caso.

Apenas para o caso? — Isto é uma bomba? — Ayla guinchou, com medo de se mover um centímetro. Ao lado dela, Crier fez um barulho alarmado. — Eu realmente deveria estar segurando isso?

— Não se preocupe — disse Dinara, parecendo mais divertida do que Ayla achou necessário. — Não vai explodir a menos que você jogue.

— E se eu deixar cair?

— Provavelmente tudo ficaria bem.

— Provavelmente?

— Definitivamente. Definitivamente bem. — A atenção de Dinara já estava de volta ao menino com o martelo. — Ah, eu deveria cuidar disso — ela disse com um último sorriso, e se agachou ao lado dele, examinando a Turmalina rachada.

Ayla olhou para a bomba em suas mãos em concha. — Provavelmente — disse novamente.

— Eu carrego — ofereceu Crier.

Ayla abanou a cabeça. — Se alguém vai acabar precisando de uma bomba, será a pequena e velha humana eu — disse, passando o polegar pelo couro macio da bolsa. Era um pedaço de Turmalina dentro? Tinha que ser. — Não, eu carrego.

— Tenha cuidado — disse Crier.

— Não tenho sempre? — Disse Ayla, e o olhar que recebeu de Crier foi seu golpe de pederneira e aço de fogo: primeiro o calor, depois as faíscas, depois Ayla, a isca, estava em chamas.

Deixaram a fortaleza de pedra-coração e começaram a lenta e traiçoeira jornada até as montanhas de Aderos ao amanhecer. Dinara, com a bússola na mão, assumiu a liderança. Fen e alguns outros rebeldes seguiram logo atrás, então Ayla e Crier, depois mais rebeldes – os mais velhos – estavam encerrando a fila.

Ayla desejou que Rowan estivesse aqui.

Ou Benjy. Ou Storme. Ela se sentiu tão exposta, escolhendo seu caminho através das rochas, o sol batendo forte lá de cima. Mas estava feliz por ter Crier ali com ela, já que o tempo parecia se fechar como um cordão em volta deles.

O sol atingiu seu auge e sua procissão alcançou uma passagem estreita entre dois picos recortados. Uma trilha mal é larga o suficiente para um cavalo ziguezagueante descer a encosta quase vertical da montanha. Dinara e os outros não hesitaram, escorregando por uma pequena plataforma de rocha no caminho, um a um, uma trilha marcando cada deslizar, mas Ayla fez uma pausa. Não havia nada de especial nessa passagem – uma rocha nua e cinzenta, um caminho empoeirado e o vale abaixo. Abetos verdes escuros e musgo grudavam nas rochas, a única cor entre a pedra e o céu. Na outra extremidade do vale, uma névoa espessa caía. Como espuma do mar. Nada estava obviamente fora do lugar. Não havia colunas de fumaça; nada que sugerisse que não estavam sozinhos aqui. Mas algo parecia *errado*.

Se havia algo que Ayla sabia ser verdade, era isso: ela confiava em seus instintos acima de tudo. Sua mente estava condicionada a pensar demais, a duvidar – *estou sendo paranóica, estou vendo coisas, estou inventando*—mas seu corpo era o corpo de seus ancestrais, todos que viveram e morreram antes dela, e seus instintos estavam gravados em seu sangue, seus ossos, seu coração. Seus instintos ainda não a haviam decepcionado.

— Crier — disse, sentindo Crier vindo por trás dela. — Espere.

Crier parou. Ombro a ombro, as duas olharam para o vale obscurecido pela névoa. Quase diretamente abaixo delas, Dinara e os outros estavam serpenteando ao longo da trilha.

— Tenha cuidado — disse Ayla baixinho. Ela ergueu o braço para que Crier pudesse ver o arrepio, os pelos minúsculos arrepiados. — Eu não sei o que está errado. Mas algo está. Vá devagar, mantenha seus olhos e ouvidos abertos.

— Vou na frente— disse Crier. — Você fica atrás de mim. — ela estava olhando fixamente para a frente, o queixo erguido, a mandíbula apertada. Seus olhos sob a luz nublada eram de um marrom humano, quente e verdadeiro, a cor no coração de todas as coisas vivas, a cor das folhas caídas e do chão da floresta e das

enchentes na primavera, quando os rios subiam e caíam sobre suas margens, avançando, incontrolável, abrindo novas veias em um mundo antigo. Fios de cabelo escaparam da trança de Crier, ondulando em suas têmporas e orelhas.

— Ei — disse Ayla.

Crier olhou para ela.

— . . . Não importa — murmurou Ayla. — Vamos, estamos ficando para trás.

As duas deslizaram pela rocha até o caminho abaixo, Ayla tropeçando e Crier aterrissando com uma graça exasperante, e correram para alcançar Dinara e os outros. O caminho era ainda mais traiçoeiro do que parecia de cima, o terreno era inclinado para baixo. Isso lembrou Ayla do jardim em camadas no palácio da rainha, onde ela se reuniu com Storme. Exceto que essas camadas eram rochosas e irregulares, e se desse um passo em falso, acabaria caindo no meio da encosta da montanha. O caminho serpenteava em torno de pedregulhos e afloramentos rochosos salientes, e seu grupo percorreu lenta e silenciosamente, toda a sua concentração dedicada a não escorregar. Dinara liderava, Crier e Ayla na retaguarda. E quanto mais fundo no vale eles desciam, mais alto os instintos de Ayla gritavam para ela: *Volte. Volte!*

À frente, havia duas pedras altas em forma de coluna que pareciam sentinelas cinzentas maciças em cada lado do caminho. De repente, a voz da mãe de Ayla encheu sua cabeça: uma história meio lembrada sobre uma porta para outro mundo. *Duas pedras da altura de torres, eretas no meio de um campo de gelo plano e árido, como se um gigante as tivesse arrancado das montanhas e jogado lá. De longe, o espaço entre as pedras não parecia diferente. Você podia ver o campo de gelo através deles, uma extensão de neve e céu brancos. Você poderia caminhar direto por aquelas pedras e nada pareceria fora do comum. Mas se você continua andando . . . se você passa entre elas . . .*

Ayla, então uma criança pequena, perguntou: *quê? Mama, o que acontece?*

Ninguém nunca mais te vê.

Dinara, à frente do grupo, alcançou as pedras, e Ayla quase gritou PARE. Mas é claro que Dinara passou entre elas sem

problemas. Claro que não desapareceu; é claro que não foi levada para algum lugar desconhecido. Ayla fez uma careta para si mesma. Ela tinha quase dezessete anos – velha demais para se deixar assustar por uma velha história de fadas. Ela continuou andando, se obrigando a não hesitar quando ela e Crier alcançaram as duas pedras. Infantilmente, prendeu a respiração enquanto caminhava entre elas, como algumas pessoas prendiam a respiração ao passar por um túmulo. Mas é claro que nada aconteceu. Ayla soltou a respiração. Seu grupo havia entrado em uma espécie de clareira, uma área onde o solo se achatava temporariamente como o fundo de uma tigela, a encosta da montanha se elevando em todos os lados ao redor deles. O ar estava mais frio aqui. Ayla viu que Dinara fizera uma pausa, consultando a bússola mais uma vez; o resto do grupo diminuiu a velocidade até parar, esperando.

— Essas pedras me lembraram uma história — disse Crier, parando ao lado de Ayla. — É sobre gigantes que se transformam em pedra ao sol e só acordam à noite. Assim que o sol se põe, eles podem se mover e fazer tudo o que os gigantes fazem. Mas são mais vulneráveis nesses momentos de transição da pedra para a carne e, portanto, é proibido entrar em seu território durante o pôr do sol.

Com a pele formigando, Ayla tentou se concentrar na história. A cadência da voz de Crier.

— Onde quer que pareçam pedras, os gigantes deixam grandes crateras para trás. E há um boato entre as pessoas de uma vila próxima de que as crateras dos gigantes estão cheias de ouro e pedras preciosas. Um dia, um homem da aldeia foge para as montanhas ao pôr do sol e observa os gigantes acordarem. A escuridão cai e ele desce rapidamente para ver as crateras que eles deixaram para trás. Com certeza, cada cratera é preenchida com o tesouro dos gigantes: pilhas e mais pilhas de ouro e pedras preciosas, itens cintilando com magia, tapeçarias tecidas com os fios mais finos e delicados . . . tesouro suficiente para tornar todos na aldeia do homem, e nas seis aldeias seguintes, fabulosamente ricos para o resto de suas vidas. Mas o homem não está pensando nas pessoas de sua aldeia. Ele está pensando apenas em si mesmo. Ele enche a mochila com ouro, mas não é o suficiente. Ele

despeja moedas de ouro nos bolsos, nas botas, no chapéu. Vencido pela ganância, ele perde a noção do tempo. — a voz contadora de histórias de Crier foi abafada, como se ela não estivesse apenas contando a história, ela estava *lá*, vendo tudo se desenrolar diante de seus olhos, tomando cuidado para não incomodar os jogadores.

— Continue — disse Ayla. Dinara e seu braço direito, Fen, estavam curvados sobre a bússola, conversando em sussurros. Os outros estavam tomando tempo para beber de seus cantis e sacudir seixos de seus sapatos.

— De repente, o homem percebe que o céu está começando a clarear. O nascer do sol está chegando e, com ele, os gigantes retornarão e se estabelecerão em suas crateras. Os gigantes são criaturas de hábitos, entende? Mais do que isso, seus corpos formam a topografia das montanhas. Se eles se mudassem para um novo lugar a cada noite, isso mudaria totalmente a paisagem. Mapas seriam inúteis. Os viajantes ficariam irremediavelmente perdidos. Portanto, os gigantes sempre retornam às mesmas crateras. O homem sabe que tem apenas alguns minutos antes que um gigante do tamanho de uma casa se acomode de volta na cratera e o esmague. Aterrorizado, ele tenta escalar de volta a parede da cratera. Mas, como você deve se lembrar, sua mochila, seus bolsos, suas botas e seu chapéu estão cheios de ouro. E o ouro é muito pesado.

Ele começa a entrar em pânico. Continua tentando escalar, mas não consegue levantar o próprio peso. A solução óbvia é deixar o ouro para trás, mas o homem ficou cego por sua própria ganância. A ideia de deixar o ouro para trás é absurda. Ele não vai fazer isso. Prefere morrer. Então o sol começa a nascer e ele ouve os gigantes retornando. Parece uma avalanche, seus passos sacudindo a terra. E o homem continua tentando escalar. Ele pode ver os gigantes agora. Pode vê-los encontrando suas crateras, estabelecendo-se, os primeiros raios de sol transformando sua pele em pedra. E ele continua tentando se salvar sem sacrificar uma única moeda roubada.

— Espero que o gigante o esmague — disse Ayla. — O gigante o esmaga?

— Sim — disse Crier. — O gigante o esmaga. Ele morre com os bolsos cheios de ouro. E no próximo pôr do sol, quando o gigante acorda e sai de sua cratera, vê o corpo do homem. Percebe o que aconteceu. E fica de luto por ele.

— Gosto dessa história, — disse Ayla. — É muito– — ela interrompeu com um grito quando Crier agarrou seu pulso, puxando os dois para trás. — Crier, o que– ?

—*Dinara!*— Gritou Crier, sua voz rasgando o silêncio da clareira. — *Dinara, cuidado!*

O aviso veio na hora certa. Meio segundo depois, algo explodiu de trás de uma das rochas, um borrão escuro de movimento tão rápido que Ayla não pôde dizer imediatamente o que era. Mas então fez contato com Dinara – ou melhor, com sua espada – e Ayla viu que sim . . .

Para ser honesta, ela ainda não tinha certeza. Um Automa? Mas errado. Sua pele era acinzentada e sem sangue, de alguma forma sem cor, mas suas veias eram claramente visíveis mesmo a dez metros de distância, serpenteando linhas pretas por todo o corpo nu. Seu couro cabeludo estava coberto de falhas, como se os tufos de cabelo tivessem sido arrancados violentamente. Este tinha que ser um dos monstros que Storme tinha visto. Um dos monstros que Ayla fora mandada para investigar, no que parecia um milhão de anos atrás, antes de se reunir com Crier e começar a busca pelo Coração. Uma Sombra.

A espada de Dinara havia perfurado o torso da Sombra, com a ponta saindo do outro lado. Até mesmo um Automa deveria ter sido incapacitado por tal ferimento. Mas enquanto Ayla observava, horrorizada, o monstro começou a se contorcer de um lado para o outro como um peixe no anzol, as mãos subindo para agarrar os lados da espada. Sangue negro escorreu por seus pulsos, pela frente, e ainda assim ele continuou se movendo. Arrastando-se para trás na espada.

Os rebeldes pareciam paralisados pelo choque. Mas então Dinara, lutando com sua arma das mãos ensanguentadas do monstro, gritou: — Preparem suas armas, seus idiotas! — E eles entraram em ação, assim como outro monstro saltou de uma saliência de rocha muito acima de suas cabeças, aterrissando com

força. Se fosse humano, uma aterrissagem como aquela teria quebrado suas pernas. Mas a Sombra nem mesmo parou antes de se levantar, atacando o rebelde mais próximo.

— Crier! — Dinara gritou. Ela correu até elas, circulando a luta, e no segundo que estava perto o suficiente, arremessou algo pelo ar: algo pequeno e metálico, brilhando ao sol. A Bússola de Ferro. Ele caiu a alguns passos dos pés de Crier. — Pegue! — Disse Dinara, enquanto contornava a segunda Sombra. — Pegue e corra!

Crier não hesitou. Ela pegou a bússola do chão e se voltou para Ayla. — Vamos!

— Mas os outros...

— Se você tentar lutar contra eles, você será morta! — Disse Crier. — Uma adaga não pode detê-los. A única coisa que pode matá-los é o fogo, muito fogo. O suficiente para destruir completamente seus corpos. Não podemos ajudar, precisamos correr, não podemos perder a bússola!

— As bombas de pólvora azul — disse Ayla. — Eu tenho uma, eu posso–

— Ainda não. Não daqui. *Vamos*, eu posso ouvir mais deles vindo.

Ayla acenou com a cabeça e deixou Crier puxá-la para fora da clareira, passando pelas duas sentinelas de pedra. A encosta da montanha se erguia de um lado do caminho e descia do outro, uma encosta íngreme e rochosa. Crier parou por um segundo, a cabeça inclinada, as unhas cravadas no pulso de Ayla, e então desviou para a esquerda.

— Por aqui — sibilou. — Eles estão vindo de cima.

Elas saíram do caminho, escorregando pela encosta. Foi uma queda brusca, sem raízes de árvore ou qualquer coisa para se agarrar, apenas pedra nua e escorregadia. O deslizamento foi doloroso e vergonhoso – as palmas das mãos de Ayla estavam arranhadas e ensanguentadas quando conseguiram ficar de pé a cerca de três metros de profundidade, assim como o lado do corpo dela, onde a camisa subiu um pouco. Ela flexionou os dedos, estremecendo. — Ah, isso dói.

— Desculpe — disse Crier, e então… BOOM. O chão tremeu, as pedras batendo ao redor delas, e uma nuvem de fumaça azul subiu

no céu branco na direção de onde tinham vindo. Uma batida, uma respiração e depois outra explosão, Ayla tapou forte os ouvidos com as mãos. Um grande trovão, ecoando por toda a montanha e o vale abaixo.

— Eu realmente, realmente espero que seja Dinara — disse Ayla severamente.

— Deveríamos . . . — Crier estendeu a mão, tocando a besta pendurada em suas costas. — Talvez possamos conseguir um bom ponto de vista, eliminar as Sombras à distância.

Ayla assentiu. — Eu não gosto de ser inútil.

— Você seria mais inútil se estivesse morta.

— Mesmo assim.

Elas seguiram de lado na encosta, se agarrando às rochas. Crier assumiu a liderança, seus passos caindo com mais segurança, Ayla fazendo o possível para pisar nos mesmos lugares. Mais de uma vez, Crier testou um apoio para os pés apenas para que a rocha desmoronasse sob seu peso, o xisto deslizando montanha abaixo com uma nuvem de poeira pálida. Levou alguns minutos lentos e meticulosos para fazer o caminho de volta à borda da clareira, desta vez vindo de baixo. O ar cheirava a fumaça e enxofre, a atmosfera era densa, desagradável nas costas da língua de Ayla. A fumaça azul ainda subia e, tão perto, Ayla podia ouvir os sons da batalha: gritos humanos e gritos crus e monstruosos, o barulho ocasional de uma arma contra a rocha.

Elas se aproximaram, escalando uma formação rochosa irregular que se unia a uma das paredes curtas que cercavam a clareira, a lateral da tigela. Uma vez, Ayla sentiu que começava a escorregar, mas Crier agarrou a parte de trás de sua camisa antes que ela pudesse gritar, segurando-a com firmeza até que ela encontrasse apoio novamente. Se arrastaram sobre a crista da formação rochosa e rastejaram até a borda, cerca de quinze pés acima do solo. Era difícil ver através da fumaça; Ayla piscou para conter as lágrimas ardentes, apertando os olhos por entre os cílios. Lá – seus olhos encontraram Dinara, a espada cortando o ar. Havia mais de uma dúzia de humanos e apenas três monstros, e ainda parecia uma combinação equilibrada. Dois humanos já haviam caído. Ayla os viu, vultos escuros caídos no chão, mortos ou inconscientes, era

impossível dizer. Ela queria ajudar a virar a maré, mas não havia como lançar sua bomba de pólvora sem ferir também os rebeldes.

Ao lado dela, Crier puxou a besta. — Eles são muito rápidos — murmurou, a frustração sangrando em sua voz. — Nunca param de se mover. Não sei se posso – não confio em mim mesma para não acertar um dos humanos.

Ela perdeu totalmente a chance quando o mundo explodiu em azul.

A força da explosão jogou Ayla para trás. Ela bateu no chão com força, a rocha cravando em sua espinha, os ouvidos zumbindo tão alto que ela não conseguia ouvir mais nada. Os rebeldes não teriam jogado uma bomba de pólvora tão perto dos outros – uma das Sombras pôs as mãos em uma? Tudo era fumaça azul. Espessa demais, uma parede azul impenetrável, como se Ayla tivesse subitamente mergulhado no fundo do oceano. *Onde estava Crier?* Cega, meio surda, com medo de que Crier estivesse inconsciente em algum lugar, Ayla tateou o caminho para os lados e para baixo, as unhas arranhando a rocha. Para baixo, para baixo – ela escorregou, o estômago embrulhou e escorregou pela face da rocha por alguns momentos sem fôlego antes de se recompor, encontrando apoio para as mãos e os pés. O ar estava um pouco mais claro agora, a fumaça se dissipando, e ela podia ver uma grande pedra arredondada a cerca de seis metros abaixo na encosta da montanha. Um esconderijo em potencial. Como uma aranha, agarrada à rocha, Ayla desceu em direção a ela.

Um flash de movimento à sua direita.

Então algo se chocou contra ela, derrubando-a pela segunda vez em cinco minutos. Se separaram quando atingiram o chão e Ayla se ergueu, procurando desesperadamente o que quer que a tivesse atacado. Um Vigia? Um rebelde confuso?

Pior?

Seu agressor apareceu em meio à fumaça azul.

— Você — respirou Ayla. — Eu conheço você. *Rosi.*

A amiga Automa de Crier, aquela que visitaram na viagem de luto. *Rosi.* Ayla ficou paralisada por um instante e foi tudo o que precisou. Rosi saltou sobre ela novamente, e desta vez não se separaram. Ayla não conseguia nem gritar, ela e Rosi rolavam uma

sobre a outra montanha abaixo, uma queda vertiginosa e selvagem, a cabeça de Ayla batendo contra uma rocha com tanta força que manchas pretas surgiram diante de seus olhos. As unhas de Rosi estavam arruinadas e afiadas e ela estava arranhando a pele de Ayla, tirando sangue, e então pararam e Ayla arranhava, chutava e esmagava a palma da mão no rosto de Rosi, a mente em branco de pânico. De alguma forma, ela conseguiu escapar de Rosi, mas apenas por um momento; Rosi agarrou seu tornozelo, puxando-a de volta. Os olhos de Rosi eram totalmente negros, mesmo onde o branco deveria estar. Gêmeos vazios. Como os outros monstros, suas veias estavam altas e pretas. Sua língua preto-azulada pendia horrivelmente, os dentes manchados e musgosos, horrível horrível horrível, um cadáver vivo. Ela sacudiu a cabeça para o lado e Ayla não pôde deixar de suspirar: parte do crânio de Rosi estava afundado, a pele podre descascando ao redor, sangue preto jorrando. Ela deve ter batido com a cabeça durante a queda, ainda pior do que Ayla.

— *Merda, merda*,— Ayla se ouviu ofegando, arrancando o tornozelo do aperto de Rosi, tentando chutá-la no rosto, errando. Ela deveria estar morta agora, Rosi deveria ter rasgado sua garganta, mas então Rosi tentou se lançar atrás dela e Ayla viu o que a mantinha viva: o corpo de Rosi estava . . . *quebrado*. Sua canela direita estava tão estilhaçada que o osso branco perfurou a pele, e seus pulsos também pareciam quebrados, as mãos batendo estranhamente. Ela estava se movendo como uma marionete, como se seu cérebro estivesse emitindo comandos e seu corpo estivesse tentando obedecer, mas todas as suas reações eram desajeitadas e demoradas.

Ayla precisava se acalmar. Se ela entrasse em pânico, cometeria erros estúpidos e acabaria morrendo. Tinha que se acalmar. Ela cambaleou para trás sobre as pedras, colocando a maior distância possível entre ela e Rosi, mesmo enquanto Rosi continuava cambaleando atrás dela. Estavam a menos de vinte passos de uma queda considerável. Podiam ter caído direto na borda.

Armas. Armas. Sua adaga não serviria para nada, Rosi provavelmente nem sentiria.

A bomba de pólvora azul.

Ayla tateou a pequena bolsa em seu quadril, a cabeça girando. Sua têmpora latejava; ela podia sentir o filete quente de sangue escorrendo pelo lado do rosto. Ferimento na cabeça, nunca é bom. Ela conseguiu cambalear, fechando os dedos em torno da bomba, pronta para jogá-la...

— Espera!

Crier. Acima delas, descendo a encosta da montanha atrás de Ayla. Com uma das mãos, estava segurando a camisa sobre a boca e o nariz. Protegendo-se contra a fumaça azul.

— Crier, fique para trás!

Rosi estava de pé novamente, os olhos girando em sua cabeça. O osso saliente de sua canela fez Ayla querer vomitar.

— Eu conheço ela! — Disse Crier, abafado pela camisa. — Ainda podemos salvá-la, eu sei que ela ainda está lá em algum lugar... Rosi!

— É *tarde demais*— gritou Ayla, os olhos em Rosi. — Crier, sinto muito, é tarde demais. Não podemos salvá-la, ela está longe demais. Não é mais Rosi. — Ela agarrou a bomba com força. Um lance, estaria acabado. O corpo de Rosi explodiu visceralmente. Crier não estava respondendo. — Crier, sinto muito. Mas não vou trocar a vida dela pela minha – ou pela sua.

Rosi se lançou.

Ayla ouviu Crier gritar seu nome, mas não havia nada além de medo em sua voz; ela não estava mais tentando impedir Ayla. Ayla correu, sem nenhuma graça no terreno rochoso, mas ainda mais leve do que Rosi. Mais no controle de seu corpo do que Rosi. Ouviu Rosi rastejando sobre as rochas atrás dela, fazendo um ruído gutural e prolongado, um último suspiro alongado, áspero e quebrado. Rosi estava acelerando. Empurrando a casca de si mesma ao limite.

Mais dez passos. Ayla estava ofegante, com esforço, dor e terror ao mesmo tempo. Chegou à beira do declive e se virou. Rosi estava vindo para ela, a língua pendurada, a pele descascando de suas palmas. Ela estava vindo e não estava diminuindo a velocidade.

No último segundo, Ayla se jogou para o lado.

Rosi não.

Rosi não fez nenhum som ao cair. Estremecendo, nauseada, Ayla espiou por cima da beira do penhasco. Era uma longa descida.

Ela recuou. Uma mão em seu ombro. Crier.

— Sinto muito — disse Ayla novamente. Crier estava olhando para o local onde Rosi havia desaparecido. O pedaço de ar rarefeito.

— Não, você estava certa — sussurrou Crier. As palavras pareceram arrancadas dela. — Era tarde demais. Eu fui... tola, e isso poderia ter custado sua vida.

— Não acho que seja tolice acreditar que alguém ainda pode ser salvo. Não no cerne disso. Eu não acho que isso seja tolice.

Crier não respondeu.

— Rosi da Casa Emiele — murmurou Ayla. Ela não tinha simpatia por Rosi, que adorava Kinok e uma vez se referiu a Ayla como a *mascote* de Crier. Mas Crier a conhecia há anos, e Crier acabara de vê-la morrer. — Você nasceu da luz e para a luz retornará. Vá agora para as estrelas. Elas estão . . . elas estão esperando por você.

Ela bateu dois dedos na testa. Crier fez o mesmo e, à luz do sol, seus olhos queimaram ouro e seus cílios ficaram molhados de lágrimas.

No momento em que se arrastaram de volta montanha acima, os Vigias chegaram.

— Fique abaixada — sibilou Ayla. Se agacharam atrás de uma das sentinelas de pedra, olhando com horror enquanto os rebeldes, vivos mas claramente feridos, muitos deles caídos como se estivessem inconscientes, eram amarrados pelos pulsos por Automae em mantos negros, seus rostos escondidos com máscaras de metal prateado. Os Vigilantes do Coração. Ayla nunca tinha visto um, nunca conheceu ninguém que tivesse visto um; a questão toda era que os Vigias nunca, nunca partiam.

Até que um partiu.

Crier inclinou a cabeça, ouvindo com atenção. — Alguém acabou de dizer o nome de Kinok — ela sussurrou. — Ele– ele está aqui. Dentro do Coração. Os Vigias estão dizendo: "Levem-os para Scyre Kinok. Espere suas ordens". — Ela prendeu a respiração. —

Alguém acabou de dizer: "A Lady e a serva não estão aqui. Continuem procurando nas montanhas".

Ayla praguejou. — Como em todos os infernos ele sabe que estamos por perto?

— Não deveríamos fazer algo? — Sussurrou Crier. — Você ainda tem a bomba de pólvora, poderíamos criar uma distração . . .

— Há seis Vigias e o pessoal de Dinara está amarrado — Ayla sussurrou de volta. — Uma bomba de pólvora não nos daria tempo suficiente para desamarrar todos e, de qualquer forma, não há como lutar contra seis Vigias.

— Mas...

— Crier — disse Ayla, cutucando-a. — Não estou dizendo que não vamos salvá-los. Só estou dizendo que não vamos fazer isso agora. — Ela estreitou os olhos, tentando entender o que exatamente estava acontecendo. Um dos Vigias estava mais ou menos . . . passando a mão sobre uma grande pedra na encosta da montanha, onde as paredes da tigela se erguiam. — Acredite em mim, eu adoraria uma explosão, estou realmente ansiosa para usar essa bomba, mas temos que ser inteligentes sobre isso.

Crier assentiu. — Tudo bem, isso é– espere. *Olhe*.

Os Vigias haviam parado de passar a mão sobre a pedra. Em vez disso, pressionavam as mãos em um local específico. Os Vigias estavam um pouco inclinados para a frente, como se estivessem se esforçando para isso. A princípio, nada aconteceu – e então a pedra sob a mão dos Vigilantes *mudou*, s granito sólido ondulando como água, e uma fenda apareceu bem no centro da rocha. Uma fratura, depois uma abertura, a própria rocha se partindo como uma concha de ostra. Revelando . . . escuridão. Rocha negra?

Não. A boca de um túnel.

— Aí está — sussurrou Ayla, mais para si mesma do que para Crier.

Os Vigilantes se moveram rapidamente. Levou apenas alguns minutos para conduzirem os rebeldes para o túnel, na escuridão. Então os dois últimos Vigilantes os seguiram, e a pedra se moveu para trás, as duas metades se unindo novamente, completamente sem abertura. Ayla acabara de testemunhar e, ainda assim, parecia

impossível que a rocha pudesse realmente se abrir assim, uma porta oculta à vista de todos.

— Bem — disse Ayla.

— Sim — disse Crier. — Concordo.

Elas esperaram pelo que pareceu uma quantidade de tempo excruciante, mas provavelmente foi menos de uma hora, a julgar pelo sol. Então, silenciosamente com medo e adrenalina, passaram pelas sentinelas de pedra uma última vez. Contornaram a borda da clareira, Crier ouvindo possíveis sinais de alguém – Vigia, monstro – se aproximando, até chegarem à pedra.

— Você se lembra de onde? — Disse Ayla. A primeira coisa que qualquer uma delas havia falado por um longo tempo.

— Lembro.

Crier estendeu a mão e apertou a pedra. Como aconteceu com os Vigias, por um momento nada aconteceu, e então: A mudança. As ondulações. De perto, era ainda mais estranho; parecia que deveria ser uma alucinação, um truque da luz, porque pedras não se moviam assim. Pedras não respiravam assim, um momento sem nada e no seguinte se abriram. Ayla deu um passo para trás, não confiando em nada daquilo – especialmente quando viu minúsculos símbolos esvoaçando pela superfície da pedra, como se estivessem presos lá dentro e tivessem sido atraídos pela luz do sol, por magia. A linguagem dos Criadores. Ela reconheceu alguns dos símbolos. A maioria deles, até. Dois em particular se repetiam continuamente: a terra e o mercúrio transcendente e mutável.

A porta se abriu. Estavam paradas na entrada do túnel. Nada além de escuridão se estendia diante delas, a luz do sol iluminando apenas os primeiros passos, como se as sombras fossem de alguma forma mais densas aqui e não a deixassem ir mais longe.

— Pronta? — Ayla perguntou a Crier, embora ela mesma *não* estivesse. Ela odiava escuridão como esta, odiava como o túnel parecia estreito, como a porta se fechava atrás delas e que não sabiam como abri-la por dentro e não teriam escolha a não ser seguir em frente e poderia muito bem haver um esquadrão de Vigias esperando por elas na primeira curva. Ela odiava tudo sobre isso, e faria isso de qualquer maneira, e se morresse lá, não seria culpa de ninguém, apenas dela mesma.

A ferida em sua têmpora ainda latejava, embora pelo menos o sangue tivesse secado.

— Não — respondeu Crier. — Não particularmente.

— Que bom que estamos de acordo — disse Ayla, respirando fundo. — Eu ficaria um pouco preocupada se você se sentisse pronta. Provavelmente teria que verificar se você tinha um ferimento na cabeça.

— Você tem um ferimento na cabeça — observou Crier.

— E estou fazendo um trabalho muito bom em ignorá-lo. Tudo certo. Não podemos ficar expostas assim. — Pulou um pouco para cima e para baixo, mas isso fez sua cabeça girar, então parou. — Ei, Apenas Crier. Quer entrar furtivamente no Coração de Ferro comigo?

— Já que estamos aqui — disse Crier, muito solene.

Ombro a ombro, lado a lado, entraram na escuridão e foram engolidas por ela.

Ayla estava cega, e até Crier mal conseguia distinguir para onde apontava a agulha da bússola de Dinara. Elas se moveram pelo túnel o mais rápido possível, Ayla agarrada nas costas da camisa de Crier, parando de vez em quando para que Crier pudesse ouvir os passos. O solo era irregular e muitas vezes lamacento sob seus pés, as paredes eram de pedra esculpida. Parecia que estavam invadindo a toca de um coelho, um reino terreno vazio onde nunca deveriam ter entrado.

Nenhuma delas falou. O ar parecia pesado como o de um lugar sagrado, o silêncio de uma catedral ou de um cemitério. Elas seguiram a bússola em silêncio pelo que pareceram horas, avançando para o interior da montanha. Ayla não pôde deixar de se perguntar se a bússola estava quebrada; parecia que estavam apenas andando em círculos. Como se estivessem condenadas a se perder nesse labirinto subterrâneo infinito e escuro como breu.

No momento em que Ayla estava prestes a dizer algo, ela percebeu: estava ficando mais claro.

O ar mudou do ar morto e viciado das profundezas do subsolo para algo mais limpo, a mais leve brisa levantando o cabelo da nuca de Ayla. Enquanto caminhavam, as paredes da caverna começaram a brilhar com a umidade; Ayla correu um dedo ao longo da parede e

sentiu umidade, fungo liso. Logo estava claro o suficiente para ver o fungo, pálido como líquen na rocha escura. E mais à frente, ela ouviu...

— Canto de pássaros — disse Crier, quebrando o silêncio pela primeira vez desde que entraram. — Você ouviu isso? *Canto de pássaros.*

— Como . . . ?? — Ayla começou, mas não teve que esperar por uma resposta. Viraram em uma curva do túnel e ela descobriu como.

O túnel as levou até o fim de uma enorme caverna. Uma caverna impossivelmente vasta, como se alguém tivesse escavado uma montanha inteira, desde o pé até o pico mais alto. O palácio do soberano e todos os jardins e pomares caberiam aqui e ainda teria espaço de sobra. Ayla não conseguia nem ver onde terminava a caverna, as paredes desaparecendo em uma escuridão sombria, mas deuses, devia ter pelo menos oitocentos metros de comprimento. Ela nunca se sentiu tão pequena. A luz aquosa do sol filtrava lá de cima, e Ayla esticou o pescoço, tentando descobrir a que distância esse lugar ia, mas em vez disso encontrou a origem do canto dos pássaros: pássaros de verdade, girando e rodando sob a luz. Devia haver uma abertura no topo, uma fenda na montanha como a boca de um vulcão, permitindo que o ar fresco e a luz do sol fluíssem.

Para iluminar o Coração de Ferro.

Enorme e imponente, quase tão alto quanto a própria caverna, o Coração era um castelo. Uma fortaleza. Uma coleção de torres. Agarrando-se à parede da caverna como um inseto enorme, a base era formada por paredes pretas simples se erguendo do chão; na metade do caminho, a fortaleza se juntou à parede da caverna, esculpida diretamente na pedra negra como a noite. Centenas de pequenas câmaras e torres em espiral, uma cidade em miniatura. Mesmo daqui, Ayla podia ver enormes símbolos alquímicos gravados nas paredes. Os quatro elementos, mais ferro e ouro.

Um rio subterrâneo cortava a caverna. Verde, lento, semelhante a uma cobra, curvava-se em torno da base do Coração. Uma espuma verde pálida marmoreava a superfície. Ayla e Crier estavam a cerca de cinquenta passos da margem do rio – perto o suficiente

para que, quando Ayla inspirasse, sentisse o gosto da água do rio na parte de trás da língua, salgada e estranhamente metálica.

— Vamos continuar — disse trêmula.

— Sim — disse Crier, e ficou em silêncio mais uma vez.

A escuridão profunda do subterrâneo nunca voltou, mas ficou mais escuro enquanto caminhavam pelo que deveria ser uma trilha paralela ao rio, às levando à fortaleza. Finalmente, saindo da escuridão, uma luz bruxuleante veio à frente, como o fogo de uma lareira distante. Os passos de Crier se aceleraram e Ayla a seguiu, desesperada para deixar a escuridão para trás. A luz ficou cada vez mais forte, passando de um vermelho profundo para laranja e para o amarelado da chama de uma lareira, as sombras se espalhando e transformando as paredes. Quanto mais perto da luz ficavam, mais Ayla podia ouvir . . . um debulhador? Um moinho? Água caindo, o bater de metal, um barulho de estilhaço de chicote como o gelo se quebrando em um lago congelado. Ela não ouvia aquele som desde que era criança em Delan, na beira dos campos de gelo.

— Acho que estamos chegando perto — sussurrou, e é claro que foi quando chegaram a um beco sem saída. Ou não. O túnel estava bloqueado por um portão de ferro, mas quando se arrastaram até o portão, espiaram através das grades . . . arecia que estavam posicionadas no alto de uma parede, com vista para uma grande câmara subterrânea. E deuses, estava *infestado* de Automae. Vigias. Estavam vestidos com o couro grosso e protetor que Ayla vira ferreiros usarem, com os rostos mascarados. Uma espessa fumaça branca subia do centro da caverna, onde Ayla podia ver chamas saltitantes e uma fileira de enormes tonéis de metal, como os caldeirões de pedra-coração das cozinhas do palácio do soberano, mas com o triplo do tamanho. A fumaça fez seus olhos arderem.

— Isso tem que ser a forja — ela sussurrou. — O coração do Coração. Eles estão fazendo pedra-coração.

Crier abriu a boca para responder, mas então seus olhos se arregalaram. — *Alguém está vindo*— ela sibilou.

Elas não tiveram escolha a não ser refazer seus passos, correndo de volta pelo túnel, mesmo que os Vigias estivessem vindo da mesma direção. Ayla manteve os olhos nas paredes do túnel,

procurando qualquer tipo de rota de fuga, até mesmo uma fissura na pedra – e então viu. Uma porta redonda semelhante a uma escotilha. Ela agarrou a manga de Crier e arrastou-a, rezando para que estivesse destrancada, rezando para que não houvesse mais Vigias do outro lado...

Elas caíram pela escotilha em uma sala vermelho-sangue.

Ayla pestanejou, desorientada. A sala estava alinhada com arandelas de parede, velas tremeluzindo atrás de um vidro vermelho, lançando uma luz doentia e sangrenta. Por um momento, ridiculamente, Ayla pensou que haviam tropeçado nos aposentos dos Vigias. Havia duas fileiras de pequenas camas brancas, exatamente como as camas dos aposentos dos empregados do palácio do soberano. E estavam ocupados. Doze corpos adormecidos. Ayla puxou a manga de Crier – tinham que sair daqui, e se os Vigias acordassem...

— Não — sussurrou Crier. — Ah não.

Então ela estava se movendo em direção a uma das camas. *Você ficou maluca?* Ayla queria dizer. Ela correu atrás de Crier, preparada para arrastá-la para fora daqui à força se necessário, mas . . .

De perto, isso não era – essas pessoa não parecia um Vigia. Não se parecia com um Automa. Ayla franziu o cenho, algo surgindo no fundo de sua mente, uma pontada de horror que ainda não entendia. Ela olhou para a pessoa na cama. Humano. Seu rosto era magro, bochechas e olhos fundos. Estavam vestidos com roupas brancas simples, camisa e calças – todas as pessoas adormecidas estavam, Ayla percebeu – mas as partes que ela podia ver, as mãos e os pés, os pulsos, os antebraços – igualmente esqueléticas.

— O quê . . . ?

Havia uma engenhoca ao pé de cada cama. Um recipiente de pedra com um tubo de metal fino, não mais largo que um dedo saindo dele. Ayla acompanhou com os olhos, da boca do navio até a borda da cama, e então viu que os pulsos e tornozelos da pessoa adormecida estavam amarrados à cama, de modo que seus membros estavam nos quadris e o tubo subia pelo borda da cama ao pulso da pessoa.

— Crier — disse Ayla. — Crier. O que é isso?

Crier estava inclinada sobre outra cama, os olhos arregalados, uma das mãos pressionada contra a boca. Ela balançou a cabeça uma vez, forte.

— Crier — disse Ayla.

— Este está vivo — disse Crier. — Eu acho que a maioria está. Eu posso ouvir seus batimentos cardíacos. Não de todos.

— Crier, *o que é isso*?

— Estão sendo drenados. — Ela parecia estranhamente calma, como se tivesse contornado o horror e ido direto para a dormência. Seus olhos desviaram das camas para os vasos de pedra e para o rosto de Ayla. — Os Vigias estão drenando seu sangue. Eles estão– coletando.

Ayla cambaleou para longe da cama. Ela se curvou por um momento, tentando não vomitar. Respirar fundo não ajudou. O ar cheirava tão fortemente a sangue, espesso e oleoso em sua língua, em sua garganta, em seus pulmões. — Mas eles estão vivos — disse. — Podemos . . . temos que tirá-los daqui.

— Teremos que acordá-los. Eles podem não ser capazes de se mover, mas temos que tentar. Não podemos arrastar dez corpos inconscientes para fora daqui.

— Doze — disse Ayla, contando as camas.

— Não — disse Crier. — Dez.

Oh deuses. Sem outra palavra, começaram a trabalhar. Ayla se inclinou sobre o primeiro catre, essa pessoa que não estava dormindo, e tentou acordá-la o mais suavemente que pôde. Pressionando seu ombro, murmurando: — Ei, ei, acorde, por favor, acorde. — Ela estava terrivelmente ciente de que poderiam ser pegas a qualquer momento. Se um Vigia entrasse aqui, estariam perdidas. *Por favor, acorde. Por favor, acorde.*

Finalmente, finalmente, as pálpebras da pessoa tremeram. Elu fez um pequeno ruído de dor.

— Eu sei — murmurou Ayla. — Eu sei. Eu sinto muito. Eu quero ajudar você. Você pode abrir seus olhos?

Suas sobrancelhas franziram. Elu inspirou ruidosamente. Do outro lado da sala, Crier falava em voz baixa com um dos outros. Ayla tentou manter a calma. Há quanto tempo estavam aqui? Quanto tempo perderam?

— Isso mesmo — disse para a pessoa na cama. *Foco, foco, não entre em pânico*. — Você vai ficar bem. Por favor, abra seus olhos.

— Hook? — Elu sussurrou.

Ayla franziu a testa, ela não sabia o que era Hook. — Por favor, abra os olhos — disse novamente, sem saber o que mais fazer. — Por favor.

— Ayla — disse Crier de repente. — A porta–

–abriu

— Procurei vocês duas em todos lugar — disse uma voz familiar atrás de Ayla.

O coração de Ayla bateu no chão. Ela se virou, alcançando sua faca, apenas para ter o rosto cheio de – alguma coisa, uma nuvem de poeira, uma névoa amarelada obscurecendo sua visão. Sua cabeça estava girando de novo, dez vezes pior do que antes. O chão estava balançando, as paredes, a sala se equilibrando como uma balança, balançando para frente e para trás em um ritmo nauseante.

A última coisa que Ayla viu foi um par de olhos, brilhando como os de um gato na luz vermelha bruxuleante.

Kinok as havia encontrado.

Determinou-se, então, que a única grande falha da humanidade era essa "emoção". Se os humanos não fossem governados pela emoção – governados, em suas próprias palavras, pelo "coração" em vez da mente – se a emoção fosse removida da equação – então o Intelecto poderia preencher o vazio deixado para trás; Intelecto, a base de todas as conquistas e avanços científicos, políticos e culturais. Os quatro Pilares da alma humana, a matéria prima, Intelecto, Orgânica, Paixão e Emoção (ou, segundo alguns relatos, Intuição) e foi decidido pelos Criadores – após meses de debate – que os dois últimos Pilares devem, como membros doentes, ser amputados para o bem do corpo. Apenas o Intelecto e o Orgânico permaneceriam.

No lugar de Paixão e Intuição, os Criadores escolheram dois traços muito mais inclinados a resultar no progresso do tipo Automae, o progresso de uma sociedade unificada, todas as mentes trabalhando em direção ao mesmo futuro glorioso, desimpedidos pela névoa da Emoção. Os Quatro Pilares que formariam a matéria prima Automae seriam então: Intelecto, Orgânica, Cálculo e Razão. Foi decidido. E assim foi.

—DE A FORMAÇÃO DOS QUATRO PILARES, DE ELIRA DA FAMÍLIA NESTON, 782510832, ANO 5 EA



16

Crier acordou primeiro e passou a hora seguinte ouvindo os batimentos cardíacos de Ayla.

Estavam em algum tipo de cela, uma pequena sala esculpida diretamente na montanha, chão de paredes de pedra áspera, uma única janela com fenda de flecha perto do teto fornecendo luz avermelhada baixa o suficiente para que pudesse discernir as feições de Ayla. Ambas estavam amarradas à parede, os pulsos presos em algemas de ferro grossas o suficiente para conter um Automa. Crier de um lado da cela, Ayla do outro, o comprimento de uma pessoa entre elas. Espaço suficiente para que Crier não pudesse alcançar Ayla, mesmo puxando as correntes ao limite.

Então ela ouviu os batimentos cardíacos de Ayla.

Como o resto do Coração de Ferro, o ar cheirava a fumaça e cobre. Era enjoativo, lacrimejante; não deviam estar muito longe da forja. O batimento cardíaco de Ayla era lento e uniforme. Crier fechou os olhos, se concentrando nisso, deixando todo o resto desaparecer. Ela se lembrou daquela manhã na floresta, meses atrás, sua Caçada. Parada sob um teto alto de folhas mortas farfalhando, uma toca de coelho em algum lugar sob seus pés. Quatro pequenos batimentos cardíacos. Naquela época, o mundo cheirava a sujeira e coisas verdes, começos, o inverno que se aproximava, e Crier era filha do Soberano Hesod, noiva de Kinok. Naquela época, o ar estava frio e claro, e ela sufocava.

A respiração de Ayla era como o mar de Steorran. Um empurrão e um puxão. Antigo, primordial. O ritmo mais antigo, a primeira música.

Havia sangue na boca de Crier. Dela mesma. A textura era diferente, mais fina e oleosa que o sangue humano. O gosto provavelmente era diferente também. O batimento cardíaco de Ayla havia acelerado. Os olhos de Crier se abriram e ela viu Ayla se mexer, os dedos se contraírem. Ela estava enrolada de lado, o cabelo caindo em seu rosto. Havia longas marcas de garras feitas pelas unhas de Rosi acima e abaixo de seus antebraços.

Ayla fez um barulhinho. Seus olhos se abriram.

— Olá. — disse Crier, tentando não soar histérica.

As sobrancelhas de Ayla se franziram. Ela piscou uma, duas vezes. — . . . Crier?

— Sim.

— O que está acontecendo?

— Kinok nos encontrou. Ele usou um pó para nos deixar inconscientes. Agora estamos em uma cela, possivelmente em algum tipo de masmorra, embora não muito longe da forja de pedra-coração.

— Nn — Ayla mudou de posição novamente, gemendo. — Você fala estranho quando está nervosa.

— Eu?

— Ainda mais . . . formal. Mais, destacado. Não sei.

— Oh — disse Crier, considerando isso. — Suponho que isso faça sentido. Pode ser um mecanismo de defesa.

— Você estar nervosa está me deixando nervosa.

— Você provavelmente deveria estar — Crier disse. — Estamos em uma posição muito ruim.

Ayla se apoiou em um cotovelo, estremecendo. — Entrar em pânico não vai ajudar em nada.

— Eu não estou em pânico. Estou bastante calma, na verdade. Minha frequência cardíaca é metade da sua; eu tenho regulado. No entanto, eu estava um pouco preocupada que você não fosse acordar.

— Queria não ter acordado — disse Ayla, totalmente ereta agora, recostando-se na parede de pedra. — Parece que há um daqueles seus gigantes na minha cabeça. Da história com as crateras e o ouro. Pisando por aí. Vai quebrar meu crânio.

— Bem, você está ferida.

— Sim, obrigada, eu dei uma cabeçada em uma montanha. Não vou esquecer disso tão cedo. Ah. — Ela tocou a têmpora, parecendo aliviada quando seus dedos não ficaram vermelhos. — Horrível. Certo. Temos um plano? Estou supondo que você não pode se soltar a força dessas algemas.

— Eu tentei — disse Crier.

— Mesmo? Gostaria de ter estado acordada para ver isso — disse Ayla, depois pigarreou ruidosamente. — Se isso não é uma opção . . . então o quê?

Crier balançou a cabeça. — Não há janelas viáveis, a porta é quase consistente e não há maçaneta por dentro. Mesmo se houvesse uma, eu não poderia alcançá-la sem quebrar as correntes, o que estabelecemos que é impossível.

— Droga. Talvez...

—*Shh*— , chiou Crier, o coração pulando em sua garganta. Ela podia ouvir passos do lado de fora. Conhecia esses passos. — Finja que está inconsciente.

Scyre Kinok entrou na cela. Ele deu uma olhada para Ayla e disse: — Eu sei que você está acordada, serva.

Ayla abriu os olhos e o fulminou com o olhar, a imagem da rebeldia mesmo acorrentada a uma parede, com sangue seco na têmpora, coberta de poeira e marcas ensanguentadas de garras.

Os olhos de Kinok se voltaram para Crier, evidentemente ignorando Ayla. — Lady Crier — disse ele. — Senti sua falta no nosso casamento. Você me fez passar por idiota.

— Você merece pior — cuspiu Crier. A palavra *casamento* trouxe à tona todas as lembranças daquele dia: se sentar em silêncio enquanto as servas corriam em volta dela, ornamentando-a. Chamar Faye, implorar para que ela entregasse uma carta desesperada. Crier sentiu a raiva dentro dela se solidificando, o aço derretido em forma de lâmina. — Eu sei tudo que você está fazendo, Kinok. Eu sei que você está procurando por Turmalina. Eu sei que você tem envenenado seus próprios seguidores com Sombra Noturna – embora isso tenha sido um erro, não é? Uma experiência fracassada? — Seu rosto permaneceu impassível, mas Crier não achou que ela tivesse imaginado o brilho de aborrecimento em seus olhos. — Eu sei que você quer destruir o Coração de Ferro. Para tornar nossa espécie dependente de você e apenas de você. Eu não vou deixar você fazer isso.

Não iria?

Ontem, teria feito qualquer coisa para impedi-lo. Mas . . .

Essa sala.

Os corpos.

O sangue escorria lentamente de suas veias.

Pedra-coração era uma gema vermelha, extraída da terra e imbuída de energia alquímica. Todo mundo sabia disso.

— Você não vai me deixar? Palavras ousadas de uma garota acorrentada — disse Kinok preguiçosamente. — Sua ingenuidade continua me decepcionando, Lady Crier. É um desperdício de sua inteligência. É um desperdício de sua razão. Você poderia ter se juntado a mim, sabe. Você ainda pode. Eu sou muito indulgente. — Ele se agachou, ao nível dos olhos dela, aquele olhar dissecante novamente. — Eu conheço você, Lady Crier. Eu li todos os ensaios que você já escreveu. Você queria desesperadamente entrar para o Conselho Vermelho, não é? Eventualmente assumir o trono de seu pai? Somos mais parecidos do que você pensa. Ambos queremos poder, Lady Crier. A diferença é que eu sei como tomar.

Crier mordeu a língua. Ela o observou com firmeza, recusando-se a mostrar fraqueza; não lhe daria essa satisfação.

— Não é tarde demais para você — ele continuou. — Junte-se a mim e você será muito mais poderosa do que seu pai jamais foi. Aquele velho tolo, fazendo seu ninho nos ossos de uma civilização morta. *Tradicionalismo.* — Ele falou como uma maldição, como se tivesse um gosto horrível. — Ele não tinha visão. Nenhum conceito de inovação. Imagine o que poderíamos criar juntos, Lady Crier. Imagine: Belas cidades Automae livres de sujeira. Nossa espécie, governando como deveria. Os humanos são criaturas tão básicas. Cães rolando em seus próprios excrementos. Não há esperança para eles; seu crescimento há muito estagnou; sua era acabou. Mas para nossa espécie . . . não há nada além de glória em nosso futuro. Glória eterna. Glória imortal.

— Você quer matar todos eles — ela disse, oca. *E então ser rei. Para sempre.*

— Não, não todos. E eu não preciso matá-los. O banimento seria o suficiente. Deixe a Rainha Louca ficar com eles, ela os ama tanto.

— Você é nojento — ela disse, encontrando seus olhos. — Você não é nada como eu.

— Oh? — Ele fingiu surpresa. — Por favor me esclareça.

— Não quero poder — disse Crier. — Não é por isso que eu queria me juntar ao Conselho Vermelho. Eu não me importo em ser poderosa. Eu quero tornar as coisas *melhores*. Eu quero criar um mundo mais gentil. — suas mãos tremiam, sua mente estava clara. — Seu sonho é monstruoso. Você não se importa com quantos morrem, não se importa com quem você esmaga sob os pés. Eu nunca vou me juntar a você. Vou lutar com você até meu último suspiro.

Kinok olhou para ela por um longo momento. — Lady Crier, não é seu último suspiro que me interessa. É tudo o que vem antes. — E ele desembainhou a espada em seu quadril, aço brilhando vagamente na luz avermelhada, e a girou em um arco. Crier ficou tensa, se preparando.

Mas não era Crier na ponta da lâmina de Kinok.

Era Ayla.

A ponta da espada estava pousada no oco de sua garganta. Ainda não tinha tirado sangue.

— Não — disse Crier. Sua própria voz era estranha aos seus ouvidos, soando monótona e morta. Ela não conseguia desviar o olhar da ponta da espada, metal frio na pele delicada da garganta de Ayla. Ayla respirava com dificuldade, imóvel como uma Automa. — Scyre, vou negociar com você.

— Patético, como isso foi fácil — disse Kinok. Ele estava olhando pela lâmina para Ayla, os olhos semicerrados. Tão irritantemente calmo. — Verdadeiramente patético. Isso é o que acontece quando você . . . se junta com humanos. Você se tornou tão fraca, Lady Crier. Mesmo um quinto pilar não poderia torná-la tão fraca.

— Eu sei que isso foi uma mentira — disse Crier. — Eu sei que você forjou as plantas. Para me chantagear.

— No entanto, o resultado é o mesmo. Você é *fraca*.

Sangue no ar. Ele tinha cortado a pele. Não muito profundo. Apenas algumas gotas de sangue, vermelho e humano.

— Sabe de uma coisa? — Kinok disse suavemente, quase para si mesmo. — Acho que vou arrancar o coração dela.

— Não — disse Crier, e dessa vez ela puxou as correntes. — Não, me leve. Você pode – você pode me usar contra o soberano. Meu pai. Você pode me usar como alavanca contra meu pai.

— Crier, *não*— disse Ayla, mal movendo os lábios.

Kinok nem olhou para Crier. — Você acha que seu pai arriscaria tudo, qualquer coisa, para salvá-la? Você o fez de bobo.

— Eu – eu ainda sou filha dele.

— Ah. Não, não exatamente. Ele já está substituindo você. As plantas de Lady Yarrow estão sendo projetadas enquanto falamos. Ele nem esperou um dia. Nem um único dia depois de você fugir, Lady Crier. Antes de mandar chamar as parteiras. — Ele traçou a ponta da espada pelas asas da clavícula de Ayla, bateu levemente em seu esterno, sobre sua camisa. Nenhum sangue. Ele estava brincando com ela. Saboreando seu medo. — O Soberano Hesod nunca se importou com você, Lady Crier. Ele certamente não te *amava*. Você foi Criada para servir a um propósito e falhou em fazê-lo. Que uso você tem para ele? Qual vantagem?

Apesar de tudo, isso doeu. Crier pensou que havia se separado de seu pai, renunciado a ele inteiramente, mas havia uma parte dela

que sempre seria a criança recém-construída e desengonçada o seguindo, se arrastando atrás dele pelos corredores de mármore branco e ouro, lhe fazendo perguntas, pedindo tinta e pergaminho, perguntando sobre o Conselho Vermelho, sentada em seu escritório com uma pilha de livros, ansiosa para suas caminhadas lentas pelos jardins de flores e pomares de macieiras. Havia uma parte dela que nunca parou de desejar sua aprovação, sua confiança, seu *respeito*. Essa parte não foi tão facilmente reprimida.

— Garota inútil — Kinok disse a ela. — Garota amolecida, apodrecida e inútil. Vou arrancar o coração da sua serva do corpo dela, e você vai assistir.

—*Não* — disse Crier, a palavra arrancada dela. Ela se jogou para frente, todo o peso de seu corpo, tudo o que tinha, lutando contra as correntes. Kinok estava erguendo a espada, se preparando para cortar. Isso não aconteceria. Isso não poderia acontecer; Crier não permitiria. Sua mente deu lugar a um objetivo singular: puxar as correntes da parede de pedra. Ela lutou contra elas. Parecia que seus braços iam se deslocar, arrancar das órbitas. Ela puxou. Ele estava sorrindo. Ele estava prestes a arrancar o coração de Ayla e sorria.

Ela ouviu o som de pedra quebrando. Pequenas fissuras na casca de ovo, aumentando...

Então, mil vezes mais alto, o som agudo de um carrilhão.

Crier e Kinok congelaram em uníssono. O carrilhão foi tão alto que Crier ofegou, desejando que pudesse tapar os ouvidos; estava reverberando em seu crânio. Era um barulho alto e nauseante, como unhas em ardósia, tão alto que parecia sacudir as paredes. Então – passos no corredor fora da cela. Quantos – uma dúzia? Movendo-se rapidamente em pânico.

A porta da cela se abriu com um ruído de ferro na pedra. Um Vigia estava parado na porta.

— O que em *todos os infernos* — Kinok rosnou. Sua expressão era uma combinação de fúria fria e incrédula.

— Houve uma violação, Scyre — disse o Vigia, se encolhendo diante da fúria de Kinok. — Os prisioneiros estão fugindo. O Coração foi comprometido.



17

O *quê?* — Kinok rosnou, e Ayla apertou os lábios para não fazer barulho quando a mão dele sacudiu e a ponta da espada deslizou para o lado em sua clavícula. — O que você quer dizer com houve uma violação?

— No setor oeste. Os prisioneiros humanos foram libertados de fora. E – providos de armas.

— Por *quem*?

inara havia feito alguma coisa? Ayla nunca tinha visto Kinok assim. Sua compostura havia se quebrado; ele tinha os olhos arregalados, a boca uma linha fina como um corte de faca, a voz áspera e furiosa. O cientista frio e calculista se fora. Em seu lugar estava o que só poderia ser descrito como uma criança tendo um ataque.

— Não temos certeza, Scyre — disse o Vigia. — Eles dominaram os Vigias do setor oeste e roubaram uma Bússola de Ferro. Quando descobrimos o que havia acontecido, já haviam chegado ao labirinto. Estamos tentando rastreá-los...

— *Cale a boca* — Kinok disparou. Ele se endireitou, olhando para Ayla por um segundo. Ela praticamente podia vê-lo tentando decidir se deveria apenas matá-la agora e acabar com isso ou esperar até mais tarde, quando poderia prolongar por muito tempo como queria, quando poderia fazer Crier assistir a tudo, uma dissecção doentia. *Eficiência... ou controle?*

Ela sabia qual ele escolheria.

Com certeza, Kinok embainhou a espada. — Mais uma vez, sou forçado a limpar sua bagunça — disse ao Vigia. — Ultrapassado por uma dúzia de humanos. Você desonra nossa espécie. — Ele saiu da sala, o Vigia em seus calcanhares, e a grossa porta de ferro se fechou atrás deles.

Ayla e Crier estavam mais uma vez sozinhas.

— Você está . . . — disse Crier. Sua voz estava rouca de implorar pela vida de Ayla. — Você está sangrando.

Ayla assentiu. Ela estendeu a mão, correndo dois dedos ao longo de sua clavícula. Não era um corte muito profundo e nem doía muito. Apenas uma dor surda e latejante. Ela ergueu os dedos, com as pontas vermelho escuro, quase preto pela penumbra da cela. Os rebeldes haviam escapado e já estavam no labirinto, abrindo caminho. Não sabiam que Ayla e Crier também estavam presas no Coração.

Ninguém sabia.

Ninguém estava vindo atrás delas.

O ar cheirava a fumaça e sangue, e elas estavam presas nesta minúscula cela escura, e ninguém estava vindo atrás delas.

Ayla não percebeu que sua respiração se acelerou até ouvir Crier dizer seu nome, exceto que parecia que Crier estava chamando através de uma grande massa de água, ou através de uma névoa densa, ou através de um túnel, oco e ecoando assim.

Ela pressionou as mãos sobre os ouvidos e fechou os olhos com força, tentando se acalmar, mas parecia que metade de sua mente

estava em outro lugar, um pedaço de papel apanhado pelo vento. Carregado desde aquele dia.

Aquele dia. Aquele dia.

No banheiro externo, o banheiro minúsculo escuro como breu, o cheiro de fumaça, sangue e merda humana. Mijo velho e azedo. Esperando Storme voltar. Gritos lá de cima, gritos e o som de uma vila em chamas, o rugido do fogo e o grande estalo de telhados caindo. Esperando Storme voltar. Saber que ela tinha acabado de ver seus pais massacrados, mas não conseguia acreditar, porque como eles poderiam estar mortos? Como poderiam estar mortos de verdade, para sempre?

Esperando que Storme voltasse para buscá-la. Esperando e esperando e finalmente aceitando que ele não viria, ninguém viria.

Rastejando para cima e para fora, caindo uma vez, aterrissando com força no chão úmido e fétido . . .

Ayla, alguém estava dizendo. *Ayla*. Agora ou antes? Isso importava?

Ambos os resultados seriam os mesmos.

Exceto que desta vez ela não escaparia. E ela não estava sozinha. Ambas morreriam aqui.

Eu não quero que você morra, ela pensou vagamente. *Eu não... eu não quero que você morra. Crier, eu quero que você viva.*

— Ayla!

O grito a fez abrir os olhos. Ela se sentiu tonta, sua cabeça estava girando. Escuridão nas bordas de sua visão como chamas devorando papel. *Storme não tinha vindo.*

— Ayla, preciso que você se acalme — disse uma voz familiar. — Ayla, você precisa respirar.

Não posso, tentou dizer, mas não saiu nada. Seu rosto estava molhado. Sangue? Não, era sal em seus lábios. Ela estava chorando, o que uma parte dela achou humilhante, mas principalmente, simplesmente não conseguia respirar, não conseguia falar, seu peito estava muito apertado. Como se alguém tivesse aberto sua caixa torácica, enfiado a mão dentro dela e enrolado os dedos frios em seus pulmões.

— Ayla. Ayla, por favor, tente respirar. Acho que ele está voltando, ouço passos. Você tem que se acalmar. — A voz de Crier

era baixa e tensa, como se ela estivesse falando com os dentes cerrados. — Ayla, vou tirar a gente daqui, juro, mas preciso que se acalme. Apenas tente respirar. Lentamente, dentro e fora.

Respire. O cérebro de Ayla estava tremendo, chacoalhando. Ela ainda estava lá *ainda estava lá*, escondida na latrina. Ela estava trancada dentro dele, naquele caixão terrível, desde então.

Ela nunca saíra. Não realmente.

Ninguém nunca tinha vindo por ela.

Crier engasgou e ouviram um ruído violento, o ruído de metal batendo na pedra.

Uma figura entrou na cela. Havia algo familiar na largura daqueles ombros, naquela silhueta. Ayla semicerrou os olhos na escuridão e na névoa de suas próprias lágrimas.

A figura deu mais um passo à frente. A luz da janela alta e estreita iluminou seu rosto.

Por um momento, Ayla pensou que ela estava tendo alucinações. Ou ela desmaiou e isso era um sonho. Porque na sua frente estava *Storme*. Ele era um homem agora, mas na luz vacilante, ela poderia jurar que havia dois dele, um sobreposto ao outro, uma marca desbotada, um pequeno fantasma. Um garotinho. Com apenas nove anos. Ayla piscou e a criança-Storme desapareceu, mas o mais velho não.

— Você veio — ela respirou.

Storme soltou um suspiro engraçado, quase uma risada, triste nas bordas. — Eu vim. Desculpe ter demorado tanto.

Ayla o observou, seu irmão, seu gêmeo. Ele parecia um pouco pior pelo tempo, o cabelo emaranhado com sujeira ou sangue, um arranhão desagradável em uma bochecha. Mas ele estava inteiro e vivo, e estava aqui. Ele tinha vindo por ela. — Não, você está... você chegou bem na hora, eu acho — ela disse fracamente. — Mas *como*?

— Explicarei mais tarde — disse ele.

— Você — disse Crier, e Ayla finalmente desviou os olhos do irmão. — Você . . . você era o conselheiro da Rainha Junn. — Ela parecia atordoada.

— Ainda sou, na verdade — disse Storme, se agachando diante delas. — Olá de novo, Lady Crier. Que lugar terrível para uma

reunião. Temos que sair daqui antes que os Vigias cheguem.

— Estou acorrentada a uma parede — disse Ayla.

— Sim, eu pensei que você poderia estar. Espere. — Ele remexeu em uma pequena bolsa em seu quadril e Crier lançou a Ayla um olhar de profundo espanto que teria sido engraçado em qualquer outra circunstância.

— Vocês já se conhecem? — Disse ela, os olhos disparando entre Ayla e Storme.

— Você poderia dizer isso — disse Ayla. — Ele é meu irmão gêmeo.

Os olhos de Crier se arregalaram. — Seu...? E ele está vivo?

— Até agora — disse Storme, que borrifava uma espécie de pó branco nas algemas de Ayla. Em seguida, ele tirou uma caixa de isopor.

— Seu plano de fuga brilhante é explodir minhas mãos? — Ayla guinchou.

Ele revirou os olhos. — Eu não vou explodir suas mãos. Você pode ficar parada por um segundo? Os Vigias vão aparecer a qualquer minuto. Nosso desvio no setor ocidental só os distraírão por algum tempo.

— Estrelas e céus — murmurou Ayla. — Bem. Certo. Por favor, pelo amor de todos os deuses e mais alguns, *por favor* tenha cuidado.

— Seu irmão gêmeo morto está vivo e também é conselheiro da rainha de Varn — disse Crier, atordoada.

— É uma longa história — disse Ayla. — Eu te conto mais tarde, prometo.

— Calem a boca, vocês duas, parem de me distrair — disse Storme. — Quase . . . *ah*. Se prepare, Ayla.

Em pânico, Ayla fechou os olhos com força. Havia um cheiro estranho, como fumaça forte e amarga, então um barulho como uma dúzia de cobras sibilando ao mesmo tempo. Em seguida, uma onda de calor em seus pulsos internos, doloroso o suficiente para que ela prendesse a respiração – e as algemas de ferro se abriram como conchas de ostra, liberando outra onda de fumaça assim que ela ousou abrir os olhos. Elas caíram de seus pulsos, fazendo barulho no chão de pedra.

— Oh — disse Ayla. — Bem, tudo bem.

Storme bufou. Em um minuto, ele repetiu o mesmo processo com Crier.

— Vamos sair daqui — disse.

Esfregando os pulsos doloridos, Ayla se levantou. Crier ainda estava agachada; parecia um pouco chocada. Ayla se abaixou, estendendo a mão. — Vamos, Apenas Crier — disse ela. — Hora de ir.

Os olhos escuros de Crier pousaram na mão de Ayla. Ela a pegou, e Ayla a puxou para cima e… houve um momento em que Crier estava de pé sobre ela, muito perto, e Ayla ergueu o queixo para encontrar o olhar de Crier. Suas mãos estavam entrelaçadas entre elas.

— Vocês podem, *por favor* — Storme sussurrou da porta.

Elas o seguiram, saindo da cela e entrando no corredor de pedra escura além, e elas não se soltaram.

Storme as conduziu pelas veias do Coração. Estava claro que *algo* estava acontecendo – eles continuavam ouvindo o que parecia ser uma explosão distante.

— Esse será o desvio — disse Storme. Enquanto corriam, ele explicou: — Eu e a rainha Junn estamos de olho nessas montanhas há anos. Estivemos espionando os Vigias, rastreando os carregamentos de pedra-coração, tentando pra caramba encontrar o próprio Coração. Tentando encontrar um caminho para dentro. Mas não estávamos apenas espionando os Vigias. Junn sempre soube que Kinok seria uma ameaça maior do que qualquer um já acreditou. Desde o início, desde os primeiros sussurros sobre ele o seu posto como Vigia do Coração, ela sabia. Ela disse: *Ninguém faz algo assim a menos que tenha algo mais planejado. Algo muito maior* .

Ele as conduziu por um corredor tão estreito que tiveram que andar de lado, avançando lentamente ao longo da parede. — Atalho, desculpe. De qualquer forma. É por isso que fizemos aquele 'tour diplomático', é por isso que visitamos o palácio do soberano. Para observar Kinok. Talvez você já saiba disso, Lady Crier.

Eles emergiram do atalho e o estômago de Ayla embrulhou – havia pessoas esperando por eles do outro lado. Mas estavam vestidos de verde, o verde esmeralda da rainha, a crista da fênix em suas gargantas. Três humanos, dois Automae, todos sujos, os humanos ofegantes e ensanguentados.

— Conselheiro Storme — disse um dos Automae. — Os prisioneiros humanos foram entregues em segurança. Apenas dois dos nossos caíram. Viemos resgatá-lo.

— Espere — Ayla deixou escapar. — Quais prisioneiros humanos?

O Automa lançou um olhar estranho para ela. — Eu acredito que eles foram capturados hoje cedo. Da passagem na montanha.

Ayla e Crier trocaram um olhar. — Existem outros — disse Ayla. — Nem todos estão vivos, mas – há esta sala em um corredor logo depois da forja, redonda como uma escotilha. Existem humanos lá dentro. Eles estão sendo torturados, estão gravemente feridos e precisam de ajuda. Por favor — ela se virou para Storme. — Por favor. Vou sozinha se for preciso.

— Iremos sozinhas. — disse Crier.

Storme balançou a cabeça. — Encontrem a porta redonda — ele instruiu os dois Automae. — Resgatem qualquer um que ainda esteja vivo. Vamos esperar por vocês na pedra do mar.

— Sim, senhor — disseram em uníssono, e voltaram pelo corredor, silenciosos como sombras.

Outra explosão sacudiu o corredor, mais perto agora. Ayla apertou a mão de Crier, por reflexo, e tentou manter a expressão firme quando Crier apertou de volta imediatamente.

— Muito, *muito* tempo para ir — disse Storme. — Não estamos muito longe agora. Eu vou liderar. Bell, Rina, acompanham as meninas. Neven, atrás.

— Sim, Conselheiro Storme — os humanos disseram.

Eles só deram mais alguns passos quando o mundo inteiro se separou.

O chão balançou sob seus pés, fazendo com que todos se espalhassem, mesmo quando uma grande onda de calor os atingiu por trás. Girando a cabeça, Ayla não percebeu o que estava

acontecendo até que Storme engasgou: — Não somos nós. *Não somos nós.*

BOOM.

Desta vez, as paredes sacudiram com a força da explosão. Pedaços de rocha choveram sobre eles de cima, e veio uma segunda onda de calor, tão quente que Ayla pensou que poderia chamuscar suas roupas. Ela lutou para ficar de pé, cuspindo rosa onde havia mordido a língua. Seus tímpanos estouraram; todo o som foi abafado. — Se não é você, então quem? — ela gritou.

— Kinok — disse Crier com os olhos arregalados. — Ele está indo em frente.

— Indo em frente com o *quê*?— Storme perguntou, tossindo.

— Destruindo o Coração de Ferro.

BOOM. Ayla permaneceu de pé apenas porque Crier estava segurando sua mão. Ela cambaleou, tossindo, o ar denso com pó de rocha.

— Corram! — Disse Crier. — *Corram!*

Foi uma loucura. Cegos por nuvens de poeira, pele queimando com cada nova onda de calor, eles correram. Ayla perdeu a noção de tempo e lugar, sabia apenas que precisava continuar perseguindo a voz de Storme. O calor queimou sua garganta e pulmões. A certa altura, ela ouviu o túnel desabando atrás deles, um deslizamento de pedras, pedra esmagando e raspando em pedra – ela tentou se virar para ver se estava perto, mas Crier a puxava para frente.

Por fim, emergiram. A entrada se fundia perfeitamente com a pedra manchada de líquen da encosta da montanha. Ayla não sabia exatamente quanto tempo havia passado desde que ela e Crier encontraram o caminho para o Coração, quanto tempo ficaram inconscientes naquela cela, mas já passava da meia-noite agora, as horas liminares azul-escuras pouco antes do alvorecer. As montanhas estavam quietas com a noite, os únicos sons eram o canto dos insetos e os pios dos pássaros distantes, mais abaixo na montanha onde coisas verdes agarraram a rocha. Então – BOOM. Um rugido de fogo, um grito de terra; Ayla viu um bando de pássaros decolar, aterrorizados, para o céu noturno.

— Veja! — Disse Crier, apontando.

Bem no alto, no pico da montanha, uma torre de fumaça. Pálida contra a noite, cresceu nas estrelas. Sem fim. Ayla ficou em silêncio, apenas observando. Seu batimento cardíaco era um motim; ela podia sentir isso pulsando em seus ouvidos entorpecidos e zumbidos. Certa vez, a luz do sol havia chegado ao Coração de Ferro. Alguma rachadura na montanha, uma alfinetada se abrindo naquela enorme caverna. Agora, a fumaça subia.

— Ele fez isso — disse Crier. Seus olhos estavam vidrados. — Essas explosões. Toda aquela fumaça. Eu não posso acreditar que ele realmente fez isso. Destruído. Oh deuses. — Ela olhou para Ayla, procurando. — Oh deuses, e agora?

E agora? Para onde diabos vamos a partir daqui?

— Não sei — sussurrou Ayla. — Eu não sei.

— Nós sabemos que veia era essa? — Storme perguntou à mulher Rina cerca de uma hora depois, enquanto o grupo descia mais a encosta da montanha, longe da fumaça que ainda aumentava. Rina tinha um mapa, o segurando alto para capturar a luz da lua. Um mapa do Coração de Ferro, pensou Ayla, com vontade de rir. Ela e Benjy haviam passado muito tempo obcecados por tal coisa no palácio do soberano, convencidos de que era a chave para a Revolução. A chave para tudo. Bem, aqui estava. Recém destruído.

— Ei — murmurou Crier.

Elas ainda estavam de mãos dadas. Elas não se soltaram, nem mesmo uma vez. A mão de Ayla estava suada; havia sujeira e suor e provavelmente sangue escorrendo em suas palmas, mas ela não queria perder esse ponto de contato. Esse ponto de calor, solidez, no meio de uma coisa enorme e assustadora. A máquina de guerra. Kinok versus Rainha Junn versus – o soberano? A rebelião humana? Ambos?

Ayla ergueu os olhos para Crier, que já estava olhando para trás. — Ei.

— Estou feliz por termos saído com vida — disse Crier.

— Não pense que esqueci o que você fez — disse Ayla em voz baixa. — Oferecendo sua vida em troca da minha. Eu vou te dar um sermão por isso mais tarde. Depois de dormir bem.

— Eu não esperaria nada menos. — Sua boca se contraiu, um pequeno sorriso torto, não exatamente, e Ayla sentiu seu próprio coração bater no peito.

Ela mudou seu aperto, entrelaçando seus dedos. — Eu poderia ter derrubado ele. O desgraçado teve sorte de o carrilhão ter disparado quando disparou. Eu estava a dois segundos de revelar minhas habilidades de combate incrivelmente avançadas.

— Sim. Estou desapontada por ter perdido a chance de testemunhar seu movimento característico, "Contorção Agressiva".

Ayla não conseguiu evitar. Ela riu, exausta, mas de verdade. Quando se acalmou, Crier estava olhando para ela.

Então Crier ficou tensa, a mão se contraindo no aperto de Ayla. — Conselheiro Storme — ela disse. — Alguém está vindo.

Storme ergueu os olhos do mapa, mas não parecia nem um pouco preocupado. — Eu sei — disse ele. — Estou esperando por ela.

Ela?

Não, não pode ser, não aqui . . .

Mas quando uma figura a cavalo saiu das sombras, Ayla soube exatamente quem era.

Ao contrário do resto do grupo, a Rainha Junn parecia perfeitamente imaculada, como se estivesse sentada na sua própria sala do trono, em vez de nas costas de um pônei peludo de montanha no meio das montanhas de Aderos. Ela usava uma capa de seda prateada; parecia que estava envolta no luar. Seu cabelo estava preso em uma coroa de tranças pretas brilhantes. Havia *pérolas* em suas orelhas.

— Serva Ayla — disse a Rainha Junn levemente, como se continuasse uma conversa recente.

— É apenas Ayla, obrigada — disse Ayla. — Estou ficando muito cansado de ouvir todo mundo me chamando assim, há anos não sou uma serva. — Storme tossiu incisivamente e ela revirou os olhos. — Olá, *majestade*.

— Sempre um prazer, Ayla — disse Junn. — E... Lady Crier. Eu esperava ver você de novo.

— Apenas Crier, na verdade — disse Crier.

— Sim, claro — disse Junn. — A fugitiva. Estou satisfeita por sua lealdade não vacilar. Vamos indo então. Desejo alcançar a pedra do mar antes do amanhecer.

— Espere, — disse Ayla. — Espere, apenas... o que está acontecendo? Onde estamos indo?

Junn já estava afastando seu cavalo. — Sim, suponho que você tenha perdido muito nos últimos dias. Mas é muito para explicar agora, realmente, então me perdoe por lhe contar a versão resumida. Eu assumi o controle do palácio do soberano de Rabu. O próprio soberano é meu prisioneiro. Atualmente, o adorável Benjy está no comando. Venha — ela disse, acenando no caminho das rainhas. — Estamos indo para lá agora, e devemos nos apressar.

Os sussurros se transformam em gritos.

Os rumores são verdadeiros, meu amigo.

O Coração de Ferro foi destruído. As lojas de pedra-coração já estão se esgotando. Já nos voltamos para o entesouramento. Roubo. Quanto tempo vai demorar até que o roubo se transforme em assassinato?

Um novo medo vem à tona: o Conselheiro Paradem estava certo. Scyre Kinok é a única esperança de nossa espécie.

—DE UMA CARTA INTERCEPTADA PELA RAINHA JUNN DE VARN, DE MÃO VERMELHA MAR PARA MÃO VERMELHA ILLYAN DO CONSELHO VERMELHO DO ESTADO SOBERANO DE RABU



18

Três dias de equitação tinham cobrado um preço de todos eles. Era preferível viajar a pé, mas os reforços da Rainha Junn tinham apenas duas caravanas, ambas necessárias para transportar os prisioneiros libertados do Coração de Ferro. A maioria estava tão fraca que mal conseguia andar, muito menos ficar em pé sobre um cavalo por doze horas. Foram colocados em camas baixas, vigiados dia e noite pelos médicos da rainha. Crier vira Ayla visitá-los algumas vezes, à noite, quando o resto do grupo estava ocupado armando acampamento para a noite.

Crier não teve coragem de fazer o mesmo.

Não podia encará-los.

Sabendo o que sabia. Ou o que pensava que sabia. Cada vez que fechava os olhos, via aquela sala em detalhes assombrosos: a

luz vermelho-sangue, os vasos de pedra negra, os finos tubos prateados. Os dois humanos mortos. Crier nunca tinha estado tão perto de um cadáver antes. Foi tão chocante: a ausência de som. Ela estava tão acostumada a ouvir os batimentos cardíacos humanos, o sopro silencioso do oceano, que normalmente se desligava, deixava que desaparecesse no fundo como tantos outros ruídos mundanos. Quando ela se aproximou dos corpos pela primeira vez, levou alguns momentos para descobrir porque tudo parecia *errado*. Era como caminhar por uma floresta e perceber que todos os pássaros haviam parado de cantar. Se perguntando por quanto tempo você esteve alheio a isso, imaginando o que os tinha assustado até o silêncio. Crier vacilou, sacudiu a cabeça como se quisesse clareá-la. Um instinto bobo. Mas parecia que sua cabeça estava cheia de algodão. Um silêncio pesado e físico.

Então ela percebeu o que estava faltando.

Na primeira noite – depois de terem se reunido com a guarda da Rainha Junn na pedra do mar, que acabou sendo uma grande rocha esverdeada; depois de terem recebido seus próprios pôneis robustos da montanha; depois que os soldados da rainha voltaram com Dinara e o resto dos rebeldes humanos, que foram trancados em uma das muitas câmaras do Coração, e os prisioneiros da sala de sangue; depois de terem completado a longa e árdua caminhada montanha abaixo, que durou o resto da noite e a maior parte da manhã; depois que encontraram o resto do grupo da rainha na base da montanha, trocaram seus cavalos por outros novos e continuaram andando, cavalgando para um acampamento a algumas léguas de distância, alcançando-o assim que a escuridão caiu – depois de tudo, na primeira noite, Crier não conseguiu mais se conter. Sabendo muito bem que estava sendo imprudente, não encontrando energia para se importar, ela marchou até a tenda fortemente protegida da Rainha Junn e disse, alto o suficiente para que a rainha ouvisse: — Alteza. Eu gostaria de falar com você.

Ela esperou por uma dispensa. Mas um momento depois a aba da tenda levantou e Junn deslizou para o ar da noite, uma pequena figura vestida de azul profundo, se misturando com a escuridão. Seu cabelo estava solto sobre os ombros. Ela teve o cuidado de fechar a

aba da tenda atrás de si, cuidadosa para não deixar Crier ver mais do que um pedaço do que estava dentro. Crier se lembrou daquela noite que Junn passou no palácio do soberano, a noite que Crier vagou pelos corredores e ouviu ruídos suaves e cadenciados vindos do quarto de Junn, duas vozes ecoando. A rainha e seu conselheiro. Que escandaloso ter um amante humano, pensou Crier. Agora ela sabia que aquele amante era o irmão gêmeo de Ayla, há muito perdido. Era isso que a rainha estava escondendo em sua tenda?

— Venha, Crier — disse Junn, gesticulando para os guardas ficarem parados. — Se você deseja conversar, nós conversaremos.

Elas encontraram um afloramento de rocha na borda do acampamento, isolado o suficiente para que nem ouvidos Automae pudessem ouvir. Junn escalou a maior rocha, uma pedra iluminada pela lua em forma de casco de tartaruga, e acenou. Crier, um tanto perplexa, subiu para se sentar ao lado dela. Juntas, elas olharam para as colinas escuras. Bem no alto, a lua era minguante, um sorriso de dentes brancos.

— Fale — disse Junn.

A coragem de Crier vacilou. Ela estava com *raiva*. Por Reyka, estava com raiva. Ela queria confrontar Junn, exigir respostas. Passou semanas se preparando para este momento, esboçando discursos furiosos dentro de sua cabeça, pensando loucamente em justiça e remorso e Junn implorando por perdão, mas agora havia chegado o momento, e elas estavam cara a cara, e todas as palavras deixaram Crier imediatamente.

— Eu quero respostas — ela disse. — Você disse que éramos aliadas. Você pediu minha ajuda, você disse que deveríamos trabalhar juntas, eu... eu lhe dei nomes, Laone, Shasta e Foer, e você os matou, tudo bem, eu deveria ter esperado isso, eles eram muito próximos de Kinok, mas – de todos os nomes – eu nunca dei a você o *dela*.

— De quem — disse a Rainha Junn.

— Reyka!— Crier disparou. — A galinha vermelha desaparecida, Reyka, Conselheira Reyka. Você a matou sem motivo!

— Fiz o que era necessário — disse Junn.

— Matá-la não era necessário — chiou Crier. Ela sabia que estava sendo desrespeitosa e, se não tomasse cuidado, seria a

próxima Reyka. Mas a dor ainda era recente e, talvez ainda mais forte fosse a sensação de traição. — Ela estava *do nosso lado*. Ela vinha trabalhando contra Kinok em segredo há anos. Era nossa aliada e você a matou. Por quê?

— Ela foi descuidada — disse Junn, ainda terrivelmente *calma*. Seu semblante era um lago, a superfície serena, lisa como vidro. — Kinok estava atrás dela. Estava rastreando seus movimentos e tenho certeza de que já havia identificado vários de seus contatos. Até o soberano estava começando a descobrir, e ele sempre foi cego por sua própria arrogância. Homem tolo. Tão convencido de sua própria autoridade, ele descarta até os sinais mais óbvios de desafio. Suponho que você já saiba disso.

Crier não respondeu.

— Esta é uma guerra, Crier — disse Junn. — Seu único verdadeiro aliado é você mesmo. No momento em que Reyka começou a confiar nas pessoas erradas – ou a confiar demais nas pessoas certas – ela se tornou uma ameaça. Porque mesmo as pessoas certas ainda são pessoas, Crier. E todo mundo, *todo mundo*, tem um ponto de ruptura. Kinok é excepcionalmente bom em encontrá-los. O ponto de ruptura de Reyka era uma pessoa, e essa pessoa era mais vital do que a própria Reyka. Essa pessoa tinha que ser protegida.

Dinara. Ela devia estar se referindo a Dinara, mas a memória que piscou por trás dos olhos de Crier como uma vela apagada não era da filha de Reyka. Era da espada na garganta de Ayla. O filete de sangue. *Scyre, vou negociar com você.*

Sim. Todo mundo tinha um ponto de ruptura.

Crier se sentiu . . . embaraçada ou envergonhada. Ela se partiu tão rapidamente. Uma ameaça para Ayla, e Crier teria dado tudo de si para impedir. E ela sabia que se acontecesse novamente, agora, sua reação seria a mesma.

— Reyka era uma ameaça. Eu a eliminei. Não tive prazer em dar a ordem, mas não hesitei em dá-la. Isso não é um jogo. Uma coisa dita na hora errada, um deslize da língua, pode resultar em muito mais do que uma única morte. — Junn fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, a luz da lua suavizando os traços de seu rosto. Com os olhos fechados, ela parecia ter sua idade. Dezessete, talvez

dezoito agora. — Sempre estive disposta a trocar uma vida por milhares — ela murmurou. — Eu sou a Rainha Louca. Eu sou Junn, a Comedora de Ossos. Engraçado, não é, considerando que não sou eu a governante que queima aldeias inteiras. Não sou a governante que mata humanos por diversão. O que dizem sobre mim? Que eu me banho em sangue humano – esse boato ainda está circulando? Gosto desse.

— Como os rumores começaram? — Crier não pôde deixar de perguntar, a raiva se transformando em curiosidade. Ela nunca havia pensado muito na origem dos sussurros, apesar de sempre suspeitar que fossem exagerados, na melhor das hipóteses.

— Oh, eu os comecei — disse Junn.

— *O quê?*

— Eu me tornei rainha quando tinha dezesseis anos, Crier. Poucos dias depois que meu pai foi assassinado. O país estava um caos, os conselheiros do meu pai me achavam uma garotinha boba, as pessoas me achavam fraca e ingênua. O fato de meu pai sempre ter me mantido escondida dos olhos do público, para manter seu segredo seguro não ajudou — ela sorriu fracamente. — Claro, ele não sabia que eu estava escapulindo do palácio por anos. Mas estou divagando.

— Então . . . você começou os rumores para fazer as pessoas respeitarem você como líder?

— Não respeito. Medo. Achei muito mais útil a longo prazo.

— Entendo — disse Crier baixinho. Ela entendia o que Junn estava dizendo. Mesmo assim, sentada ao luar ao lado da Rainha Criança, ela pensou: *Esse não é o tipo de líder que eu gostaria de ser*. Então as palavras de Junn a alcançaram. — Seu pai manteve você escondida . . . para manter seu segredo seguro? Que segredo?

Em vez de responder, Junn enfiou a mão nas dobras de suas vestes e puxou uma faca.

Crier enrijeceu, mas Junn não fez nenhum movimento para atacá-la. Ela ergueu a faca, parecendo admirá-la, o luar transformando a lâmina em prata derretida. Então ela a abaixou para o outro antebraço. Antes que Crier pudesse reagir, Junn deslizou a lâmina por sua própria pele.

— Majestade... — Crier ofegou, embora a própria Junn parecesse calma. Ela limpou a lâmina de suas vestes azuis profundas e a guardou no bolso. Inclinou o braço para a luz.

Sangue vermelho escorria do corte raso em seu antebraço.

Sangue vermelho.

Crier ficou olhando, sem compreender.

— Todos veem apenas o que querem ver — disse Junn. — Humanos, Automae; Não importa. Somos todos iguais a esse respeito.

— Isso não é possível — disse Crier, embora as evidências brilhassem como rubis na pele de Junn. — Não há como você esconder isso. De todos. Por todos esses anos. Toda a sua vida.

— Mas escondi. — Junn ergueu seu braço, lambendo o riacho de sangue *humano* vermelho. — Não de todos. Minhas guardas pessoais sabem. Alguns conselheiros de confiança e anciãos da corte de meu pai. Meu Storme.

— Mas . . . seu batimento cardíaco. Seus olhos . . .

Junn sorriu. — Quando visitei seu palácio, você ouviu meu batimento cardíaco? Você observou meus olhos, esperando que eles brilhassem em ouro?

Não, ela não tinha.

A audição de Crier era forte o suficiente para captar qualquer batimento cardíaco em sua vizinhança imediata – então ela aprendeu a ignorá-los. Eles a distraiam. Informações de segundo plano desnecessárias. Ela não prestava atenção ao ritmo dos batimentos cardíacos ao seu redor, a menos que tivesse uma razão específica para isso. Os coelhos em sua toca. Veados na floresta. Ayla, sempre.

Crier tinha observado os olhos de Junn? Apenas no sentido de que, na época, os queria direcionados a ela. Ela queria que Junn olhasse para ela, falasse com ela. Mas estava esperando que os olhos de Junn brilhassem dourados à luz das velas no jantar? Não, que motivos teria para isso? Junn era Automa – não havia razão para acreditar no contrário, para procurar por sinais de engano.

— Você bebeu pedra-coração — disse Crier.

— Eu me acostumei com o gosto, embora me dê os sonhos mais estranhos.

— Seu pai era secretamente humano também?

— Não. Meu pai era Automa. Mas ele amava os humanos. Não como seu pai diz que nos ama, mas como você. Como eu. Por tudo que somos, tudo que não somos, tudo que podemos nos tornar. — Ela inclinou a cabeça para trás, expondo a garganta. — Pelo nosso amor. Nossa fúria. Pelo que criamos: histórias e cidades e até o último deus. Por nossos fantasmas. Por nossas canções de bebedeira. Porque . . . para cada ser humano que faz uma coisa monstruosa, milhares de outros se levantarão contra eles. Sempre nos matamos e nos salvamos. Protegemos uns aos outros. Lutamos por um futuro que não viveremos para ver. Meu pai amava os humanos, Crier. Quando ele foi reconstruído, ele conheceu uma garota humana, a filha de uma das Parteiras. Eles permaneceram amigos por anos e anos, embora ela não fosse ninguém e ele estivesse destinado a ser rei. Quando ela engravidou de um homem que ela não quis nomear, meu pai lhe deu cofres de ouro. Quando ela deixou o bebê recém-nascido com o médico e desapareceu durante a noite, ele criou a criança como se fosse sua. — Seus olhos estavam fechados, seu cabelo uma gota de ouro pálido pelas costas. — Ele me manteve em segredo de todos, exceto de um punhado de conselheiros, até eu ficar mais velha. Até que eu soubesse como me esconder à vista de todos.

— Mas você ainda escapou do palácio.

— Sim. Eu estava solitária, entende. No meu quarto, com meus livros. Eu queria conhecer minha própria espécie.

— E conheceu? — Perguntou Crier.

— Sim — disse a Rainha Junn, os olhos se abrindo novamente, o marrom claro das folhas caídas. — Muitos deles. Usei um nome falso, roubei pela cidade, bebi minha cota de vinho. No início, conheci um menino. Eu disse a ele que estava solitária. Ele disse que conhecia a solidão até os ossos. Disse que encontraria uma maneira de me fazer companhia mesmo quando eu voltasse para o palácio, e ele o fez. — Lábios manchados de vermelho com seu próprio sangue, sorrindo para a lua. — Ele me escreveu cartas.

Cartas de amor. Crier pensou nas muitas cartas que havia redigido e nunca enviado a Ayla. Ela pensou no amor, uma criatura que assumia formas infinitas, e se maravilhou que sua espécie

sempre procurou se livrar dele. Tinha pegado algo quente e verdadeiro e substituído por laços frios e sem amor, da mesma forma que eles pegaram o sangue vital dos humanos no Coração de Ferro e o transmutaram em cristal, esmagaram e beberam como vinho nojento. Crier não havia bebido nenhuma pedra-coração desde que descobrira a verdade sobre o Coração de Ferro, e agora, sob as estrelas, ao lado de uma jovem e cruel rainha humana, ela jurou nunca mais tomá-la. Ela encontraria Turmalina e sobreviveria assim, ou não. De qualquer maneira, ela não tocaria em pedra-coração. Melhor para seu corpo murchar do que sua alma. — Você ainda está solitária?— Perguntou Crier, sem realmente querer. — Mesmo depois de tudo? Mesmo agora que você pode deixar o palácio?

— Estou sempre solitária — disse Junn. — Meu coração, se eu tiver um, é uma casa de quartos e corredores vazios. Meus pensamentos e passos ecoam. Às vezes me sinto como hóspede em minha própria casa. Mas às vezes, os passos de alguém cruzam meu andar, e isso é o suficiente. Hoje em dia, eu me deleito em minha solidão. Eu ando pelos meus corredores vazios nua e cantando. — Seu sorriso não havia diminuído. — O que eu realmente queria era um motivo para ficar — disse ela. — E eu consegui o que queria.

Crier franziu a testa. — Ficar . . . no palácio?

— Hm. Em qualquer lugar — disse Junn. — Agora, o que é que você quer, Crier? Você escapou de sua gaiola dourada. O mundo é sua ostra. Sua pérola. Qual o próximo passo?

Qual o próximo passo?

Como ela deveria responder isso quando não tinha ideia do que o amanhã traria? Ela escapou de sua jaula uma vez, mas aqui estava ela, voando de volta para ela. De volta para o Soberano Hesod.

— Eu não sei — disse finalmente. Para a Rainha Junn, para a lua, para os corredores de seu coração. — Eu não sei.

Fazia apenas algumas semanas que Crier fugira de casa, e a parte dela que pensava que nunca voltaria esperava que parecesse completamente diferente. Que tivesse renascido e mudasse junto

com ela. Ela estava meio certa. Quando seu grupo atingiu o topo de uma colina e Crier viu toda a terra do soberano se espalhar diante dela – o próprio palácio, a pérola nos penhascos negros do mar de Steorran, aqueles quatro picos de mármore branco brilhando ao sol; os aposentos dos empregados, os estábulos e anexos, os pomares, os jardins de flores, os campos amarelos e, além de tudo, o mar – era como olhar para o próprio rosto no espelho e não reconhecê-lo. Crier cresceu neste lugar. Foi a primeira casa que conheceu, e ela conhecia cada centímetro daqueles corredores, cada tapeçaria e escultura, cada flor no jardim, cada livro na biblioteca. Mas era uma prisão também. Sua gaiola dourada. Como foi possível que algo fosse ambos? Mesmo agora, parecia as duas coisas.

Claro, não era exatamente o mesmo palácio que havia deixado. O pátio principal e metade dos campos estavam pontilhados de tendas brancas: a guarda real da rainha e aliados. Finos pilares de fumaça subiram de dezenas de fogueiras. Crier podia ver os soldados enxameando como besouros por todo o terreno – eram cerca de mil, de acordo com Junn.

Chegaram ao pátio em uma hora, e cavalgar pelo acampamento improvisado do exército era ainda mais estranho do que vê-lo de longe. Havia uma grande tenda armada do lado de fora das portas do palácio, e Crier viu médicos e parteiras correndo lá dentro. O ar estava denso com o cheiro de fumaça, carvão e carne cozinhando, e o som de mil soldados gritando e conversando. Em todos os lugares, as pessoas estavam se preparando para a batalha.

Kinok estava chegando. Ele já havia destruído o Coração, se posicionando como a única chance de sobrevivência. O único que conseguiu encontrar Turmalina. Seu próximo movimento, Crier sabia, seria assumir o trono de Rabu. Estabelecer-se como rei. E dizer ao mundo inteiro para se ajoelhar.

Cavaleiros varnianos haviam rastreado ele e seu exército – seus seguidores, o Movimento Anti-Dependência, um mar de braçadeiras pretas – enquanto marchavam das montanhas Aderos para o leste, nunca muito atrás do grupo da Rainha Junn. Nunca muito atrás de Crier.

Ele estava vindo para ela.

— Majestade — ela disse depois que entraram no palácio e seguiram para o grande salão, depois que a Rainha Junn pediu pão, cerveja e pedra-coração. Crier se aproximou dela, sentindo o olhar questionador de Ayla em suas costas. — Sua Alteza. Eu tenho um pedido.

— Você e seus pedidos — disse Junn, afastando um criado que carregava um bule de pedra-coração em forma de caveira. — Eu sei. Você quer uma audiência com seu querido pai, é isso?

— Ele não é nada querido meu — disse Crier, nem mesmo tentando esconder seu aborrecimento. — Mas... sim.

— Venha comigo. — Os olhos de Junn se voltaram para Ayla. — Só você, no entanto.

Crier assentiu. Ela não queria Ayla perto do soberano. — Tudo bem.

Flanqueada por guardas, Crier seguiu Junn para fora do grande salão e pelos longos corredores dourados até a ala leste e depois escada abaixo, para os aposentos subterrâneos onde Kinok vivera. Junn a conduziu a uma porta indefinida que não parecia uma porta que aprisionaria seu pai – exceto pela presença de mais guardas – e parou na frente dela.

— Aqui — disse Junn. — Os guardas vão esperar do lado de fora da porta.

Crier começou a perguntar por quê... *Por que você acha que ele vai tentar me machucar? Por que você acha que vou tentar ajudá-lo a escapar?* – mas pensou melhor. Nenhuma das respostas a faria se sentir menos enjoada. Em vez disso, ela apenas acenou com a cabeça, deslizou para dentro e fechou a porta atrás de si, ouviu o clique da trava.

Estava mais escuro nesta sala do que no corredor. Não havia janelas, é claro; a única luz vinha de duas arandelas de parede verde-azuladas e uma única lanterna. A única mobília era uma mesa de madeira rústica com uma cadeira de cada lado e uma lanterna sobre a mesa. Alguns meses atrás, este era um depósito para produtos secos e roupas de cama extras. Agora detinha o Soberano de Rabu.

E lá estava ele, parecendo tão digno quanto possível, considerando as circunstâncias. Estava sentado na cadeira de

frente para a porta e sua postura era impecável, confiante, como se a velha cadeira de madeira fosse seu trono de mármore branco na Sala do Conselho do antigo palácio. Ele não estava sujo como os prisioneiros que resgataram do Coração de Ferro. E claramente não tinha sido privado de pedra-coração. Parecia perfeitamente saudável, sua pele corada. A única diferença entre esse Hesod e o Hesod de Crier eram suas roupas: roupas de lã simples em vez do rico brocado em tons de joias que ele preferia.

Ela se odiava por isso, mas não pôde deixar de se sentir aliviada. Vinha evocando imagens de seu pai, o prisioneiro, por dias, imaginando-o faminto e esquelético, sem sangue, meio morto. A abstinência de pedra-coração era terrível. Ela não desejava aquele tipo de sofrimento para ele, mesmo que merecesse.

— Filha — disse Hesod, e Crier percebeu que ela estava olhando fixamente, congelada na porta. — Venha. Sente.

Ela começou a avançar automaticamente – então parou. — Não — ela disse. — Eu vou ficar de pé.

— Você se tornou teimosa — ele parecia divertido. — Você costumava ser tão obediente. Bem, faça o que quiser. Por que veio? Estou correto em presumir que você uniu forças com a Rainha?

— Não, não me uni — disse Crier. — Pelo menos não inteiramente.

— Não inteiramente? Este não é um debate filosófico, criança. Você não pode lutar de um lado e depois de outro para seu próprio entretenimento. — A luz da lanterna refletiu em seus olhos, chamas gêmeas de ouro branco. Quando ele inclinou a cabeça e a luz pegou seus olhos em um ângulo, suas íris brilharam douradas para combinar. — Pelo menos entre na luz, sim? Faz semanas que não vejo seu rosto.

Crier hesitou, mas . . . eram apenas alguns passos. Ela os andou, entrando no círculo da luz da lanterna. — Não estou do lado da Rainha Junn — disse. — E eu não estou do seu lado. Eu estou do meu lado Eu quero acabar com essa guerra antes que comece. Quero que Kinok seja julgado por seus crimes. Eu quero . . . — ela se preparou. — Eu quero que você me diga a verdade.

— Isso é muito amplo — ele a repreendeu. — Dizer a verdade sobre o quê? Minha comida humana favorita? Torta de maçã do sol.

— Diga-me a verdade sobre a pedra-coração — ela disse, encontrando seus olhos. Suas mãos tremiam. Ainda tremiam toda vez que ela pensava no que vira nas entranhas do Coração de Ferro. — Diga-me– diga-me que realmente é apenas uma pedra preciosa vermelha. Diga-me que os Vigias extraem minério de pedra-coração das profundezas da terra. Diga-me que o Coração de Ferro é realmente uma mina.

— Isso não seria verdade — disse Hesod.

— *Deuses* — gritou Crier, uma mão voando para cobrir a boca. O horror a inundou, frio e imediato, como se ela tivesse acabado de saltar nas águas geladas do mar Steorran. — Deuses, você não pode ser... *Pai*. Por favor. Por favor. Diga-me que a pedra-coração não é feita de sangue humano.

— Não seria verdade — disse ele.

Suas costas bateram na parede de pedra. Ela tropeçou para longe dele. — Quantas mortes foram? — Cinquenta anos desde a Guerra das Espécies, cinquenta anos desde a Criação do Coração de Ferro. Cinquenta anos de morte. — Quantos morreram para que pudéssemos viver? — Não apenas morreram. Ela podia imaginar poucos destinos piores do que o que vira naquela sala. Acorrentado a uma cama, fraco e delirante de uma combinação de perda de sangue e algum tipo de sonífero, não conhecendo nada além da escuridão e dos outros corpos ao seu redor e o gotejamento constante de sangue em vasos negros. — *Quantas?*

— Uma gota de sangue humano pode produzir dez barris de pó de pedra-coração — disse Hesod, desdenhoso. — O processo é muito apurado. No início, nossa espécie consumia sangue fresco e, quanto mais vivíamos, mais sangue era necessário. Não era prático. Insustentável. Os Criadores encontraram uma maneira de transmutar sangue em pedra, para embeber minério simples com magia de sangue. Eles salvaram inúmeras vidas humanas. Você está sendo melodramática, Crier.

— Você sabia. — Ela não conseguia compreender. — Todos os seus anos como soberano, você sabia o que estava acontecendo. E você deixou continuar.

— Sim.

— Como você pode? — Ela exigiu, a voz quebrando. — Como você pôde apenas– isso e tudo mais? Os ataques – você destruiu vilas inteiras, famílias inteiras, como se não fosse nada. Como se eles não significassem nada para você. Como se fossem apenas – peças de um tabuleiro de xadrez. — Ela não conseguia desviar o olhar dele, essa pessoa que por dezesseis anos fora seu pai, essa pessoa que caminhava com ela pelos jardins de flores e a deixava se sentar em seu escritório e lhe ensinava política e economia e nunca a levara sério, nenhuma vez, e a substituiu por outra criança no momento em que ela o desafiou, essa pessoa com tanto sangue vermelho nas mãos. — Você é tudo o que há de errado neste mundo — disse ela. — Você realmente é um monstro.

Ele a olhou. Seu rosto estava completamente vazio, nenhum traço de vergonha ou raiva ou qualquer coisa. Talvez um traço de pena. — Espero que você perceba que essa explosão é mais um exemplo de sua imaturidade, filha. Não existem monstros. Eu sou Automa. Eu sou exatamente como você A única diferença entre nós são nossas crenças. Nossas escolhas.

— Você não é nada como eu.

— Mesmo? Se um Scyre nos abrisse bem neste momento e expusesse nosso funcionamento interno, seríamos indistinguíveis um do outro. Tudo de que você é feita, eu também sou. Não há nada dentro de você que não esteja dentro de mim — ele percebeu a expressão em seu rosto. — Sim, eu sei sobre o pequeno truque de Scyre Kinok. Sabotagem da Parteira, certo? Alguém adulterando seus projetos, alguma bobagem sobre um quinto pilar? Diga-me, filha, isso te deixava feliz, pensar que você era *especial*?

— Não — ela disse. — Eu estava apavorada. Porque pensei que meu pai teria vergonha de mim. — Ela piscou e uma única lágrima caiu. — Não tenho mais medo disso. Só tenho mais uma pergunta para você, Soberano. — Uma pergunta que ardia dentro dela desde que aprendera a história de Ayla. — Você estava lá em . . . no ataque em uma vila chamada Delan?

A lanterna estalou. Os olhos de Hesod deixaram Crier e parecia um peso físico sendo retirado, como ligações invisíveis sendo cortadas. Ele abriu a minúscula porta de vidro da lanterna e retirou a vela de sua tigela de metal. Estava quase totalmente queimada, a

chama amarela se afogando na cera derretida, agarrada ao último pedaço de pavio. A trilha de fumaça ficou preta e oleosa.

Hesod mergulhou um dedo na cera derretida e o ergueu para captar a luz das arandelas de parede, observando enquanto ela esfriava e endurecia em sua pele, passando de transparente para um branco fantasmagórico.

— Já estive em muitos lugares — disse ele. — Não consigo me lembrar de todos eles.

— Seu mentiroso — cuspiu Crier. — Nosso tipo se lembra de tudo. Delan, no norte. Sete anos atrás, foi invadida e totalmente queimada. Você estava lá?

Ele suspirou. Esfregou a cera entre o indicador e o polegar. — Sim, eu estava lá. E daí? Os aldeões estavam acumulando grãos. Eu lhes havia oferecido uma barganha generosa: podiam ficar com suas terras e, em troca, eu receberia uma parte da colheita de cada ano. Mas é claro que eles se tornaram gananciosos. Descobri que estavam falsificando sua produção, calculando minha porção com apenas dois terços da colheita real. Eles sabiam que era um ato de traição e o fizeram de qualquer maneira. Eu deveria virar as costas?

— Então você destruiu toda a aldeia.

— Eu acredito em equidade e justiça, filha. Terra em troca de grãos. Se um lado da promessa quebrar, o outro também quebrará.

A luz das velas estava morrendo, a escuridão crescendo. Crier não aguentou. Ela precisava ver seu rosto para isso. Precisava ver o vazio em seus olhos, para não esquecer. Ela se afastou da parede e se juntou a ele na mesa de madeira, sentando-se à sua frente. Quantas refeições passaram assim, frente a frente em uma mesa? Mas sempre tinha sido a mesa do grande salão, na sala cavernosa que poderia conter cinquenta pessoas, mas haviam apenas duas. Três, uma vez que Kinok veio para o palácio.

— Passei tanto tempo pensando que era defeituosa — disse Crier, inclinando-se para a luz. Ela sabia que ele seria capaz de ver as marcas de lágrimas em seu rosto, e ele pensaria que isso a deixaria fraca. — Não apenas quando Kinok me enganou. Antes também. Porque eu senti coisas. Porque eu queria sentir coisas. Eu pensei que tinha uma semente venenosa dentro de mim, e todos os dias ela crescia, e um dia iria me matar de dentro para fora.— Sua

voz estava cheia de lágrimas, mas firme. Ela não estava mais tremendo. — Mas nunca foi eu com a coisa venenosa. Nunca fui eu com o Defeito.

Um som veio do corredor fora da sala. Passos arrastados. Junn deve ter enviado alguém para buscar Crier. Era surpreendente – ela tinha esquecido que havia um mundo fora desta sala, que ela deixaria este lugar e Hesod ficaria.

— É claro que você não tinha Defeito — disse Hesod, suave e doce. Quase sussurrando. — Claro que você não tinha. Você é jovem e ingênua, você me frustra, mas ainda é minha maior criação. Minha filha. Eu projetei você para ser minha sucessora. Para chefiar o Conselho Vermelho, para liderar esta nação, para tomar meu trono. É por isso que estou sendo tão duro com você, criança. É importante que você aceite a realidade deste mundo. Caso contrário, você nunca será capaz de controlá-lo.

Controle. Isso era tudo que liderança significava para ele. Como nunca tinha visto isso antes?

Ela balançou a cabeça. — Você está *mentindo*. Você nunca me deixaria liderar. Você nomeou Kinok para o conselho acima de mim.

— Porque o mundo não está pronto para suas idéias, Crier. Eu estava tentando proteger você. — Ele estendeu o braço sobre a mesa e ela se afastou, revoltada com a ideia de ser tocada por ele. Se ela não estivesse olhando de perto, ela poderia não ter visto a centelha de irritação em seus olhos. — Você precisa de mais alguns anos para crescer. Que tipo de pai eu seria se jogasse você despreparada no conselho? Eles iriam rir de você fora da sala, você e seus pequenos ensaios. Eu não poderia deixar isso acontecer com você. Eu a conheço melhor do que ninguém, Crier, e sabia que você precisava de mais tempo. Tudo que eu queria era te dar mais tempo.

Como sempre, havia uma parte dela que queria desesperadamente acreditar nele. Mas...

— Mesmo se isso fosse verdade, isso não muda nada do que você fez — disse ela. — As vidas que você mesmo tirou e as vidas que foram tiradas por sua ordem. Não tenho mais nada a dizer a você, *Hesod*. Quando isso acabar e você for julgado por seus

crimes, desejo a você toda a equidade e justiça que concedeu aos aldeões de Delan.

Ela empurrou a cadeira para trás, a madeira rangendo contra o chão de pedra, e se levantou. O movimento empurrou a mesa, e a chama da vela finalmente estalou e morreu, deixando nada além da fria luz azul das arandelas de parede em seu rastro. Deu a Crier a súbita impressão de estar mergulhado na água. De ser afogada.

— Você não entende o que estou lhe oferecendo, minha filha — disse Hesod. Ele era uma forma negra na escuridão aquosa, uma sombra envolta em sombras. — Você sempre quis ser Soberana. Eu sei que isso não mudou. Se você se aliar a mim agora, vou perdoá-la por fugir. Vou perdoá-la por me trair e quebrar sua promessa à Scyre. Vou perdoá-la por irritá-lo e colocá-lo contra nós. Comigo ao seu lado, você pode ser uma governante gloriosa. Eu quero estar do seu lado. Você vai me deixar, filha? Eu vou te perdoar pelas escolhas que você fez. Você vai me perdoar pelas minhas?

Crier parou com uma das mãos na maçaneta. Ela o olhou os olhos ajustados à luz fraca, e estudou as linhas de seu rosto uma última vez. Então:

— Não sei se algum de nós pode ser perdoado — disse, e saiu da sala.

Seus pés a levaram primeiro para seu próprio quarto. Para sua escrivaninha. Eras atrás, nos dias que antecederam seu casamento, seu pai lhe deu uma chave de ouro. Era a chave para o que ele chamava de sua *sala de troféus*: a sala onde ele guardava todos os artefatos humanos que coletou ao longo dos anos. Objetos sagrados, livros antigos, relíquias da Guerra das Espécies. Enojada com a ideia, Crier enfiou a chave de ouro na gaveta de sua escrivaninha. Agora, ela estava pronta para usá-la.

Em um corredor sinuoso. Outro. Pronto, a porta. Chave na fechadura. Um clique e a porta da sala de troféus se abriu silenciosamente sob seu toque. Ela entrou. O silêncio desta sala era uma presença física. Como algodão enfiado em suas orelhas. A porta se fechou atrás dela e Crier ficou sozinha.

E furiosa.

Ela nunca tinha estado tão zangada em sua vida. Não quando percebeu que Kinok a estava chantageando. Não quando seu pai deu a cadeira de conselho para Kinok. Não quando soube que a Rainha Junn havia assassinado Reyka. Não quando fugiu do palácio. Não quando viu aqueles corpos no Coração de Ferro, vendo sangue escorrendo lentamente para os vasos de pedra negra, percebendo o que estava acontecendo. Nem mesmo quando Kinok apontou a espada na garganta de Ayla. Muitas vezes na vida de Crier, sua emoção dominante era o medo. *Eu sou defeituosa*, ela pensara, e estava com medo. *Kinok está tramando algo*, pensou, e estava com medo. *Nunca vou ter uma palavra a dizer sobre o futuro da minha nação, pensou. Reyka está desaparecida e ninguém mais parece se importar. O Movimento está ficando perigoso. Eu não quero me casar com Kinok. Ayla queria me machucar. Meu pai nunca se importou comigo. Não sei como impedir Kinok. Não sei como salvar ninguém. Eu não sei como salvar a mim mesma.*

Medo e medo e medo. Água congelada em suas veias, seu coração branco como gelo. Seu próprio corpo é uma prisão. Boca fechada com arame, membros pesados de gelo. A coisa mais corajosa que ela já fez foi fugir, e mesmo assim ela estava apavorada. Ela se questionou, se sentiu culpada por ir embora, se perguntou se talvez estivesse exagerando, se deveria ter ficado e bancado a criança perfeita e obediente, mesmo que fosse insuportável. *Ingrata*, sua mente sussurrou. *Ingênua. Ignorante. Desamparada. Você é a Lady Crier, filha do soberano, e isso é tudo que você foi Criada para ser, e você nunca será outra coisa. Como você ousa desafiar seu único propósito?*

— Não — disse em voz alta, olhando para seu reflexo em um espelho de mão embaçado apoiado em uma das prateleiras. Seus olhos estavam selvagens e injetados. — Não. Você está errada.

Ela se virou, observando cada detalhe da sala, todas as centenas de objetos nas prateleiras. Adagas velhas e enferrujadas, bugigangas de vidro e brinquedos infantis, uma máscara de couro pintada, livros gordos e amarelados, uma caixa de jóias de madeira incrustada com pedras preciosas de todas as cores, uma série de bichinhos de porcelana, um relógio de bolso. Um conjunto de flautas de junco, uma boneca de pano, inúmeras facas e pontas de flecha,

uma coroa de flores secas, um vestido branco esfarrapado. Esta coleção de coisas roubadas. Com o coração martelando em suas têmporas, a respiração forte e forte, Crier guardou tudo na memória, mesmo quando sua visão começou a embaçar nas bordas. Esta coleção de fantasmas. Os crimes de seu pai. Ela os acolheu, doente de fúria. Luto.

Então começou a chorar.

Se agachou, enterrou o rosto nas mãos e chorou como nunca havia chorado antes. Os soluços altos e incontroláveis de uma criança. Uma criança humana. Mesmo um Automa recém-construído não chorava assim; foram ensinados muito cedo sobre o que era aceitável, e isso não era. As lágrimas escorreram por seu rosto, quentes e coçando, sal em seus lábios, como se ela tivesse um oceano dentro dela e finalmente estivesse transbordando.

Depois do que pareceram horas, os soluços se transformaram em respirações trêmulas e duras. Crier fungou com força. Ela ergueu a cabeça, se sentindo cheia e oca ao mesmo tempo. Ela enxugou o rosto, o nariz, piscando para afastar as últimas lágrimas.

Então franziu a testa.

Em uma das prateleiras mais baixas, quase totalmente escondida sob a manga do vestido branco, havia uma tira de um azul profundo da meia-noite. Crier se arrastou para a frente de joelhos, a saia arrastando-se atrás dela. Estendeu a mão e fechou os dedos em torno daquele pedaço de azul. Não era maior do que uma maçã do sol, mas mais pesado do que ela esperava, pesado como um pedaço de ferro. À primeira vista, a superfície parecia perfeitamente lisa. Mas quando Crier olhou mais de perto, viu letras minúsculas gravadas na pedra azul.

Ela tinha visto esta pedra antes. Nunca na vida real, apenas na memória. A primeira vez que acidentalmente espalhou uma gota de sangue no medalhão de Ayla e caiu nas memórias de um homem que viveu e morreu anos antes mesmo de Crier ser Projetada.

Ela estava segurando o coração de Yora.



19

Ayla estava em um canto do grande salão de baile, que havia sido transformado em uma espécie de arsenal. Estava lotado com talvez duzentas pessoas se vestindo para a batalha. As forças de Kinok estavam marchando sobre o palácio. A guarda da Rainha Junn e seus aliados, Automae e humanos de todos os cantos de Zulla, haviam se reunido. Havia rabunianos e varnianos, facilmente reconhecíveis, e depois alguns humanos que tinham que ser de Tarreen: tinham a mesma pele negra e cabelos escuros de Ayla, mas suas roupas eram projetadas para a selva quente e úmida, não para o frio do norte. Eles usavam tecidos leves e soltos em tons de terra, ocres, marrons, verdes, e vermelhos argila, e Ayla continuava vendo a idéia de círculos azuis entrelaçados, tecidos ou estampados em suas roupas, pintados sobre a pele nua. Minúsculas pedras

azuis pendiam de suas orelhas; pingentes de pedra azul pendurados em suas gargantas e pulsos. Claro – a misteriosa pedra azul de Dinara fora descoberta em Tarreen, afinal. Parecia tão sagrada para os tarreenianos quanto a pedra do coração era para os Automaes, ou prata e ouro para os humanos de Rabu e Varn.

Não é de admirar que vocês tenham se mantido calados todo esse tempo, pensou Ayla, lançando outro olhar para um par de mulheres tarreenianas no meio da multidão. Não que o soberano tivesse assustado todos até que se escondessem. É que os tarreenianos estavam escondendo algo próprio. Sistemas de cavernas cheios de cristais azuis com poder destrutivo suficiente para afundar uma nação. Hesod não podia saber sobre isso – ele teria enviado exércitos para Tarreen aos milhares, as fronteiras fechadas com Varn que se danassem.

O verdadeiro milagre era que Kinok não tinha chegado lá primeiro.

— Ei. Você é Ayla, certo?

Ela se assustou, tirando os olhos das mulheres da Tarreen. Diante dela estava e prisioneire de cabelo dourado do Coração de Ferro. A última vez que vira essa pessoa, elu estava deitade semiconsciente no trailer com os outros prisioneiros, um médico passando um cataplasma sobre sua pele ferida e cheia de bolhas. Elu parecia muito melhor agora. Estava de pé, para começar, mas era mais do que isso – era a luz em seus grandes olhos castanhos, a maneira como seu rosto não parecia mais acinzentado e rígido. Seus cabelos tinham sido lavados, caindo em cachos soltos em vez de emaranhados em seu crânio com suor e fuligem.

Ela assentiu. — Sou eu.

— Me disseram para trazer isso para você — disse elu, segurando uma pilha do que parecia ser uma armadura, do tipo que todos os humanos estavam vestindo: uma camisa e calças de lã grossa acolchoada, uma placa de couro duro no peito.

— Oh. Obrigada.

— Cortesia da rainha — elu disse, fazendo uma pequena careta, como se a palavra *rainha* tivesse um gosto desagradável.

Ayla ergueu uma sobrancelha. — Não é ela sua maior apoiadora?

Elu bufou, soprando um cacho errante de seus olhos. — Bem, devo minha vida a ela e quero o Scyre de Rabu morto, então, por enquanto, lutarei sob sua bandeira. Mas eu não aprovo monarcas.

— Qual é o seu nome mesmo? — Perguntou Ayla.

— Erren.

— Acho que vamos nos dar bem, Erren. — Ela pegou as roupas e, sem nenhum outro lugar para se sentar, abaixou-se ao chão para desamarrar as botas. — Importa-se de me ajudar com isso? Confesso que nunca usei uma placa no peito antes.

— Sim, claro. — Elu se agachou ao lado dela e pegou a outra bota, começando pelos cordões apertados. Agora que elu estava recuperando sua força e cor, Ayla viu que era muito mais jovem do que pensara a princípio. Talvez apenas um ou dois anos mais velhe do que ela.

— Como você terminou naquele lugar? — Perguntou baixinho, embora estivesse tão barulhento no grande salão de baile, tantas vozes se sobrepondo, que mesmo um Automa não poderia ouvi-les a mais de um metro de distância. — No Coração, naquela sala. O que aconteceu? — A mandíbula de Erren apertou e ela acrescentou: — Você não precisa me dizer.

— Não, está tudo bem — elu disse, tirando a bota do pé dela. — Aqui, levante-se e vista as calças e a camisa. Por cima das roupas normais está bom, não importa. — Elu estendeu a mão e ela a agarrou, puxando-se para cima. Elu passou para ela as calças pesadas de lã. — Eu estava viajando com um grupo de . . . Rebeldes não é a palavra certa. Rebeldes Por Acaso, talvez. A maioria de nós éramos muito jovens, fugitivos e órfãos e coisas do tipo, apenas tentando sobreviver. Aceitamos empregos por dinheiro extra. Entregando mensagens, guardando suprimentos, coisas simples assim. — Seus olhos estavam distantes. — Estávamos no sul quando a coisa da Sombra Noturna começou a se espalhar pela região. Não sabíamos o que estava acontecendo – pensamos que era uma doença, algum tipo de vírus. Não sabíamos se afetava apenas sanguessugas ou se também estávamos em perigo – e eu queria investigar. Nosso líder disse que era muito perigoso, então . . . Eu fui sozinhe. Escapei no meio da noite. Fui ao local onde os vimos pela última vez, só queria dar uma olhada mais de

perto. É um pouco confuso depois disso. A última coisa de que me lembro é de ouvir passos e me virar para ver um Vigia atrás de mim.

Ayla respirou fundo. — Atacaram você?

— Sim. Bateram na minha cabeça, eu acho. De qualquer maneira, acabei nesse . . . quarto. Eu meio que acordava às vezes, mas tudo é principalmente um borrão. — Sua boca se apertou. — Tenho certeza de que o grupo com quem viajava pensa que estou morto há muito tempo.

— Sinto muito — disse Ayla. — Talvez . . . agora que você está livre, talvez possa encontrá-los novamente?

— Talvez — disse Erren. — Certamente vou tentar. Nem que seja para dizer a Hook que ele estava certo.

Ayla bufou. — Suponho que ele seja o líder? — Ela começou a perguntar, mas as palavras morreram em sua garganta. Porque lá, ziguezagueando no meio da multidão, meia cabeça mais alto que todos os humanos e até mesmo alguns dos Automae, estava *Benjy.*

em pensar duas vezes, Ayla correu para ele. Assim que a avistou, ele começou a correr até ela também, sua corrida engraçada e fulva, todo membros. Eles se encontraram no meio, corpos colidindo, e o cheiro de sua pele, cabelo e roupas era tão familiar que Ayla teve vontade de chorar. Ele a levantou do chão, girando-a, e ela nem protestou. — *Benjy* — disse no momento em que ele a colocou no chão, o olhando no rosto como ela fizera milhares de vezes ao longo dos anos, desde que ele atingiu os dez anos de idade e começou a crescer como uma erva daninha. — Você está aqui.

— Claro que estou — disse, sorrindo. Na última vez em que se viram, eles discutiram, mas quem se importava? Quem se *importava*? — Você me conhece. Não pode me manter longe de uma boa luta.

— Imprudente — disse. Ela deu um passo para trás e percebeu pela primeira vez que ele estava vestindo o uniforme da guarda da Rainha Junn – completo, com uma bainha em seu quadril e um distintivo brilhante em seu peito. Mais do que isso, ele parecia sólido, mais forte, mais velho. Não mais o garoto rebelde inofensivo e mortal. Este era Benjy, o guerreiro. — Vejo que você acompanhou o treinamento.

— Acontece que eu não sou apenas briguento. Sou muito bom com uma espada.

— Nunca pensei que veria você com as cores de uma rainha — ela disse, sem ser indelicada.

— Ah. — Ele desviou o olhar, a mandíbula trabalhando. — Eu– Isso é– Bem. É uma longa história. Acontece que a rainha está tentando derrubar Kinok e o soberano há séculos. Eu não gostei no começo, mas – ela e o seu irmão fizeram um trabalho muito bom. Você sabe que eu sempre quis fazer parte da Revolução. Bem, agora faço.

Uma vez que isso a teria incomodado, depois de todo o estardalhaço que ele fez por Crier. Ainda meio que incomodava, para ser honesta. Mas. — Você pode me contar tudo depois — disse Ayla, com sinceridade. — Embora eu deva dizer, é difícil imaginar você com uma espada.

— Isto me lembra. — Ele estendeu a mão para o cinto, onde havia uma bainha menor pendurada ao lado da espada. Ele sacou uma adaga e a ofereceu a ela, a lâmina piscando à luz da lamparina. — Isto é para você. Eu não sabia se você teria uma arma ou não. — Seu rosto ficou sério. — Os cavaleiros da rainha avistaram Kinok e suas forças. Eles estão vindo atrás de nós, e estão vindo rápido. Chegarão ao palácio antes da meia-noite.

Ayla pegou a adaga, erguendo-a com força. Testando a balança, o peso. — Mas não vamos deixar isso acontecer. Certo, Benj?

Benjy acenou com a cabeça. — Lembre-se — disse. — Mire no coração.

Depois de se separar de Benjy, que teve de se apresentar ao capitão, Ayla deixou o grande salão de baile. Ela hesitou no corredor do lado de fora das portas, pensando. Precisava encontrar Crier rapidamente; ela não tinha tempo de vagar por todo o palácio. Se ela fosse Crier, para onde iria? Seu antigo quarto, talvez? A biblioteca?

Não – Ayla sabia onde.

Começou a descer o corredor. Se mover na armadura pesada e desajeitada era como se arrastar pela lama até a cintura. Ayla estava sem fôlego quando alcançou o fim do corredor oriental, meio

que correndo por um corredor escuro, contando as portas enquanto caminhava. Lá. A porta coberta com esculturas de instrumentos musicais. A sala de música. O santuário de Crier. Ayla ainda se lembrava do momento em que Crier lhe deu a chave da sala de música, uma oferenda, um presente, um segredo e uma promessa, tudo de uma vez. Privacidade, silêncio, esconderijo, entregue sem expectativa de nada em troca. Foi a primeira vez que alguma pequena parte de Ayla começou a confiar em Crier? Tão cedo?

A porta estava destrancada, a maçaneta girando facilmente sob o toque de Ayla. Ela a abriu e lá estava Crier. Sentada no banco baixo ao lado da enorme harpa dourada e, aparentemente, poderia ter sido a primeira vez que Ayla visitava aquele lugar, meses antes, mesmo com a poeira intacta. Crier deveria estar perdida bem no fundo de sua própria cabeça – ela não pareceu notar a presença de Ayla, nem mesmo olhou para cima até que Ayla deixou a porta se fechar atrás dela, a trava clicando no lugar.

Superficialmente, essa Crier poderia ser a Crier de meses antes, exceto que usava roupas comuns, não um vestido de seda delicado. Seu cabelo estava solto, caindo pelas costas como água negra. Sua garganta sem joias. Seus olhos e lábios sem pintura. E Ayla conhecia sua risada como os pescadores conheciam as marés. Ela conhecia o puxão torto da boca de Crier, a forma de seus dedos e como era deslizar as mãos e segurá-las. Ela sabia que Crier era a resposta para muitas perguntas, e nenhuma delas era *Como posso machucá-lo?* Ela sabia que Crier era corajosa e brilhante, teimosa nos piores momentos, engraçada de um jeito que não era óbvio, a menos que você soubesse como ouvi-la. Ela sabia que Crier não era um livro, um mapa ou qualquer outra coisa que pudesse ser lida uma vez e conhecida em sua totalidade. Nada finito assim. Não havia começo, nem fim, nem parâmetros; seu corpo não era a sua verdade; Ayla sabia que a própria Crier era algo tão vasto e infinito quanto os campos de gelo, o mar negro ou o céu noturno, exatamente quando as primeiras estrelas começavam a aparecer. Aqueles primeiros raios de luz.

Gosto de saber que existem certas leis no universo, dissera o pai de Ayla uma vez, há muito tempo, antes de tudo. *Você não pode contar com muito. Não pode confiar na maioria das coisas para*

permanecerem sólidas. Mas sempre há algum tipo de força em ação. Mesmo lá longe, além do céu, tão longe que nem podemos imaginar, as coisas funcionam da mesma forma. Sua mãe explicaria melhor. Tudo são apenas corpos em movimento, corpos em órbita, como aqui. Empurrando e puxando. Você sabe como é chamado? A lei da queda.

Crier ergueu os olhos. — Oh — disse ela, piscando para Ayla. O sol do fim da tarde entrava pelas janelas, deixando tudo empoeirado e dourado. Aquela janela – a mesma janela pela qual Ayla havia escalado, seguida por Benjy e quatro outros criados, na noite em que tentou matar Crier. A noite em que falhou. — Oh. Eu nem... Está acontecendo alguma coisa lá?

— Ainda não — disse Ayla. Ela não se mexeu. Se sentia esculpida em madeira, como se fosse apenas mais um dos instrumentos, imóvel, silenciosa e formada por uma mão gentil.

— Tenho uma coisa para você — disse Crier, e Ayla percebeu que Crier segurava algo no colo. Um pequeno pacote embrulhado em um pano.

Ayla foi até ela, reivindicando os últimos centímetros do banco. A placa torácica de couro inflexível fazia com que se sentar fosse dificil, cavando até os ossos do quadril se ela se curvasse um pouco. Se inclinou para o lado de Crier e olhou para o embrulho de pano, que Crier segurava com as duas mãos como se fosse um filhote de passarinho, algo frágil e vivo. — Para mim? — Ayla perguntou em um murmúrio. — O que é isso?

Crier o ergueu, deixando o pano cair, e Ayla prendeu a respiração.

Era uma pedra de um azul profundo do tamanho de um punho cerrado, a superfície lisa e polida. Ayla já tinha visto essa pedra antes. Não na vida real, mas em memória, a memória de Siena, esta pedra azul como um corte do céu noturno nas mãos de Siena. Ayla olhou para ela, sem palavras. Turmalina. A verdadeira Turmalina, não em sua forma mais crua como a pedra que formava as bombas de pólvora azul, mas a turmalina alquimizada. Turmalina do Criador. O coração de Yora.

Havia pequenos símbolos gravados na superfície. Círculos concêntricos: os quatro elementos, depois ouro. Foi repetido em

toda a pedra, exceto em um lugar.

— Como . . . ? — murmurou.

— Estava na sala de troféus do meu pai — disse Crier. — Com todos os seus outros artefatos de guerra. Estava misturado a uma coleção de jóias humanas, cobertas de poeira. Devia estar ali há anos. Talvez desde o ataque à sua aldeia. Tenho certeza que ele pensou que era apenas outra pedra preciosa. Outra pequena bugiganga.

Ayla não conseguia falar. Ela não conseguia desviar o olhar da pedra. Isso era uma centelha de movimento bem no centro, o coração do coração? Uma pulsação minúscula, o mais fraco brilho azulado, mesmo depois de todos esses anos sem corpo, todos esses anos passados apenas juntando poeira? O coração de Yora ainda estava batendo?

— Pertenceu à sua avó — sussurrou Crier. — E agora pertence a você. É sua herança, Ayla. Pegue e faça com ele o que quiser.

Isso é uma bomba, pensou Ayla, olhando para ela. *Isso pode ser uma bomba*. Se ela quisesse, poderia transformá-la na bomba de pólvora mais mortífera de todos os tempos e acabar com um batalhão inteiro, acabar com cem sanguessugas em um instante, virar a maré dessa guerra, *isso é para minha aldeia, isso é por meus pais*. Poderia destruir metade do palácio se quisesse, com Hesod dentro.

Crier estremeceu, levando a mão à testa. Quando percebeu o olhar questionador de Ayla, ela explicou: — Eu . . . não consumi pedra- coração. Desde o Coração de Ferro. Eu estou . . . Estou começando a sentir os efeitos.

Nenhuma pedra-coração desde… Ayla engoliu em seco. Não é bom, não é bom. Kinok estava chegando e Crier era seu alvo número um. Se houvesse alguma luta, se ela estivesse em perigo por um momento, e ela não tivesse consumido pedra-coração em dias . . . Ela não iria se curar. Estaria tão instável e vulnerável quanto um humano faminto. Estaria em perigo.

Ayla poderia usar o coração de Yora para destruir metade do palácio.

Ou.

— Crier, — disse ela. — Você confia em mim?

— Sim. — disse Crier.

— Você quer que essa guerra termine?

A sobrancelha de Crier se franziu. — Sim. Claro.

Certo. — Ayla soltou um suspiro trêmulo. Ela olhou para Crier, seus rostos tão próximos que ela podia ver as manchas douradas nos olhos de Crier, a suavidade desumana de sua pele. Essa pessoa que Ayla conhecia tão bem. Essa pessoa em quem ela confiava com sua vida. Essa pessoa que ela seguiria em um labirinto escuro, um campo de batalha. *Como eu não sabia?* Ela se perguntou, procurando o rosto de Crier. *Se a raiva é uma bomba de pólvora, este é o fogo da lareira. Isto é...*

— Tive uma ideia — disse Ayla, a voz soando distante para seus próprios ouvidos. Ela estava se inclinando mais perto? Ou era Crier? Seus narizes quase se roçavam, ela podia sentir a respiração de Crier em seus lábios, respirava seu perfume, lavanda salgada e mar. — É perigoso. Pode não funcionar.

— Estou dentro — disse Crier.

— Ah, diabos — disse Ayla e a beijou.

A primeira vez que se beijaram, foi: Selvagem. Quente, bagunçado e desesperado, as mãos agarrando as roupas e emaranhadas no cabelo, agarrando com tanta força que doía, bocas trabalhando furiosamente, corpos se chocando, as costas de Ayla batendo na parede, as unhas de Crier cravando na pele macia atrás das orelhas, ambas ofegando de choque ou dor ou raiva ou uma combinação de todos os três e então uma centena de outras sensações ardentes e elétricas queimando entre elas e desaparecendo tão rápido quando a realidade inundou de volta. Na primeira vez em que se beijaram, Ayla se retorceu longe disso e se odiou por dias, semanas; havia repetido isso várias vezes em sua cabeça e se odiava por isso também. Ela tentou tanto esquecer como se sentia: os dedos de Crier em seu cabelo, o gosto de Crier como uma gota de mel em sua língua, o som oco de seus dentes batendo juntos, como isso só a fez querer pressionar mais fundo. Ela havia tentado tanto esquecer, apenas para descobrir que esquecer era impossível.

Isso, entretanto.

Isso, bem aqui, agora.

Se o primeiro beijo delas fora inesquecível, as palavras para esse beijo ainda não haviam sido inventadas.

Ayla beijou Crier e, desta vez, concentrou- se em memorizar tudo o que não lhe importara da última vez. O formato da boca de Crier. A plenitude disso por baixo dela. A maneira como Crier inspirou lentamente pelo nariz, como se tentasse se acalmar. A maneira como ela ficou automaticamente imóvel, como se temesse que qualquer movimento repentino trouxesse Ayla de volta aos seus sentidos, como se essa não fosse a melhor escolha que Ayla fizera em toda a sua vida, como se isso não fizesse mais sentido do que qualquer outra coisa. Por um momento, nenhuma delas se moveu. O beijo foi suave, de boca fechada, um roçar de lábios, um lampejo de respiração. Então Ayla simplesmente… quebrou. Ela se afastou apenas o suficiente para respirar e então se empurrou novamente, pressionando um segundo beijo na boca de Crier, mais firme desta vez, uma pergunta ou uma resposta ou uma reafirmação ou tudo de uma vez, nem mesmo importava, porque os lábios de Crier se separaram em um sim sem palavras, e o beijo floresceu em algo quente e brilhante, algo que Ayla sentiu em cada centímetro de seu corpo, os dedos dos pés se enrolando em suas botas. Agora Ayla estava estendendo os braços, deslizando as mãos trêmulas pelos cabelos de Crier. Agora ela estava se movendo para ficar escarranchada no banco para que pudesse enfrentar Crier de frente, obter o ângulo certo. Um dos braços de Crier envolveu as costas de Ayla, puxando-a de alguma forma para mais perto. Elas se derreteram em uma série de beijos profundos e exuberantes, quentes, vertiginosos e intermináveis, os lábios se movendo juntos, a boca de Crier se abrindo sob a de Ayla, o gosto dela como chuva de verão. Ayla se empurrava sobre ela repetidas vezes, tomando sua boca, já viciada nisso, *nela*, em Crier, tudo sobre ela, o gosto, o cheiro e o calor de sua pele sob as mãos de Ayla. No final, foi Crier quem recuou, estremecendo. Sobrecarregada. Sua boca estava inchada, o brilho do beijo de Ayla em seu lábio inferior. Ela engoliu em seco; Os olhos de Ayla rastrearam o movimento de sua garganta.

— Oh — disse Crier.

Ayla desatou a rir. Havia uma guerra batendo na porta delas e ela estava *rindo*, se dobrando, a testa batendo no ombro de Crier. — *Oh,* — ela repetiu, ainda rindo, e esfregou o rosto na curva do pescoço de Crier. A mão de Crier ainda estava pousada em suas costas, quente mesmo através da grossa armadura de lã. — Oh, de fato.

— Cale a boca — disse Crier, parecendo confusa. — Não acho que vou conseguir formar frases completas por uma semana.

— Essa foi uma frase.

— Cale!

— Não sei se serei boa nisso — sussurrou Ayla. Ela se endireitou, gesticulando entre elas, para que não houvesse confusão. *Isso*. *Isso isso isso.* — Mas — ela continuou trêmula. — Se sobrevivermos hoje. Se conseguirmos sair vivas. Eu quero tentar. Com você. — Ela pigarreou. — Se você– se você quiser, quero dizer. Comigo.

— Eu quero — disse Crier, e se inclinou, pressionando as testas. Seus olhos estavam fechados, as sobrancelhas franzidas como se estivesse se concentrando. Sua boca ainda estava molhada, machucada pelo beijo, e algo nisso fez Ayla querer... *tê-la*, apenas tê-la. — Ayla. Eu queria isso há muito tempo.

— Tudo bem — respirou Ayla. — Então...

Em algum lugar fora das paredes do palácio, uma trompa de guerra soou.

Elas se afastaram uma da outra, com os olhos igualmente arregalados. — Droga — disse Ayla, virando-se para olhar pelas janelas da sala de música, embora, é claro, ela não pudesse ver nada além do céu e do pomar. — Achei que não chegariam antes do anoitecer.

— Kinok vive para desafiar as expectativas — disse Crier com firmeza. — A ideia que você mencionou. O que era?

Ayla passou a mão pelo cabelo, tentando clarear a cabeça. Foco, ela tinha que se concentrar. — Seguidores de Kinok — ela começou. — Eles o seguem porque ele os convenceu de que pode encontrar uma alternativa para a pedra-coração, certo? Eles não sabem que a pedra-coração é feita de sangue humano, mas sempre souberam que o Coração de Ferro era vulnerável. Sabiam que era o

maior ponto fraco de sua espécie, e se fosse invadido por humanos, ou as caravanas fossem sabotadas, qualquer coisa assim, todos vocês morreriam de fome. É assim que ele os vende por causa da Turmalina, é assim que os enganou para que se envenenassem com Sombra Noturna. E agora Kinok destruiu o Coração. Seus seguidores *têm* que ficar com ele, porque ele é o único que pode salvá-los. O único que pode salvar toda a sua Espécie. O único que tem as respostas, que está procurando Turmalina. Ou assim eles pensam. Certo?

— Certo — disse Crier.

— Então . . . então o que você acha que aconteceria se alguém os mostrasse que Kinok não tem as respostas? — Disse Ayla. — Se alguém lhes mostrasse que já encontramos Turmalina, e *nós* somos as únicas que sabemos como usá-la?

Crier franziu a testa. — Mas não sabemos como usá-la.

— Esta é a parte em que fica perigoso — Ayla disse a ela. Ela estendeu a mão para a mão de Crier, entrelaçando seus dedos. — Eu sei como usá-la. Como ativá-la. Posso provar que funciona, que sua espécie pode usá-la como uma nova fonte de vida. Eu sei que posso. É perigoso, mas se você for lá agora você não vai se curar. Você já está fraca; você poderia morrer, Crier. Por favor, se você não quer pedra-coração, deixe que eu te salve com isso. Eu juro que não vou te machucar. Eu juro que você vai ficar bem. Você confia em mim?

— Sim — disse Crier sem hesitar.

— OK. A única coisa é que não posso fazer isso sozinha. Vamos precisar de alguém com experiência.

— Que tipo de pessoa?

Ayla encontrou seus olhos. — Vamos precisar de uma parteira.

Era como uma reconstituição da memória que ela vira no medalhão.

Luz do fogo, amarela e viva. Os feixes de ervas secas pendurados nas vigas lançavam sombras estranhas nas paredes, como mãos estendidas de cima. Ayla estava sentada na beira da lareira, uma parede de calor acesa em suas costas, e ela não estava sozinha. Havia duas figuras no meio da sala. Não podia ver

seus rostos, mas sabia que uma delas tinha que ser Siena. A outra estava toda vestida de branco. Uma parteira.

Mas desta vez, Ayla estava no lugar de Siena.

Não tinham uma mesa médica, então Crier estava deitada no chão da sala de música, Ayla e a Parteira que ela havia buscado nas tendas dos médicos – que se apresentou como Jezen para Ayla, e para Crier dissera: — É bom ver você de novo, senhora, mesmo em tempos como este — se ajoelhando de cada lado dela. Quando Ayla explicou o que estavam prestes a fazer, Jezen balançou a cabeça com força.

— Não — ela disse. — Isso é– isso é sem precedentes. Não temos ideia de como isso afetaria seu recipiente. Ela poderia morrer.

— Não é sem precedentes — disse Ayla, enquanto as palavras que *ela poderia morrer* ressoavam em sua cabeça. — Já aconteceu uma vez antes. Eu vi.

— Como...?

— Não temos tempo — disse Ayla. — Vou explicar tudo mais tarde, mas por enquanto, não temos tempo.

E Jezen, sombria, assentiu.

Agora, ajoelhada sobre uma Crier silenciosa e de olhos arregalados, Ayla desejou que suas mãos parassem de tremer. Elas tinham que parar de tremer, ela tinha que ser firme para isso. Um deslize, um momento de falta de jeito e...

Não pense nisso.

Haviam cortado a frente da camisa de Crier, apenas o suficiente para expor sua clavícula e a parte superior de seu peito. Era terrível que Crier estivesse acordada para isso, mas Jezen havia garantido a elas que abrir a costura em seu peito não seria doloroso – ela fora projetada sem terminações nervosas. A parte perigosa seriam os poucos momentos em que Crier não teria coração.

— Você está pronta? — Jezen perguntou a Crier.

— Sim — sussurrou Crier.

Jezen olhou para Ayla. — Você está?

— Isso importa? — Disse Ayla.

— Justo.

Assim como a outra Parteira havia feito, tantos anos atrás, Jezen baixou a lâmina no peito de Crier. Ela não tinha o pequeno e

delicado instrumento médico que Ayla vira na memória; tinha apenas uma pequena adaga. Mas estava bem afiada e teria que ser o suficiente. Jezen correu a faca ao longo da pele de Crier, encontrando a mesma costura quase invisível, a pele se partindo facilmente. Nenhum sangue. Usando apenas a ponta da faca, ela abriu aquela pequena seção do peito de Crier. A porta de seu coração. Crier fechou os olhos com força no momento em que a lâmina tocou sua pele; ela os mantinha fechados agora. Ayla passou os dedos pela testa de Crier. — Está tudo bem — murmurou. — Vai acabar logo.

— Eu confio em você — sussurrou Crier.

E vou confiar em mim mesma, pensou Ayla. *Eu tenho que confiar.*

O coração de Crier, ao contrário do coração da garota Automa da memória de Siena, estava batendo. Ayla podia ouvi-lo tiquetaqueando como um relógio, podia ver a vibração fraca de cada pulso. Ela viu onde as minúsculas veias de ouro e cobre o alimentavam. Este era o desafio: encaixar o novo coração no peito de Crier exatamente no ângulo certo, recolocando as veias e vasos. Ayla se lembrou do som que ouvira na memória, como uma trava se encaixando no lugar.

O coração azul descansava nas lajes ao lado dela, aninhado em um pedaço de pano. Ayla ergueu a cabeça para olhar para Jezen. Os olhos da Parteira eram de um verde incomum, como lascas de esmeralda.

Já era tempo.

Com tanto cuidado, deslocando a faca apenas uma fração minúscula de centímetro de cada vez, Jezen começou a arrancar o coração de Crier de seu corpo. Ayla observou, sem piscar, enquanto Jezen cortava as veias uma a uma, destacando-as de maneira limpa da superfície do coração. As veias pareciam vivas, se movendo independentemente umas das outras, como lâminas de grama da largura de um fio cabelo, balançando em um vento inexistente.

Jezen cortou a última veia. O rosto de Crier suavizou instantaneamente, todo o seu corpo relaxando. Ayla engoliu em seco, tentando não entrar em pânico. Era assim que parecia quando Crier morrera.

Mas era temporário. Ayla pegou o coração de Turmalina e o segurou com as duas mãos, esperando, enquanto Jezen tirava do peito o antigo coração de Crier. Lá estava o familiar espaço vazio, o bolso deixado para trás. Ayla empurrou de lado o pânico, respirou fundo e deixou o instinto e a memória assumirem o controle. Ela girou o coração azul em suas mãos, combinando o ângulo para o que ela viu na mente de Siena. Se lembrou do posicionamento dos símbolos alquímicos: fogo, água, terra, ar, ouro. *Aqui, simplesmente assim.* Então, sem hesitar, abaixou o coração de Turmalina na cavidade do peito de Crier. Ela o pressionou no lugar, sentindo o funcionamento interno de Crier vibrar sob a pressão, flexionando e mudando para aceitar o novo objeto. *Ferro do Criador*, como disseram os bandidos da floresta perto do rio Merra. *Magia obscura. Ferro que se move e respira.* Ela estendeu a mão e Jezen lhe passou a faca, e Ayla deslizou a ponta da lâmina sob as veias de Crier, as guiando no lugar. As gravuras na superfície do coração não eram apenas letras. Eram um mapa. As pontas das veias cortadas combinavam perfeitamente com as pontas de cada letra, travando. Parando mais uma vez.

Ayla puxou a faca. Houve um som fraco, quase inaudível. Como uma trava.

Nada aconteceu.

Ayla se sentou sobre os calcanhares, esperando. Os olhos de Crier se abrirem, seu peito subir e descer novamente.

Nada.

— Ayla — disse Jezen.

— Não — disse Ayla, mais alto. *Pense, pense.* Por que não funcionou? O que era diferente? O que seria necessário para dar vida a este coração?

A única outra vez que ela viu Turmalina ganhar vida, foi nas mãos de um menino com um martelo. Ele estava fazendo uma bomba. Ayla se lembrou dos símbolos que ele havia gravado na superfície da bomba, prontos para serem ativados com uma gota de sangue. Fogo, salitre, enxofre. Argamassa. Sal. E ela se lembrou do que Lady Dear havia dito, naquela tarde ensolarada no palácio de Thalen.

Você já ouviu falar da linguagem das flores?

Rosas brancas para segredo. Oleandro para cautela. Combine diferentes tipos de flores e você pode construir mensagens inteiras. É o que acontece com a linguagem dos Criadores.

— Ayla — disse Jezen novamente, mas Ayla não estava ouvindo. Ela agarrou a faca novamente e se curvou sobre o corpo sem vida e sem luz de Crier, mordendo o lábio com tanta força que sentiu o gosto de sangue.

Fogo, salitre, enxofre formavam uma bomba. Era aí que ela começaria. Precisava de energia, mas não demais de uma vez; uma queima lenta, não uma explosão. Ayla segurou a pedra azul no lugar com uma das mãos, tomando cuidado para não tocar nas veias e, com a outra, baixou a faca. Usando a ponta da lâmina, ela começou a arranhar o primeiro símbolo na superfície do coração de Yora – de Crier.

Lua e água para transformação. Fogo para obter energia, temperado pela terra, para evitar que se enfurecesse fora de controle. Fósforo para invocar luz; magnésio para mantê-lo aceso. Sal e cobre para a vida, para o sangue. Ayla esculpiu os oito símbolos na forma de um círculo. Então, no centro, ela os conectou à uma estrela de oito pontas. Podia sentir os olhos de Jezen nela, mas não ergueu os olhos. Apenas passou a faca na ponta do polegar, esperou que uma gota de sangue vermelho jorrasse e pressionou o polegar na estrela de oito pontas.

Nada aconteceu. *Oh Oh deuses, oh deuses...* Ayla estava prestes a se afastar, o pânico subindo por sua garganta, quando...

A Turmalina começou a brilhar.

Uma luz azul pálida emanava dela, como se a pedra fosse uma lanterna e Ayla tivesse acabado de acender a vela, refletindo na parte de baixo do queixo de Crier, iluminando o rosto de Jezen por baixo. Mas...

— *Oh* — respirou Ayla.

O coração não era a única coisa brilhando. Em todo o corpo de Crier, nos braços e nas pernas e na parte exposta do peito, pequenas rachaduras estavam se formando. Não – não rachaduras. *Símbolos.* Eles deviam ter existido todo esse tempo, invisíveis aos olhos: símbolos alquímicos gravados na pele dessa garota Criada. Agora, à medida que o poder da Turmalina se espalhava por seu

corpo, os símbolos *brilhavam*, emitindo uma luz branca pura, piscando ainda mais com cada pulsação do coração de Crier.

— Funcionou — disse Jezen, reverente. — Não acredito que funcionou. Um *novo coração*.

Uma das janelas da sala de música explodiu.

Ayla e Jezen nem mesmo tiveram tempo de reagir antes que uma figura saltasse pela janela quebrada, o vidro se partindo sob suas botas quando caíram no chão de pedra. Estavam todos vestidos de preto, o rosto coberto por uma máscara metálica prateada. *Vigias?*

Estou aqui pela filha do soberano — disse o Vigia, sua voz baixa e áspera abafada por trás da máscara. — Entregue-a e viva. Resista e você morrerá.

— Eu escolho resistir — disse Ayla.

— Então morra.

Vigia fechou o espaço entre eles em menos de um segundo. Ayla se jogou sobre o corpo de Crier, golpeando às cegas com a faca. Ela ficou chocada quando ele realmente fez contato, sangue violeta espirrando no chão, mas foi apenas um arranhão. E Vigia, estranhamente silenciose, silenciosamente Automa, colocou a mão em seu cabelo e a puxou para cima. Ayla captou um vislumbre dos olhos delu pelas fendas da máscara. Em seguida, ela estava lutando muito contra o aperto delu, apontando a faca para qualquer coisa que pudesse alcançar, na esperança de apenas ganhar algum tempo para Jezen e Crier.

— Você é a serva — disse e Vigia. Elu segurava Ayla com o braço esticado. Ela não conseguia alcançá-los, a faca inútil em sua mão.

— E daí se eu for — ela rosnou.

— Que azar para você — disse e Vigia. — Scyre Kinok quer apenas a filha do soberano viva. Todo mundo morre. Mas a serva morre dolorosamente.

Elu a jogou de lado. Ela bateu na parede com força, o crânio quebrando contra a pedra e desabou no chão. Tonta e ofegante, bile na garganta, Ayla viu apenas um par de botas pretas brilhantes avançando sobre ela antes de ser colocada de pé novamente. E Vigia jogou a cabeça para trás, expondo a garganta, e Ayla agarrou

seu pulso, seu braço – ela perdeu a faca quando caiu, a ouviu deslizar pelas lajes – mas não foi o suficiente, não era nada, mesmo o humano mais forte não poderia competir com a força de um Automa, e Ayla, embora rápida e inteligente, não era a mais forte.

E Vigia a deixou lutar desesperadamente por mais alguns segundos, então a jogou no chão novamente. Ayla gritou e se enrolou em uma bola, erguendo os braços para proteger a cabeça, esperando o golpe, o golpe da faca, mas não veio. E Vigia disse a ela que elu tornaria isso doloroso, prolongaria, e falava sério. Em vez de ir atrás de seu crânio, puxou uma perna para trás e a chutou na canela.

A dor era indescritível. Como se alguém tivesse lançado uma bomba de pólvora em sua perna, mas em vez de explodi-la em pedaços, a explosão continuou. Ela ouviu seu osso quebrar sob a bota de Vigia, sentiu sua perna queimando, certamente havia se aberto, certamente estava ensanguentada e mutilada, certamente esse nível de dor não poderia ser contido por sua pele. Ayla se sentiu gritar, o som saiu de sua garganta, animal e cru, um som que ela não se julgava capaz de emitir. A dor estava irradiando por seu corpo agora, vindo em ondas, sua mente estava piscando em branco, estava gritando de novo, se sentisse isso por mais um momento, mesmo um momento, ficaria louca. Onde estava e Vigia? Por que simplesmente não acabou com ela?

Ofegante, tentando não vomitar, Ayla abriu um olho. E Vigia foi – se foi?

Não.

Crier havia acordado. Estava de pé e estava gloriosa, mesmo em meio à névoa de dor. As runas ainda estavam brilhando em seus braços, clavícula, até mesmo em suas bochechas e testa. Jezen havia fechado o peito novamente, mas Ayla podia *ver* o coração azul pulsando, o brilho azul girando logo abaixo de sua pele. E seus olhos – seus olhos eram de um branco prateado brilhante. Assim como o de Yora. Este era o poder da Turmalina. Energia derivada não do sangue – do sofrimento, da morte – mas dos elementos, magia, o ventre da terra.

Ela estava sem armas, mas não importava. Deu um passo à frente e e Vigia deu um passo atrás. Estava brandindo sua adaga,

mas sua mão tremia tanto que a lâmina tremia no ar.

Estava com medo de Crier.

Estava *apavorade*.

Crier avançou. E Vigia recuou e escapou pela janela quebrada, e então eram apenas Crier, Ayla e Jezen de novo, a sala silenciosa, exceto pelas respirações ásperas e torturantes de Ayla.

— *Ayla* — disse Crier, e voou pela sala, caindo de joelhos ao lado de Ayla. Suas mãos tremularam inutilmente sobre o corpo de Ayla, sua perna. Ayla não conseguia ver a própria canela – não conseguia se mover, mal conseguia manter os olhos abertos – mas o que quer que Crier tenha visto fez seu rosto se torcer de horror. — Parteira Jezen — disse, afiada e controlada. Oh, isso era ruim. A única outra vez que Ayla ouvira a voz de Crier assim foi quando Kinok colocou uma espada na garganta de Ayla. — Parteira Jezen, ela precisa de um médico. Agora.

Fora da janela, fora da sala de música, o som de buzinas de guerra. Como animais zurrando. O tempo passou e Crier estava dizendo: — Ayla, acorde, Ayla, abra os olhos, vamos. — e havia uma segunda figura pairando sobre Ayla, toda branca, branco fantasma, como o vestido de Luna no mercado mil anos atrás, antes de tudo. Jezen estava falando. Sua voz era mais aguda do que a de Crier, alta como sinos. Ayla só conseguia decifrar a cada três palavras. *Cacos de osso. Corrente sanguínea. Matar ela.*

Isso vai matá-la.

— Procure um médico — estava dizendo Crier. — Por favor, vá buscar um médico, não há tempo, vou ficar aqui com ela–

Não.

Não, esse não era o plano.

— Crier — Ayla ofegou, pontos negros aparecendo atrás de seus olhos. — Crier, você– vá, você tem que ir. Vou ficar bem, eu prometo. Apenas vá.

— *Não* — disse Crier. Ela parecia à beira das lágrimas. — Não, eu não vou deixar você. Precisamos apenas de um médico. Isso está tão ruim, Ayla, isso é tão–

— Eu posso salvá-la — interrompeu a Parteira Jezen. A cabeça de Crier se ergueu, aqueles olhos estrelados e brilhantes disparando na direção da voz de Jezen, mas Ayla não estava

disposta a tirar os próprios olhos de Crier. Sua cabeça estava tão pesada, a visão ficando escura e embaçada nas bordas, e ela estaria condenada se olhasse para qualquer outra coisa.

— Se eu agir rapidamente, posso salvar a vida dela — disse Jezen. — Mas se os assassinos de Kinok já a encontraram aqui, estamos todos em perigo. Você é o alvo. Ele quer você. A melhor coisa que você pode fazer por Ayla agora é se afastar dela. Vá, Lady Crier. O que quer que você vá fazer, faça agora. Vá e *pare ele*.

— Mas–

— *Vá!*

Uma pressão na testa de Ayla, quente contra sua pele gelada. Então a forma de Crier, pouco mais do que uma sombra agora, se foi. Sem mais nada para olhar, Ayla fechou os olhos e se deixou afundar na dormência, na água escura, sentindo apenas alívio quando se fechou sobre sua cabeça.



20

O coração dentro de seu peito não era seu.

Crier podia sentir que batia. Podia sentir isso por todo o corpo, mais forte do que um batimento cardíaco normal; com cada pulsação, os símbolos dos Criadores em sua pele brilhavam mais forte, piscando como estrelas. Ela ergueu um braço na frente do rosto, examinando as marcas anteriormente invisíveis. Os símbolos gravados em sua pele. Toda sua vida, ela tinha carregado esses fios de magia. Só agora foram revelados a ela, enquanto o coração de Yora a enchia com um novo tipo de poder. Palavras flutuaram em sua mente, as primeiras linhas do primeiro livro que ela já havia lido. *O Manual do Criador*.

Todas as coisas possuíam uma certa matéria prima, uma substância pura e intangível mais velha que o próprio Universo.

Se a humanidade é formada a partir desse material, do órgão ao osso, a carne e até mesmo a Alma intangível, então certamente o Criador pode transmutar a vida humana.

Ela sempre fora forte.

Mas, pela primeira vez, Crier se sentiu verdadeiramente viva.

Sua mente continuava tentando analisar e categorizar cada nova sensação, pegar esse sentimento enorme e nebuloso e transformá-lo em uma forma que fizesse sentido. Mas como? Consumir pedra-coração empalidecia em comparação. Era como passar de uma sombra fria para um pedaço de luz solar. Um calor reconfortante, uma pequena reposição de força. Isto era – beber o luar. Isto era todo o seu corpo leve e arejado. Crier pensou que se fosse para os penhascos do mar agora, a maré subiria para encontrá-la. Se furasse a ponta do dedo, sangraria a prata derretida.

Ela deixou seu corpo guiá-la pelos corredores familiares do palácio. Ao se aproximar da entrada principal, pôde ouvir um clamor de vozes no grande salão de baile. Humano e Automae, tantas vozes, cem pelo menos. O exército da Rainha Junn. Os Tarreenianos. Os outros humanos, servos e rebeldes. Havia uma diferença entre os dois? Talvez não. Provavelmente Ayla não pensava assim. Ayla provavelmente diria: *Existir neste mundo é um ato de rebelião para nós, Apenas Crier*.

Ayla.

Continue andando, Crier disse a si mesma. Ela confiava na Parteira Jezen. Mais do que isso, confiava em Ayla. Se Ayla disse que ficaria bem, ela ficaria. Era simples assim. Ayla cumpriria sua parte na barganha – era hora de Crier fazer o mesmo.

Ela não viu mais ninguém até chegar à entrada principal. Oito membros da Guarda Verde estavam posicionados dentro das enormes portas de madeira, os rostos impassíveis, as armas nas mãos. Quando Crier se aproximou, ela teve o distinto prazer de ver seus olhos se arregalarem em choque, mesmo que apenas por uma fração de segundo. Ela sorriu para si mesma. Olhos prateados, pele coberta com runas brilhantes; ela provavelmente parecia uma criatura das velhas histórias. Uma das sereias do fundo do mar que viviam nas fendas de formações rochosas subaquáticas, de boca aberta, usando suas longas e luminosas línguas para atrair as

presas. Ou uma bruxa-vela das montanhas do oeste: um monstro que assumiu a forma de uma linda garota, que conduziu seus admiradores para o fundo das montanhas, a lanterna balançando alegremente por quilômetros e quilômetros enquanto as pobres almas apaixonadas por ela tropeçavam sempre para a frente através do neve cegante, até que eles congelaram até a morte e a bruxa da vela os devorou inteiros.

Estou indo atrás de você, Kinok, pensou Crier.

Para os guardas, ela disse: — Me deixem passar.

— Não é seguro fora das paredes do palácio, Lady Crier — respondeu um deles. — O batalhão do Scyre chegou.

— Eu entendo isso — disse Crier. — Me deixem passar.

Quaisquer que fossem suas ordens, Crier não era seu encargo. Movendo-se como uma só, a Guarda Verde baixou a cabeça e deu um passo para o lado, abrindo caminho. Crier abriu uma das pesadas portas de madeira apenas o suficiente para deslizar pela fresta, e então estava livre. Lá fora, o final da tarde estava mudando rapidamente para o início da noite, o céu escurecendo de um azul claro para a cor de um novo hematoma. O ar estava frio na pele de Crier. Ela respirou fundo, enchendo os pulmões e continuou. Havia mais guardas estacionados fora das portas, mas não fizeram nenhum movimento para detê-la; seriam capazes de ouvir a conversa lá dentro. Ela deixou eles e o palácio para trás.

O pátio principal, assim como os aposentos dos servos, os pomares e os campos, havia sido reaproveitado para a batalha. Havia uma dúzia de tendas de tecido pontilhando a grama, cavalos amarrados ao redor do perímetro, Automae e humanos correndo entre as tendas. Todos adequados para a batalha. Alguns, como Ayla, usavam lã acolchoada ou o que parecia couro de montaria. Alguns tinham armaduras mais pesadas, com cota de malha cintilante ou placas de metal sólido no peito, espadas na cintura. Muitos dos Automae usavam as máscaras brancas de Varn, e era assustador, todos aqueles rostos cobertos, vazios e inexpressivos, exceto pelas fendas dos olhos, como estátuas ganhando vida.

Enquanto Crier atravessava o pátio, todos que a viam pararam e ficaram olhando. Alguns dos humanos se encolheram para longe dela, assustados. Ela queria dizer a eles que não havia nada a

temer, mas isso poderia acontecer mais tarde. Por enquanto, tinha uma missão. E não se desviaria.

Apenas duas pessoas não se encolheram. O irmão de Ayla, Storme, estava parado perto de uma das fogueiras, conversando com o amigo de cabelo encaracolado de Ayla. Benjy. Suas cabeças estavam inclinadas juntas, a mão de Storme no ombro de Benjy. Os dois ergueram os olhos quando ela se aproximou e seus olhos se arregalaram.

— O quê...? — Benjy começou.

— Você — disse Crier a ele. — Vá para a sala de música. Ayla precisa de você.

— O que? O que há de errado com Ayla? Ela está ferida? — Storme exigiu, enquanto Benjy dava a Crier um aceno de cabeça, colocava a mão no ombro de Storme em despedida e disparava de volta para o palácio em uma corrida de pernas longas.

— Você — disse Crier para Storme. — Vá até a rainha. Diga a ela para me dar meia hora com Scyre Kinok. Apenas meia hora.

— Você enlouqueceu — disse Storme. — De jeito nenhum. Ayla arrancará minha cabeça se eu deixar você se matar.

— Conselheiro Storme. Por favor.

Ela o olhou com firmeza, esperando sua deliberação. — Tudo bem — disse finalmente. — Bem. Eu direi.

— Obrigada — disse Crier. — Depois disso, vá para a sala de música. Ayla também precisa de você.

O exército de Kinok era fácil de detectar. Mesmo do pátio ela podia vê-los. O palácio do soberano ficava onde suaves colinas relvadas se achatavam para encontrar os penhascos do Steorran, e Crier podia ver: uma luz amarela difusa no horizonte ocidental, no topo de uma colina, cada vez mais perto. A queima lenta de tochas. E lá, flutuando acima da luz, ela pôde ver as bandeiras de guerra mais altas. A maioria era preta, como as vestes de um Scyre, como as braçadeiras que tantas pessoas usaram no baile de noivado de Crier e Kinok. Como Sombra Noturna. Mas alguns dos seguidores de Kinok estavam marchando sob suas próprias cores. Crier viu mais de um brasão de família pertencente a um membro do Conselho Vermelho. Shen, Yaanik, Parademe. Mais uma pontada de

traição. Eles não se voltaram apenas contra o soberano – se voltaram contra Rabu.

Ela apertou os olhos. Eles definitivamente ainda estavam se movendo. Nesse ritmo, alcançariam o limite da propriedade do soberano ao anoitecer.

Felizmente, não iriam muito longe.

Crier parou no meio do pátio, ignorando os olhares e sussurros ao seu redor, avaliando suas opções. Deveria esperá-los no limite da propriedade? Deveria tentar encontrá-los no meio do caminho?

— Crier!

Algo formigou no fundo de sua mente. Por que conhecia aquela voz? Ela se virou, examinando a multidão que se reunia, um círculo de humanos e Automae a olhando com uma mistura de medo, cautela e curiosidade e, em alguns rostos, algo que ela poderia jurar que era admiração.

— Crier! — A voz repetiu, e desta vez ela o viu, contorcendo seu caminho através da multidão e se libertando, tropeçando no marco zero do espaço vazio ao seu redor.

Hook. O menino que a salvou das Sombras no rio, o líder rebelde com seu grupo de crianças perdidas. Ela sentiu seu queixo cair. A última vez que se viram, nas margens de conchas brancas de Enseada da Rainha . . . Crier pensara que certamente era isso, seus caminhos nunca mais se cruzariam. Mas aqui estava ele, aparência um pouco pior pelo desgaste – havia uma bandagem colocada sobre sua orelha esquerda e seu olho esquerdo estava muito inchado – mas estava muito vivo, sorrindo até, tão largo e cheio de dentes quanto ela se lembrava.

— Todos vocês parem de ficar boquiabertos, dêem a ela um pouco de espaço — disse ele em voz alta, fazendo um gesto de enxotar a multidão. Então caminhou direto para Crier, parecendo totalmente despreocupado com a luz branco prateada pulsando em sua pele. — Olá de novo — disse, lhe dando uma saudação alegre. — Eu esperava encontrar você aqui, mas admito que não esperava que você estivesse brilhando.

— Você... — ela começou, sem saber como terminar a frase. *Você conseguiu? Estou feliz por você estar vivo? Que bom te ver*

novamente? Eu pensei que você não queria nada comigo? — Você– esperava me encontrar?

— Sim. — Seu sorriso desapareceu. — Eu... me arrependo. Por deixar você lá, quero dizer. Eu sinto muito.

Crier assentiu. — Eu te perdôo — disse. Ela não tinha tempo – ou desejo – para mais nada. — Você estava cuidando dos seus. Eu entendi na época e entendo agora. — Era a coisa mais humana do mundo. — Nós dois chegamos aqui no final, não é?

— Isso nós fizemos — disse. — A propósito, acho que vale a pena repetir: você está, uh, brilhando?

Ela se inclinou, hiperconsciente de todos os olhos sobre eles, todas as orelhas em pé para ouvir cada palavra. — Eu encontrei a Turmalina — disse a ele, mais baixo ainda que um sussurro. — Eu encontrei, Hook.

Seus olhos se arregalaram. Ele abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu.

Crier esperou alguns segundos, mas ainda não falou. — Hook? — Disse, tentada a acenar com a mão na frente do rosto dele. Ele estava realmente tão chocado com a Turmalina?

Então ela percebeu: ele não estava olhando para *ela*. Seus olhos estavam fixos em algo logo além do ombro dela, e ele ainda estava congelado. Mal estava respirando.

Crier se virou, seguindo seu olhar. No limite da multidão estava um humano com cabelo dourado. Elu era alte e de ossos finos, elegantes. A última vez que Crier viu essa pessoa, elu estava na caravana do médico, parecendo um cadáver. Como um esqueleto, magre e terrível, os olhos afundados no crânio. Ela se lembrava de seus braços, enfaixados do pulso ao cotovelo.

O rosto delu era um espelho do de Hook. O mesmo choque sem fôlego e impotente.

Então...

— Eu vou *te matar, caralho.* — Hook engasgou e se lançou para elu. Crier nem mesmo teve tempo de se alarmar antes que Hook praticamente se jogasse sobre o humano de cabelos dourados, as duas mãos torcendo na frente da camisa, puxando-e para baixo até que estivessem nariz com nariz. — Eu vou *te matar* — disse de novo, quase incoerente, as palavras se misturando, dando ao

humano uma forte sacudida e então caindo nelu, pressionando a testa contra sue peito. — Eu vou te matar, Erren, sue *burre*, bastarde, eu juro por todos os dez mil deuses que vou *te matar*, eu te odeio, você tem alguma ideia– você tem *alguma ideia*...

Erren.

Erren Erren era ume entre milhares, havia dito a Crier. *Para encontrá-le – para salvá-le – eu arriscaria cair em uma armadilha. Eu arriscaria quase tudo.*

Eu entendo o que você quer dizer, disse Crier.

— Sinto muito — disse Erren, parecendo atordoade. Elu não fizera nenhum movimento para se defender. — Eu sinto muito. Eu sei, me desculpe.

— Você *não* sabe — disparou Hook.

— Você está certo. Eu não sei. Eu sinto muito.

— Essa é provavelmente a primeira vez que você admite que outra pessoa está certa — disse Hook, e então, — Eu te odeio. — e então. — Eu *nunca* vou te perdoar, nesta vida ou na próxima. — e então ele ficou na ponta dos pés e pegou o rosto de Erren nas mãos e pressionou suas testas uma contra a outra, depois as bocas.

Crier se virou, certa de que não deveria estar vendo isso, apenas para ser confrontada por outro rosto familiar.

— Olá, Lady Crier — disse Faye.

— Você está viva — disse Crier, atordoada. A última vez que vira Faye, a serva fora cercada pelos guardas do soberano depois de ajudar Crier a escapar. Esperava que Faye não tivesse sido punida com a morte, mas o soberano não era conhecido por sua misericórdia. Crier temera o pior. Mas Faye estava viva, parada diante dela, vestida não com o uniforme de copeira, mas com um vestido amarelo que Crier reconheceu ser de seu guarda-roupa.

E, como mariposas à luz de uma lanterna, eles continuaram vindo. Bree lutou para sair da multidão um momento depois, deu uma olhada em Hook e Erren – que pararam de se beijar e agora estavam abraçados com tanta força que Crier não sabia dizer onde um terminava e outro começava – e soltou um longo sequência de maldições, algumas em línguas que nem mesmo Crier conhecia. Então Bree estava arrastando Erren dos braços de Hook para os dela, e Faye disse: — *Você* — e Crier se virou para ver Dinara. Crier

sabia que Dinara e os outros rebeldes haviam sido resgatados do Coração de Ferro, mas não teve a chance de trocar mais do que um punhado de palavras com ela durante a jornada para o leste.

Crier olhou de relance para Faye e Dinara, surpresa. — Vocês já se conhecem?

Dinara balançou a cabeça, mas Faye concordou. — A tinta e linha — disse ela, sem dar mais explicações.

— Crier — disse Dinara, se aproximando dela. — O que você está fazendo?

— Eu fiz a mesma pergunta — veio a voz de Hook, e ele se juntou a ela, de mãos dadas com Erren. Bree o seguiu, embora ainda observasse Crier com franca desconfiança. E assim, Crier estava de frente para os cinco – Hook, Faye, Dinara, Bree, Erren – e estavam olhando para ela, na expectativa.

— Vou encontrar Kinok — disse, desejando que sua voz não tremesse. Ela desejou que Ayla estivesse aqui. As coisas eram mais fáceis com Ayla por perto. — Eu vou impedi-lo.

— O quê, sozinha?— Disse Hook. — Você vai ser morta.

— Kinok não vai me matar — disse Crier. — Pelo menos ainda não. — Ela olhou ao redor do pequeno círculo, encontrando os olhos de cada pessoa, um por um. — Vou acabar com isso — disse, tentando soar mais corajosa e mais confiante do que realmente era. — Eu sou a única que pode fazer isso. A única com alguma chance de fazer com que seus seguidores mudem de ideia.

— Você está louca? — Bree exigiu. Ainda a mesma Bree, então. — O quê, você vai apenas marchar até o exército dele e dizer *Por favor, me levem até Kinok* ?

Crier pensou por um segundo. — Sim.

— Para ser justo, ela está brilhando — murmurou Hook.

— Esta é uma missão tola — disse Dinara. — Mesmo se não matarem você à primeira vista, quem disse que não vão simplesmente nocauteá-la e entregá-la a Kinok algemada?

— Sei como fazê-los me ouvir — lhes assegurou Crier, rezando silenciosamente para que fosse verdade. — Por favor, confiem em mim. Eu tenho que fazer isso, e eu tenho que fazer isso sozinha.

— Você não tem — disse Erren, falando pela primeira vez.

Hook girou sobre eles. — Erren, nem pense nisso.

— Você não precisa fazer isso sozinha — disse elu. — Não vou tentar te convencer do contrário. Eu faria a mesma coisa na sua posição; Eu faria o que fosse preciso. Mas você está errada. Você não precisa ir sozinha. — Erren percebeu a expressão em seu rosto e bufou. — Olha, eu não te conheço, e eu tenho certeza que todos os infernos não gosto do seu pai, mas você salvou minha vida. Sei que você e Ayla disseram à guarda de Junn para voltar atrás de mim e dos outros. Se não fosse por você, eu estaria morte agora. Ou pior, ainda estaria vive. Lá. Naquela sala. Então, eu vou com você.

Crier balançou a cabeça. — Eu não posso deixar que você...

Eu vou com você — Erren repetiu. A expressão delu escureceu. — Se nada mais, me dê o prazer de assistir a queda de Kinok de primeira mão. Ele me deve um pouco de sangue.

— Mas...

— Eu também vou — disse Hook. — Não, nem tente me convencer do contrário. Em primeiro lugar, nunca vou deixar estu idiota — gesticulou para Erren, que fez uma careta — fora da minha vista de novo enquanto eu viver. Em segundo lugar, sempre gostei de aventura.

— Isto não é uma aventura, é uma missão suicida — disparou Bree, e então. — Deuses que se danem. Acho que vou.

— Assim como eu — disse Dinara. — Eu vou apenas para ver a cara da Scyre.

— Eu... — Crier disse fracamente. — Eu não posso pedir a todos vocês...

— Minha senhora — disse Faye. — Você não entende? Você não é a única que quer acabar com isso. Antes que o número de mortos aumente.

O coração que não pertencia a Crier palpitou dentro de seu peito. Parte dela queria chorar. Parte queria continuar discutindo. Parte queria dizer *obrigada, obrigada, eu não queria ficar sozinha para isso, nunca quis ficar sozinha*. Mas já havia demorado bastante. O brilho amarelo do exército de Kinok estava se aproximando cada vez mais, tão perto agora que ela podia ver os detalhes dos brasões da família nas bandeiras de guerra. Uma

coruja, uma serpente, uma espada e um escudo, um cristal vermelho em forma de lágrima. Ela conhecia todos.

Fechou os olhos por um momento.

No palácio, na sala de música, havia algo pelo qual valia a pena morrer. Pela qual valia a pena viver.

Crier abriu os olhos.

— Fiquem perto — disse, olhando para todos os cinco, um de cada vez. — Kinok me quer viva. Mas só eu.

— Não se preocupe — disse Hook, dando um sorrisinho para ela. Crier se lembrou: colinas douradas, Lago Thea engolindo o horizonte, grama amarela ondulando ao vento. *Você é meu amigo?* ela se perguntou então. Talvez esta seja a resposta. — Vamos ficar bem ao seu lado.

Havia uma história que Crier havia lido e relido cerca de mil vezes. Havia memorizado cada palavra, podia imaginar cada página iluminada, podia folheá-las em sua mente.

Enquanto caminhava para encarar o exército de Kinok, Crier contou a si mesma a história de Hana e Inverno. Ela deixou a história desenrolar dentro dela. Ela pensou em Hana e Inverno e em ossos antigos, campos de gelo e corações iluminados pelas estrelas. E o coração que não pertencia a ela continuou a bater continuamente, e os símbolos em sua pele mantinham seu estranho brilho branco prateado.

Eles caminharam, e ao seu redor o crepúsculo caiu. Tudo bem. Crier podia ver no escuro. Ela podia ver o exército de Kinok, talvez duzentos fortes – muito menor do que ela esperava. Ela podia ver as bandeiras de guerra e as tochas e lanternas e rostos iluminados. Podia ver treze membros do Conselho Vermelho bem na frente, e atrás deles um mar de rostos familiares: nobres e proprietários de terras e outras elites, Automae que ela vira em bailes, casamentos e reuniões políticas, Automae que visitavam o palácio todos os anos como um gesto de boa fé ao soberano. O soberano. Verdade seja dita, Crier não podia culpá-los por desertar, por se rebelar contra ele. Ela fez a mesma coisa.

Mas poderia culpá-los pelas bandeiras pretas.

Pelo o homem que escolheram como seu novo rei.

E lá estava ele.

Kinok, o herói de guerra, o Vigilante do Coração, o Scyre, o caçador, o cientista, o garoto zangado brincando de guerra. Lá estava ele, emergindo da linha de frente, suas habituais vestes pretas trocadas por vermelhas. Seu exército era uma massa silenciosa atrás dele. Haviam parado de marchar. O espaço entre Kinok e Crier havia diminuído para o comprimento de um pátio. Aqui estavam, no lugar onde os campos do soberano encontravam as colinas baixas e relvadas. Crier desenhou um mapa em sua cabeça: oitocentos metros ao norte, a estrada que levava a Yanna. O rio Daedus. Ela e Kinok estavam frente a frente em uma extensão de grama que parecia negra na escuridão crescente. Em todos os lugares, havia manchas de pequenas flores brancas. A queda de estrelas.

— Preparem-se — Bree murmurou. — A qualquer segundo agora, eles vão começar a atirar flechas.

— Eles não vão — disse Crier. — Não se ficarem atrás de mim. Eu lhes disse. Ele me quer viva.

Ela começou a avançar novamente, e os cinco a seguiram. Comparados ao exército diante deles, eles não eram nada. Seis contra duzentos. Não era a melhor chance.

Embora – no final, não fossem seis contra um?

Crier só parou quando viu o branco dos olhos de Kinok. Quase cinquenta passos entre eles agora. E a coisa mais estranha estava acontecendo: conforme Crier se aproximava, o exército de Kinok recuava. Nem por ordem de Kinok, nem por ordem de ninguém. Os membros do conselho que seguravam as linhas de frente estavam se formando, recuando uns contra os outros, exibindo uma espécie de falta de graça em massa que Crier nunca havia testemunhado de sua própria espécie. No início, não entendeu porque estavam recuando. Porque estavam *olhando* para ela assim.

— Eles estão com medo — disse Hook, como se ouvisse seus pensamentos. — Crier. Eles têm medo de você.

Oh.

Uma voz ecoou no espaço entre eles. — Mantenham sua posição! — Kinok ordenou, e a atenção de Crier estava sobre ele

novamente, e *oh, oh*, ele parecia *furioso*. — Eu disse para *manterem sua posição*!

Seu exército parou. Mas o medo em seus rostos – medo frio, medo Automa, um leve arregalar de olhos, um aperto na mandíbula – permaneceu. Kinok não poderia expulsar isso.

Não podia controlar.

Não conseguia nem esconder sua própria expressão.

Crier endireitou os ombros como Ayla fazia, mantendo o queixo erguido. — Kinok — disse, sem se preocupar em levantar muito a voz. Eram todos Automae. Iriam ouvi-la. Ela estendeu os braços, palmas para cima, as runas brilhantes em exibição total. — Adivinhe o que descobri.

— Você não o fez — disse ele. — Você não fez isso.

— Oh, eu fiz. O coração de Yora. Turmalina. Eu o tenho; Eu sei como criar e ativar. Eu sei como transformar a Turmalina em uma fonte de vida. Nossa próxima fonte de vida — então, para seus seguidores: — Eu sou a prova viva de que Kinok não pode dá-los o que vocês procuram — disse ela. — Ele não consegue nem mesmo mantê-los vivos. Ele é quem destruiu o Coração de Ferro!

Isso chamou a atenção deles. Mais de uma cabeça se virou para olhar para Kinok, uma onda de movimento.

— Os dias da pedra-coração acabaram — continuou Crier. — O que Scyre pode oferecer a você? Sombra Noturna? A poeira negra que te deixa louco, corrói seu corpo e mente sem nunca deixar você morrer? A poeira negra que ele está usando para envenenar seus seguidores mais leais? — Ela respirou fundo, pensando em Rosi, nos incontáveis outros que morreram de uma das piores formas imagináveis, Sombra da Noite corroendo suas mentes. — Scyre Kinok é um traidor e assassino. Ele está *enganando vocês*. Ele não se preocupa com a Anti-Dependência – ele não se importa com nada além do poder. Ele quer matar meu pai e assumir o trono e vocês eram apenas peões no seu jogo. Ele mataria todos vocês em um piscar de olhos.

— Eu os imploro, não dêem ouvidos a essa garotinha tola — Kinok disse preguiçosamente, todos os traços de medo substituídos por arrogância. — Vocês se lembram de Lady Crier: uma criança ingênua com nada melhor para fazer do que contar histórias. Cada

palavra que sai de sua boca é uma mentira, assim como seu pai. Olhem para ela, vejam o que se tornou! — Ele estendeu o braço, gesticulando para ela, como se todo mundo já não estivesse olhando. — Ela é uma covarde, simpatizante humana sem razão! Ela é uma traidora de sua espécie!

— E a única que pode manter nossa espécie viva — disse Crier, e estendeu a mão para desfazer o alfinete em sua garganta. Sua camisa se abriu onde Ayla fizera o corte, expondo a clavícula de Crier, a ponta de seu esterno – e o lugar onde o coração de Yora batia em seu peito. O epicentro, seu novo núcleo. Era possível literalmente ver o coração através de sua pele, como olhar para o sol através de um pedaço de pergaminho; todo o lado esquerdo do peito de Crier pulsava com um brilho azul-claro. — Vejam vocês mesmos — disse, se dirigindo ao exército, os Automae. — O poder da Turmalina.

Os murmúrios estavam ficando mais altos. Mais e mais cabeças se viravam na direção de Kinok, mas não porque esperavam suas ordens. Crier viu a indignação em seus rostos, a suspeita, a desconfiança, os crescentes sinais de dissidência. Isso a estimulou.

— Acabou, Kinok — disse ela. — O exército da Rainha Junn está esperando por você no palácio. Eles superam você em mil. *Acabou*. Você falhou em criar uma nova fonte de vida. Você falhou em encontrar o coração de Yora. Você falhou em transmutar Turmalina. Esta é sua última chance de fazer algo certo. Você marchará para a morte certa? Ou você vai se render agora e viver? — Ela ergueu a voz. — Cada um de vocês tem uma escolha. Morte ou rendição?

— E o que acontece se eu me render? — Kinok disse, e sua voz estava alta e crua. — Prisão? Execução pública? Isso não é uma *escolha*, sua garota estúpida. — Ele se virou para enfrentar seus seguidores. — Com o tempo, posso transmutar a Turmalina. Eu posso lhes prometer vida eterna. Poder eterno. Cidades livres da sujeira humana. Lembrem-se do porquê vocês estão lutando comigo, lembrem-se de porquê vocês me escolheram. Porque o Tradicionalismo – *a doutrina de seu pai* está impedindo vocês. Podemos acabar com isso, podemos criar uma nova sociedade. Todos nós podemos ser reis.

— Você nunca dividiria o trono — disse Crier.

— *Cale a boca*, sua *desgraçada*—

— Scyre. — Foi o Conselheiro Parademe quem falou. — Se metade do que ela diz é verdade, você já quebrou suas promessas.

— Não é verdade! — Kinok disse. — Oh, você é tão tolo quanto ela. Vocês são todos tão fracos, tão facilmente influenciados, eu deveria saber que vocês se voltariam contra mim. Vocês deveriam ser a Espécie superior, mas não são melhores que os humanos. Feitos de nada além de sujeira e medo. — Ele lhes deu as costas – e partiu para Crier. Ele se moveu com fluidez, primeiro em uma caminhada e depois uma corrida, fechando o espaço entre eles em meros segundos. Parou a apenas dez passos dela e puxou sua espada, o luar atingindo a lâmina. A mesma espada, registrou parte de Crier, que havia apenas três dias mordera a pele de Ayla.

— Kinok — disse Crier, o batimento cardíaco acelerado. — Você ainda pode se render.

— Cale a boca — zombou. — Cale a boca, você já disse o suficiente. Você não vai me dar um coração de Turmalina? Bem. Eu mesmo vou arrancá-lo do seu peito. Logo depois de cortar sua língua mentirosa.

Atrás dela, Crier ouviu Hook e os outros mudando de posição, preparando suas próprias armas. Se preparando para defendê-la. Ela ficou tensa, com medo de que Kinok os atacasse primeiro apenas para tirá-los do caminho, mas seus olhos nunca deixaram o rosto de Crier. Estranhamente, ele nem pareceu notar seus companheiros. Eles estavam *bem ali*, todos os cinco bem atrás dela, e era como se a presença deles nem mesmo fosse registrada em sua mente. *Porque eles são humanos*, percebeu Crier.

— Kinok, apenas se renda — ela tentou. Uma última vez, mais uma chance. — Não é tão tarde.

— É para você — disse, e ergueu a espada.

Ele saltou para frente e Crier tropeçou para trás, os braços voando em uma tentativa fútil de se proteger, porque ela não conseguia se esquivar dele, os outros estavam bem atrás dela, ela não podia arriscar que um deles recebesse o golpe – mas não aconteceu. O golpe, a fria mordida do aço, não veio. Crier abriu os olhos – quando ela os fechara? – e ficou imóvel.

O golpe não veio porque Kinok estava – *ele estava* – Crier não conseguia entender. Sua mente estava presa em todos os detalhes separados: o choque em seus olhos. Sua espada no chão. A mancha escura em sua camisa vermelho-sangue. Partes da informação. Apenas pedaços de informação. Então ele fez um ruído baixo e sem palavras e levou uma mão ao peito, roçando o local com os dedos. A mancha escura bem acima de seu coração. Estava crescendo, se espalhando por sua camisa, uma rosa negra florescendo. Um derramamento de tinta.

Faye, que estava diante dele, ergueu a adaga uma segunda vez. Ela o esfaqueou no coração novamente. E novamente, o metal afundando na carne.

Ela deu um passo para trás. Seu braço se moveu em um arco. Por um momento selvagem, Crier pensou que ela daria um tapa na cara de Kinok. Mas quando Faye baixou o braço e a adaga escorregou de seus dedos, caindo silenciosamente na grama macia, Crier viu a verdade do que ela havia feito. A linha preta que ela traçou na garganta de Kinok.

Ele caiu de joelhos. Crier quis desviar o olhar, mas não conseguiu. Ou talvez sentisse que não deveria, como se esse fosse um preço que tinha que pagar: prestar testemunho. Kinok fez outro barulho. Era úmido, áspero e horrível, e Crier pensou entorpecida: *Esse barulho vai me assombrar pelo resto da vida*.

Faye deu alguns passos para trás. Seu rosto brilhava ao luar, molhado de lágrimas.

— Isso é por minha irmã — disse ela a Kinok. — Por Luna.

Então se virou e foi embora.

Por muito tempo, Crier não conseguiu segui-la. Ela ficou lá na campina, no mar de estrelas, no escuro. Quando era recém-construída e ainda frágil, Crier havia caminhado por este prado sobre as pernas trêmulas de um cervo recém-nascido, escovado as mãos recém-tecidas sobre as minúsculas flores brancas, maravilhada que qualquer coisa pudesse ser tão pequena, tão delicada, tão facilmente esmagada. Agora está campina embalava o corpo de seu inimigo, uma vez seu prometido, seu sangue violeta escoando de volta para a terra. *Da luz você nasceu e para a luz*

você retornará. Era verdade, mesmo para ele? Ela queria que fosse?

Era terrível que ela quisesse?

Muito de sua vida tinha sido uma vida de sonhos, ela via agora, uma camada de ouro sobre a decadência. Tinha sido tola, ingênua, aceitando os ensinamentos de seu pai sem questionar, sustentada pelo sofrimento daqueles ao seu redor. Aqueles como Faye e Luna. Como Ayla.

E ainda. Esse sonho que ela teve. De mudar o mundo, o tornando mais amável, incremento por incremento, semente por semente, lutando por aqueles que viriam depois dela, por futuros que ela não viveria para ver – aquele sonho ainda ressoava dentro dela, em seu novo e poderoso coração.

Essa parte da luta havia terminado, rápida e sangrenta, mas ainda havia muito trabalho pela frente. Ela se virou, finalmente, ignorando os Mãos Vermelhas em sua confusão e choque, e começou a caminhar lado a lado com Hook e os outros em direção ao palácio, em direção a Ayla, seu farol, a verdadeira luz das estrelas.

Ayla, ela escrevera uma vez. *Eu poderia estar em qualquer lugar neste mundo e juro que minha linha de visão terminaria em você. Eu juro que te encontraria no escuro.*

Havia muito trabalho a fazer. Que bom, então, que ela não estava sozinha.

PAZ E FRONTEIRAS ABERTAS ENTRE RABU, VARN, TARREEN!

O Scyre Derrotado!
A Vitóriosa Rainha Louca!
As pessoas falaram!

A RESPEITO DA FORMAÇÃO DO CONSELHO HUMANO-AUTOMA PARA AS TRÊS NAÇÕES

Fundado por Sua Majestade a Rainha Junn de Varn; Lady Crier de Rabu; Storme, Conselheiro Chefe de Sua Majestade a Rainha Junn de Varn; Benjy de Rabu; Ayla de Rabu, Aprendiz de Parteira Jezen de Rabu; Brielle, Alquimista de Tarreen; Elan, líder do povo de Tarreen

Mantendo o espírito de paz e as fronteiras recentemente abertas entre o Estado Soberano de Rabu, o Reino de Varn e os Territórios Coletados de Tarreen, certos atores políticos e científicos de cada uma das três principais nações de Zulla se formaram uma Aliança, para defender os direitos de toda a humanidade dentro de Zulla . . .

O TRATADO DE THALEN

entre

O ESTADO SOBERANO DE RABU, O REINO DE VARN E OS TERRITÓRIOS COLETADOS DE TARREEN

O Protocolo anexo ao mesmo, o Acordo a respeito da operação de minas de Turmalina nos territórios de Tarreen, que alocará certas quantidades de Turmalina bruta, especificadas, para o Estado Soberano de Rabu e o Reino de Varn, para fins de transmutação alquímica nos objetos conhecidos como Corações de Turmalina; por CINCO ANOS,

começando no amanhecer do Equinócio de Primavera do Ano Quarenta e Oito da Era-Automa e estendendo-se até o amanhecer do Equinócio de Primavera do Ano Cinquenta e Três da Era-Automa, ou até que uma Fonte de Vida Artificial seja sintetizada com sucesso,

respeitando

A CONTINUAÇÃO DA EXISTÊNCIA DO TIPO AUTOMA
EM PAZ E HARMONIA COM A HUMANIDADE.

Assinado no Palácio da Rainha em Thalen, Equinócio da Primavera, Ano Quarenta e Oito Era-Automa

—FOLHETOS DISTRIBUÍDOS EM TODA ZULLA, PELO CONSELHO HUMANO-AUTOMA PARA AS TRÊS NAÇÕES, ANO 48 EA

O tradicionalismo nos diz que podemos aprender com os humanos de cem, quinhentos, mil anos atrás.

Não podemos aprender com os humanos de hoje?

—DO NEOTRADICIONALISMO E DA LIBERTAÇÃO DA HUMANIDADE, POR CRIER DA FAMÍLIA HESOD, 9648880130, ANO 46 EA

Verão,

Ano 48 AE



Epílogo

Era verão, e o ar em Yanna cheirava a sal.

Enquanto ela meio que caminhava, meio que subia correndo os degraus de mármore branco da Biblioteca do Povo, Ayla se viu reprimindo um sorriso. O céu era azul delfínio, o sol uma moeda alta e branca, ela acabara de visitar Storme – se despedindo rapidamente antes dele partir para Thalen – e as ruas da capital de Rabu estavam cheias de lanternas de papel. Amanhã à noite, Yanna celebraria o solstício de verão, e a cidade já estava viva e zumbindo de ansiedade, a música subindo pelo ar como vapor ou como pássaros marinhos girando.

Ayla empurrou as pesadas portas de madeira da biblioteca. Como sempre, o silêncio parecia físico: o silêncio pesado e bolorento daquele lugar, como se os próprios livros engolissem todo

o som. E como sempre, ela foi direto para a escada em espiral. Metade do segundo andar era dedicado a fileiras de cadeiras de leitura e mesas de estudo, e era lá que Ayla sabia que encontraria...

Crier.

O sorriso se tornou impossível de reprimir.

Crier estava curvada sobre uma mesa no fundo, a cabeça escura inclinada sobre um livro enorme. Ela não ergueu os olhos quando Ayla se aproximou e não reagiu absolutamente quando Ayla pulou na mesa, balançando as pernas. Nessa posição, as bainhas das calças largas de algodão de Ayla subiam e dava para ver que uma de suas pernas era humana e a outra Criada.

Era isso que acontecia se um Automa batesse em você com força suficiente para quebrar um osso e uma Parteira fosse sua médica.

Naquela noite na sala de música, depois que Crier saiu e Ayla ficou sozinha com a parteira Jezen, ela teve uma escolha. — Você tem que decidir — disse Jezen, com um toque frio e leve na canela de Ayla. Ayla não se lembrava do que aconteceu depois disso, mas se lembrava disso. — Você tem que decidir. Eu posso te salvar, mas você tem que me dizer que sim.

— O que acontecerá se eu disser não — murmurou Ayla, fechando os olhos. Ela já havia desmaiado uma vez e podia sentir a água subindo novamente.

— Você vai morrer. O osso está quebrado, está partindo a pele, há medula óssea em sua corrente sanguínea e ela coagulará em suas veias e matará você. Se eu levá-la para a tenda das Parteiras agora, *agora, Ayla*, posso salvar sua vida, mas talvez você não goste de como farei isso. Você tem que decidir.

— Salve minha maldita vida — disse Ayla, e desmaiou.

Jezen tinha salvo.

Portanto, a perna direita de Ayla era Criada do joelho para baixo.

A primeira versão tinha sido horrível, resultado de pânico e desespero – um aparelho simples para costurar as veias de Ayla para que ela não sangrasse na mesa. Mas nas semanas seguintes, quando Ayla começou a se curar muito lentamente, Jezen se dedicou a melhorar o desenho da perna de Ayla. Ela havia trabalhado até ficar tão complexa e contínua quanto a perna de um

Automa, perfeitamente equilibrada para suportar o peso de Ayla, perfeitamente conectada ao seu corpo, como se ela tivesse nascido assim. Quando a perna foi reconstruída, Jezen se ofereceu para completar a transformação: cobrir tudo com pele recém-tecida, para que fosse realmente indiscernível do resto do corpo de Ayla. Ayla havia dito não. Cobrir parecia muito com esconder uma cicatriz de batalha, como fingir que nada tinha acontecido. Ela não queria fingir. Portanto, sua perna direita foi Criada do joelho para baixo e parecia a que vivia logo abaixo da pele de um Automa. Era um membro de ferro do Criador, brilhante e metálico, quase inquebrável.

Agora, refletia a luz do sol que entrava pelas janelas altas, brilhando dourado. Ao longo do último mês ou assim, as visitas de Ayla a Jezen mudaram de visitas para uma espécie de... aprendizagem, quase. Como Siena antes dela, Ayla se descobriu querendo aprender mais e mais sobre Criação. Enquanto ela ficava mais estável em sua nova perna, começou a se perguntar: O que mais a tecnologia Automa, a ciência e magia dos Criadores, poderia fazer por sua espécie? E Jezen havia dito: *vamos descobrir.*

Com a ajuda de Crier, elas estavam tentando aprender mais sobre a misteriosa H. Thomas Wren que havia roubado seu trabalho e enterrado seu nome; a história a havia esquecido. Ela estava perdida. Mas Crier acreditava que poderia ser encontrada.

— Ei — disse Ayla. — Ei, Apenas Crier.

Crier fez um pequeno ruído de reconhecimento e não tirou os olhos do livro.

Ayla suspirou melancolicamente. — Se lembra dos velhos tempos, quando eu entrava em uma sala e você apenas *olhava*? — Ela perguntou. — Você não conseguia tirar os olhos de mim, e eu tentei tanto manter os meus longe de você. Se eu soubesse que sua atenção seria tão fugaz... — ela jogou o braço sobre o rosto, a imagem do melodrama. — Não acredito que perdi você para os *livros*. Bem, talvez eu acredite.

O canto da boca de Crier se contraiu. Ela ainda não ergueu os olhos.

— Eu te disse uma vez que não sou um livro para ser lido — continuou Ayla. — Eu retiro o que disse. Eu sou um livro. Me leia.

Crier ergueu os olhos. — Estamos na *biblioteca* — ela sibilou.

— Então leia uma história para mim.

Os olhos de Crier se estreitaram. Era adorável a expressão em seu rosto. Isso fez com que Ayla quisesse fazer e dizer muitas coisas, a maioria delas suave. Principalmente, estava grata de novo pelos olhos de Crier terem voltado a serem castanhos. Levou séculos para que o brilho prateado desaparecesse totalmente, a névoa se dissolvendo no sol da manhã. O coração de Yora era ainda mais poderoso, mais potente, do que qualquer um poderia ter previsto; Siena o Criou para uma criatura que requeria muito mais energia do que o Automa comum e, além disso, a magia que não dependia do sacrifício humano era mais pura, não diluída pelo mal. Como Kinok pensava, ele poderia ter alimentado um corpo por muito mais tempo do que a pedra-coração – mas esse tipo de energia cobrou seu preço. O brilho, a queimadura, os olhos prateados. As Parteiras previram que o corpo permaneceria vivo, mas com um custo: a dor de uma alma em chamas. Scyres e Parteiras tanto de Rabu quanto de Varn mais alquimistas humanos de Tarreen trabalharam juntos para criar uma Turmalina mais funcional: corações azuis profundos que alimentavam Automae como pedra-coração, mas sem o uso de sangue. Sem o peso do sofrimento humano. Sem o raio de muito poder de uma vez. No momento, a Turmalina foi extraída das cavernas de Tarreen de acordo com o tratado, mas os Criadores pretendiam criar uma versão artificial. Uma fonte infinita.

Eventualmente, como o resto de sua Espécie, Crier recebeu um novo coração.

— Seu terceiro — disse Ayla.

— Quarto — respondeu Crier, lhe lançando um olhar suave e significativo, e Ayla gritou e fugiu da sala e depois voltou para pegar o rosto de Crier nas mãos e beijá-la com força e depois fugiu de novo, com as bochechas em chamas.

De qualquer forma. Era verão e o ar em Yanna cheirava a sal e os olhos de Crier estavam castanhos de novo, e era bom.

— Vamos — adulou Ayla. — Uma história.

— Por que você simplesmente não encontra um e lê você mesma? — Disse Crier.

— Só porque *posso* ler agora não significa que quero fazer isso o tempo todo — disse Ayla. — Além disso, eu não mencionei? Gosto da sua voz de contadora de histórias.

Crier cantarolou. — Você mencionou.

— Estou mencionando isso de novo.

— Cuidado — disse Crier. — Posso ter a impressão de que você gosta de mim.

Ayla fez uma careta para ela. — Não gostaria disso.

— Não, nunca. — Ela sorriu para Ayla, tudo sobre isso era caloroso e gentil de uma maneira que às vezes ainda parecia impossível. Ainda deixava Ayla nervosa, às vezes, porque em sua experiência as coisas quentes e gentis não duravam; apenas queimavam. Mas ela estava tentando. Sempre, estava tentando. — E se, em vez de ler uma velha história para você, eu contar uma nova?

Ayla ergueu as sobrancelhas, intrigada. — Você vai inventar?

— Eu poderia. — Oh, ela estava *tímida*. — Eu estive . . . tentando. Na minha cabeça.

— Me conte sua história — disse Ayla, depois se endireitou um pouco. — Espere– eu quase esqueci. Hook e Erren querem se despedir antes de deixarmos a cidade novamente. Devemos encontrá-los no Dancing Fox. Hook disse para trazer armas, apenas para o caso de Bree insistir em enganar patronos inocentes para tirar suas moedas.

— Tudo certo. História, Dancing Fox, e então casa?

— Então, casa. — Elas deveriam deixar a cidade ao anoitecer, para chegar ao palácio à meia-noite. O Palácio. *Casa.* Não um lar, não para sempre, mas ainda havia muito a ser feito – após o julgamento de Hesod e a subsequente prisão, e a confirmação de que não haveria outro soberano, Crier assumiu a responsabilidade de transformar o palácio em uma espécie da casa de Centro Comunitário para ciências. A ala leste era um hospital, a ala oeste uma série de laboratórios que Ayla frequentava, enquanto pesquisavam maneiras pelas quais certas propriedades Automae – cura mais rápida, visão mais nítida – poderiam beneficiar vidas humanas. A perna de Ayla foi um ponto de partida. A parteira Jezen

trabalhava naquela ala, e alguns dias Ayla se via visitando apenas para dizer olá.

Os membros do novo conselho frequentemente se reuniam na ala norte, o que significava que Ayla podia ver Storme e Benjy, ambos ocupando cargos na corte da rainha Junn, Storme como o sempre seu leal conselheiro e Benjy como representante de Rabu. Ayla e Storme ainda estavam reconhecendo um ao outro, compensando os anos perdidos, ficando cada vez mais próximos. Foi diferente com Benjy. Havia uma distância entre eles, pequena mas perceptível, que não existia antes. Havia coisas que precisavam reaprender um sobre o outro também. Mas também estavam crescendo mais juntos do que separados. Ayla se recusou a perdê-lo e Benjy se recusou a deixá-la, e os dois eram teimosos o suficiente para fazer isso funcionar.

— Casa — murmurou Crier.

Ayla sentiu algo inchando dentro dela. Uma coisa verde criando raízes. Não era uma sensação estranha. Ela inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto abobadado da biblioteca muito acima de suas cabeças. Estava coberto de pinturas que sobreviveram à Guerra das Espécies e todos os cinquenta anos desde então, as cores empoeiradas e desbotadas pelo sol, mas ainda visíveis, azuis profundos do crepúsculo e verdes do mar e o vermelho do pôr do sol tardio, do vinho, do vermelhão, do Coração suave e humano de Ayla. Ela não reconheceu nenhum dos deuses nessas pinturas, mas Crier sim. Crier provavelmente conhecia cada um deles, suas histórias e símbolos e as coisas que você deveria sacrificar em seu nome. Ayla pensou consigo mesma: *Um dia vou perguntar*. Algum dia. Nas próximas semanas, meses ou anos, sempre que houvesse tempo, ela perguntaria. E Crier olharia para ela e sorriria.

— Agora — disse Ayla, estendendo a mão para pegar a mão de Crier. — Você vai me contar sua história?

Crier olhou para ela e sorriu. Amplamente e brilhante como o céu inteiro.

Agradecimentos

Bem! Aqui estamos! Conseguimos, pessoal!

Vamos começar. Desculpe, Kieryn – desta vez a família primeiro. Não me mate.

Mamãe e papai, obrigada, obrigada, obrigada por me apoiarem e me amarem e acreditarem em mim de longe. Estou com saudades, amo vocês, realmente espero que quando vocês estiverem lendo isso, a maldita pandemia tenha acabado e eu já tenha pegado um avião para casa. Eu sei como sou sortuda por ter pais como vocês; Eu não considero isso garantido. Sou imensamente grata por vocês, hoje e todos os dias.

Piera, obrigada por ter meu cérebro favorito. Obrigada novamente por amar as coisas feias sem tentar torná-las lindas. Tony, você é o mais legal, sempre. Sinto sua falta, amo você. Fiona, você é uma das pessoas mais fortes que conheço; Eu tiro inspiração de você. Paul, obrigado por confiar mais em minhas habilidades do que eu.

Kieryn, você foi a estrela do primeiro agradecimento, não vou repetir tudo isso. Você sabe quem você é e o que significa. Obrigada por sempre salvar minha bunda.

Obrigada Yes Homo pelas risadas, pelo amor e apoio incondicional, por estarem lá, por serem vocês mesmes, por estarem prontes para qualquer coisa: uma sessão de ventilação, uma noite de Zoom, um protesto, qualquer tipo de aventura. Obrigado a Amy pelas listas de reprodução, o entusiasmo, as mãos dadas, o pôr do sol na praia. Você é um stahh, eu te amo.

Obrigada LP: C, E, I, J, K, P, R, W. Vocês são dourados até o âmago. Vocês fizeram um tempo sombrio muito mais leve. Obrigada

a Ivy pelas horas de bruxaria, por seu cérebro de galáxia, por se sentir perto, embora você esteja longe. Não posso colocar emojis aqui, mas você sabe em quais estou pensando.

Obrigado a Patrice, salva-vidas e extraordinária arrasadora, por ser brilhante e imparável e a melhor em todos os aspectos. Sinto que poderia te perguntar o sentido da vida e para onde vamos depois de morrer e você não só teria as respostas, mas elas já estariam escritas e anotadas. Possivelmente em uma planilha de algum tipo. Eu morreria em um campo de batalha por você.

Obrigado, como sempre, a Lexa e a equipe de Glasstown, do presente e do passado, por acreditar nesta história e por fazer com que ela ganhasse vida na minha cabeça e na página. Lexa, você está aqui desde antes de “Era uma vez”, e aqui estamos nós no “Fim”. Foi uma viagem louca e estou muito feliz por ter feito isso. Estou honrada por ter recebido essa história, essas meninas. Acho que fizemos justiça. Obrigada.

Obrigada a Brandie Coonis por sua ajuda e incentivo, a Maha Hussain por seu trabalho árduo e criatividade, e a Megan Gendell por tornar este livro legível. Mais uma vez, lamento por todas as vírgulas. Obrigada ao pessoal do Inkwell por sua consideração e contribuição do início ao fim.

Obrigada Karen Chaplin por seu olho de águia, a Rosemary Brosnan e a todos na Harper por se importarem tanto com esta história quanto eu, por pegar meu rascunho e transformá-lo em algo que faça sentido. Obrigado a David Curtis – não posso acreditar em como esta capa é bonita. Não sei como você conseguiu superar Crier, mas conseguiu. Obrigada à equipe de marketing e publicidade por colocar seu peso neste livro sobre garotas queer. Eu realmente aprecio isso.

E claro, obrigada aos leitores. Acho que a melhor parte da história é tudo o que o leitor cria depois de fechar o livro – se alguém se importa o suficiente com a história para começar a contar suas próprias histórias sobre ela, de qualquer forma, isso é o melhor. Muitas pessoas fizeram isso com *Crier’s War*, e sou eternamente grata. Sim, estou falando sobre seus memes. E sua arte incrível e fanfics (não consigo ler, mas sei que está por aí), e tópicos muito fofos de “Lendo Atualmente”, canons, teorias para Iron

Heart e tudo isso. Eu escrevi a história de Crier e Ayla, mas agora ela pertence a você, e você está fazendo coisas maravilhosas com ela. Obrigada por ler, obrigada pelo carinho. Espero que esse final se encaixe com o que você precisava que fosse. Espero que tenha feito você se sentir esperançoso. Para os leitores queer: espero que se sintam amados. Neste mundo, em todos os mundos, você é amado. Por mim, Crier, Ayla e todo o maldito universo.

Eu amo vocês todos. Obrigada por apoiar Crier, Ayla e o resto do iníci . . . bem, não terminando. Do começo ao segundo começo, eu diria. O mais feliz dos começos.

Obrigada, obrigada, obrigada por amar essas meninas como eu amo e além. Vou encerrar com o que disse da última vez, porque agora é mais importante do que nunca: contei minha história a vocês. Muito obrigado por ler isso. Se você está esperando por um sinal para contar a sua, é isso. Finja que estamos em uma fogueira – estou fugindo para abrir espaço para você. Estou passando um pouco mais e dizendo: "Bem-vindo! Estávamos esperando por você! O que quer que você tenha a dizer, o que quer que esteja acumulando em seu coração e nos cantos de sua mente, o mundo está pronto para ouvir. Vamos ouvir isso!”

Mais sobre a Autora



NINA VARELA é uma roteirista de curtas-metragens de ficção premiada nacionalmente. NINA VARELA nasceu em Nova Orleães e cresceu numa comunidade hippie em Durham, Carolina do Norte, onde passou a maior parte da sua infância brincando no rio Eno, construindo casas de fadas com musgo e casca de árvore e correndo descalça pelo bosque. Hoje em dia, Nina vive em Los Angeles com o sua parceira de escrita e o cãozinho mal-comportado. Ela tende a escrever histórias sobre os jovens que derrubam a monarquia/patriarquia/qualquer-arquia. Numa nota relacionada, ela é queer. Numa nota menos relacionada, ela tem sentimentos fortes por cachorrinhos de peluche e adora uma boa

jambalaya. *Crier's War* foi seu primeiro romance. E este é sua sequência épica.